

DANE RUDHYAR

UMA MANDALA ASTROLÓGICA

O ciclo de transformações e suas 360 fases simbólicas

Tradução ADAIL UBIRAJARA SOBRAL

EDITORA PENSAMENTO São Paulo

Sumário

Introdução

PARTE I: A INTERPRETAÇÃO DOS CICLOS DE VIDA COMO UMA SÉRIE FECHADA DE FASES ARQUETÍPICAS

1. Os símbolos e o caráter cíclico da experiência humana
2. Os símbolos sabeus: sua origem e estrutura interna
3. As abordagens positiva e negativa das experiências individuais

PARTE II: UMA REFORMULAÇÃO PROFUNDA DOS SÍMBOLOS SABEUS Primeiro hemicíclo: O processo de individualização

A to I: Diferenciação

CENA UM: DESEJO (ÁRIES 1° - 15°) CENA DOIS: POTÊNCIA (ÁRIES 16° - 30°) CENA TRÊS: SUBSTANCIAÇÃO (TOURO 1° - 15°) CENA QUATRO: CONFIRMAÇÃO (TOURO 16° - 30°) CENA CINCO: DESCOBERTA (GÊMEOS 1° - 15°) CENA SEIS: EXTERIORIZAÇÃO (GÊMEOS 16° - 30°)

Ato II: Estabilização

CENA SETE: DECISÃO (CÂNCER 1° - 15°)
CENA OITO: CONSOLIDAÇÃO (CÂNCER 16° - 30°)
CENA NOVE: COMBUSTÃO (LEÃO 1° - 15°)
CENA DEZ: LIBERAÇÃO (LEÃO 16° - 30°)
CENA ONZE: CARACTERIZAÇÃO (VIRGEM 1° - 15°)
CENA DOZE: EDUCAÇÃO (VIRGEM 16° - 30°)

Segundo hemicíclo: O processo de coletivização

Ato III: Integração de grupo

CENA TREZE: TRANSFIGURAÇÃO (LIBRA 1° - 15°) CENA QUATORZE: RECONSTRUÇÃO (LIBRA 16° - 30°) CENA QUINZE: COMUNHÃO (ESCORPIÃO 1° - 15°) CENA DEZESSEIS: FÉ (ESCORPIÃO 16° - 30°) CENA DEZESSETE: ABSTRAÇÃO (SAGITÁRIO 1° - 15°) CENA DEZOITO: TRANSFERÊNCIA (SAGITÁRIO 16° - 30°)

Ato IV: Capitalização

CENA DEZENOVE: CRISTALIZAÇÃO (CAPRICÓRNIO 1° - 15°) CENA VINTE: DESEMPENHO DE GRUPO (CAPRICÓRNIO 16° - 30°) CENA VINTE E UM: CONTRIBUIÇÃO (AQUÁRIO 1° - 15°) CENA VINTE E DOIS: ADMINISTRAÇÃO (AQUÁRIO 16° - 30°) CENA VINTE E TRÊS: FEDERAÇÃO (PEIXES 1° - 15°) CENA VINTE E QUATRO: PERPETUAÇÃO (PEIXES 16° - 30°)

PARTE III: A ESTRUTURA NUMÉRICA DA SÉRIE ZODIACAL

1. Relações binárias entre signos zodiacais
2. A Cruz e a Estrela
3. Os quatro elementos no simbolismo zodiacal

PARTE IV: USO ORACULAR E ASTROLÓGICO DOS SÍMBOLOS

1. Por que os indivíduos modernos buscam respostas de "oráculos"
2. Como usar os símbolos sabeus como oráculos

3. O uso de símbolos de grau na interpretação de um mapa natal

4. A vida simbólica

Apêndice: Troca de cartas com Marc Edmund Jones

Introdução

Depois que o encontrei em Los Angeles, em 1930, Marc Edmund Jones foi bastante generoso para me mandar cópias dos cursos mimeografados de astrologia que ele estava enviando, na época, aos membros da Sabian Assembly, grupo fundado por ele¹. "Symbolical Astrology" foi escrito em 1931; apresentava e interpretava uma relação de símbolos correspondentes a cada um dos graus do zodíaco. Fiquei deveras interessado por aqueles símbolos, os quais — por várias razões que arrolarei aqui — considerei sobremaneira superiores a conjuntos de símbolos de grau anteriormente publicados. E, quando, incitado por minha amiga Alice Bailey, decidi escrever meu livro *The Astrology of Personality* (entre o verão de 1934 e a primavera de 1936), pedi a permissão de Edmund Jones - que me foi prontamente concedida - para nele incluir uma versão condensada dos símbolos, bem como de suas respectivas interpretações.

Embora tivesse visto as fichas nas quais estavam escritas breves descrições dos símbolos, tal como recebidas em 1925, por intermédio de Elsie Wheeler - sob circunstâncias que descreverei no Capítulo 2 -, eu não me havia dedicado o suficiente ao estudo e à reflexão a respeito dessas descrições originais para perceber quão diferentes das descrições escritas no curso mimeografado, formulado seis anos depois, eram elas. Assim, contentei-me em seguir as afirmações e interpretações do curso. Tive, contudo, de condensá-las; e introduzi, aqui e ali, observações referentes à psicologia profunda, pois passara a interessar-me intensamente pelos escritos de Carl Jung. Iniciei meus estudos de astrologia em 1920, mas, na época, meus principais interesses eram a composição musical e o estudo da filosofia hindu e da teosofia. Foi necessário haver a combinação da abordagem de Marc Jones e da psicologia de Jung, bem como de várias mudanças e oportunidades pessoais, para que eu percebesse a possibilidade de utilizar a astrologia como aplicação prática de uma filosofia da existência de cunho cósmico, holístico e cíclico.

À medida que aumentava o uso dos 360 símbolos sabeus, tanto mais ficava insatisfeito com muitas de suas formulações e interpretações, muito embora aumentasse a cada dia meu assombro com a estrutura interna da série como um todo, considerando, em especial, o modo completamente aleatório pelo qual os símbolos haviam sido obtidos. Como resultado, passei a escrever uma longa série de artigos, intitulados *The Wheel of Significance*, publicados nos números da revista *American Astrology* do período entre outubro de 1944 e dezembro de 1945.

Em 1953, Marc Jones publicou seu livro, *The Sabian Symbols in Astrology*, no qual utilizou as breves descrições originais dos símbolos, obtidas em 1925 em San Diego. Ele acrescentou, a essas descrições, interpretações novas e completamente diferentes — condicionadas pela psicologia social e filosofia abstrata especiais que ele seguia — interpretações essas que assinalavam um relacionamento entre graus zodiacais opostos. Em 1954 e 1955, a revista *American Astrology* publicou quatro artigos meus, que apresentavam algumas idéias novas a respeito dos símbolos e, em particular, acerca da possibilidade de levá-los a servir a um propósito semelhante àquele que as pessoas hoje buscam satisfazer por meio dos símbolos do I Ching.

Discutirei a validade, assim como os limites do uso dos símbolos sabeus para esse fim no último capítulo deste livro. A II Parte, a seção mais ampla do livro, é consagrada a uma reformulação e reinterpretação completas de todo o conjunto de símbolos, considerado como uma série estruturada e cíclica que formaliza e revela o significado arquetípico das 360 fases básicas da experiência humana. A I Parte introduz a questão e discute o significado dos símbolos quando utilizados num

¹ * Para dar uma resposta a perguntas que por vezes me foram feitas, gostaria de afirmar que jamais fui membro da Sabian Assembly, nem me inscrevi em nenhum curso de Marc Jones.

quadro cíclico de referência desse tipo e com relação a um processo estruturado de crescimento da consciência. A III Parte discute, com maior riqueza de detalhes, as diferentes maneiras pelas quais esse fator de desdobramento estruturado pode ser analisado, assim como os resultados, bastante extraordinários, passíveis de ser produzidos por uma análise desse tipo.

O livro se encerra com algumas considerações acerca do uso que pode ser dado a essa série de símbolos sabeus no contexto daquilo que se pode denominar, um tanto imprecisamente, o propósito da "adivinhação". O estudo dos elementos envolvidos nas práticas divinatórias *per se* poderia abarcar um volume inteiro, em especial se considerarmos que essas práticas contrariam o conceito de tempo do homem ocidental. Aqui, posso apenas tratar de uns poucos pontos básicos e apresentar uma forma simples, por meio da qual os símbolos sabeus podem ser usados para dar resposta a questões essenciais que deixam a mente consciente comum presa de estupefação.

Na versão da série simbólica feita por Marc Jones, em especial no livro publicado em 1953, foi enfatizado o fato de cada símbolo referir-se a um grau do zodíaco. Cumpre ter claro, não obstante, que o conceito de simbolização de uma série cíclica de experiências individuais básicas, no âmbito da sociedade moderna, não deve limitar-se ao estudo do significado dos graus zodiacais. O conceito inclui, mas também transcende, a astrologia.

Embora este texto muito provavelmente venha a ser usado, em particular, por pessoas interessadas em astrologia e desejosas de descobrir, por assim dizer, uma "nova dimensão" de interpretação astrológica, sua validade ultrapassa essa utilização. Os símbolos podem ser aplicados a qualquer ciclo de experiência passível de ser convenientemente dividido em 360 fases. Por exemplo, podem ser usados para interpretar o ciclo da precessão dos equinócios, desde que se tenha certeza absoluta do momento em que o ciclo se iniciou. Pode ser usado também com referência ao ciclo do movimento diário do Meio-Céu e do Ascendente. Não obstante, o ciclo do ano - o zodíaco tropical — é o campo mais natural de sua aplicação.

Difícilmente há necessidade de acrescentar que este livro deixa de fora muitas coisas referentes tanto à teoria das séries simbólicas como à interpretação de cada um dos 360 símbolos. Mas estender o volume teria sido impraticável e prejudicaria o propósito essencial do meu escrito. Posso apenas alimentar a esperança de que o leitor e usuário atento dos símbolos encontre, destilada em afirmações significativas e panoramas passíveis de expandir a consciência, uma parcela importante de uma longa e complexa vida plena de experiências em muitos campos da atividade criativa e filosófica — toda uma vida dedicada à significação e à compreensão.

Este livro não se destina a uma leitura superficial, tal como ocorre com a tradução, feita por Richard Wilhelm, dos textos e comentários do I Ching. O material nele apresentado deve ser *usado*, deve servir de catalisador capaz de aprofundar o pensamento a respeito das experiências individuais e do significado essencial de que se revestem. Trata-se de um livro acerca do SIGNIFICADO. E uma vida sem significado dificilmente merece ser vivida. O valor de um indivíduo depende, na realidade, do significado e do caráter arquetípico e estrutural de que ele dota todos os seus atos, bem como todos os seus sentimentos e pensamentos.

PARTE I
A INTERPRETAÇÃO DOS CICLOS DE VIDA COMO UMA SÉRIE FECHADA DE
FASES ARQUETÍPICAS

I. Os Símbolos e o Caráter Cíclico da Experiência Humana

É PROVÁVEL QUE NÃO HAJA NENHUMA OUTRA ÉPOCA DA História da civilização humana na qual a palavra símbolo, ou seu equivalente, em qualquer língua, tenha tido uma utilização tão ampla, ou tenha recebido uma gama tão variada de significados, quanto a nossa. Alguns filósofos e psicólogos cunharam novos termos para tornar mais precisos esses significados. As palavras "símbolo" e "signo" foram diferenciadas entre si, revestindo-se essa distinção, desde que não se estabeleçam fronteiras estritas entre os dois conjuntos de significado, de utilidade. Em termos aproximados, um signo é uma indicação, deliberadamente formulada, que revela que certas condições ou circunstâncias devem ser esperadas num certo local ou tempo. Por exemplo, os sinais rodoviários dizem aos motoristas que uma curva perigosa ou cruzamento se encontra adiante, ou que certas estradas levam a lugares específicos. Um signo, se for preciso e acurado, se reveste de um caráter factual estrito. É uma forma convencional e socialmente compreensível de apresentar fatos.

Os fatos, contudo, são entidades estranhas, e diferentes seres humanos respondem a eles de forma diferente, de acordo com seu temperamento, expectativas ou estados emocionais. Um "mero fato" pode diferir de maneira considerável de um "fato esperado". O racionalista e o cientista podem pensar que lidam com meros fatos, mas esses fatos podem provocar várias classes de emoções. Se atingirem uma coletividade humana em determinados momentos, seu significado pode ser ampliado ou distorcido, podendo eles desdobrar-se em muitas direções imprevistas. A fórmula de Einstein, $E = mc^2$, refere-se a um mero fato do reino do átomo, mas, depois de Hiroxima, tomou-se muito mais do que um signo ou indicação factual do relacionamento objetivo entre a energia e a massa. Ela passou a ser um símbolo do possível destino que a mente científica e a tecnologia ocidentais impuseram à humanidade, incorporando uma imensa variedade de conseqüências diretas e indiretas, uma constelação de emoções, tais como orgulho, ganância e temor. Na verdade, uma questão básica acerca do valor final e das implicações morais de um certo tipo de conhecimento, bem como de sua disseminação não protegida e possivelmente prematura, tornou-se implícita na equação definidora de um fato. A descoberta objetiva de Einstein e a afirmação puramente factual dessa descoberta tornaram-se um símbolo, dotado de enorme potência, do estado de existência a que a humanidade chegou hoje — e esse estado é crucial e potencialmente ameaçador, assim como, talvez, inspirador e desafiante. Como afirmei no meu recente livro *The Planetarization of Consciousness*²:

Um fato é aquilo que é *particular e exclusivamente* como um fato; ele pode ser descrito e registrado, de maneira tal que, pelo menos em termos teóricos, deixa seu caráter preciso fora de dúvidas. Podemos dizer, da mesma maneira, que os "fatos" pertencem à categoria das entidades racionais: essas entidades podem ser definidas de modo preciso, desde que a definição implique tudo que *não são*, isto é, a definição exclui essencialmente outras entidades conceituais. Por outro lado, quando lidamos com um símbolo, estamos na presença de algo que ultrapassa o plano do racional e do factual, algo que *é mais do que é*, tendo em vista que o símbolo descreve não apenas aquilo que ele parece ser, do ponto de vista racional e objetivo, como também o relacionamento entre uma necessidade humana específica e a possibilidade de satisfazer essa mesma necessidade.

Um símbolo é formulado quando há uma necessidade humana de sua existência, podendo essa necessidade revestir-se de um caráter estritamente pessoal. Os sonhos psicológicos ou proféticos de uma pessoa particular pertencem a essa categoria; eles levam ao indivíduo uma *notificação* de uma condição particular da existência, seja ela fisiológica, psicológica ou social. Eles podem sugerir uma

² * Cf. Capítulo IX, "Symbols and Values", p. 256.

resposta a um problema, talvez entendido, até então, de maneira superficial. Da mesma forma, quando um(a) clarividente procurado(a) por um cliente que se acha com um problema não resolvido "vê" diante de si ou em sua mente uma forma simbólica ou uma cena com vários atores, essa visão deveria ser, em termos teóricos, uma resposta à necessidade do cliente, embora essa necessidade ainda possa ser apenas subconsciente ou semiconsciente. O símbolo é "centrado na pessoa".

Da mesma maneira, para o astrólogo humanista, um mapa natal é um símbolo centrado na pessoa³. Quer dizer, ele traz uma "mensagem" - a formulação simbólica do *dharma* do indivíduo. Ele *sugere* o modo pelo qual o indivíduo pode atualizar as potencialidades inatas do seu eu particular e ímpar. É um símbolo, uma mándala, ou *logos*, uma palavra de poder. A astrologia, vista dessa perspectiva, é uma linguagem de símbolos. Por ser uma linguagem, implica um processo de desdobramento de uma idéia de sentimento-resposta. Um mapa natal é estático mas, não obstante, pode ser "progredido" e relacionado com os contínuos movimentos dos planetas depois do nascimento ("trânsitos"). Nesse mesmo sentido, uma verdadeira mándala é mais do que uma figura geométrica estática; ela sugere um processo de desdobramento ou, como Carl Jung teria dito, de "individualização".

O zodíaco como um todo constitui uma mándala. Há mándalas temporais, assim como mándalas espaciais. O ciclo de transformações estudado neste livro é uma mándala temporal. Tem ritmo, bem como forma. Toda língua/linguagem e, em particular, todo poema, também tem ritmo e forma. Os 360 símbolos sabeus são palavras de um vasto poema cósmico cujo significado transcende as imagens, freqüentemente banais, visualizadas pelo clarividente⁴.

Todas as palavras são símbolos. Elas respondem a uma necessidade humana básica de *comunicação*. É freqüente que pareçam ser, de início, simples onomatopéias, isto é, imitações vocais de sons efetivamente ouvidos, sons esses que a experiência coletiva das pessoas da tribo associou com um fenômeno animal ou natural particular. Uma língua/linguagem desenvolvida é um conjunto de símbolos; algumas das palavras que a compõem vão além de uma mera representação de entidades, logrando alcançar a condição de expressões do caráter do relacionamento entre entidades ou a qualidade de uma atividade (passado, presente ou futuro) e, com freqüência, sua polaridade biológica ou gênero. A álgebra é uma linguagem simbólica que atende à necessidade de afirmações universais, precisas, embora abstratas, sobre relações; suas fórmulas são, com efeito, mais do que meras afirmações de fatos, já que implicam a existência da ordem universal e a crença nas leis permanentes da natureza ou "constantes".

Todas as culturas dependem do uso de símbolos, aceitos, de modo mais ou menos consciente, por toda a coletividade. As instituições culturais, assim como as artes e ciências de uma comunidade plenamente desenvolvida, seja "primitiva" ou moderna, constituem organizações de símbolos essencialmente complexas e sistematizadas que *estruturam* o comportamento, os sentimentos básicos e os pensamentos dos seres humanos pertencentes a essa cultura. Da mesma maneira como a cultura se desenvolve, alcança a maturidade e entra em decadência, assim também ocorre com os símbolos que lhe servem de fundamento e a partir dos quais surge sua força coesiva e sua vitalidade.

OS SÍMBOLOS INTEGRAM AS EXPERIÊNCIAS DISTINTAS DE UM VASTO número de homens. Eles tomam eventos do domínio do fortuito, do sem-precedentes, do ímpar e do incompreensível e os levam ao reino dos "universais". A seqüência lógica dos símbolos que encontramos em todas as línguas/linguagens, teorias científicas, formas artísticas tradicionais e rituais religiosos origina-se dos padrões de ordem e de significado, aparentemente caóticos, imprevisíveis e sem sentido, dos fatos da vida. Um milhar de eventos ou situações pessoais passa a ser encarado como me-

³ Cf. minha série de livretos, *Humanistic Astrology*, particularmente n? 1, "Astrology for New Minds".

⁴ Para um estudo exaustivo da mándala, remeto o leitor ao livro, belamente ilustrado, *Mándala* (Shambala Publications, Berkeley, Califórnia, 1972), de José e Miriam Arguelles.

ras variações de um tema central. O símbolo descreve para nós esse tema significativo único, parte de uma seqüência coerente de desafios similares, que adquirem razão de ser por intermédio do relacionamento que mantêm entre si. Expressa por meio de símbolos, a vida fica condensada num número relativamente pequeno de unidades *ínter-relacionadas* de experiência. Cada uma dessas unidades é um concentrado das experiências por que passaram milhões de pessoas.

Nos dias que correm, nós, moldados pela tradição ocidental, costumamos pensar que existe, para cada um de nós, uma variedade infinita de experiências possíveis. Aquilo que experimentamos é estritamente nosso; todo momento é novo; nenhum evento jamais se repete. Todavia, embora seja verdade que a experiência humana é ilimitada, a experiência normal do ser humano é finita no que se refere ao número de tipos *característicos e significativos* de experiências. Um homem que pudesse mover-se, independentemente de obstáculos físicos, na superfície do globo, ao longo do equador, poderia mover-se interminavelmente. Seu movimento seria "ilimitado". No entanto, suas experiências das condições e cenas disseminadas ao longo da rota seriam finitas. Tendo completado uma volta em torno do globo, ele passaria a encontrar as mesmas características geográficas já vistas. Suas experiências, *basicamente*, repetir-se-iam, *mesmo que ele pudesse responder-lhes de modo diferente cada vez que as encontrasse outra vez*. Da mesma maneira, as experiências básicas da vida humana constituem uma série fechada. Designo por "básicas" as experiências típicas e características que se encontram subjacentes às variações superficiais.

Encontramos o mesmo princípio das *séries repetidas de experiências* no tocante ao tempo. O tempo é cíclico. Tudo o que vive começa, alcança um clímax e tem fim - *mas apenas para começar outra vez*. A ilustração universal dessa condição é o ciclo das estações em climas temperados.

O fato de haver um ciclo anual de estações não significa, todavia, que possamos esperar uma repetição literal e exata dos eventos ou fatos reais a cada ano. Aquilo que exhibe recorrência configura-se, para a planta viva, como desafios básicos de crescimento. A cada primavera, as sementes de trigo são novas sementes, o tempo difere em alguma medida e há outros fatores passíveis de sofrer variações. Mas o desafio geral e básico da primavera, para as espécies de trigo, é: deve haver germinação e crescimento. Os *fatos* podem variar, mas permanece, ano após ano, o significado de que os fatos se revestem.

Em outras palavras, a experiência humana configura-se como essencialmente cíclica e se desdobra de acordo com princípios de caráter estrutural. Por mais variadas que possam afigurar-se, as experiências dos homens se encontram, não obstante, dentro dos limites de uma série daquilo que se poderia denominar significados "arquetípicos". Essa série tem, no que se refere à sua estrutura, um caráter recorrente; ela constitui um *todo de significados*. Mas nunca seria demais insistir que "estrutura" e "conteúdos" pertencem, por assim dizer, a dois domínios diferentes, embora esses dois domínios se interpenetrem em todos os pontos.

Discuti essas idéias em *The Planetarization of Consciousness*, mas é preciso repeti-las brevemente aqui, tendo em vista que, se não forem bem entendidas e pelo menos aceitas como hipóteses significativas, o fundamento lógico e filosófico do uso de séries cíclicas de símbolos - como, por exemplo, o I Ching e os símbolos sabeus — perde toda a sua solidez. Na verdade, toda a astrologia repousa filosoficamente sobre a idéia básica de que é possível remeter *todas* as funções essenciais envolvidas na existência de um *campo organizado de atividade*, e em especial, de um organismo vivo, a dez variáveis, representadas pelos dez "planetas" da astrologia moderna (incluindo o Sol e a Lua). A astrologia também alega que as doze Casas constituem classes arquetípicas de experiência, necessárias ao desenvolvimento de um indivíduo maduro, e que os doze *signos* do zodíaco remetem a doze formas básicas de "energia" ou *qualidades* arquetípicas *de ser*, que agem, essencialmente, no sentido de dar um colorido a toda atividade funcional (isto é, planeta) que opera em seus campos. Nesses e noutros exemplos vinculados, a idéia básica sempre é a de que vivemos num universo ordenado e estruturado que constitui um todo "ciclocósmico" finito. Todos os campos estruturados de atividade *são finitos*, não obstante, os eventos existenciais e as possibilidades de inter-relacionamento são *indefinidos* — o que não significa infinitos!

Estamos mais ou menos acostumados com a idéia de que as atividades internas de todo organismo são limitadas e periódicas. Falamos de um ciclo do metabolismo alimentar, da circulação

sangüínea e, num sentido mais amplo, do ciclo de atividade das glândulas endócrinas ao longo de um ciclo de vida completo, do nascimento à morte. Mas costumamos estar despreparados para aceitar a idéia de que as experiências da pessoa como um todo sejam igualmente limitadas e periódicas; ou, dito de outra forma, para admitir que existe apenas *um certo número de significados básicos* a serem experimentados por um ser humano em toda a sua vida e que esses significados podem ser considerados do ponto de vista de uma seqüência cíclica e estruturada.

Mais uma vez, isso não significa que a pessoa não possa experimentar uma grande variedade de eventos. Ela pode ter muitos pensamentos e experiências. Mas experimentar eventos é uma coisa; obter deles significados de cunho vital e criativo é outra. O que importa, espiritualmente falando, é a *colheita de significados* que a pessoa é capaz de fazer a partir dessas múltiplas e variadas experiências. Por esta razão, uma vida eivada de eventos não é necessariamente a vida mais rica em significados.

Os iogues hindus afirmam que o número de inspirações e expirações que um indivíduo pode ter em sua vida é limitado e determinado, podendo-se aplicar o mesmo aos batimentos cardíacos. Todas as funções orgânicas naturais são limitadas ou finitas em sua escala de operação; as fronteiras são fixadas pela *natureza humana genérica*. O montante de vitalidade incluído na célula de um germe é, provavelmente, limitado. Um indivíduo, contudo, *atuando como indivíduo, e tendo logrado libertar-se dos padrões coletivos*, pode romper o círculo das limitações e abrir uma fonte mais profunda de vida e consciência; eis, na verdade, o ponto central do ocultismo.

Em termos genéricos, o homem é organicamente limitado; na qualidade de indivíduo livre e criativo, contudo, ele pode romper o "círculo da natureza além do qual não se pode passar" (para usar um termo do ocultismo) e tornar-se parte atuante no interior de um organismo mais amplo, ficando, por conseguinte, vitalizado pelo poder dessa vida mais ampla. Em termos genéricos, coletivos e culturais, a pessoa tem, aberto diante de si, um dado *conjunto de significados*, que se destina a ser por ela incorporado a sua experiência real. A série de símbolos pictoriais do I Ching chinês, bem como a série de 360 símbolos sabeus remetem precisamente a esse, "conjunto de significados" - condicionado por fatores coletivos e controlado pelo Inconsciente coletivo da raça e da cultura dos indivíduos.

Mesmo que uma pessoa culta normal se depare com todos os fatos da experiência que tenham a possibilidade de se acumular no decorrer das poucas décadas de uma vida, apenas as experiências das quais for extraído um significado contam em termos espirituais - e são lembradas. Esses significados, finitos no tocante às suas características arquetípicas, constituem um todo orgânico, pois se configuram como produtos criativos da personalidade total da pessoa, que é um "organismo", no sentido mais amplo do termo. Em sua seqüência e desdobramento, exibem uma qualidade de cunho cíclico e orgânico, e o fator estrutural, nesse processo de extração de significados da experiência, pode ser derivado de princípios numéricos simples, tais como os do I Ching e do ciclo sabeu de símbolos.

No sistema chinês, o princípio matemático básico de estrutura é, em termos fundamentais, dualista. Há dois princípios vitais em operação em e por meio de todas as experiências humanas: Yang e Yin — luz e escuridão, positivo e negativo, Força do Dia e Força da Noite, masculino e feminino, "essência" e "vida", "Logos" e "Eros" etc. Essas duas polaridades, combinadas num padrão triplo e sétuplo de interação (ou em três e seis "níveis" do ser), produzem as oito permutações representadas pelos trigramas do I Ching e pelos sessenta e quatro hexagramas ($8 = 2^3$ e $64 = 2^6$. O próximo aumento, 2^{12} , seria igual a 4096).

No sistema sabeu, a estrutura cíclica é mais complexa: fundamenta-se num padrão derivado do relacionamento entre o dia e o ano - períodos que constituem os dois fatores mais essenciais da estruturação da experiência humana. É certo que o ano contém mais de 360 dias, o que significa que a terra gira mais de 360 vezes em torno do seu eixo polar no decorrer de um ciclo completo em torno de sua órbita; mas uma curiosa característica comum a todos os períodos celestiais reside no fato de eles jamais poderem ser medidos em números inteiros, não havendo um único ciclo planetário que seja um múltiplo exato de outro.

Isso significa que é forçoso distinguir entre ciclos e relacionamentos existenciais e ciclos e relacionamentos arquetípicos. *Racionalmente*, dividimos o círculo em 4, 6 ou 360 partes; mas os *fatos da existência* nos apresentam pouco mais de 365 dias no ciclo anual. O zodíaco de 360 graus é *uma fórmula de relações arquetípicas*; mas nossa experiência humana apresenta à nossa consciência uma seqüência ligeiramente maior de dias e noites. O ciclo de 360 graus se refere *ao significado* da experiência; a seqüência de dias e noites, *aos fatos* da experiência.

Veremos o modo pelo qual o padrão de 360 graus se subdivide geométricamente por uma segmentação racional dupla, tríplice, quádrupla, quádrupla e séxtupla. Esses processos interiores de subdivisão da série *orgânica* de 360 graus definem vários padrões de relacionamento e subséries de graus que, considerados em sua inteireza, constituem a estrutura de um ciclo de significados. *Nenhuma série cíclica de símbolos que não revele algum tipo definido de estruturação interna, por mais interessantes e convenientes que os símbolos isolados possam ser, pode ser considerada significativa.*

Esta é a razão por que, na minha opinião, dentre os conjuntos de símbolos dos 360 graus registrados na astrologia ocidental, apenas os símbolos sabeus devem ser considerados verdadeiramente válidos. Outros conjuntos podem revelar uma estrutura interna igualmente significativa, caso sejam estudados e reformulados com cuidado, mas ainda não chegou ao meu conhecimento nenhum trabalho feito nesse sentido. A questão aqui alcança um nível mais profundo do que uma avaliação superficial desse ou daquele conjunto de símbolos. Ela tem que ver com a diferença entre uma abordagem holista e uma abordagem atomista da experiência humana e da vida ou do conhecimento em geral.

Quando lidamos com *qualquer* série cíclica de fatores ou fases, não faz sentido, para a mente holista, a simples consideração do caráter, qualidade e valor da representação simbólica de *quaisquer* desses fatores como entidades separadas, desprovidas de um relacionamento essencial (ou estrutural) com as demais. Toda fase é dotada, sem sombra de dúvida, de um caráter próprio, que pode ser descrito de alguma forma, mas esse caráter deve receber alguma espécie de significado "orgânico" ou funcional em termos do processo cíclico considerado em sua totalidade. Se observarmos o processo de crescimento de um organismo, veremos que toda fase desse processo reveste-se de um significado funcional com relação às fases que a precedem e seguem. Ela não representa uma ocorrência isolada. Da mesma maneira, se estudarmos as 22 cartas do Taro ou os 64 símbolos do I Ching, estaremos lidando com uma sucessão de fases que se referem ao processo como um todo; os 12 signos do zodíaco tropical — que, tomado como totalidade, remete à relação cíclica anual entre a Terra e o Sol —, da mesma maneira, têm um dado significado, que varia de acordo com sua posição no ciclo anual completo.

Em meu livro *The Pulse of Life* (publicado em 1943, mas escrito originalmente como uma série de artigos alguns anos antes),^{5*} acentuei o fato de cada signo zodiacal representar uma combinação específica de duas forças interagentes e interdependentes, a força do Dia e a força da Noite (Yang e Yin). A natureza dinâmica e a função de cada signo são determinadas, em termos fundamentais ou estruturais, pelas intensidades relativas dessas duas forças e pela sua polarização.

O zodíaco como um todo refere-se ao processo vitalista de transformação da energia; quando lidamos com a série de símbolos dos 360 graus, todavia, vemos a relação entre a Terra e o Sol operar num nível diverso. Trata-se de um nível no qual literalmente todo período dia-noite (toda rotação do globo) adquire um significado estrutural e simbólico. O zodíaco de doze divisões lida essencialmente com modalidades variadas de energia solar, considerando a influência dessas ondas de energia sobre a Terra. Lida com a *vida*. A série de 360 graus lida com o *significado*. Ela representa, repito, uma série cíclica finita, vinculada com esses graus e seus respectivos símbolos; embora possa, o indivíduo por certo não *precisa* descobrir, assimilar esses significados e se dar conta deles, de modo consciente.

A potencialidade do significado depende, basicamente, do estágio de desenvolvimento da humanidade e, em especial, de toda cultura particular a partir de cujo Inconsciente coletivo (ou

^{5*} Edição atual: Shambala Publications, Berkeley, Califórnia, 1970.

Mente arquetípica) os símbolos surgiram, tomando a forma de imagens, cenas e palavras. Os hexagramas e símbolos chineses registrados no I Ching não se basearam em graus do ciclo zodiacal, tendo em vista que tomaram forma a partir de uma cultura simples, não complicada e voltada para a agricultura, no estágio "vitalista" da sociedade humana - um estágio vinculado, em essência, às polaridades masculino-feminino da força vital. No entanto, os 64 símbolos formulam profundos significados, sólidamente enraizados na experiência universal do homem quando numa relação estreita com as energias da Terra-natureza, bem como de sua própria natureza genérica. Os símbolos utilizam uma imagética próxima dos fundamentos da vida natural — sendo esses fundamentos, ainda hoje, deveras reais e ativos na imensa maioria dos seres humanos.

Vivemos hoje numa sociedade sobremaneira individualista, muito mais complexa, e é lógico que nos deparemos com a necessidade de um número muito maior de símbolos. No conjunto sabeu, alguns desses símbolos lidam com cenas bastante triviais, que descrevem fases da vida norte-americana; outros se revestem de um caráter muito mais fundamental no tocante às suas implicações filosóficas. Tomados conjuntamente, representam um quadro caracteristicamente heterogêneo da sociedade norte-americana no início do segundo quartel do século vinte. Como todo o globo se encontra "americanizado" e tecnologicado, é possível que esse símbolos sabeus venham a ter longa vida. As formulações podem ser alteradas e o próprio Marc Jones as modificou, de modo substancial, várias vezes. Neste livro, mantive as descrições originalmente registradas, mas reescrevi afirmações obscuras e tentei deixar claros os conteúdos dos símbolos por intermédio de suas relações com as imagens que os precedem e seguem.

O importante reside no fato de a série de símbolos dever trazer ordem e significado a algo que, com muita freqüência, parece uma confusa e caótica seqüência de eventos vitais, mediante a revelação do significado, qualidade, direção e propósito de toda situação desconcertante com que o consulente pareça incapaz de lidar com sucesso por meio de julgamentos racionais. Por mais caóticos que os eventos possam ser, é possível, não obstante, afirmar que a pessoa passa por experiências a que tem direito ou que solicitou, tendo ou não consciência - e não por outras. Os eventos ocorrem com relação a um processo de atualização do potencial inato de ser do indivíduo, isto é, seu eu individual. Cada evento básico *condiciona* a maneira pela qual a pessoa deve dar um passo adiante em seu desenvolvimento estrutural. A qualidade do avanço do indivíduo - que também pode parecer uma regressão temporária - depende do significado que ele atribui ao evento, quer ele dê ou não esse passo. Ele pode não estar plenamente cômico de atribuir-lhe um significado particular, mas, de alguma forma, seu organismo e/ou ego respondem como resultado do condicionamento pessoal e sócio-cultural passado.

Os conflitos surgem porque, com muita freqüência, diferentes partes da personalidade atribuem valores distintos aos eventos; os *conflitos de significado* costumam ser experimentados, em particular, nos períodos de profunda confusão social e cultural, quando valores tradicionais coletivamente aceitos encontram-se em processo de decadência. Os valores e significados sempre se acham condicionados por determinados "quadros de referência". Quando velhos quadros ético-religiosos e sócio-culturais encontram-se desacreditados e já não podem estruturar de forma convincente as séries de experiências e as respostas dos indivíduos, a premência pela descoberta de algum novo quadro de referência torna-se urgentemente necessária. Eis a razão por que os adultos desencantados e os jovens descrentes e frenéticos — uma vez que se encontrem totalmente exaustos de práticas e grupos que buscam "descondicioná-los", por meio de sua libertação de padrões limitadores e dos velhos "laços", sem por isso oferecerem um fundamento seguro e convincente para uma nova concepção de ordem - estão buscando alguma nova classe de "revelação", de origem sobre-humana ou mesmo supra-racional e supramental.

Esta é, evidentemente, a razão mais profunda da atual popularidade da astrologia; isso porque a consciência desenraizada alimenta a esperança de encontrar, na ordem do cosmos, um sólido quadro de referência a partir do qual novos significados — novos para ela — possam ser derivados. Esses novos significados, por seu turno, podem dar ao indivíduo uma ansiada segurança interna.

Nesse sentido, a astrologia constitui um tipo cósmico de oráculo, pelo menos na medida em que tem a pessoa como centro, referindo-se aos problemas e à busca de significados de pessoas in-

dividuais. A "astrologia solar" das revistas populares e colunas de jornais é oracular, no sentido de que tem como alvo levar a seres humanos (categorizados de acordo com os doze signos do Sol) julgamentos gerais de valor, concernentes ao caráter das respostas às circunstâncias cotidianas que mais se adaptem aos seus temperamentos básicos. A posição dos planetas nos signos zodiacais, assim como suas relações mútuas estabelecem, segundo se acredita, esses julgamentos de valor. Isto é, afirma-se que o estado do sistema solar, a qualquer momento, fornece uma mensagem oracular aos seres humanos, de acordo com o relacionamento entre seu signo do sol e o sistema solar.

É evidente que um oráculo desses só pode ser, na melhor das hipóteses, de caráter bastante geral e, caso não seja formulado em termos sobremaneira abstratos — suscetíveis, por isso mesmo, de uma infinita variedade de interpretações —, poderá revestir-se de um caráter jocoso e desprovido de sentido para um indivíduo particular. Por outro lado, a potencialidade oracular da astrologia passa a concentrar-se, precisamente, naquilo a que se dá o nome de "astrologia horária", na qual um indivíduo particular, num momento específico, solicita a solução de um problema particular. O padrão do céu para aquele momento preciso requer um tipo sobremodo complexo de interpretação, mas há disponibilidade de regras tradicionais que servem, pelo menos, para orientar a interpretação.

Encontramos esse mesmo tipo de situação quando são solicitados do I Ching pronunciamentos oraculares. Os símbolos sabeus podem servir à mesma função, mesmo que, até o momento, os astrólogos que os utilizaram os tenham aplicado, de maneira quase exclusiva, à atribuição de uma nova dimensão de significado às posições exatas dos planetas e aos ângulos dos mapas elaborados para o momento de nascimento de uma pessoa ou para algum evento espetacular.

Cumpramos acentuar, quando iniciamos o estudo dos símbolos sabeus, o fato de seu caráter dever ser considerado em dois níveis: um nível de cunho puramente abstrato e um nível existencial (isto é, a imagem ou cena descrita no símbolo). Um símbolo de grau é dotado de significado arquetípico porque é, digamos, o décimo primeiro de uma série de 360 símbolos e porque o número 360 é o resultado do *relacionamento abstraído* entre a rotação axial diária e a revolução orbital anual da Terra. Tem um significado existencial porque traz consigo um símbolo pictorial "revelado"; nesse caso, *O dirigente de uma nação* (cf. p. 48).

A imagem revelada poderia, teoricamente, ser descartada. Mas, nesse caso, de que modo interpretaríamos o significado da décima primeira fase de um processo cíclico que soma 360 fases? A astrologia poderia nos dar um auxílio ao dizer que o processo cíclico anual se inicia, em termos arquetípico, no equinócio da primavera e que, por conseguinte, a décima primeira fase do processo (Áries all⁰) refere-se ao décimo primeiro dia após o equinócio. Mas dificilmente poderíamos fundamentar um julgamento de valor significativo (que levasse em conta, quer a posição de Júpiter num mapa natal, ou a resposta a respeito do que se deve esperar de um novo relacionamento recém-iniciado) no caráter presumido do décimo primeiro dia da primavera. Cumpramos obter uma situação ou imagem existencial mais definida a partir da qual o julgamento de valor possa ser derivado, uma situação ou imagem *verdadeiramente plena de potencialidade de significado*.

Mas aqui, uma vez mais, devemos retornar à questão vinculada ao fato de que aquilo que é "plena potencialidade de significado" para o homem de uma dada cultura pode não se revestir desse mesmo caráter para o homem de outra. Muitos símbolos sabeus nada teriam significado para um chinês das primeiras dinastias. Da mesma maneira, alguns dos símbolos do I Ching precisam receber interpretações modernizadas, para se adequarem à busca de significado de um norte-americano às voltas com os intrincados e artificiais problemas das nossas complexas famílias ou vidas profissionais, no âmbito de cidades caóticas.

A questão difícil é: por que deveriam os símbolos sabeus ser significativos? Para a pessoa de mentalidade empírica, essa questão seria reformulada de imediato: *São eles significativos? Eles realmente funcionam?*

Trataremos dessas questões no próximo capítulo. Mas, ao encerrar esta discussão, parece necessário afirmar que a caracterização simbólica e bolista dos 360 graus do zodíaco não tem nenhuma relação com as tentativas estatísticas e analíticas que um certo número de astrólogos vem fazendo há algum tempo, no sentido de estabelecer um relacionamento entre pelo menos alguns graus do zodíaco e características ou tendências biopsicológicas específicas, bem como faculdades e enfer-

midades particulares. Nessas tentativas, o astrólogo analítico, pretensamente científico, não se preocupa com o significado, mas, tão-somente, com características definidas e padronizadas da natureza humana, circunstâncias normais ou incomuns, ou eventos telúricos. O procedimento como um todo se reveste de um caráter existencial e estatístico e, em termos fundamentais, não deve interessar o indivíduo particular. Seus resultados podem, na verdade, ser bastante desagradáveis para o indivíduo: por exemplo, se, nas características de grau do seu Sol, Marte ou Ascendente, ele vir um grau de "suicídio", "insanidade" ou "consunção" ou um grau que revele "tendências homicidas" ou mesmo "homossexualidade".

Deveria ser evidente, para todo astrólogo psicologicamente alerta e inteligente, que essas características negativas, e em vários casos apavorantes, podem desequilibrar., com muita facilidade, uma pessoa insegura. Dar às pessoas comuns o acesso a essas caracterizações por certo tem potencialidades psicologicamente destrutivas. Com efeito, esse tipo de estatística deve ser descartado, sem contemplações, de todo tipo de astrologia cujo centro seja a pessoa, tendo em vista que não pode ser tomado como base para dar uma resposta a qualquer problema que o indivíduo *particular* possa buscar resolver por intermédio da astrologia, *incluindo-se aí os problemas fundamentais do tipo "Quem sou?" e "Para que me encontro aqui?"*. O fato de as estatísticas indicarem que muitas pessoas que morrem de tuberculose apresentam planetas "maléficos" ou mesmo o Sol ou a Lua num grau particular do zodíaco não significa, de nenhuma forma, que uma pessoa com Marte, Saturno ou o Ascendente naquele grau específico vá contrair tuberculose. Talvez se possa dizer que 65 por cento das pessoas que apresentem essa configuração natal desenvolveram tuberculose, mas, mesmo que fosse correta, essa afirmação nada diz a um indivíduo que tenha essa configuração, já que ele pode muito bem pertencer aos 35 por cento que se acham completamente livres da doença.

A mente moderna, hipnotizada pelos valores quantitativos e pelas estatísticas, afirmará que, se uma pessoa souber de uma possibilidade da ordem de 65 por cento, será, naturalmente, "mais cuidadosa" para evitar as causas da doença ou mais alerta para com seus primeiros sintomas. Mas, com efeito, isso é, na melhor das hipóteses, ser cego para com a possibilidade oposta, muito mais provável - a possibilidade de que o próprio temor de estar marcado pela doença termine por promover sua ocorrência.

O homem não deve procurar, numa condição de tensão e autoproteção, evitar ou controlar os eventos. Os eventos não acontecem a uma pessoa particular; *ela lhes acontece*. Ela os encontra e lhes atribui seu próprio significado. Somente no momento em que é colocado em situações complexas, que envolvam fatores desconhecidos — desconhecidos para suas percepções normais e para a sua mente racional —, o indivíduo pode - e na verdade deve - buscar a ampliação de sua perspectiva, mediante a tentativa de encarar os eventos ou panoramas que tem diante de si *sub specie aeternitatis*, isto é, em sua relação com um todo cósmico de significado. Carl Jung provavelmente diria que, nesse caso, a mente individual abre-se a si mesma para o vasto Inconsciente coletivo; eu lhe daria o nome de Mente Una da Humanidade.

A mente do ser humano cujo processo de individualização tem sido condicionado pela mentalidade coletiva e pelas tradições de sua cultura deve procurar esquecer esses fatores sócio-culturais e éticos e alcançar um estado de "consciência planetária". Depois disso, ele perceberá que, por mais perturbadora e imprevisível que sua situação presente se afigure à sua mente analítica e racional — que se encontra carregada de precedentes, antecipações, dúvidas e ansiedades —, esse desenvolvimento é parte de um processo universal. Trata-se de uma fase bem pequena da evolução da humanidade e do planeta Terra, bem como do sistema solar; visto como uma fase no quadro de referência do processo como um todo, *esse desenvolvimento faz sentido*.

Os símbolos auxiliam o homem a fazer isso — a compreender sua própria existência, ver cada evento pessoal como uma manifestação localizada e particular de uma fase de todo o processo cósmico da existência. Ele pode ver o mais trágico evento — trágico na perspectiva dos padrões sócio-culturais comuns — como uma fase de crescimento. No exato momento em que ele faz uma pergunta ao oráculo, todo o universo desce até ele, por assim dizer, para lhe dar a resposta necessária. Necessária porque todos os atos verdadeiramente construtivos, criativos e redentores são realizados *por intermédio* do indivíduo particular, mediante a focalização de todo o universo. Eis a "via trans-

pessoal" de que venho falando há vários anos.^{6*} É a via da vida simbólica, que não é, tão-somente, uma vida que se desenrola "na presença de Deus", mas uma vida *vivida pelo* Divino que se encontra no íntimo • de cada pessoa particular, bem como no íntimo de todo o universo.

O místico afirma: "Não vivo; Deus vive em mim". Mas se é isso que de fato ocorre, ele se transformou na Encarnação de sua própria Divindade, que forma uma unidade com o divino significado de toda a existência.

2. Os Símbolos Sabeus: Sua Origem e Estrutura Interna

É ESSENCIAL CONHECER O MODO PELO QUAL OS SÍMBOLOS SABEUS foram obtidos, para compreender a validade intrínseca de todo o conjunto, tendo em vista que esse modo revela uma impressionante combinação entre uma seleção aleatória e uma ordem estrutural subsequente. Embora os fatos que cercaram a visualização dos símbolos por uma clarividente, Miss Elsie Wheeler, bem como seu registro por Marc Edmund Jones, não tenham sido mencionados no livro *The Sabian Symbols in Astrology*, houve alguma publicidade a seu respeito ao longo de um certo número de anos, revestindo-se eles, com efeito, de uma considerável relevância neste estudo.^{7*}

Não sei a data precisa em que o evento ocorreu, mas o ano foi 1925 e o local um grande parque no centro de San Diego, Califórnia. Miss Wheeler e Marc Jones foram os dois protagonistas, pelo menos no tocante a realidades físicas. Em 1936, visitei Miss Wheeler por duas vezes, em sua residência em San Diego. Quando estive com ela, essa encantadora senhora se encontrava acometida de artrite e estava confinada a uma cadeira de rodas. Era médium clarividente e tinha uma notável capacidade de "Ver" símbolos, um talento que lhe possibilitou auxiliar clientes que a consultavam. Isso se aplica a muitos clarividentes desse tipo, mas ela provou ser dotada dessa faculdade num grau espetacular.

Na manhã de um certo dia, Marc Jones levou Miss Wheeler em seu carro a um parque de San Diego e estacionou num lugar tranqüilo. Ele levava consigo um maço de 360 pequenas cartas em branco, havendo nelas, tão-somente, uma marca bem pequena e muito pouco visível, na extremidade do canto direito superior, que indicava um signo e um grau zodiacal: por exemplo, Áries 1, Aries 2, Áries 3 etc. Então, Marc Jones passou a embaralhar completamente as cartas - e continuou a fazer isso ao longo de toda a operação. Depois, retirou uma carta ao acaso e, sem olhar para a pequena marca, de modo que nem ele, nem Miss Wheeler pudessem saber qual o grau zodiacal nela marcado, perguntou-lhe o que via. Ao que parece, uma cena surgiu diante de sua visão interna; ela descreveu essa cena rapidamente e Marc Jones fez uma breve anotação com a caneta acerca do que ela dissera. Essas anotações encontram-se reproduzidas na íntegra no livro de Marc Jones. Vi o conjunto original de 360 cartas em 1936, quando trabalhava no capítulo a respeito dos símbolos sabeus para o meu livro *The Astrology of Personality*.

Não apenas foi o procedimento inteiramente aleatório, no que se refere ao envolvimento da consciência normal dos dois participantes, como ocorreu uma coisa curiosa: os 360 símbolos foram obtidos no decorrer de umas poucas horas da manhã e da tarde. Não sei com certeza o número de horas envolvido, mas, mesmo que fossem quatro horas de manhã e quatro à tarde, o resultado seria a visualização de uma média de 45 símbolos por hora, ou um símbolo a cada minuto e meio.

O que torna essa produção quase inacreditável é o fato de que, embora a operação tenha seguido um padrão inteiramente aleatório e tenha sido feita numa velocidade fantástica, o resultado foi uma série de símbolos que, quando submetidos a um estudo cuidadoso, revelam possuir uma estrutura interna definida e bastante complexa. Alguma espécie de "consciência" sem dúvida esteve em ação; resta saber que tipo de consciência — o que provavelmente significa *de quem* era essa

⁶ *Modern Man's Conflicts* (1945-46), assim como meus artigos anteriores na revista *The Glass Hive* (1930-31) a respeito da "Filosofia da Totalidade Operativa"; da mesma maneira, livros mais recentes, como *ñe Planetarization of Consciousness*.

⁷ * Depois de ter escrito este capítulo, chegou ao meu conhecimento uma longa carta publicada por Marc Edmund Jones, na qual ele explica o que levou à produção dos símbolos sabeus e descreve o modo pelo qual foram obtidos. Essa carta está reproduzida no Apêndice (p. 271).

consciência, de um indivíduo ou de uma coletividade de mentes. Marc Jones a relacionou ao tipo de Irmandade oculta que existiu na Mesopotâmia antiga (de onde vem o nome "sabeu" que ele utilizou para o grupo de alunos que esteve dirigindo e ao qual ministrou aulas durante cerca de meio século).

Mas seja qual for a maneira pela qual o conjunto sabeu de símbolos foi produzido, não basta dizer simplesmente que "eles funcionam". Cumprir entender de forma clara a natureza de sua validade, bem como as reais implicações de sua existência e caráter. Podemos fazer referência à inspiração de alguma Irmandade antiga ou à presença de algum parceiro oculto, mas é evidente que as cenas e imagens visualizadas por Elsie Wheeler são modernas em tudo e por tudo e, o que é mais importante, em muitos exemplos, são estritamente norte-americanas. Contêm referências que mesmo um europeu, em especial um europeu que vivesse em 1925, teria dificuldades de entender. Elas pertencem à consciência coletiva do norte-americano educado comum.

Temos, portanto, uma significativa antinomia: processo aleatório vs. estrutura interna e uma mentalidade puramente norte-americana (ou mentalidades, se incluirmos a de Marc Jones) vs. uma postulada fonte arcaica oculta de inspiração. Uma tal situação dualista não é incomum no treinamento espiritual ou oculto, pois, nesse campo, os extremos se tocam e interagem na produção de uma total transformação da consciência. Nesse sentido, a polarização da mente abstrata e dotada de um alto grau de intelectualidade de Marc Jones, que formulou muitos conceitos que o vinculam aos escolásticos medievais, e a da mentalidade mediúmica de classe média de Elsie Wheeler também implica uma espécie de processo dialético. O oculto e o lugar-comum se encontram sintetizados nos símbolos, o que se configura como outra forma de dizer que eles devem ser entendidos em dois níveis: o nível arquetípico-estrutural e o nível existencial. As imagens ou cenas simbólicas são existenciais e passíveis de serem associadas com a mais ordinária experiência ou fantasia onírica da consciência coletiva norte-americana; *por meio* do lugar-comum e do coletivo, podemos atingir o nível arquetípico, no qual ocorre uma seqüência cíclica de fases, cada uma delas destinada a atualizar uma qualidade específica do ser e dotada de um significado estrutural graças à sua posição e função no interior de um ciclo total, o eon.

Uma consciência eônica é capaz de perceber, de uma vez e de forma integral, um ciclo completo de existência, no qual cada fase do processo estrutural se acha no local que o destino (*dharma*) lhe determinou, para a atualização de uma dentre um grande número de potencialidades inatas. O eon de uma vida humana particular, que se estende do nascimento à morte, é, em termos de *consciência*, o "Espírito" dessa pessoa. Considerado como fonte de *poder* - como vibração rítmica ou "tom", que se mantém imutável do estado alfa ao estado ômega do ciclo vital —, o eon é aquilo que denominei o "eu" do indivíduo particular.

Um conjunto de símbolos como os símbolos sabeus, o I Ching ou o Taro, apresenta-nos o desafio da integração dos planos arquetípico e existencial por intermédio de uma imagem, cena ou asserção simbólica, na qual esses dois domínios se encontram num estado de confluência e de interpenetração. Em termos ideais, por conseguinte, a produção de um conjunto válido de símbolos deve *representar* essa interpenetração e confluência; eis precisamente o que os dois atores, no carro estacionado num parque de San Diego - os dois visíveis e as Presenças invisíveis -, protagonizaram. Nesse sentido, seu desempenho se revestiu de um caráter deveras ritualístico. Ele enfocou o Significado de caráter arquetípico e cíclico por intermédio de mentes contemporâneas polarizadas.

Permanece, não obstante, o problema da interpretação dos produtos da focalização ritualística. Uma interpretação ideal deveria revelar a existência de todos os fatores envolvidos no símbolo, bem como formular-lhe as implicações, de tal forma que sejam suscetíveis das aplicações mais gerais possíveis a situações encontradas no atual estágio da história e da evolução humanas. Trata-se de um tarefa virtualmente impossível, pois há tantos níveis de interpretação possível quanto são os níveis nos quais a consciência dos seres humanos pode operar, em especial em nossos dias, no seio da nossa caótica e individualista sociedade. Podemos apenas tentar apresentar formulações inerentemente capazes de se ramificarem em vários caminhos secundários de significação. O requisito essencial, entretanto, exige que a interpretação inclua as abordagens estrutural e existencial.

O símbolo é dotado de sentido em função de sua natureza de complexo entrelaçamento de fatores, cada um dos quais potencialmente significativo no que se refere a seu propósito e função re-

velatórios. O símbolo é uma totalidade de significado e, no entanto, esse significado é aquilo que é, tão-somente, em seu relacionamento com o significado de todas as outras imagens - em particular com aquelas que o precedem e seguem imediatamente, os símbolos da oposição e da quadratura. A abordagem deve ser holista e, não obstante, baseada numa percuciente análise de todos os aspectos significativos contidos no símbolo. Ademais, ela deverá, em termos ideais, evitar a tendenciosidade provocada por uma perspectiva filosófica, cultural ou social demasiado especializada. Acima de tudo, deve evitar o condicionamento de uma reação emocional ou resposta ética àquilo que é retratado.

Como o próprio Marc Jones acentuou, há, no conjunto sabeu, um bom número de símbolos ambíguos. Mas se esses símbolos forem considerados *fases de um processo cíclico, em vez de imagens isoladas* — isto é, quando as possíveis interpretações são consideradas à luz das fases precedentes e seguintes, numa seqüência quádrupla característica, e em termos de relações de caráter mais amplo —, a ambigüidade costuma desaparecer.

Com certeza não me cabe julgar as interpretações dos símbolos sabeus que hoje são publicamente disponíveis. Sinto que nenhuma delas é muito adequada e muitas me parecem, pelo menos em parte, tendenciosas, em função de considerações não pertinentes aos símbolos em si; todavia, estou certo de que uma crítica semelhante será oposta à abordagem e às interpretações que este livro apresenta. Há lugar para muitas abordagens, bem como para vários níveis de interpretação. Meu principal propósito com este escrito consiste em indicar aquilo que realmente se encontra implicado num conjunto de símbolos dessa natureza, envolvido em sua interpretação e possível em termos de sua utilização no nível oracular. Da mesma maneira, pretendo mostrar o sentido no qual o conjunto sabeu pode ser comparado com o I Ching e com outras séries cíclicas de símbolos.

A ESTRUTURA INTERNA DO CONJUNTO SABEU SERÁ DISCUTIDA

Na Parte III, depois de o leitor ter tido tempo de familiarizar-se com as imagens em si. Para prevenir uma interpretação superficial e atomista, contudo, o leitor deve ter, pelo menos, uma compreensão geral das relações estruturais existentes entre os símbolos individuais e do processo subjacente de subdivisão do círculo de 360 graus em vários padrões. Esse processo segue a prática astrológica usual, mas é dotado, com efeito, de um significado e de um propósito distintos. Como já foi dito, os símbolos sabeus não lidam de modo exclusivo com os graus do zodíaco. Eles se referem à divisão de todo processo vital cíclico em 360 fases; por esta razão, enfatizei o *número de fase* do símbolo, tanto quanto o grau zodiacal a que se refere. A questão essencial a ser lembrada é o fato de estarmos lidando com um processo vital — poderíamos dizer: com um processo cósmico; seja como for, trata-se de um processo gradual de atualização de um conjunto de novas potencialidades. É um processo gradual, isto é, que se desenvolve por "graus". Mas a progressão não deve ser considerada de cunho unidirecional; trata-se, de fato, de uma progressão multidirecional e, num certo sentido, multidimensional, pois envolve a atualização de potencialidades em, no mínimo, três níveis. Não devemos esperar que a seqüência de símbolos revele uma linha reta de progresso. Há progressão, mas, tão-somente, no interior de um certo número de campos estruturais definidos de atividade.

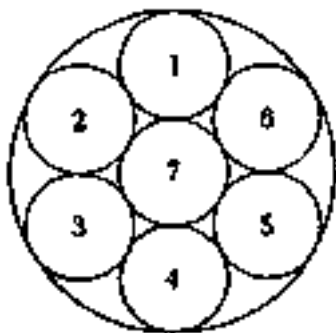
Em primeiro lugar, deve-se ter claro que todo ciclo vital divide-se a si mesmo, essencialmente, em dois hemisférios, da mesma maneira como o ciclo soli-lunar se acha dividido em duas metades: a metade crescente e a metade minguante. Podemos utilizar diferentes nomes para caracterizar essas duas metades. No ciclo soli-lunar - que *não* lida com a própria Lua, mas com a *relação mutável* entre a Lua e o Sol, tal como essa relação é percebida por observadores humanos a partir da Terra —, podemos falar do hemisfério da "ação" e do hemisfério da "consciência".*⁸ No decorrer do primeiro período, formas concretas da energia liberada na Lua Nova estão sendo progressivamente construídas (exceto se o ciclo como um todo mostrar-se negativo e a liberação de energia desprovida de efeito); no decorrer do segundo, a capacidade de ação apresenta uma tendência a uma gradual redução, ao passo que, por outro lado, a energia é focalizada (depois da Lua Cheia) no nível da consciência, tornando-se produtora de, ou subserviente a, formas mentais (incluindo sistemas ideológicos e instituições sócio-culturais).

⁸ * Cf. Dane Rudhyar, *O Gelo de Luação*, São Paulo, Pensamento, 1985.

No ciclo anual, o período entre os equinócios da primavera e do outono [entre março e setembro, nos EUA] representa um esforço na direção da formação de organismos vivos ou pessoas individualizadas no nível humano. A Vida Una torna-se diferenciada em, e por meio de, organismos vivos, cada um dos quais constitui um todo — isto é, um campo estruturado de atividades interdependentes e inter-relacionadas. O Um busca tornar-se Muitos — os inúmeros pequenos "uns" que, não obstante, pelo menos refletem a totalidade fundamental do Todo universal.

Passado um período de transição, que serve ao reajustamento, os Muitos exibem a tendência de se reunirem, com o propósito de estabelecer um todo mais amplo, um organismo mais vasto. A fase de Integração sucede a fase de Diferenciação. A metade do ano que compreende a primavera e o verão no ciclo anual é marcada por uma tendência de *individualização*, ao passo que a metade correspondente ao outono e ao inverno testemunha a tendência oposta, no sentido da *coletivização*. Cada hemicírculo anual exibe um momento de triunfo ou de intensidade máxima nos solstícios. Por conseguinte, o grande drama ritual do ano pode ser dividido, de modo característico, em quatro Atos. Usei quatro diferentes palavras-chave: Diferenciação, Estabilização, Integração do Grupo e Capitalização. Lidamos aqui não apenas com as quatro estações - primavera, verão, outono e inverno —, mas, de maneira mais geral, com os quatro períodos básicos de todo ciclo de manifestação cósmica, seja microcósmico ou macrocósmico, já que todas as manifestações físicas concretas respondem ao ritmo quaternário. Veremos, nesse sentido, que os símbolos sabeus para as fases 1, 91, 181 e 271 (isto é, Áries a 1°, Câncer a 1°, Libra a 1° e Capricórnio a 1°) formam uma seqüência sobremaneira característica e significativa.

O próximo elemento em importância é o padrão séxtuplo de desenvolvimento cíclico — e, de fato, os números 6 e 60 ocuparam uma posição significativa na astrologia antiga, em especial na Caldéia. O fato de se poder inscrever seis círculos contíguos do mesmo tamanho numa circunferência, além de um sétimo círculo no centro, tem merecido uma grande preeminência no simbolismo geométrico. Pode-se considerá-lo como pelo menos uma das principais razões para a divisão da circunferência (e, portanto, na astrologia do zodíaco) em 360 graus, isto é, 6 vezes 60, bem como para a ênfase da numerologia sobre o número 7, que define a complementação de um processo e, portanto, sua "semente", isto é, tanto uma conclusão, como a fundação pré-natal de um novo ciclo.*⁹



Mediante a divisão da faixa zodiacal - que é, com efeito, a órbita da Terra - em seis seções, caracterizamos seis tipos ou polarizações básicas do poder central do Sol, fonte de todas as energias que operam nos planetas. Cada polarização produz um par masculino/feminino (ou *zygy*) ; e o zodíaco é dividido, dessa maneira, em signos alternativamente "masculinos" e "femininos": Áries/Touro; Gêmeos/Câncer:

Leão/Virgem etc. Veremos,, na III Parte, o modo pelo qual esses pares podem ser correlacionados com as seis grandes forças (ou *shaktí*) da filosofia oculta hindú.

⁹ Cf. Dane Rudhyar, *The Astrology of Personality* (edição original: Lucis Publications, Nova Iorque, 1936), p. 230. Também em brochura, edição da Doubleday & Company, Inc

O número 5 ocupa uma posição altamente significativa, não apenas no simbolismo, como também na estrutura dos organismos vivos, em contraste com a dos sistemas materiais não-vivos. No tocante à subdivisão dos processos cíclicos, podemos usar esse número de duas formas: todo o processo pode ser dividido em cinco secções, cada uma delas com 72 fases, inscrevendo, assim, uma estrela de cinco pontas no círculo; ou, o que é mais significativo em termos do esquema de interpretação, mediante o estudo de seqüências sucessivas de cinco graus, podemos ver que essas seqüências apresentam uma estrutura sobremaneira semelhante. Quer dizer, cada seqüência (por exemplo, Áries a 1°, 2°, 3°, 4° e 5°) representa, *do ponto de vista arque típico*, cinco passos ou estágios de desenvolvimento.

Além disso, podemos ver a ocorrência desses cinco estágios nos três níveis básicos da atividade e da experiência humanas. Esses níveis podem ser definidos em termos muito amplos, e, no entanto, de forma característica, como níveis *atuacional*, *emocional-cultural* e *individual-mental*. Temos aqui uma espécie de processo dialético, mas esse sistema não opera de acordo com a seqüência ordinária de tese, antítese, síntese, tão utilizada na filosofia ocidental a partir de Hegel e Marx; ele segue um ritmo pentafásico. Essa seqüência dialética de cinco momentos tem sido estudada em alguns sistemas orientais, em particular na filosofia zen¹⁰; mas me veio à mente há uns quarenta e cinco anos, quando tentei esboçar aquilo que denominei "sistema pentarrítmico de organização social", tentativa que, na época, não levei a termo.

Um tal processo "pentarrítmico" (de cinco momentos), operando em três níveis, produz seqüências unitárias de 15 fases. Há 24 seqüências dessas num ciclo completo; e, nesse ponto, as 24 horas do dia vem de imediato à mente. O dia pode ser dividido em quatro períodos - da aurora ao meio-dia; do meio-dia ao poente; do poente à meia-noite; da meia-noite à aurora. Numa série de artigos intitulada *The Wheel of Significante*, que escrevi no período 1944-45 para a revista *American Astrology*, referi-me aos quatro períodos com o termo "Vigílias". Todavia, segundo Cyril Fagan, o termo, ao que parece, costuma ser aplicado a uma divisão arcaica do dia astrológico em oito partes (Vigílias), que correspondem ao que hoje chamamos Casas de um mapa, mas que operam na direção oposta (na direção dos ponteiros do relógio). Eis parte da razão por que usei, em lugar de Vigílias, o termo "quatro Atos".

Cada Ato tem seis Cenas, ou Horas; assim, o número 24 é obtido. As sagradas escrituras falam dos 24 Anciões que cercam a Divindade. Marc Jones utilizou o termo "Período" em seu curso mimeografado sobre astrologia simbólica e eu o mantive em minha condensação inicial daquele curso em *The Astrology of Personality*. O termo que se usa não tem grande importância, desde que possa ser remetido a um mesmo quadro de referência. Como no presente momento estou dando ênfase ao conceito de processo cósmico, todo esse processo pode ser considerado, da forma mais significativa, como um drama ritual dividido em quatro Atos e vinte e quatro Cenas. Pouco importa o modo pelo qual desejemos subdividi-lo; esse processo cósmico, quando tem apreendida sua estrutura essencial, é um ritual. Com efeito, toda vida é um ritual - um desempenho simbólico - para o indivíduo que de modo intuitivo se "vê" como participante de um processo universal de atualização das potencialidades inerentes à Palavra Criadora "no Princípio", o Logos.

Usei a palavra "ator", mas, num certo estágio do desenvolvimento humano, o ator transforma-se em "agente", pois deve alcançar a compreensão de *que, por seu intermédio*, o propósito do universo é, com efeito, focalizado de acordo com o tempo e o local do desempenho de sua vida. O ego que há nele torna-se uma lente cristalina por meio da qual a "Vontade de Deus" é concentrada em atos individualizados. Ele não pensa; a Mente Una o pensa. Sua vida tornou-se "sagrada", por ter deixado de ser a "sua" vida e passado a ser o Todo que desempenha, no interior e através do seu organismo total, e no tempo determinado, graças ao ritmo do processo planetário, todo ato que se fizer *necessário*.

¹⁰ Ouvi essa afirmação em Paris, há alguns anos, dita pelo eminente filósofo-psicólogo Karlfried von Durckheim, autor do conhecido livro *Hará*.

3. As Abordagens Positiva e Negativa das Experiências Individuais

UM FATO BÁSICO DOMINA A EXPERIÊNCIA HUMANA: SEMPRE QUE uma nova forma de liberar energia é tornada possível - implicando uma reorganização fundamental, quer da pessoa humana, ou da sociedade em geral — essa possibilidade pode ser (e de fato está fadada a ser) atualizada, em certa medida, de uma forma que é, a um só tempo, essencialmente construtiva e inerentemente destrutiva. Uma generalização desse fato da experiência humana deve servir de fundamento a toda cosmologia ou visão de mundo, pelo menos no que se refere ao *nosso* universo. Trata-se de um universo no qual o princípio da dualidade deve ser observado em todos os lugares. Podemos postular, além e/ou através desse universo dualista, uma condição de unidade essencial; e o reflexo desse estado unitário reside no fato de toda existência ser percebida por nós em termos de "totalidades de existência", isto é, de unidades que nascem, crescem e decaem. O próprio fato de haver nascimento, desenvolvimento de potencialidades genéricas ou individuais e uma eventual desintegração implica a existência de um processo dualista. Implica a interação de duas forças polarizadas, simbolizada pelos filósofos chineses na interação dinâmica entre o Yin e o Yang.

Viver é consumir energia. Pode-se dizer que esse consumo de energia ocorre de duas formas básicas: o *uso intencional do poder* ou a *operação automática de forças*. Em ambos os casos, a energia é consumida, mas os significados atribuídos a esse consumo diferem entre si; isto é, o tipo de consciência que surge da vivência e da experiência da vida é positivo no primeiro caso e negativo no segundo.

A distinção entre "poderes" e "forças" deve ficar clara quando levamos em consideração, mesmo de forma breve, a abordagem cosmológica seguida pelas filosofias tradicionais e pela visão de mundo contrastante implícita na mentalidade científica comum do presente, pelo menos no Ocidente. Para o filósofo antigo, assim como para seus herdeiros modernos, "a construção do universo" foi o resultado de uma obra intencional e supremamente inteligente (embora não "consciente", no sentido humano do termo) de Hierarquias Criadoras de Seres espirituais, elas mesmas produtos-entes de evoluções cósmicas precedentes ou das Emanações diretas do Deus criador - o "Grande Arquiteto do Universo" da Franco-maçonaria. Por outro lado, os cientistas mais modernos (com notáveis exceções) consideram o universo o produto da interação de "forças" que, de certa maneira, existem por si mesmas e operam sem referência a uma Fonte inteligente ou determinada. O verdadeiro cientista, com efeito, recusa comprometer-se com relação a princípios e com uma Causa das causas de cunho metafísico; não obstante, o treinamento científico e a concentração na análise dos fatos materiais apresentam tendência a construir no homem moderno uma crença em "forças", e não em "poderes"; a consciência e a personalidade humanas tendem a ser vistas como produtos finais de uma longa interação evolutiva dessas imutáveis e não-intencionais determinadas forças da natureza.

Para outro tipo de mente humana, todavia, a consciência e a personalidade, a cultura e a civilização, são o resultado do uso constante, por parte dos indivíduos humanos, dos "poderes" latentes em todo ser humano, assim como expressos nas atividades do universo. Todo ser humano é compreendido como um microcosmo, no qual se encontram, num estado de potencialidade, todos os poderes do grande universo (macrocosmo). A evolução humana - seja a da raça humana em geral, seja a de um indivíduo particular — é interpretada, nessa perspectiva, com um processo de manifestação de poderes e faculdades criadores. Esse processo é dirigido de dentro para fora e é intencional, pelo menos até o ponto em que, dado um número de potencialidades-ementes "no princípio" do ciclo da evolução humana, o final desse ciclo deve encontrar essas potencialidades (ou, em casos individuais, algumas delas) expressas na realidade. Uma tal expressão culmina na atividade criadora (ou *carma*), que gera ou condiciona, por sua vez, o início de um novo ciclo.

O filósofo que sustenta essas concepções pensa que o universo é regido por leis, mas que é, da mesma maneira, expressão e incorporação da consciência universal. Os eventos que se apresentam à experiência humana exibem uma ordem seqüencial que permite inferências a respeito daquilo que os eventos futuros serão; ao mesmo tempo, esses eventos se enquadram no padrão de um todo cósmico e de uma seqüência cíclica e, como tal, têm significado. O cientista, tal como o filósofo, acredita na ordem universal e na previsibilidade, mas, ao considerar qualquer grupo de eventos, ele se

satisfaz se descobrir a forma pela qual eles vieram a existir e o modo como provocarão a ocorrência de novos eventos, ao passo que o filósofo pergunta: "Que significa?"

Para o cientista-astrônomo, o zodíaco não passa de uma maneira de tabular e classificar seqüências de eventos e mudanças periódicas do céu. Para o verdadeiro filósofo-astrólogo, o zodíaco é uma construção estrutural no interior da qual o homem pode dar forma à sua busca incessante pelos significados mais abrangentes e vitais. Desnecessário dizer, sigo neste livro apenas o ponto de vista do filósofo, pois estou lidando com uma série de imagens simbólicas que se destinam a despertar no estudioso a percepção do poder do seu próprio Espírito criador. O propósito deste trabalho consiste em desenvolver uma profunda compreensão da natureza, do caráter, da seqüência de desenvolvimento, assim como do alcance e significado gerais desses poderes, que se configuram como a marca do espírito no homem - aqueles poderes que o homem deve usar quando encara suas próprias experiências e extrai delas significado, direção e propósito. Quando o faz, o homem (como indivíduo ou raça, nação ou grupo) se torna verdadeiramente "humano", isto é, alcança o nível das capacidades inerentes ao reino humano, capacidades que estão, até agora, muito pouco desenvolvidas. Ele vive sua vida, em vez de ser vivido pelos eventos. Ele usa poderes, em vez de ser acossado por forças naturais. Vive a *partir* do Espírito criador que há nele. E isso é viver de modo positivo, de maneira espiritual.

Devemos acrescentar que esse tipo de vivência positiva pode ser demonstrado tanto pelo cientista materialista, como pelo filósofo que acredita na inteligência criadora universal. De fato, *na superfície*, o homem ocidental exhibe, no tocante aos aspectos cotidianos da vida, uma abordagem muito mais "positiva" do que o homem arcaico e os seguidores da filosofia zen e de outras filosofias semelhantes, que acreditam em "deixar" que as coisas aconteçam. Esta última é, superficialmente, uma atitude mais passiva; no entanto, devemos penetrar no domínio que se encontra embaixo das orientações de superfície, caso desejemos chegar ao significado criador vital do comportamento humano. O indivíduo moderno, imbuído de conceitos científicos e materialistas, pode fazer um uso mais positivo e determinado das forças naturais, mas isso faz todo aquele que maneja máquinas, carros de combate e explosivos. O Conde Keyserling certa vez referiu-se ao homem moderno como caracterizado pelo "tipo chofer". Hoje, falaríamos do tecnólogo ou tecnocrata. Contudo, o homem que usa deliberadamente as máquinas e as forças que as operam age, em termos essenciais, de uma forma não muito diferente daquela pela qual agia o guerreiro poderoso de antigamente, que dominava seu ambiente graças à força bruta bem como pelo instinto, para tomar decisões rápidas e sólidas na batalha.

Tomemos um exemplo extremo do passado recente: a Alemanha nazista quase obteve êxito em impor seu domínio à humanidade por meio do uso afirmativo de "forças" naturais (de ordem física e psicológica); todavia, o Nazismo não conseguiu usar os poderes criadores do Espírito que se acha no interior do Homem. Ele obteve sucessos espetaculares, no decorrer de um curto período, mediante o uso implacável da tecnologia, mas foi derrotado, não por forças superiores, mas pelo próprio poder da evolução humana. O Império Romano, há cerca de dezesseis séculos, teve mais ou menos o mesmo destino, embora contasse com excelentes administradores e massas de escravos. E a guerra do Vietnã nos deveria ter demonstrado que "forças superiores" podem ser enfrentadas com sucesso pelo poder da vontade humana coletiva, quando se tornam alvo de um desejo inquebrantável de autodeterminação e autonomia, um desejo cuja base são realidades mais profundas, representadas pela fase da evolução que a humanidade alcançou.

Graças à própria lógica da evolução planetária, uma fase de organização global e de integração da humanidade se acha agora diante de nós: aquilo que hoje é chamado, de maneira um tanto imprecisa, "imperialismo" tornou-se obsoleto - tal como os dinossauros. A tecnocracia nazista ou fascista - e, devo acrescentar, a tecnocracia do tipo instalado no Pentágono — constitui um retrocesso a um período do vasto ciclo da evolução humana que hoje se acha definitivamente ultrapassado. Esse comportamento, por conseguinte, perdeu seu significado espiritual positivo. Ele representa a atualização negativa do novo conjunto de potencialidades humanas que foi liberado no decorrer dos últimos séculos da nossa civilização ocidental. Tem como base o uso da "força superior", numa

tentativa de destruir toda manifestação da profunda e planetária premência pela transformação — pessoal e social — humana.

Aquele que vive a partir do Espírito criador que habita em nós, não apenas vive de modo determinado, ativo e positivo, como também em termos da necessidade do atual momento particular do seu ciclo individual de evolução, bem como do ciclo da evolução humana coletiva. Age no quadro de um todo evolutivo, formado por partes que têm, cada uma delas, um significado específico *em termos do* uso oportuno de forças particulares. A oportunidade e a focalização precisa da ação no ponto do espaço em que essa ação se enquadra são fatores essenciais da *vivência significativa*. Essencial é, igualmente, a adequação em termos do propósito cíclico geral da vida daquele que age.

O engenheiro moderno, é preciso reconhecer, também considera esses três fatores — oportunidade, precisão espacial e adequação de propósito —, mas o faz com relação às suas máquinas, e não com relação à sua vida, na qualidade de participante criativo da unidade orgânica da humanidade e, em última análise, do universo. Eis a razão pela qual muitas de suas máquinas tornam-se destrutivas. Elas o fazem porque são produzidas e empregadas por uma sociedade que segue o caminho da força, e não do propósito; essa sociedade, ao buscar, acima de tudo, o controle da operação automática de forças, passou a considerar os seres humanos simples produtos de uma tal operação automática de forças naturais desprovidas de sentido e de propósito.

Agir com ímpeto não é o mesmo que agir com um propósito. A sociedade moderna funciona, em nossos dias, sem nenhum propósito verdadeiramente significativo, exceção feita, talvez, ao de gerar mais conforto material e abundância para uma massa de corpos humanos em permanente aumento, o que torna nosso planeta cada vez mais inabitável. A sociedade moderna, em suas características essenciais, demonstra um tipo *negativo* de consciência, pois toda consciência privada de um quadro universal de referência, no âmbito do qual a ação possa ser considerada em termos de oportunidade, precisão espacial e adequação ao propósito cíclico, é um tipo negativo de consciência. E consciência desprovida de significação criadora e, portanto, espiritualmente vazia, por maiores que sejam as capacidades intelectuais e técnicas que nela são geradas.

SE SE ENTENDER O QUE ACABEI DE DIZER, DEVE FICAR CLARO QUE todo símbolo pode ser interpretado de forma positiva e negativa. O símbolo configura-se como *a chave do ajustamento entre o ato, situação ou problema individual e um quadro universal de referência* - por mais relativa que essa universalidade possa ser. Neste estudo, que é derivado de uma simbolização dos 360 graus do ciclo zodiacal, a relação anual em constante mudança entre a Terra e sua fonte básica de energia, o Sol, fornece-nos o quadro básico de referência. Trata-se de um quadro de referência da liberação de energia no âmbito do campo total de atividade da Terra-como-um-todo e, de modo particular, da biosfera. O ajustamento a essa liberação de energia solar, que se estende por um ano, pode ocorrer tendo como base quer o "uso intencional de poder" ou a "operação automática de forças" - a depender do caráter positivo ou negativo da consciência confrontada pela necessidade de ajustamento.

Na maioria dos casos, evidentemente, o ajustamento será feito pelo indivíduo particular sem nenhuma referência *deliberada* ao simbolismo. No entanto, em termos concretos, uma referência *subconsciente* a "imagens" coletivas sempre está presente; quer dizer, o individual agirá, numa situação pessoal, mediante a identificação inconsciente com a "imagem" daquilo que se espera que um pai, um marido, um cidadão fiel, um filho devotado etc., faça, de acordo com alguma espécie de tradição social ou religiosa; alternativamente, agirá mediante a associação da nova situação com situações vividas no passado que lhe causaram dor ou exaltação (isto é, de acordo com um "complexo"). De qualquer maneira, o atual comportamento será condicionado pelas memórias mentais-emocionais do indivíduo ou de sua raça e família - tendo essas memórias cristalizado numa "imagem" ou símbolo.

A série sabéia de símbolos pictoriais (ou toda série igualmente válida, antiga ou moderna) pretende auxiliar o indivíduo a tornar *conscientes* essas imagens, bem como estabelecê-las num quadro universal de referência. A capacidade de fazê-lo encontra-se em estado latente em todo ser humano, mas requer treinamento e desenvolvimento; e o propósito mais profundo da série de sím-

bolos consiste em estimular essa capacidade por meio do seu uso real e consistente. Está em jogo, aqui, o desenvolvimento *do poder* de vincular toda atividade particular com um significado universal, bem como toda consciência individual com sua fonte espiritual na Mente universal. Essa fonte deve ser entendida, fundamentalmente, como *o momento* no Tempo cíclico, *o lugar* no Espaço das esferas e *o propósito* na Harmonia do Todo (ou "Deus") que o indivíduo ocupa e preenche.

Se esse poder de vinculação simbólica entre os atos do eu individual e o ritmo do Todo universal for utilizado de modo positivo, toda situação da vida do indivíduo se tornará uma oportunidade de crescimento e de expressão criativa do Espírito que se acha no interior do homem. Se for usado de forma negativa, então -como o afirma Marc Jones na Introdução de "Symbolical Astrology" - "todas as coisas se engajam naquilo que, para ele [o indivíduo], é uma verdadeira conspiração contra si, ao mesmo tempo em que suas satisfações configuram-se como elementos de destruição, transformados, pela própria simbolização que ele lhes dá, em fatores desejáveis".

Em seu livro *The Sabian Symbols in Astrology*, assim como em seu curso mimeografado anterior, Marc Jones oferece interpretações positivas e negativas para cada um dos 360 símbolos dos graus do zodíaco. Em parte por sentir que essas interpretações polarizadas do tipo "o isto ou aquilo" podem ser sobremodo confusas no nível psicológico e, por outro lado, porque tenho feito tentativas no sentido de ir além de uma relação estrita entre esse conjunto de símbolos e o zodíaco - de tal modo que os símbolos possam ser vinculados a qualquer ciclo básico de atualização de novas potencialidades da existência e do desenvolvimento humano -, omiti essa espécie de caracterizações positivo-negativas peremptórias. Considero bastante significativas algumas das interpretações de Marc Jones; outras, considero menos significativas ou muito pouco justificáveis; além disso, as interpretações em questão apresentam-se completamente diferentes nas duas versões até agora publicadas. Em *The Astrology of Personality*, como eu devia condensar o material contido em "Symbolical Astrology", apenas introduzi as caracterizações positivo-negativas em alguns casos e de forma resumida.

Ao meu ver, a interpretação dos símbolos deve ter como base duas ordens de fatores: (1) uma análise objetiva das características mais significativas da imagem simbólica; e (2) o relacionamento entre o símbolo e outros símbolos *no interior do quadro global do processo cíclico como um todo*. Deparamo-nos com essa situação toda vez que lidamos com algum conjunto cíclico de símbolos ou imagens do qual é necessário derivar significado. Isso se aplica, em especial, às imagens que caracterizam os doze signos do zodíaco — que têm pouca semelhança visível com o grupo de estrelas que, segundo se supõe, eles representavam quando constelações e signos coincidiam, presumivelmente perto do final do período grego (por volta de 100 a.C.).

Da mesma maneira, se considerarmos os dez cartões originais de Rorschach, utilizados na psicologia clínica, parece bastante evidente que eles formam uma seqüência definida, que se inicia com formas simples e termina com um quadro complexo, no qual várias cores contribuem para o significado. O aparecimento da cor num desses cartões, num estágio característico da seqüência, deve revestir-se de significado para todo aquele que pense, de algum modo, em termos holísticos e de processo estruturado. No entanto, fiquei sabendo que as pessoas a quem esses cartões foram dados, incluindo Carl Jung, não perceberam a significação de que se reveste o fato de haver dez cartões organizados numa série claramente — mesmo que, talvez, de modo inconsciente — estruturada. Logo, sinto-me constrangido a repetir que nenhuma experiência pode ser entendida, em seu significado total, se não for relacionada com o processo global no qual ocorre, no local e no momento precisos que lhe condicionam e revelam o funcionamento. Nenhuma ocorrência *isolada* tem significado básico *por si mesma*. Ela somente adquire significado em seu relacionamento com o todo ou processo mais amplos de que é parte. Esse relacionamento pode ser totalmente inconsciente, mas, não obstante, constitui o fundamento do significado.

Além disso, a função *não* deve ser considerada positiva ou negativa, já que nenhuma ação é positiva ou negativa, boa ou má, *por si mesma*. A *resposta* do indivíduo-como-um-todo ao desempenho da função, no momento em que ela deve ser desempenhada e no ambiente particular em que deve ser desempenhada, constitui o elemento que determina o caráter positivo ou negativo da ação. Aclamamos o soldado que matou cinco inimigos no combate corpo-a-corpo, mas mandamos para a

cadeira elétrica a pessoa que, enlouquecida pelas frustrações e pelo condicionamento social, matou policiais que tentavam atirar nela, talvez depois de ela ter roubado comida numa mercearia. A função dos ácidos e enzimas no trato digestivo, que transforma os alimentos em substâncias químicas, é tão positiva quanto a das células cerebrais, que transformam os impulsos sensoriais num belo quadro ou num conceito inspirador. Sem dúvida, em princípio podemos definir, num nível abstrato ou arquetípico, os significados positivos e negativos básicos de um símbolo ou de um confronto interpessoal. Mas a própria sugestão de um arquétipo negativamente polarizado introduz na situação um subtom negativo de significado que pode influenciar com facilidade uma pessoa demasiado suscetível. Essa pessoa pode apreciar o significado positivo, mas, caso se revele incapaz ou relutante no sentido de incorporar esse significado em sua própria resposta, é provável que leia o significado negativo numa disposição de ânimo que a condicione a aceitá-lo como aquilo que o "destino" lhe reservou ou como o resultado evidente do fato de ser uma pessoa fracassada ou fraca.

Nenhum símbolo deve ser considerado inerentemente negativo. Mesmo que a imagem ou cena apresentada pareça plena de implicações negativas, devemos considerar estas últimas como uma forma de ensinamento e assim, talvez, algo semelhante à *via negativa*, que leva o homem a alcançar a elevação espiritual ao forçá-lo a experimentar uma violenta reação a partir das profundezas da miséria humana ou mesmo da degradação. *Nada* na astrologia indica que "Isto é um fato de tal espécie" ou "Isto *vai* acontecer". A astrologia nos mostra a melhor — porque natural — forma de enfrentar qualquer situação em termos da *nossa própria* natureza individual. Há formas mais fáceis, bem como formas mais difíceis, levando-se em consideração aquilo que o homem é hoje e a maneira pela qual ele foi condicionado pela sociedade ocidental e por um cristianismo materializado; mas a "cultura da excessiva facilidade" (como escreveu Keyserling) leva o homem a uma perda de vitalidade interna, de caráter e de acuidade mental.

PARA DEMONSTRAR O MODO PELO QUAL AS AFIRMAÇÕES FEITAS no parágrafo precedente podem ser aplicadas a casos específicos, tomarei aquele que talvez seja o mais "negativo" símbolo da série sabéia: o símbolo de Câncer no 5º.^{11*} Em seu livro *The Sabian Symbols in Astrology*, Marc Jones descreve esse símbolo como: *Um automóvel atingido por um trem*. Em seguida, para afastar um pouco da negatividade do quadro, ele o interpreta da seguinte forma:

Trata-se do símbolo do poder irresistível de complementação, inerente à própria composição do mundo do homem, sempre que uma seqüência de eventos é posta em movimento, tal como o evidencia, de maneira contínua, o lado objetivo das coisas. Está implícito no simbolismo reverso o conceito de controle ou a garantia de que não é necessário dar continuidade a uma dada ação até o ponto da auto-anulação. A obrigação última do indivíduo é para consigo mesmo, e não para com a estreita e momentânea direção das circunstâncias. A palavra-chave é DISPERSÃO. Quando positivo, esse grau representa um gênio especial para uma reorganização criativa de todas as experiências; quando negativo, um ímpeto insensível.

Não posso deixar de sentir que esta interpretação não se baseia estritamente numa análise dos elementos constantes da imagem, concentrando-se, com efeito, nas implicações emocionais da palavra "atingido". Não sei, cabe reconhecer, o modo como Miss Wheeler descreveu a imagem que "viu", mas analisemo-la com cuidado. Não há praticamente possibilidade de um automóvel ser atingido por um trem, exceto na circunstância em que o automóvel seja levado a *cruzar* a linha férrea. Devemos, pois, considerar três fatores envolvidos na imagem: o automóvel, o trem e o cruzamento de suas rotas.

Um automóvel é um meio *privado* de transporte; o trem, um meio *público*. É evidente, por conseguinte, que o símbolo está relacionando de certo modo — um modo trágico ou destrutivo —

¹¹ * Devo deixar claro aqui que, se o símbolo se refere à posição de um planeta num mapa astrológico, Câncer a 59 se inicia a 4° 1" (quatro graus e um segundo ou minuto) e termina a 4°59'59"; assim como o primeiro ano (ano número 1) de uma vida começa no nascimento e termina no primeiro aniversário. Estamos lidando *com um processo*, e a "Fase Um" começa exatamente quando o processo se inicia.

às esferas privada ou individual e pública numa sociedade tecnologicamente desenvolvida. Essas duas esferas ou reinos de atividade costumam existir de maneira mais ou menos paralela uma com relação à outra; uma pessoa pode dar preferência a um — ou pelo menos optar por operar num — desses reinos. Mas, por vezes, eles se "cruzam"; quer dizer, suas direções podem tornar-se mais ou menos perpendiculares entre si, surgindo um momento de tensão potencial. Eles atuam em propósitos cruzados. Quando isso acontece, o símbolo nos diz que há um potencial de destruição envolvido para a pessoa que não parar com o fito de considerar os possíveis resultados do seu "individualismo inflexível". A sociedade deveria tornar impossível ou muito difícil um descuido tão extremo por parte do indivíduo; mas mesmo que a sociedade seja capaz de construir salvaguardas ou sinais vermelhos, o indivíduo pode, sem perceber ou sem tomar cuidado, ignorá-lo. Assim, o automóvel pode ser atingido. Isso não implica necessariamente que o motorista morra — ele pode pular do carro no último minuto —; no entanto, sua *consciência*, isto é, aquilo que seu ego utiliza para deslocar-se, seu conjunto de valores e seu modo de encarar a vida, pode experimentar uma desestruturação mais ou menos total.

Segundo penso, eis o que a imagem simbólica apresenta; *não* um fato, mas uma "mensagem", um ensinamento ou advertência. Se tiver um dos seus planetas no quinto grau de Câncer, a pessoa estará sendo advertida de que, caso insista em permitir que a função ou impulso psicológicos representados por aquele planeta opere de forma descuidada ou impetuosa, de modo estritamente individualista, em momentos nos quais seus propósitos e os da sociedade se cruzem, ela, ao que se presume, sofrerá uma derrota crucial, e essa função ou impulso provavelmente serão invalidados, talvez de forma irreparável.

Nada há de inerentemente negativo ou assustador no símbolo *em si'*, trata-se apenas de um alerta. Não vejo por que ele deva significar um "poder irresistível de complementação, inerente à própria composição do mundo do homem" etc. Ele apenas nos diz que, se, num certo momento, os caminhos do indivíduo e da sociedade se encontrarem cruzados, é de esperar que a sociedade ganhe - ou, em termos coloquiais, que "o crime não compensa".

Mas devemos dar um passo além e ver de que modo e onde o símbolo em questão se enquadra no processo a que pertence o conjunto global de símbolos. Se analisar a sétima cena do drama ritual do ano (cf. pp. 84-85), o leitor verá que o símbolo de Câncer no 5º grau constitui o quinto estágio de uma seqüência de cinco estágios que se iniciou com Câncer no 1º, isto é, com o grau do solstício de verão. Considera-se o símbolo de Câncer no 1º como referente a uma fase de atividade que implica "uma mudança radical na fidelidade, exteriorizada por um ato simbólico: um ponto sem retorno".

Assim, temos, no último símbolo dessa seqüência pentarrítmica, um alerta relativo àquilo a que o primeiro símbolo pode levar — isto é, relativo ao modo como, em momentos críticos, a sociedade pode reagir à "mudança radical na fidelidade". Se os símbolos tivessem sido visualizados hoje, poderíamos ter a imagem de um policial batendo num jovem manifestante durante uma manifestação contra a guerra! Se considerarmos cuidadosamente a seqüência dos cinco primeiros símbolos de grau do signo de Câncer, poderemos ver as possibilidades que a "mudança radical na lealdade" abre em termos de ação. Devemos considerar e compreender de modo adequado a seqüência inteira - e muitas coisas mais - para que toda a Cena Sete remeta a "Decisão". Por exemplo, essa sétima cena do Ato Dois do ritual como um todo pode ser relacionada com a cena dezenove correspondente do Ato Quatro, cuja palavra-chave é "cristalização".

A série global de 360 fases encontra-se estruturada de forma bastante clara para todos que tenham condições de considerá-la à luz de uma consciência holista, senão eônica. Lidamos aqui com um processo significativo de transformação gradual e intencional. Os símbolos nos permitem alcançar uma nova perspectiva acerca das fases inter-relacionadas desse vasto processo da existência, cuja idéia básica é, com efeito, transformação.

Depois de nos familiarizarmos com todos os símbolos, poderemos retornar ao estudo do seu inter-relacionamento e das duas formas básicas pelas quais podem ser usados.

PARTE II

UMA REFORMULAÇÃO PROFUNDA DOS SÍMBOLOS SIBEUS

PRIMEIRO HEMICICLO: O PROCESSO DE INDIVIDUALIZAÇÃO

ATO I: *DIFERENCIAÇÃO*

CENA UM: *DESEJO (Aries a 1° - Áries a 15°)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 1 (Áries 1°): UMA MULHER RECÉM-SAÍDA DO MAR; UMA FOCA A ABRAÇA.

IDÉIA BÁSICA: *Emergência de novas formas e da potencialidade da consciência.*

Esta é a primeira das 360 fases de um processo cíclico de caráter universal e dotado de muitos níveis, cujo alvo é a atualização de um conjunto particular de potencialidades. Essas potencialidades, nos símbolos sabeus, referem-se ao desenvolvimento da consciência individualizada do homem — a consciência de ser uma pessoa particular com um lugar e uma função (um "destino") no organismo planetário da Terra e num tipo particular de sociedade e cultura humanas.

Ser individualmente consciente significa emergir do mar da consciência genérica e coletiva — que, para a mente que emergiu, afigura-se como inconsciência. Tal emergência é o evento primário. E o resultado de alguma ação básica: um deixar para trás, uma emergência de um ventre ou matriz, aqui simbolizado pelo mar.

Essa ação não deve ser considerada uma afirmação poderosa e positiva do ser individual. No princípio é o Ato, mas, com frequência, trata-se de um ato imperceptível e inseguro. O pequeno germe tenro, que surge da semente, não proclama em altos brados sua existência. Ele precisa abrir caminho pela crosta do solo, ainda coberta pelos remanescentes do passado. E toda potencialidade, apresentando um mínimo de presença real.

No símbolo, portanto, a entidade emergente é uma Mulher; em termos simbólicos, uma forma de existência ainda próxima das profundezas inconscientes da natureza biológica genérica, plena de desejo de ser, em vez de auto-afirmação. A mulher é vista abraçada por uma foca porque a foca é um mamífero que um dia experimentou uma emergência biológica, evolutiva, mas relativamente inconsciente, e que, no entanto, voltou sobre seus próprios passos e "retornou ao ventre" do mar. A foca representa, portanto, um passo regressivo. Ela abraça a mulher que *emergiu*, pois todo processo emergente é, no início, suscetível ao fracasso. Esse processo, com efeito, é cercado pela memória, os fantasmas dos fracassos passados no curso de ciclos anteriores. O impulso para cima é contido pelo medo ou insegurança regressivos; a questão do conflito depende da potência relativa das forças que se dirigem para o futuro diante daquelas que seguem a direção do passado.

A possibilidade de êxito e de fracasso está implícita ao longo de todo o processo de atualização. Toda liberação de potencialidade contém essa dupla possibilidade. Ela abre inevitavelmente dois caminhos: um caminho leva à "perfeição" na consciência; o outro, à "desintegração" — o retorno ao *estado indiferenciado* (o estado de humo, adubo, poeira cósmica —, isto é, retorno ao caos, às "grandes Águas do espaço", de cunho simbólico).

Este símbolo caracteriza o primeiro dos cinco estágios que se repetem em três níveis. Este estágio representa a afirmação inicial, ou tema, da série quádrupla que se refere ao primeiro nível: IMPULSO DE SER.

FASE 2 (ÁRIES A 2°): UM COMEDIANTE REVELA A NATUREZA HUMANA. IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de olhar objetivamente para si mesmo e para os outros.*

Enquanto a primeira fase do processo de emergência se desenvolve, essencialmente, em termos de impulso subjetivo e do desejo de agir, a segunda representa a tentativa de desenvolver uma percepção objetiva da existência. Por intermédio de um sentido de contraste, a consciência vai sen-

do construída de modo gradual. Trata-se daquilo que Teilhard de Chardin chama "consciência reflexiva": a capacidade de se ver a si mesmo refletido, como se estivesse diante de um espelho e, finalmente, de rir diante da inadequação da forma que se vê; portanto, "humor", o triunfo da consciência objetiva sobre o sentimento ou disposições subjetivos ou sobre o envolvimento consigo mesmo.

Este símbolo caracteriza o segundo estágio dessa primeira seqüência de cinco fases: o estágio da OBJETIVIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA. Esta segunda fase complementa e polariza a primeira, que acentua o desejo subjetivo de tornar-se individualmente consciente.

FASE 3 (ARIES A 3°): UM CAMAFEU COM O PERFIL DE UM HOMEM, SUGERINDO A FORMA DO SEU PAIS.

IDÉIA BÁSICA: *O poder sustentador do Todo, quando o indivíduo se identifica com Sua vida.*

Tendo-se tornado objetivamente consciente de sua natureza e de sua humanidade básica, a pessoa em processo de individualização encontra força e segurança interiores na realização de sua identidade essencial na seção do universo em que opera. Ela e essa seção parecem, para a sua consciência, unidas num processo de ordem cósmico-planetária - *numa participation mystique*. Metaforicamente, trata-se do conceito da identidade entre Atman e Brahman. Noutra sentido, graças à sua capacidade de identificar-se com o complexo de atividades vitais que estão ao seu redor, o indivíduo particular pode tornar-se, verdadeiramente, não apenas uma imagem e representação do Todo do seu ambiente natal (local, planetário e, talvez, eventualmente, cósmico), mas também um agente *por meio do qual* o Todo pode expressar-se num ato de ressonância e expansão criativas. Trata-se do ideal do avatar — o ideal de uma vida e de uma consciência "transpessoais", inteiramente consagradas a um divino Poder e por ele dirigidas. Esse poder também pode ser concebido como o Eu arquetípico, o princípio-Cristo, em sua operação num e por meio de um indivíduo e de um destino particulares que se tornaram sua manifestação externa, com o fito de atender a uma necessidade humana coletiva.

O conceito da identidade formal-estrutural entre o macrocosmo universal e o microcosmo humano é muito importante, já que se manifesta em muitos níveis. Ele forneceu um sentido interno de segurança e de força harmônica ao homem arcaico. Para o indivíduo moderno, acossado pela evidência superficial de falta de sentido e de futilidade, esse conceito fornece um sentimento de participação na ampla maré da evolução. Trata-se da resposta ao trágico sentido de alienação tão prevalente em nossos dias. em nossos dias.

Este símbolo caracteriza o terceiro estágio da primeira seqüência quántupla de fases: o estágio da PARTICIPAÇÃO NUMA VIDA MAIS AMPLA.

FASE 4 (ÁRIES A 4°): UM CASAL DE NAMORADOS PASSEANDO NUMA ESTRADA AFASTADA.

IDÉIA BÁSICA :*A progressiva polarização de energias, necessária para cumprir a própria função na vida.*

Para responder plenamente às potencialidades liberadas por um sentido de identificação com um Todo mais amplo, o ser humano deve ser, ele mesmo, um todo. Uma interação de energias bipolares é necessária para fornecer uma "ressonância" dinâmica e sustentada a toda forma superior e abrangente de vida. Isso pode ter como implicação uma retirada temporária da atividade rotineira, isto é, um processo de "afastamento". Não se trata, contudo, de um processo *fechado*. As polaridades positiva e negativa *não* se encontram num circuito fechado, que reconstitui um estado neutro de potencialidade. Elas operam numa união dinâmica, aberta e não-resolvida, em contato com as energias da natureza que se acham ao seu redor.

Este símbolo caracteriza o quarto estágio da primeira seqüência quántupla de fases: o estágio da POLARIZAÇÃO dinâmica e não-resolvida. Este estágio introduz os meios básicos - poder-se-ia dizer, a técnica - para o estabelecimento da consciência no universo da dualidade.

FASE 5 (ÁRIES A 5°): UM TRIÂNGULO DOTADO DE ASAS. IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de autotranscendência.*

Eis o símbolo do desejo de atingir um nível superior de existência, de pura aspiração ou devoção, de *bhakti*. Aquilo que emergiu na primeira fase do processo de diferenciação está adquirindo consciência da possibilidade de alcançar níveis mais elevados. O princípio da "levitação" é visto como um dos dois fatores essenciais na evolução. O ser emergente o glorifica e deifica, mas ele ainda é apenas um ideal. Neste estágio, contudo, todo o ser experimenta um anseio infantil pela sua realização final.

Neste ponto, é alcançado o estágio final, sintetizador da primeira unidade quádrupla do processo cíclico. UMA NOVA DIMENSÃO do ser, que mobiliza esforços criadores, é pressentida.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 6 (ÁRIES A 6°): ILUMINADO.

UM QUADRADO, COM UM DOS LADOS PROFUSAMENTE

IDÉIA BÁSICA: *O desejo emocional de uma existência concreta e estabilizada como pessoa.*

Este desejo de individualização opera, de início, como um impulso voltado para um só lado ou unilateral, que focaliza um alvo exclusivo. Todas as emoções são, de início, possessivas; e todas as manifestações culturais operam de acordo com o princípio da exclusão. Tudo aquilo que não pertence à esfera tribal (o sangue, a terra, o povo do indivíduo) é o inimigo potencial. Trata-se de uma fase necessária, pois — tal como ocorreu no caso da "mulher recém-saída do mar" — a primeira tentativa de construção da realização interna do ser integral pode ser derrotada, a qualquer momento, pelo empuxo regressivo na direção da não-diferenciação e do estado prenatal de não-individualização no interior do vasto ventre da natureza ou no interior do espaço cósmico sem forma.

Este primeiro estágio da segunda seqüência quádrupla de símbolos apresenta o tema que será desenvolvido dialeticamente - um processo dialético de cinco fases: UMA PRE-MÊNICA UNILATERAL POR ESTABILIDADE INTERNA.

FASE 7 (ÁRIES A 7°): UM HOMEM LOGRA EXPRESSAR-SE SIMULTANEAMENTE EM DOIS REINOS.

IDÉIA BÁSICA: *A primeira compreensão da natureza dual do homem e das possibilidades que implica.*

Este símbolo representa a antítese da tese ilustrada na Fase 6; no entanto, vemos, numa tal seqüência de cinco fases, contraste, e não oposição. A unilateralidade primordial da manifestação emocional e cultural exige, com efeito, a capacidade compensatória de operar em dois níveis. Daí advém o dualismo primário Céu-Terra, divino-humano, espírito-matéria. A visão e as emoções são focalizadas no interior de fronteiras rigorosamente definidas; mas no interior dessas fronteiras, elas se expressam em dois níveis. Trata-se do fundamento da religião, assim como da magia.

Uma situação caracterizada por este símbolo pode ser enfrentada com sucesso se suas implicações materiais e espirituais forem compreendidas e atualizadas.

Neste segundo estágio da segunda seqüência de cinco estágios, vemos em ação a capacidade do homem no sentido de VIVER DUAS VIDAS DISTINTAS - e de encontrar realização e alegria nas duas. Dessa capacidade advém muitas das complexidades que a natureza humana apresenta.

FASE 8 (ÁRIES A 8°): UM GRANDE CHAPÉU FEMININO COM FITAS SOPRADAS PELO VENTO LESTE.

IDÉIA BÁSICA - *Proteção e orientação espiritual no desenvolvimento da consciência.*

Esta imagem um tanto estranha pode ser entendida se se submeter cada característica apresentada a uma análise clara e sem preconceitos. Vemos outra vez uma mulher; mas, agora, sua cabeça se acha coberta por um grande chapéu - uma proteção contra as forças da natureza, isto é, o

frio e/ou os penetrantes raios do sol. Neste nível emocional-cultural (Fases de 6 a 10), os processos mentais ainda se encontram, em larga medida, não-desenvolvidos; por esta razão, necessitam da proteção das forças elementais da vida. Uma abertura excessiva às energias do Céu e ao nível "espiritual" pode levar a algum tipo de obsessão.

A imagem simbólica implica um vento bem forte e, portanto, a atividade de forças de caráter supramaterial e, em especial, psíquico. Essas forças se originaram no Oriente, tradicionalmente a sede das influências espiritualizantes, criadoras e transformadoras. O chapéu da mulher tem fitas, que lhe permitem, não apenas responder ao vento, como também indicar-lhe a fonte. Em outras palavras, a imagem simboliza um estágio de desenvolvimento da consciência no qual os poderes nascentes da mente são protegidos e influenciados por energias de origem espiritual. Isso sugere um estágio de experiência no processo de individualização. Sob uma orientação protetora, uma pessoa ainda bastante receptiva (uma mulher) está sendo influenciada por forças espirituais.

Trata-se de um símbolo de terceiro estágio, no qual vemos o primeiro e o segundo estágios dessa segunda seqüência quádrupla produzindo resultados que requerem FORMAS PROTETORAS (aquilo que uma cultura e os preceitos éticos fornecem) e SENSIBILIDADE às energias espirituais.

FASE 9 (ÁRIES A 9°): UM VISOR DE CRISTAL.

IDÉIA BÁSICA: *O desenvolvimento de uma compreensão interna da totalidade orgânica.*

A esfera de cristal simboliza a totalidade. No interior da esfera, as imagens tomam forma. Essas imagens podem revelar eventos futuros, mas, o que é mais significativo, descrevem "a situação como um todo" - a situação que se espera que o clarividente interprete. As faculdades mentais nascentes que operam por entre emoções ainda dominantes (ou incentivos culturais coletivos) agem como um poder centralizador e gerador de totalidade. A inteligência percebe, em sua concentração, a função de todo impulso interno e de eventos externos no campo aberto de uma "personalidade" ainda não nublada pelo egoísmo.

Neste quarto estágio da seqüência de cinco fases, a nova técnica exigida para o desenvolvimento da consciência individualizada é revelada: ATENÇÃO CONCENTRADA.

FASE 10 (ÁRIES A 10°): UM PROFESSOR DÁ NOVAS FORMAS SIMBÓLICAS A IMAGENS TRADICIONAIS.

IDÉIA BÁSICA: *Revisão de atitude, no início de um novo ciclo de experiência.*

Esta é a quinta fase da segunda seqüência quádrupla. Nela, vemos expressa a capacidade de reformular o problema inerente da primeira fase, isto é, o problema da focalização das próprias energias sobre os impulsos emocionais e valores culturais, que mais excluem que incluem. Os estágios sucessivos de desenvolvimento, tomados em seu conjunto, deram uma considerável contribuição a essa atitude; disso resultou o surgimento, na consciência, de um desejo de reformular, num novo nível, muito daquilo que era tido como certo em função, é verdade, de uma necessidade evolutiva original. As imagens evocadoras de emoção, bastante concretas, do passado, podem agora ser reinterpretadas como "símbolos" dotados de um alcance mais amplo de significado.

Neste quinto estágio, é descoberta uma nova dimensão de consciência, que revela possibilidades mais elevadas de experiência e de desenvolvimento mental. Trata-se de uma fase de ABSTRAÇÃO e de lealdade emocional.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 11 (ÁRIES A 11°): O DIRIGENTE DE UMA NAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O poder resultante da integração formal do desejo coletivo de ordem.*

Neste estágio do processo cíclico, este símbolo se refere ao aparecimento do ego (pessoal) como manifestação central de um tipo de "ordem" que transcende e busca dirigir os impulsos instintivos e emocionais do indivíduo particular. Na realidade, o dirigente, neste nível sócio-político e mental de integração, com freqüência é aquele que se acha dirigido pelas pressões coletivas. Não obstante, agora surgiu um desejo por um tipo mais amplo de integração. Já não se trata de uma integração biológico-impulsiva (Áries a 1°) ou emocional-pessoal (Áries a 6°), mas social-coletivo e

institucional. Neste nível do ego, as leis e o poder restritivo de uma força policial são características dominantes. Em termos psicológicos, isto significa que o princípio integrador é a limitada e mais ou menos estreita compreensão do "Eu sou". Ele se manifesta como o ego pessoal no exercício do seu desejo de controle das reações do organismo biopsíquico.

Trata-se do primeiro estágio da terceira seqüência quintupla do processo cíclico. Indica uma CENTRALIZAÇÃO DE PODER no nível de uma consciência rigidamente estruturada.

FASE 12 (ÁRIES A 12°): UMA REVOADA, EM FORMA TRIANGULAR, DE UM BANDO DE GANSOS SELVAGENS.

IDÉIA BÁSICA: *Uma confiança idealista numa imagem mental de ordem universal.*

O ganso selvagem é o pássaro místico, *hamsa*, da tradição hindu. Essa palavra, que ocorre em várias culturas (a Liga *Hansa* de cidades germânicas no final da Idade Média e *El Hanza*, fundador da Irmandade oculta dos Drusos no Líbano, durante a era das Cruzadas), sempre apresentou, pelo menos, um subtom de integração num nível expansionista, espiritual ou econômico. O *hamsa* hindu era o símbolo da alma transcendente do homem. As interpretações precedentes deste símbolo não conseguiram perceber, não apenas o fato de a revoada dos gansos representar uma notável forma geométrica em V, que se move pelo céu, como também o fato de essa revoada ser sazonal e, portanto, sintonizada com os ritmos planetários. Logo, ela simboliza a *ordem cósmica*, em contraste com a ordem sócio-política existente no interior de uma nação, representada pelo seu dirigente. Trata-se de uma ordem tornada visível sobre o pano de fundo do céu claro. É um tipo "celestial" de ordem, muito embora revelada por pássaros terrestres, graças à habilidade destes no sentido de manterem seu vôo estruturado. O símbolo, por conseguinte, refere-se à consciência da Alma, tal como visualizada pela mente orientada para o domínio celestial. No entanto, essa consciência da alma pode ser considerada transcendente, tendo em vista não ter-se tornado ainda "encarnada".

Como este é o segundo estágio da terceira seqüência de cinco fases, iniciada com a Fase II, temos de considerar aquilo que ela representa *em contraste com* o símbolo precedente. É sugerido, assim, um dualismo básico da consciência. Vemos o surgimento de um conflito potencial entre os princípios cósmico e social de ordem. O princípio da ORDEM CÓSMICA polariza a confiança demasiada humana no conceito social de lei e ordem.

FASE 13 (ÁRIES A 13°): UMA BOMBA QUE NÃO EXPLODIU REVELA UM PROTESTO SOCIAL FRACASSADO.

IDÉIA BÁSICA: status quo.

Uma avaliação imatura da possibilidade de transformação súbita do

O símbolo representa o resultado de uma tentativa particular de resolver o conflito entre dois conceitos-sentimentos- de ordem. A resolução pela violência fracassa porque a força do ego, neste estágio do processo de individualização, é por demais potente. "O Estado" provoca tentativas de revolução social porque essas tentativas são expressões prematuras de uma consciência que não se acha liberta, e que só pode reagir de forma "selvagem" à restrição e a um poder dirigente central. Trata-se, portanto, de um símbolo da recusa imatura à conformidade, em nome do desejo superidealista de harmonia e paz.

Este é o terceiro estágio da terceira seqüência quintupla. É uma tentativa negativa de reconciliação entre o ideal espiritual e a realidade demasiado terrena, negando a validade desta última. Sugere FRUSTRAÇÃO ADOLESCENTE.

FASE 14 (ÁRIES A 14°): UMA SERPENTE ENRODILHANDO-SE PERTO DE UM HOMEM E DE UMA MULHER.

IDÉIA BÁSICA: *Identificação, numa relação bipolar, com o ritmo impessoal da energia natural.*

O símbolo da Fase 4 representa um homem e uma mulher, em atitude amorosa, caminhando juntos. Neste nível (novo e estimulado de maneira mais mental), de experiência e de consciência, surge um terceiro fator: a serpente, cujo enrodilhamento representa o processo, semelhante a uma

espiral, da evolução - e não apenas "sexo", como quer o construtor de símbolos catárticos, Sigmund Freud. Podemos compreender essa imagem "triangular" - o homem, a mulher e a serpente - se estabelecermos uma relação entre ela e a imagem precedente da série, a bomba não-explodida do anarquista ou ativista. A premência por explodir alguma estrutura que de alguma forma se tornou, na mente do ativista, símbolo do *Establishment* - a elite dirigente - costuma ser o protesto de urna mente alienada e, com frequência, imatura, que *recusa o relacionamento* porque, nele, ocuparia uma posição subserviente. Neste símbolo, a serpente representa *a aceitação do relacionamento* pelos dois seres humanos polarizados.

Deve haver antes da plenificação, uma polarização. A tragédia de tantas vidas contemporâneas reside no fato de, tendo-se tornado fortemente individualizados, homens e mulheres não conseguirem encontrar seu oposto polar verdadeiramente adequado. Como não alcançaram a plenificação no nível radical das emoções humanas e forças vitalistas, eles passam a vida buscando o complemento ideal, frequentemente fantasiado de maneira gloriosa como a "alma gêmea". Essa procura pode encontrar sua expressão em vários níveis. No nível místico, temos os exemplos do "casamento espiritual" de São Francisco de Assis e Santa Clara ou, recentemente, de Sri Aurobindo e Madre Mira.

A história de Adão e Eva (em hebraico, *Ish* e *Isha* - nomes muito mais significativos!) refere-se a esse princípio de polarização, embora tenha sido virada de cabeça para baixo, pelas mentalidades clericais, para servir aos seus propósitos. Adão e Eva aceitaram a Presença, não do Tentador, mas do Individualizador, que procurava fazê-los nascer do ventre da passividade inconsciente para o Deus da Natureza. Mas o resultado da experiência os assustou. Eles se "esconderam"; fracassaram no grande teste da individualização e, *nesse sentido*, o arquétipo desse fracasso acha-se profundamente embutido no inconsciente *genérico* do homem. Ele se repete vezes sem conta.

Os "indivíduos" modernos defrontam-se com outro teste, mas não compreendem seu significado. Trata-se do teste da participação consciente polarizada no processo evolutivo — uma polarização capaz de dissolver a alienação, o isolamento e o egocentrismo. Num sentido, pelo menos, esse era o velho conceito tântrico na Índia, mas hoje muitos jovens aceitam o conceito apenas de forma superficial, deixando escapar sua verdadeira essência. Eles não podem entender o significado de *entrar na serpente*, isto é, de desenvolver a consciência cônica e a vivência transpessoal, que um dia foi caracterizada pelas palavras: "Não sou eu quem vive; é Cristo que vive em mim" — Cristo, cujo número simbólico, no Gnosticismo, é 888.

Neste quarto estágio da terceira seqüência de cinco fases, temos diante de nós uma imagem que sugere a via transpessoal para a "cosmificação" do desejo e para a aceitação consciente da polarização como solução dos problemas gerados pela individualização. Mas isso não significa necessariamente aquilo que se costuma designar por "sexo" ou a glorificação do orgasmo. Implica, antes, a **RITUALIZAÇÃO DO RELACIONAMENTO**.

FASE 15 (ÁRIES A 15°): UM ÍNDIO TECENDO UMA MANTA RITUAL.

IDÉIA BÁSICA: *A projeção, na vida cotidiana, da percepção da totalidade e da plenificação.*

Na tradição cristã, fala-se do "manto inconsútil" de Jesus. Na Ásia, fala-se da "vestimenta espiritual" dos Perfeitos. O homem que atingiu o estado espiritual está envolvido figurativamente pelo manto do universo - e, de modo mais preciso, pela Via Láctea, o Grande Manto Branco de estrelas entrelaçadas. Trata-se do tipo último de tecedura. Houve também o ato de tecer e desfazer a tecedura, de Penelope, à espera do retorno do parceiro polarizador. A mente da mulher norte-americana na qual esses símbolos tomaram forma concreta só pôde pensar em "tecelões índios". Para o homem branco, ávido de símbolos para um estado de vivência em total harmonia com o universo, o índio tradicional pode ser glorificado como a resposta ao vazio interior do habitante das cidades, empanturrado de valores artificiais. De qualquer maneira, podemos, dessa forma, *prefigurar* um futuro estado de plenitude em harmonia consciente e amor não possessivo.

Se este símbolo vem à consciência daquele que procura o significado, de forma deliberada ou por meio de um ato aleatório de revelação (tal como o ato de atirar varinhas para obter um símbolo

do I Ching), está implícito o profundo fato de cada indivíduo ter, como tarefa consciente última, a tecedura do seu "corpo imortal", do seu Manto de Glória gnóstico. Pode parecer muito místico e "fora do alcance", mas há um momento, em todo ciclo, no qual, mesmo num grau muito pequeno, todo indivíduo pode ver-se diante da potencialidade de um ato plenificador de auto-realização e pode, sempre de modo sobremaneira relativo, encontrar-se "vestido de luz" por um instante.

Este quinto estágio da terceira seqüência quádrupla de símbolos encerra a primeira das vinte e quatro "cenas". Ele nos diz que a SATISFAÇÃO DO DESEJO é uma possibilidade, em qualquer nível e por mais incompleta que sua experiência possa vir a ser.

CENA DOIS: POTÊNCIA (*Atiésalo*⁰ - *Ariesa*30°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 16 (ÁRIES A 16°): ESPÍRITOS DA NATUREZA SÃO VISTOS EM AÇÃO À LUZ DO SOL.

IDÉIA BÁSICA: *Sintonia com a potência de forças invisíveis da natureza.*

À luz da realização pessoal (símbolo do ocaso e da sabedoria), o homem pode ser capaz de estabelecer um contato vivificador com as forças naturais. Estas forças estão ativas em todo momento no qual ocorrem processos de crescimento, mas a mente individualizada do homem costuma encontrar-se tão concentrada no trabalho de estabelecer metas de modo consciente, que não é capaz de perceber concretamente a presença de forças invisíveis (ou "ocultas") em operação. Essas forças constituem um domínio específico de toda vida planetária. São inerentes a todas as "biosferas", em qualquer planeta. São energias não-individualizadas e aprisionadas, que se formam no substrato de todos os processos vitais - logo, do processo de integração no nível do planeta como um todo, isto é, o planeta *como um organismo* dotado de sistemas automáticos próprios do crescimento, da manutenção e multiplicação orgânica. Nesse organismo planetário, estas forças da natureza atuam como fatores de orientação e de equilíbrio-harmonia — de certa forma, tal como o sistema endócrino atua no corpo humano, e, por trás desse sistema, a teia mais oculta de energias dos *chakras* vinculadas ao *prona* — da energia solar. Quando essa energia se torna menos dominante — portanto, simbolicamente no ocaso —, ou quando o corpo tem suas energias enfraquecidas pela doença, pelo jejum ou pela privação dos sentidos, fica mais fácil perceber esses "espíritos da natureza" e dar-lhes formas que simbolizem o caráter de suas atividades. Essas formas variam de acordo com a imagética cultural das coletividades humanas, mantendo, não obstante, algumas características essencialmente semelhantes.

Quando atinge a consciência daquele que busca significado, esse símbolo sabeu deve ser considerado um convite para que abra sua mente à possibilidade de abordar a vida de maneira holista, não-racional e intuitiva.

Este é o primeiro estágio da quarta seqüência de cinco fases cíclicas. Ele implica um chamado à REPOTENCIALIZAÇÃO. Isso significa também o processo de "tornar-se uma criança".

FASE 17 (ÁRIES A 17°): DUAS DIGNAS SOLTEIRONAS SE ACHAM SENTADAS EM SILÊNCIO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de transformar uma falta natural de potência em estabilidade e serenidade interior.*

Temos aqui um símbolo que contrasta com o precedente. Em nossa cultura, a "solteirona" representa a mulher que se mostrou incapaz de encontrar ou aceitar o poder vitalizador do amor e a realização orgânica por meio da polarização biológica. Não obstante, o símbolo descreve *duas* solteironas, enfatizando o fato de a recusa à expressão natural do amor bipolar ter produzido uma espécie de dualismo de experiência. As duas mulheres se acham em silêncio porque esse dualismo se reveste de um caráter narcisista. A vida transformou o próprio ato de olhar para o interior em uma ação especular autocriada. Temos aqui o resultado de uma abordagem voltada para o interior, de caráter negativo, da potência. O ascético ou santo também se volta para dentro, mas aceita um tipo biológico mais elevado de polarização: homem e Deus. Assim como a atividade da natureza apre-

senta um caráter compulsivo, assim também a resistência da solteirona à realização biológica é compulsiva.

Este é o segundo estágio da quarta seqüência quádrupla. Tal como todos os segundos estágios, revela unia potencialidade que contrasta com a experiência, e que também pode ser vista como um complemento ou oposto polar, símbolo do primeiro estágio. Ele se refere ao valor de uma digna **RETIRADA PARA O INTERIOR**.

FASE 18 (ÁRIES A 18°): UMA REDE VAZIA ESTENDIDA ENTRE DUAS ARVORES. IDÉIA BÁSICA: *Uma alternância construtiva entre a atividade e o repouso.*

O símbolo refere-se à capacidade de estabelecer um equilíbrio entre a atividade vitalista exterior, e o afastamento dessa atividade, o relaxamento. O proprietário da rede está ativo, mas pode reter, em sua consciência, a imagem do repouso em meio à natureza revitalizante. O conceito de participação na marcha ininterrupta dos negócios não tem, portanto, validade. A potência pode ser preservada e os extremos evitados. Encontra-se tempo para a recuperação.

Eis o símbolo do terceiro estágio. Há nele a sugestão de um caminho intermediário entre o envolvimento completo em impulsos sociais ou instintivos e o afastamento no silêncio e no narcisismo impotentes. Implica, assim, **VIVER DE MANEIRA RITMADA**.

FASE 19 (ÁRIES A 19°): O "TAPETE MÁGICO" DA IMAGÉTICA ORIENTAL. IDÉIA BÁSICA: *Uso da imaginação criativa.*

Um modo de vida que recusa um envolvimento febril na competição social e na superprodução geradora de desperdícios permite o desenvolvimento da compreensão descomprometida e transcendental. O solo estático (tapete) no qual os pés do homem (símbolos da compreensão) repousam pode transformar-se no meio de grandes vôos da imaginação e da percepção superfísica. O período de repouso da atividade dirigida para o exterior, vinculada à normalidade coletiva, apresenta à mente criativa a possibilidade de explorar em sonhos a totalidade da atual situação social e, portanto, "ver por inteiro".

O quarto estágio da quarta seqüência de cinco estágios invoca a possibilidade de desenvolvimento de uma nova técnica de percepção, **UMA PERSPECTIVA DESCOMPROMETIDA, QUE TRANSCENDE O ESFORÇO, COM RELAÇÃO À REALIDADE COTIDIANA**.

FASE 20 (ÁRIES A 20°): UMA GAROTINHA ALIMENTANDO PÁSSAROS NO INVERNO.

IDÉIA BÁSICA: *! superação de crises por meio da compaixão.*

Os ritmos sazonais da natureza implicam uma oscilação entre viver e morrer. Por meio da imaginação criativa, o homem pode "voar sobre" o ciclo e descobrir meios não apenas de escapar da fatalidade da decadência ou privação sazonal, como também de dar assistência a outras entidades vivas para que sobrevivam a crises. Os pássaros em migração voam para o sul (cf. o símbolo de Aries a 12°), mas, ao estabelecer uma parceria com outras criaturas incapazes de escapar da privação ou da morte provocadas pelo inverno, o homem pode manter a vida do espírito (simbolizado pelos pássaros) consistente ao longo de todas as crises, *caso esteja*, tal como uma "garotinha", amplamente aberto aos estímulos do amor e da simpatia.

Neste quinto estágio da seqüência simbólica, testemunhamos a atividade humana motivada pela simpatia superando a fase sazonal da impotência. A potência vital dos espíritos da natureza alcança um nível mais alto no ser humano. O tema é a **TRANSMUTAÇÃO DA VIDA EM AMOR**.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 21 (ÁRIES A 21°): UM PUGILISTA ENTRA NO RINGUE. IDÉIA BÁSICA: *A liberação e glorificação da agressividade social.*

Encontramos aqui a potência glorificada como força muscular e desejo de poder. Como se trata da potência operando num nível de forte competição, esta pode implicar, e com freqüência o faz de fato, a possibilidade de derrota ou desfiguração. Num certo sentido, o símbolo traduz em

termos sociais a luta primordial pela sobrevivência dos mais aptos, acrescentando-lhe a avidez por fama social e poder na sociedade (isto é, dinheiro). Noutra sentença, o ringue com dois lutadores pode ser remetido ao símbolo do Tai Chi e à interação entre Yang e Yin. Cada um dos tipos de energia ganha num certo momento.

Este é o primeiro estágio da quinta seqüência quántupla de fases cíclicas. A potência e as duplas possibilidades inerentes a toda liberação de poder são vistas em operação no nível sócio-cultural e emocional. O símbolo revela o profundo sentimento humano de admiração e inveja com relação a todos os que possam produzir um PODER ARRASADOR.

FASE 22 (ÁRIES A 22°): O PORTÃO DO JARDIM DE TODOS OS DESEJOS REALIZADOS.

IDÉIA BÁSICA: *Abundância possibilitada pela união e cooperação humanas.*

Em contraste com o rústico e cruel caminho para a fama e o poder, simbolizado pelo lutador em busca de um prêmio, vemos agora um símbolo de realização obviamente bastante aberta e sem esforço. Sozinho, o ser humano mal pode sobreviver no grande drama da vida da natureza; em grupos organizados, os homens podem, no momento certo, realizar seus desejos. A vida abundante se encontra, na teoria, aberta a todos. Pelo menos esse é o ideal, o grande sonho. Este símbolo também pode receber um significado erótico, referindo-se ao mundo da mulher.

No segundo estágio desta série de símbolos, a obtenção da felicidade domina a consciência do homem cultural, de modo tanto mais válido quanto mais modestos forem os desejos. As filosofias religiosas, tal como o Novo Pensamento Norte-americano, glorificaram esse sentimento social de abundância, dando-lhe a tradução sofisticada de um ávido OTIMISMO CÓSMICO e de um culto do sucesso.

FASE 23 (ÁRIES A 23°): UMA MULHER GRÁVIDA EM LEVES TRAJES DE VERÃO. IDÉIA BÁSICA: *Fecundidade.*

A agressividade masculina e o desejo de realização da mulher (Fases 21 e 22) são integrados e concretizados na criança esperada. Essa seqüência quántupla pode ser vista em operação em vários níveis, e o terceiro termo, a criança, pode assumir várias formas emocionais e culturais. O significado básico permanece o mesmo. O verão é o período da fruição. O homem - no nível da "mulher" receptiva - colhe os frutos de sua atividade dinâmica.

Este é o terceiro estágio da quinta seqüência de cinco fases cíclicas. Ele combina os dois estágios precedentes e sugere REALIZAÇÃO INTERNA.

FASE 24 (ÁRIES A 24°): SOPRADAS PARA DENTRO PELO VENTO, AS CORTINAS DE UMA JANELA ABERTA TOMAM A FORMA DE UMA CORNUCOPIA.

IDÉIA BÁSICA: *Abertura ao influxo de energias espirituais.*

O princípio da abundância é levado a um estágio mais avançado neste símbolo tão cifrado. A fruição física é mostrada em operação num nível mais sutil e espiritual. O vento (*pneuma, espírito*) sopra pela janela-mente aberta e traz para dentro da casa da personalidade uma promessa de potência supramaterial. O vento sopra a partir de uma região de alta pressão, alcançando uma região de baixa pressão. Enquanto as cortinas da janela são sopradas para dentro, a consciência individual representada pela casa recebe um influxo mais concentrado de energias espirituais, que lhe permite estender o raio de ação de sua percepção e expressão criadora.

A mensagem que se aplica a esse quarto estágio da quinta seqüência quántupla é: o crescimento interior requer uma mente aberta e, ao mesmo tempo, capaz de fornecer um recipiente para uma colheita espiritual. A forma de cornucopia assumida pelas cortinas da janela sugere que o aspecto translúcido mais sutil da mente (a cortina) adquiriu uma qualidade plástica, que lhe permite ser MOLDADA POR FORÇAS TRANSPessoais.

FASE 25 (ÁRIES A 25°): A POSSIBILIDADE DE O HOMEM GANHAR EXPERIÊNCIA EM DOIS NÍVEIS DO SER.

IDÉIA BÁSICA: *A revelação de novas potencialidades.*

De alguma forma não especificada, o símbolo configura-se como uma garantia de que o homem pode operar com sucesso em dois níveis de consciência, desde que tenha atendido previamente à condição mencionada no símbolo anterior: "Fica aberto! Sé capaz e dispõe-te a dar forma à tua mente translúcida de uma maneira que revele realização espiritual. E serás capaz de experimentar a vida e o poder nos planos interior e exterior". A mensagem implícita é de fé. O homem só pode experimentar efetivamente aquilo que ele acredita, de modo profundo, ser capaz de experimentar.

Eis o último estágio dessa quinta seqüência quádrupla de fases cíclicas. Ele anuncia a possibilidade de um novo passo evolutivo, que ainda é, contudo, apenas uma possibilidade, uma promessa. O indivíduo encontra-se, com efeito, SUBMETIDO A UMA FASE DE EXPERIÊNCIA.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 26 (ÁRIES A 26°): UM HOMEM DOTADO DE MAIS DONS DO QUE É CAPAZ DE SUPORTAR.

IDÉIA BÁSICA: *Obsessão pela potencialidade.*

A mente que se encontra diante de um tipo de potência totalmente novo e até então não experimentado encontra, de início, dificuldades de ajustamento a esse novo mundo de percepção e possibilidades de ação. Ela pode se apressar, tomada de excitação, e perder seus haveres. Ela deve tentar alcançar um estado de atenção calma e aprender que também nesse nível há limites e restrições, isto é, leis que expressam esse novo tipo de "ordem".

Eis o primeiro estágio da sexta seqüência quádrupla de fases cíclicas. Toda essa seqüência de símbolos nos demonstra que o homem, nesse ponto da evolução, tem de mover-se com cuidado em seu novo domínio, pois sua consciência ainda não se encontra totalmente capacitada a operar nele, exceto nos termos de limites definidos de modo rigoroso. Trata-se de um símbolo de ADVERTÊNCIA - advertência contra a assunção de mais encargos do que é conveniente assumir.

FASE 27 (ÁRIES A 27°): POR MEIO DA IMAGINAÇÃO, UMA OPORTUNIDADE PERDIDA É RECUPERADA.

IDÉIA BÁSICA - *Revisão de atitude e reavaliação interior.*

O segundo estágio de uma seqüência quádrupla de fases sempre revela um contraste, mas não necessariamente uma oposição, com relação à primeira. Este símbolo torna claro o fato de a mente superestimada e obcecada por tudo aquilo que parece ser capaz de realizar em algum novo domínio da experiência poder fracassar com muita facilidade. O discípulo fracassa em seu teste, ou pelo menos, tem a impressão de ter fracassado. Na realidade, seu guru pode ter interpretado o "fracasso" como um desafio ao surgimento de uma nova capacidade; em termos gerais, essa capacidade é aquilo que denominamos "imaginação criativa". A mente deve, em primeiro lugar, "imaginar" aquilo que o discípulo será capaz de experimentar, de modo concreto, cedo ou tarde.

Neste estágio, pode haver dificuldades para distinguir entre o sucesso e o fracasso. Nada pode ser um fracasso maior do que o sucesso, dizem as pessoas. Conta apenas o desenvolvimento de uma FÉ INABALÁVEL na busca dos próprios ideais.

FASE 28 (ÁRIES A 28°): UMA GRANDE ASSISTÊNCIA CONFRONTA O PROTAGONISTA QUE LHE FRUSTRA AS EXPECTATIVAS.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de uma preparação madura e de autocrítica.*

Vemos aqui os resultados tangíveis da situação evocada pelos dois símbolos precedentes. Grandes esperanças e expectativas marcadas pela excitação não podem manter-se. Este último símbolo revela o estado de consciência do ator; neste, ele se torna plenamente consciente de ter prometido - aos muitos elementos de sua personalidade, bem como, talvez, a outros seres humanos - mais do que era capaz de realizar. A questão reside em *como lidar com essa situação*. De uma ou de outra forma, trata-se de uma situação que costuma repetir-se na vida de um indivíduo particular. O

modo pelo qual ela é enfrentada determina as futuras possibilidades de desenvolvimento e realização do indivíduo.

Este é o terceiro estágio desta seqüência de cinco fases. Está implícita aqui a necessidade de ultrapassar a "obsessão pela potencialidade" e de estar *subjetivamente envolvido* com o uso dos novos poderes. Os resultados objetivos devem ser considerados, isto é, deve-se levar em consideração o que o uso dos poderes produzirá. O indivíduo não está sozinho, pois, num certo sentido, a humanidade como um todo será afetada. Requer-se, portanto, uma inclusão objetiva do ambiente integral; assim, um sentido de RESPONSABILIDADE com relação àquilo que as próprias ações produzirão nas pessoas que tenham sido levadas a alimentar expectativas de resultados significativos.

FASE 29 (ÁRIES A 29°): A MÚSICA DAS ESFERAS. IDÉIA BÁSICA: *Sintonia com a ordem cósmica.*

No quarto estágio de uma seqüência quártupla, com freqüência é apresentada uma técnica. Essa técnica tem como base as experiências implicadas nos símbolos precedentes. Neste caso, o indivíduo que penetrou num novo domínio de possibilidades de ação deve aprender os princípios harmônicos que operam nesse domínio. A música das esferas é a incorporação celestial de princípios da interação polifônica. O avanço individual "na Senda" deve buscar o entendimento e a compreensão do seu lugar no vasto esquema da evolução da humanidade, nesse imenso Coro da harmonia do universo.

A mensagem para aquele que procura significado naquilo que esse símbolo implica é: OUVIR A VOZ INTERIOR; ouvir sem personalizar essa Voz de uma maneira produtora de esplendores. Trata-se da Voz da Totalidade, todo do qual começamos a compreender que somos uma tênue parte pequenina - e, no entanto, parte significativa, já que cada nota do Coro universal tem seu lugar significado inalienável.

FASE 30 (ÁRIES A 30°): A LAGOA DE UMA PATA E SUA NINHADA. IDÉIA BÁSICA: *A compreensão das fronteiras naturais.*

Depois do símbolo precedente, isto pode parecer um anticlimax. É mostrado aqui o fato de toda forma de atividade ter seus limites e de que mesmo a consciência que tenha sido capaz de vislumbrar a ordem universal precisa trazer, para seu próprio campo "cármico" de operação, a mensagem de harmonia ouvida interiormente. A paz e o contentamento interno com o próprio destino essencial (*dharma*) são necessários para enfrentar o mundo cotidiano. O místico pode experimentar vôos da imaginação e a visão transcendente, mas deve retornar à terra concreta e à sua tarefa no ambiente social. Por mais amplo que pareça, este ainda é bem pequeno em comparação com o campo galático; trata-se, com efeito, de uma lagoa de patos diante do oceano. Mas *nele* deve ser encontrada a substância para a ação concreta e nele deve ser focalizada cada atividade efetiva; eis por que as fronteiras impostas pela própria natureza dessa atividade devem ser objeto de aceitação consciente.

Este é o último estágio da última seqüência de cinco fases, relacionada com a Cena Dois, cuja característica é a "Potência". Este estágio leva à Cena Três, cuja "palavra-chave" é "Substanciação". A potência deve tornar-se substanciada - deve combinar-se com a substância - para ter poder efetivo. O poder deve aceitar o princípio da FOCALIZAÇÃO.

CENA TRES: *SUBSTANCIAÇÃO (Touro a 1° - Touro a 15°)*

PRIMEIRO NIVEL: ATUACIONAL

FASE 31 (TOURO A 1°): UM LÍMPIDO CÓRREGO DA MONTANHA.

IDÉIA BÁSICA: *A manifestação pura, não contaminada e espontânea da própria natureza de cada um.*

Vemos aqui a substância da vida em sua forma dinâmica original e tal como surgiu de sua fonte espiritual. Isso é verdade, qualquer que possa ser a fonte. Num certo sentido, o córrego da montanha é condicionado pela natureza do solo e por todas as forças que, no passado, formaram os estratos rochosos da montanha: quer dizer, pela história passada. No entanto, surgiu, desse passado,

uma liberação nova e pura (isto é, não adulterada) de potencialidade. Ela está pronta para realizar qualquer tarefa que seu *dharma* deva realizar.

Eis o primeiro estágio da sétima seqüência quántupla de fases. A matéria ainda se encontra imbuída de uma grande energia potencial, sendo a energia, em sua fonte, matéria. A energia flui de modo irresistível na direção do seu próprio destino. É apenas SUA PRÓPRIA NATUREZA.

FASE 32 (TOURO A 2°): UMA TEMPESTADE DE ELETRICIDADE.

IDÉIA BÁSICA: *O poder cósmico, capaz de transformar todas as implicações da existência natural.*

Neste segundo estágio da seqüência quántupla, vemos um quadro que contrasta com o do primeiro: temos, assim, uma exibição celestial de poder *versus* um claro pequeno regato de som agradável. Por trás de toda auto-expressão natural, encontra-se o tremendo poder do "campo da Alma", ele mesmo não mais do que um dos inúmeros aspectos da Palavra Criadora que é origem deste universo. Em determinados momentos, esse poder compele a personalidade natural condicionada pela terra a aceitar, talvez num estado de admiração, as potencialidades espirituais do seu destino celestial "mais elevado". Essa experiência de poder tanto pode iluminar, como abalar. O símbolo a seguir revela suas possibilidades positivas.

Este é um estágio da existência no qual está envolvida a "revelação", pelo menos sob a forma de potencialidade. A *consciência* pode ser profundamente abalada pela VISITAÇÃO, mas a *substância* do ser individual pode ser fecundada pela experiência.

FASE 33 (TOURO A 3°): DEGRAUS NATURAIS LEVAM A UM CAMPO DE TREVOS EM FLORAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A gradual expansão da consciência individual depois de uma experiência fecundante.*

Tendo sido "ativada" pela energia elétrica, a água pura do córrego da montanha torna-se capaz de fertilizar o solo, que se cobre de pequenas florações. O "trevo", todavia, costuma ser o símbolo da Tríade ("Trindade") e, por conseguinte, das freqüentemente mencionadas "três naturezas" que existem no homem. Para alcançar o florescente jardim da mente, a consciência deve avançar por degraus. O esforço é necessário. Alcança-se a exibição de uma floração simples, quase humilde e que, não obstante, é procurada pelas abelhas desejosas de produzir mel. Há doçura e energia latentes nos botões que se abrem.

Este é o terceiro estágio da sétima seqüência de cinco fases. Trata-se de um estágio no qual devemos buscar, com diligência e determinação, mas numa atitude de humildade, alcançar a REALIZAÇÃO NATURAL.

FASE 34 (TOURO A 4°): O CALDEIRÃO DE OURO QUE SE ENCONTRA NO FINAL DO ARCO-ÍRIS.

IDÉIA BÁSICA: *Riquezas advindas da vinculação entre a natureza celestial e a natureza terrestre.*

No Gênesis, o arco-íris é o símbolo da Aliança de Deus com Noé. Em todas as mitologias, expressa, de uma ou de outra forma, um processo de vinculação — ou a ponte usada por seres divinos para se comunicarem com os mortais. Aquilo que o processo de vinculação traz para a consciência individual é fugidio, da mesma maneira como o arco-íris jamais termina no local onde se está; e, no entanto, é a fonte da riqueza simbólica e da validade universal. Toda riqueza, num sentido deveras real, vem do "comércio", isto é, da combinação de mentes e de contratos, tendo como base, por conseguinte, a fé na validade de uma promessa.

Neste quarto estágio do processo quántuplo, é-nos fornecido um modo de operação, que nos lembra do símbolo do segundo estágio, "uma tempestade de eletricidade". O homem não deve deixar-se assustar em demasia diante da exibição celestial de poder, pois esta leva a um contato frutífero com seres de luz. Trata-se de um tipo natural de COMUNHÃO, que envolve transubstanciação da matéria.

FASE 35 (TOURO A 5°): UMA VIÚVA DIANTE DE UM TÚMULO ABERTO. IDÉIA BÁSICA: *A não permanência dos vínculos de caráter material e social.*

"Todos os compostos naturais se deterioram", disse o Buda. A mais bela e mais agradável substância perde sua energia potencial, por meio da contínua atualização, e o princípio da integração e da forma é retirado, deixando o Vazio — "o túmulo aberto" que põe termo a todos os apegos. O Vazio é o grande desafio: o que vem agora? Devemos começar de novo e, se possível, num nível "superior", isto é, mais abrangente, universal e menos egocêntrico.

O quinto estágio, que conclui a seqüência cujo objeto são os elementos de base e as ações e respostas essenciais, pode parecer negativo; entretanto, ele abre a porta à auto-renovação. Além do apego pessoal, eleva-se a possibilidade de participar numa esfera mais ampla de existência. Essa possibilidade raramente se manifesta, exceto quando nos encontramos prontos a DESCARTAR O PASSADO.

SEGUNDO NIVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 36 (TOURO A 6°): PONTE FORMADA POR CANTILEVERES ESTENDIDA SOBRE UMA GARGANTA PROFUNDA.

IDÉIA BÁSICA: *A conquista do isolamento por meio da cooperação num grupo.*

A pessoa que sofreu privações e solidão pode dar nova substância à sua própria vida emocional por meio da participação num projeto coletivo. Todos os grandes desafios evolutivos implicam a superação de dificuldades básicas. Deve-se dar um passo adiante; e, no entanto, um abismo confronta o homem em processo de evolução. Já não se trata de um Vazio pessoal — "um túmulo aberto" —, mas um precipício que é parte integrante da "terra" através da qual a evolução do homem deve seguir. Deve-se constituir um elo de ligação por meio do poder da mente coletiva do grupo ou da comunidade mais ampla, com base no legado do passado, para fazer uma ponte sobre a garganta.

Eis o primeiro estágio do oitavo processo quádruplo de "Substanciação". A ponte construída pelo homem a partir da habilidade coletiva dá substância à capacidade do homem no sentido de VENCER OBSTÁCULOS e de alcançar a continuidade evolutiva, bem como a expansão no espaço, e demonstra essa capacidade.

FASE 37 (TOURO A 7°): A MULHER DE SAMARIA JUNTO AO POÇO ANCESTRAL.

IDÉIA BÁSICA: *Q encontro do passado tradicional e do espírito criativo apontando para o futuro.*

O símbolo refere-se a um episódio muito importante, mas que costuma ser interpretado de forma estreita (ou distorcida), do *mythos*¹² de Cristo. No início do seu ministério, Cristo encontra uma samaritana num poço ancestral. Essa mulher pertence a uma tribo a que os judeus devotam desprezo; por outro lado, é solteira e, portanto, marginal mesmo em sua própria sociedade. Precisamente a essa classe de mulher Jesus revela ser o Messias ("sou Ele"), uma revelação que ele não fará, ao que parece, aos próprios discípulos, pelo menos *em palavras*. (As palavras, no ocultismo, são o fator criador.)

O que isso significa? Jesus, como a Manifestação que incorpora o Impulso-Cristo, veio para substituir a velha ordem tribal por uma nova ordem, baseada no Amor universal. Jesus não pode revelar sua condição espiritual, evolutiva e transformadora da sociedade a representantes da ou a homens ainda apegados à velha ordem; estes devem, com efeito, alcançar um ponto no qual possam *descobrir sua condição de manifestação* — tal como fez Pedro, diante da cena da Transfiguração. Mas, à mulher de Samaria — que, em sua abertura às premências do amor, já havia repudiado a subserviência estreita à velha ordem —, Jesus pôde revelar sua função. O mais elevado encontra o menos elevado quando este último se acha liberto dos vínculos tradicionais e aberto para o amor. O futuro criador desce primeiro àquilo que se tornou caos. Uma velha ordem jamais se acha aberta a

¹² Veja-se a discussão do *mythos* na p. 266.

uma nova Revelação enquanto não aceitar a desordem em nome daquele Poder que submete todo tipo de ordem, isto é, o Amor.

Nesse segundo estágio da seqüência quántupla, entra em cena um elemento contrastante. Já não se trata de um esforço coletivo -cultural baseado no conhecimento passado - o que ocorria no símbolo precedente -, mas de um "encontro" que introduz na situação coletiva um fator completamente novo que a transcende. É revelada UMA NOVA QUALIDADE DE SER, que torna obsoletos os velhos padrões.

FASE 38 (TOURO A 8°): UM TRENÓ NUM TERRENO NÃO COBERTO DE NEVE. IDÉIA BÁSICA: *O valor da antecipação e da preparação para condições previstas.*

Temos aqui a combinação de dois fatores: "o trenó", que é produto da habilidade tradicional (cf. o símbolo de Touro a 6°), e a habilidade de que o homem é dotado no sentido de prever e, portanto, de preparar-se para uma situação futura. Essa habilidade relaciona este símbolo com o de Touro a 7°, tendo em vista que a mulher de Samaria teve condições de receber a revelação do futuro estado da evolução humana, embora num sentido diferente e de cunho subconsciente. O homem deve estar preparado para usar o conhecimento e as aptidões do passado para enfrentar as exigências de um estágio que está por vir.

Neste terceiro estágio da oitava seqüência quántupla, devemos perceber o valor da IMAGINAÇÃO ORIENTADA PARA O FUTURO, mas também confiar na ordem natural de ocorrência de todos os processos vitais.

FASE 39 (TOURO A 9°): UMA ÁRVORE DE NATAL PROFUSAMENTE DECORADA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de produzir alegria interna em momentos de aflição.*

Nos países do hemisfério norte ou montanhosos, nos quais o símbolo da árvore de Natal foi criado, encontramos um contraste entre a árvore que fica no *exterior* - nua e normalmente coberta de neve — e a que fica no *interior* — repleta de decoração e de presentes para a família. Se seguirmos o significado do símbolo anterior, veremos que a neve caiu lá fora, mas o grupo, preparado e estreitamente unido, criou abundância, beleza e alegria *no interior*, superando a fria desolação do mundo exterior — da mesma maneira como o homem superou, noutra símbolo precedente (Fase 35), o obstáculo natural que se interpunha ao seu progresso. O símbolo de Cristo também se acha incluído, num plano secundário do símbolo - isto é, a vivida fé num futuro melhor.

Este símbolo de quarto estágio sugere a possibilidade sempre presente de transfigurar as trevas e a privação do ponto baixo de um ciclo vital mediante a encarnação da resposta antifônica que celebra os sempre recordados e esperados bons momentos da vida. Ele evoca a imorredoura FÉ NA RENOVAÇÃO CÍCLICA de que o homem é dotado.

FASE 40 (TOURO A 10°): UMA ENFERMEIRA DA CRUZ VEMELHA. IDÉIA BÁSICA: *A união compassiva de todos os homens.*

Este símbolo revela o sentimento de cooperação humana no estágio do puro altruísmo e do serviço ao Todo social. Apoiado nessa base do amor de Cristo (*ágape*, ou verdadeira camaradagem), o homem pode alcançar um nível de experiência ainda mais elevado, que se torna possível graças ao refinamento da substância do ser do homem, de sua consciência e de sua vontade. Isso vai além da imaginação e da fé no futuro - além da celebração da árvore de Natal —, já que implica a ida às trevas com o fito de levar luz e amor aos atormentados e necessitados.

Neste estágio final da seqüência quántupla, vemos aquilo que, por fim, se abre como nova potencialidade à "viúva diante de um túmulo aberto" — o símbolo final da seqüência precedente. O apego pessoal no amor a um marido ou a uma mulher mudou de nível, tornando-se uma CONSA- GRAÇÃO À HUMANIDADE.

TERCEIRO NÍVEL: *INDIVIDUAL-MENTAL*

FASE 41 (TOURO A 11º): UMA MULHER REGANDO FLORES EM SEU JARDIM.

IDÉIA BÁSICA: *Desenvolvimento dps poderes da mente, nos quais se baseia a consciência do ego.*

A natureza psicamental de um ser humano toma forma a partir da realização plena e da transcendência das funções e impulsos biológicos, de forma mais ou menos semelhante ao aparecimento e florescimento do botão quando a seiva se eleva. "A árvore se conhece pelos frutos", diz o velho axioma. A consciência se apega à sua prodigiosa florescência; dedica-lhe sua atenção, seu amor — por sinal, normalmente um tipo possessivo de amor ("Este é o *meu* jardim! "). E assim se desenvolve o ego. Ele pode desenvolver-se de forma negativa e cheia de ressentimentos, caso uma nevasca tardia destrua os botões.

Este é o primeiro estágio da nona seqüência quádrupla, uma seqüência **que** se refere, basicamente, à situação geral vinculada com o desenvolvimento do ego. A palavra-chave, aqui, é: CULTIVO.

FASE 42 (TOURO A 12º): UM JOVEM CASAL OLHANDO VITRINAS. IDÉIA BÁSICA: *O fascínio do ego jovem com os produtos de sua cultura.*

A mulher rega flores em seu jardim: eis a atenção *sintonizada com o interior* da mente que se regala em seu próprio florescer. Mas agora temos uma cena que simboliza o anseio *voltado para fora* do ego, que se polarizou e tornou-se "homem-mulher". O aspecto "homem" é a parte do ego que almeja a participação direta na sociedade e no mundo de outros egos. A participação plena requer um tipo especial de substanciação - e ainda estamos nesta Cena Três, cuja palavra-chave é "Substanciação". Roupas, bens de vários tipos, adornos e instrumentos de trabalho são exigidos. A consciência pesquisa possibilidades; estas se definem pela natureza orgânica (capacidades pessoais) e pela ambição de ser bem-sucedido na sociedade.

Este segundo estágio é definido em contraste com o primeiro. O ego toma consciência daquilo que a sociedade tem a oferecer. Sua atenção volta-se para fora. Ocorre uma interação entre o indivíduo e sua cultura. O indivíduo está sendo moldado por aquilo que vê e pelas perspectivas de crescimento em termos de prestígio social. É uma fase de SOCIALIZAÇÃO DE DESEJOS.

FASE 43 (TOURO A 13º): UM CARREGADOR LEVA PESADAS MALAS. IDÉIA BÁSICA: *Automobilização na busca de vantagens sociais.*

O "homem" de quem se falou no símbolo precedente agora se acha integrado num padrão social. Ele deve levar a carga — talvez uma carga de dívidas, depois de um ambicioso impulso de compra ou algum outro Ônus social. Ele é o homem forte, o homem ambicioso que precisa tomar cuidado com o aspecto "mulher", voltado para dentro de sua consciência. Esse aspecto procura cultivar um belo "jardim" de identidade individual.

Neste terceiro estágio da nona seqüência de cinco fases, vemos o desfecho dos dois primeiros. O relacionamento entre o ego-homem e a sociedade assumiu o aspecto de COMPULSÃO POR GANHO.

FASE 44 (TOURO A 14º): NA PRAIA, CRIANÇAS BRINCAM, ENQUANTO MARISCOS FLUTUAM NA BEIRA DA ÁGUA.

IDÉIA BÁSICA: *Retorno às alegrias simples para fins de revitalização.*

Esse quadro um tanto ambíguo sugere a maneira pela qual atividades simultâneas de natureza diferente podem preencher a mente em processo de individualização. A consciência do homem socializado opera em dois níveis, em estreito paralelismo com aquilo que acontece nas partes inconscientes da mente (isto é, o mar). As necessidades naturais prementes são semiconscientes, semiinconscientes. Elas existem numa área fronteira — a areia molhada ainda coberta parcialmente pelas pequenas ondas. As crianças brincam um pouco adiante, assimilando jogos imaginativos e, não obstante, de natureza socio-cultural. O denodado carregador cheio de bagagem deve manter-se um pouco criança algumas vezes e permitir-se a si mesmo o ficar na proximidade de premências

subconscientes mas naturais. Ele deve fazê-lo, pelo menos, até que se sinta mais seguro de si mesmo.

Este símbolo sugere que é melhor não tentai, de cada vez, mais do que é possível conseguir por meio da ambição consciente e governada pelo ego. Ele se refere ao valor de que se reveste, neste estágio, o contato estreito com as energias naturais e os prazeres simples, a atitude de VIVER E DEIXAR VIVER.

FASE 45 (TOURO A 15°): CABEÇA COBERTA POR UM ELEGANTE CHAPÉU DE SEDA, PROTEGENDO-SE DO FRIO, UM HOMEM ENFRENTA A TEMPESTADE.

IDÉIA BÁSICA: *A coragem necessária para enfrentar as crises precipitadas pela ambição social.*

O homem de chapéu de seda viu alguns dos seus esforços ambiciosos produzirem sucesso social para si; mas ela aprende, com freqüência, que "nada mais próximo do fracasso do que o sucesso". A tempestade pode estar dentro dele ou ameaçar-lhe a condição social. Ele está pronto a encará-la desafiadoramente. Isso mostra a disposição para aceitar crises e passar por elas — e, por conseguinte, um grande caráter, o solo no qual um tipo mais elevado de consciência pode desenvolver-se.

Eis o quinto e último estágio da nona seqüência quádrupla de símbolos. Implica a transição para um novo nível, no qual o indivíduo que aprendeu com a experiência demonstra uma mente efetivamente madura. É revelado aqui o CARÁTER sob circunstâncias adversas.

CENA QUATRO: CONFIRMAÇÃO (*Touro a 16° - Touro a 30°*)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 46 (TOURO A 16°): UM VELHO PROFESSOR NÃO CONSEGUE DESPERTAR NOS ALUNOS O INTERESSE PELO CONHECIMENTO TRADICIONAL.

IDÉIA BÁSICA: *A inadequação do conhecimento passado em tempo de crise.*

No decorrer desse Ato Um do processo cíclico, o surgimento de novos desenvolvimentos é enfatizado. Em época de crise - como, por exemplo, a "tempestade" enfrentada pelo homem do último símbolo analisado (Fase 45) —, o tipo de sabedoria aprendido do passado permanece no plano secundário, para ser recuperado mais tarde sob novas formas; a ênfase recai na mudança. Os conceitos tradicionais não são adequados para *confirmar* as novas condições de existência. Assim sendo, sempre que chama a atenção daquele que busca, o símbolo indica que mesmo a tradição mais consagrada não tem a verdadeira resposta para o problema.

Neste primeiro estágio da décima seqüência de cinco fases do processo cíclico, é mostrado um quadro aparentemente negativo. Do ponto de vista zen, a mente que enfrenta um problema não deve depender de conceitos passados, devendo repetir, em contrapartida: "Isso não! Aquilo não!" - até que o puro Vazio seja alcançado. Podemos falar aqui do princípio da FRUSTRAÇÃO CRIADORA.

FASE 47 (TOURO A 17°): UMA BATALHA SIMBÓLICA ENTRE "ESPADAS" E "TOCHAS".

IDÉIA BÁSICA: *Recusando-se a depender do passado, aquele que busca transforma-se em guerreiro, lutando outra vez a eterna "Grande Luta".*

Quando, tendo buscado em vão respostas para as suas perguntas, com os mestres da tradição, sentou-se sob a Árvore Bo, Gautama teve de participar da sua própria luta à sua própria maneira, mesmo sendo ela uma batalha eterna. A luz espiritual contida na Alma maior deve lutar contra a vontade do ego, que conhece, tão-somente, o modo de usar os poderes deste mundo material e intelectual. Não há como escapar; o indivíduo atrevido deve utilizar, em sua luta, a energia que surge do presente momento — o AGORA inescapável.

Este símbolo de segundo estágio sugere que a salvação é alcançada por intermédio da disposição emergente do indivíduo no sentido de enfrentar todas as questões como se houvesse apenas dois lados opostos. Assim ensina o *Bhagavad Gita*. Eis o *dharma* deste estágio da evolução humana: um estágio de POLARIZAÇÃO DE VALORES.

FASE 48 (TOURO A 18°): UMA MULHER AREJANDO UMA VELHA BOLSA ATRAVÉS DA JANELA ABERTA DO SEU QUARTO.

IDÉIA BÁSICA : *A limpeza da consciência do ego.*

Neste terceiro estágio da atual seqüência, os dois primeiros estágios devem ser considerados secundários. Os ensinamentos tradicionais referentes à natureza do homem são, de certa maneira, reconciliados com o entusiasmo juvenil que encara todo problema de crescimento como uma pendência entre o "bem" e o "mal". O símbolo sugere que o verdadeiro inimigo encontra-se dentro da mente: é o ego e seu apego às posses. A mente é mostrada tal como uma "bolsa", ora vazia e precisando ser arejada à luz do sol. Mas, antes de tudo, é preciso abrir a "janela" e esvaziar a bolsa.

A expressão "limpar as portas da percepção" tornou-se bem conhecida ultimamente. Mas é preciso limpar, ainda mais, o recipiente de imagens perceptivas — isto é, a mente do ego. A palavra-chave é PURIFICAÇÃO.

FASE 49 (TOURO A 19°): UM NOVO CONTINENTE SURGE DO OCEANO. IDÉIA BÁSICA: *O surgimento de uma nova potencialidade depois da crise.*

O símbolo requer muito poucos comentários. Depois de esvaziada a mente, tendo a luz sido chamada para purificar a consciência liberta de apegos e contaminações, pode surgir uma nova liberação de energia a partir do infinito oceano de potencialidades, o ESPAÇO Virgem. Para que essa energia será usada?

Como este é um símbolo de quarto estágio, nele encontramos a sugestão do modo de abordar toda nova fase de vida que tenha sido não apenas objeto de esperança, como também confirmada em termos concretos. A "técnica" consiste simplesmente em *permitir* que o Potencial infinito opere numa ESPONTANEIDADE irrestrita. Isso significa alcançar um estado no qual o ego consciente e racional já não se configura como fator controlador.

FASE 50 (TOURO A 20°): GRUPOS DE NUVENS EM FORMA DE ASAS FLUEM CÉU AFORA.

IDÉIA BÁSICA: *A consciência das forças espirituais em atividade.*

Toda emergência de potencialidades de vida a partir das profundezas do vasto Inconsciente recebe como resposta a atividade espiritual de forças supraconscientes num tipo cósmico de antítonia. O indivíduo que deu um novo passo em sua evolução deve buscar a "Assinatura" dos Poderes divinos, para ter seu progresso confirmado. Ela pode revelar o significado do que vem a seguir. As "nuvens em forma de asas" também podem simbolizar a presença de seres celestiais (devas, anjos), abençoando e revelando com sutileza a direção a seguir, a direção do "vento" do destino.

Este é o quinto estágio da décima seqüência quádrupla. Ele conclui um processo, depois de cuja experiência o indivíduo deve sentir-se estabelecido de maneira mais segura em sua própria natureza original, recebendo as BÊNÇÃOS de forças sobrenaturais.

SEGUNDO NIVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 51 (TOURO A 21°): UM DEDO APONTANDO PARA UMA LINHA NUM LIVRO ABERTO.

IDÉIA BÁSICA.: *Aprender a discernir aquilo que, em nossa cultura e religião, é significativo para nossa personalidade.*

Este símbolo evoca a prática tradicional de, quando necessitado de orientação, abrir ao acaso um Livro Sagrado (para os cristãos, a Bíblia) e colocar o dedo, espontaneamente, sobre um parágrafo. Somos partes de uma totalidade de caráter religioso-cultural e as totalidades têm uma mensagem para suas muitas partes, desde que estas se mostrem dispostas a submeter suas pequenas vontades ao grande significado e destino daquelas. Num sentido ainda mais amplo, a mente aberta pode aprender a detectar "assinaturas" em muitos eventos cuja ocorrência permitiu. A confiança demasiada nas simbolizações repetidas pode levar a um estado esquizoide de dependência supra-subjetiva de sinais e profecias.

Este é o primeiro estágio da décima primeira seqüência quántupla de fases simbólicas do processo geral de "Diferenciação" (Ato Um). Ao confiar na orientação fornecida pela cultura, a pessoa se identifica a si mesma com um tipo diferenciado de resposta coletiva a um ambiente particular. Trata-se de um estado de SUBSERVIÊNCIA A VALORES COLETIVOS.

FASE 52 (TOURO A 22º): POMBA BRANCA VOANDO SOBRE ÁGUAS TURBULENTAS.

IDÉIA BÁSICA :/4 *inspiração espiritual que vem ao indivíduo na superação de crises.*

Também aqui temos diante de nós um símbolo de orientação, e a pomba voando sobre águas turbulentas lembra-nos da história de Noé e da Arca. Noé enfrentou sua crise, bem como a crise da humanidade, de forma corajosa e em completa obediência às instruções de Deus. Completado o teste, recebeu a mensagem da pomba. Trata-se de uma mensagem enviada pelo Espírito Santo, anunciando uma nova Dispensação. Essa cena simbólica pode ser aplicada a crises pessoais resultantes de tormentas emocionais ou da irrupção de forças e impulsos inconscientes na consciência - caso a crise tenha sido enfrentada no espírito certo.

Este símbolo de segundo estágio está em contraste com aquele que o precede, pois, aqui, não se faz referência a um produto da cultura, um "livro", mas ao ritmo dos ciclos cósmicos, dirigidos por Deus, que revela seu último compasso por intermédio de um sinal vivo e dotado de significado concreto - UMA RECOMPENSA AOS FIEIS.

FASE 53 (TOURO A 23º): UMA JOALHERIA CHEIA DE GEMAS PRECIOSAS. IDÉIA BÁSICA:!/ *confirmação social da excelência natural.*

Devem-se distinguir dois elementos desse quadro simbólico: as gemas, resultantes de processos naturais, induzidos, com freqüência, pelo aquecimento e pela pressão vulcânicos extremos, e os trabalhos acabados de habilíssimos artesãos. As gemas em si, bem como o trabalho artístico, são altamente valorizados e dão prestígio ao proprietário das jóias. O símbolo se aplica a todo produto resultante do embelezamento ou da transformação, produzidos pela habilidade culturalmente adquirida, a partir dos resultados finais de um prolongado e rigoroso processo natural.

Eis o terceiro estágio da décima primeira seqüência quántupla de fases. Neste estágio, lidamos com o processo social que produz uma COMPROVAÇÃO DO VALOR PESSOAL.

FASE 54 (TOURO A 24º): UM GUERREIRO ÍNDIO CAVALGANDO IMPETUOSAMENTE, COM ESCALPOS HUMANOS PENDURADOS NO CINTURÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A agressividade dos instintos humanos na hita pela sua base terrena de operação.*

Na mitologia dos primórdios da América do Norte, o índio representa o "selvagem", próximo à natureza e movido pelos instintos naturais. Diga-se de passagem que nosso século tem demonstrado ser o chamado homem civilizado, sob circunstâncias muito menos imperativas, capaz de torturas e de extermínio muito mais cruéis. O símbolo vinculado ao quarto estágio parece implicar que a violência e a agressividade configuram-se como componentes básicos da natureza humana no nível das emoções, assim como de uma identificação profundamente arraigada com uma cultura particular que insiste em considerar os homens de outras culturas inimigos potenciais.

Temos aqui a confirmação do valor das diferenças entre grupos de homens. Ainda nos encontramos num período de "Diferenciação" (Ato Um do processo cíclico) e a necessidade de diferenciação do comportamento humano e dos valores coletivos ainda é muito forte. No nível emocional, o homem ao que parece ainda precisa acreditar na VIOLÊNCIA PARA SOBREVIVER.

FASE 55 (TOURO A 25º): UM VASTO PARQUE PÚBLICO.

IDÉIA BÁSICA: *O cultivo de energias naturais para uso e recreação coletivos.*

Neste estágio final da seqüência de símbolos que focaliza os valores emocional-culturais, testemunhamos os resultados positivos e marcantes do esforço coletivo do homem no sentido de viver em paz e de aproveitar momentos de descontração. O parque público é concebido e mantido para a fruição de todas as pessoas da cidade.

Eis um símbolo de FRUIÇÃO COLETIVA. O indivíduo encontra, nos produtos de sua cultura, uma melhoria emocional advinda do sentido de "pertinência" a um todo amplo, organizado e pacífico.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 56 (TOURO A 26^a): UM GALANTE ESPANHOL FAZ SERENATA PARA SUA AMADA.

IDÉIA BÁSICA: *A ritualização dos desejos individuais.*

Neste nível, vemos o jogo de valores coletivos no nível em que afetam o indivíduo particular e, na verdade, confirmam sua individualidade mediante o fornecimento de uma sólida base numa tradição. O indivíduo ainda se encontra apegado a esses valores de grupos; ele "faz parte". Não obstante, esse estado é necessário para o desenvolvimento de um são e seguro sentido de diferenciação no interior de um todo envolvente. A música e os rituais culturalmente aceitáveis do amor são produtos culturais; no entanto, cada pessoa pode usá-los para a realização espontânea dos seus próprios desejos.

Este é o primeiro símbolo da décima segunda série quártupla. Ele revela o ser humano individual utilizando sua condição pessoal para encontrar realização e um sentido de identidade social. Eis o DESEMPENHO DE PAPÉIS em sua forma mais agradável.

FASE 57 (TOURO A 27^o): UMA VELHA ÍNDIA VENDENDO ARTEFATOS DE SUA TRIBO AOS TRANSEUNTES.

IDÉIA BÁSICA - *Adaptação pacífica às necessidades coletivas.*

Em contraste com o ímpeto do seresteiro espanhol, vemos agora a face calma e sorridente de uma velha índia procurando vender os produtos tradicionais de sua cultura tribal. Ela também está funcionando no âmbito da cultura que lhe vem sustentando as atividades, ao longo da vida, e proporcionando paz pessoal e contentamento interior. Na velhice, o poder da coletividade mais uma vez se reafirma, sobrepujando o esforço, talvez fatigante, que o homem faz com o fito de reafirmar seu caráter ímpar e sua individualidade.

Neste segundo estágio da décima segunda seqüência, a mente do indivíduo em processo de envelhecimento reintegra-se pacificamente à matriz psíquica do seu grupo e cultura, num sereno AJUSTAMENTO às necessidades vitais do todo de que se sente parte fugaz.

FASE 58 (TOURO A 28^o): UMA MULHER, DEPOIS DE SUA "MUDANÇA DE VIDA", EXPERIMENTA UM NOVO AMOR.

IDÉIA BÁSICA: *! capacidade humana no sentido de elevar-se, em termos de consciência e de sentimentos, acima das limitações biológicas.*

Tendo enunciado a abordagem jovem e velha do indivíduo humano em termos do uso daquilo que sua cultura lhe proporcionou, o simbolismo acentua a capacidade humana de superação das limitações que a natureza biológica e o padrão social "normal" de comportamento tentaram impor-lhe. Tal como ocorreu em muitos símbolos precedentes, é retratada uma "mulher", já que, neste estágio inicial do processo cíclico, a consciência individual ainda está numa polaridade receptiva ou "feminina" — como o indicou, precisamente, o primeiro símbolo do ciclo inteiro (Áries ai).

Sempre que esse terceiro estágio da décima segunda seqüência manifesta-se à consciência de alguém, há a indicação de que ele ou ela deve abrir sua mente, com liberdade, à possibilidade de RECOMEÇOS sempre novos. Em termos ideais, o recomeço deve implicar uma resposta mais madura a uma nova possibilidade de experiência.

FASE 59 (TOURO A 29^o): DOIS SAPATEIROS TRABALHANDO NUMA MESA. IDÉIA BÁSICA: *O caráter dual da compreensão madura do homem.*

No simbolismo, os pés são símbolos da compreensão. A compreensão difere do mero conhecimento, pois implica, pelo menos, algum grau de identificação profunda com o objeto compreendido. Ademais, e' impossível compreender de modo pleno qualquer coisa, exceto se seu oposto for

levado em consideração. O processo mental da compreensão - e, portanto, da apreciação - implica o confronto entre dois pontos de vista. Assim a mente adquire um sentido de perspectiva. Para dispersar a sombra, deve-se iluminar o objeto que a produz (em seu próprio nível bidimensional) por intermédio de duas fontes de luz. A verdadeira compreensão dissipa toda sombra intelectual. Os "dois sapateiros" simbolizam duas formas contrastantes de abordar a compreensão de uma experiência - em especial, de uma nova experiência - e fornecem formas concretas com as quais podemos vestir e proteger a compreensão.

Eis o quarto estágio desta décima segunda seqüência. Ele revela simbolicamente a forma pela qual a mente de um indivíduo maduro trabalha numa tentativa de adquirir PERSPECTIVA; uma verdadeira perspectiva torna-se o fundamento sobre o qual se constrói uma nova abordagem da vida.

FASE 60 (TOURO A 30°): UM PAVÃO PASSEANDO PELO TERRAÇO DE UM VELHO CASTELO.

IDÉIA BÁSICA: *A exibição pessoal de dons herdados.*

Uma grande pessoa, capaz de exibir uma multiplicidade de dons, sempre é, num ou noutro nível, a consumação de um longo passado de esforços e vitórias. Como escreveu um grande ocultista: "Os adeptos são o florescimento de suas raças e culturas". O pavão é o pássaro consagrado a Venus; na tradição ocultista, os Espíritos Prometéicos que deram à humanidade animal o divino dom da inteligência autoconsciente vieram de "Vênus" — o que pode ou não referir-se ao planeta físico que nos é dado observar no céu.

Este é o símbolo final da Cena Quatro, cuja palavra-chave foi "Confirmação". Este símbolo do pavão na verdade confirma a condição social daquele que possui o legado ancestral. Indicada CONSUMAÇÃO de esforços individuais; da mesma maneira, sugere que essa consumação dificilmente quando não há uma linha de "ancestrais" - biológicos ou espirituais - formando sua base.

CENA CINCO: *DESCOBERTA (Gêmeos a 1° - Gêmeos a 15°)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 61 (GÊMEOS A 1°): UM BARCO DE CASCO TRANSPARENTE REVELA MARAVILHAS SUBMARINAS.

IDÉIA BÁSICA: *A revelação de energias inconscientes e de estruturas psíquicas submersas.*

Na segurança relativa de um "barco", um indivíduo particular aprende a ter consciência dos conteúdos até então ocultos do Inconsciente coletivo do homem -desde que esse barco (isto é, seu ego, que o distingue da psique coletiva planetária da humanidade) tenha um casco transparente. A mente consciente deve ter-se tornado, pelo menos em parte, translúcida. Essa transparência não é uma abertura direta. A janela da mente permanece fechada, mas, através dela, o indivíduo pode perceber o exterior — "exterior" significa, aqui, as camadas profundas da psique, que se encontram abaixo do nível normal de consciência.

Neste primeiro estágio do processo de "descoberta", podemos falar, tão-somente, de visão, e não de identificação. Trata-se de um sentimento de admiração: "Eu não sabia que isso podia existir! Que beleza!" ou "Que excitante!". UMA NOVA DIMENSÃO DA REALIDADE é captada por aquele que busca com mais afinco.

FASE 62 (GÊMEOS A 2°): PAPAÍ NOEL ENCHENDO FURTIVAMENTE MEIAS PENDURADAS NA FRENTE DA LAREIRA.

IDÉIA BÁSICA: *recompensa da fé nas bênçãos espirituais.*

A alegoria popular faz referência às bênçãos espirituais concedidas aos "puros de coração", cuja consciência é comparada à de uma criancinha. Polarizada pela expectativa e pela fé fervorosas na existencia de Poderes celestiais, a consciência pura, ainda não solidificada pelo ego e pelos argumentos racionalistas, experimenta a manifestação concreta daquilo que imaginou. Neste símbolo, Papai Noel age "furtivamente". Os presentes dados por um mundo espiritual imaginado e objeto de uma intensa fé não devem ser examinados com muita proximidade ou prolongadamente pelo in-

telecto racional. O futuro clarividente é alertado para não olhar de modo direto e intencional aquilo que começa a "ver"; ele deve, em vez disso, dirigir olhares oblíquos, tendo em vista que a mente focalizada de modo intenso pode fazer a aparição esfumar-se.

Neste segundo estágio da décima terceira seqüência quántupla, temos, mais uma vez, um símbolo que contrasta com o do primeiro estágio. Para descobrir os prodígios das camadas profundas, normalmente inconscientes da psique coletiva, o indivíduo deve construir o tipo adequado de veículo (um barco de fundo transparente); mas a recepção de novas bênçãos do reino espiritual que se acha acima de nós (o supraconsciente) requer, principalmente, fé e pureza de coração, bem como um tipo comum de compreensão (meias) - eis, portanto, um estado de INOCÊNCIA.

FASE 63 (GÊMEOS A 3°): O JARDIM DAS TULHERIAS, EM PARIS.

IDÉIA BÁSICA: A formalização dos ideais coletivos por meio da aplicação da razão e da ordem a aspectos recém-descobertos da natureza.

Os jardins das Tulherias e de Versalhes são representações típicas do espírito clássico e de sua necessidade de ordem e simetria. O reinado do rei francês Luís XIV, que se seguiu à Renascença, foi um período marcado pela excitação decorrente do surgimento de um novo espírito de descoberta, assim como por problemas internos. Foi necessária a ocorrência de uma reação destinada a consolidar os ganhos obtidos pela mente coletiva do homem europeu. Essa consolidação costuma levar ao extremo oposto, isto é, à formalização e, com freqüência, à cristalização intelectual estreita de conceitos dualistas.

Neste terceiro estágio da décima terceira seqüência quántupla de fases cíclicas, vemos os conteúdos do primeiro e do segundo estágios levados a um estado de conceituação clara e lúcida, se bem que formalizada. O doador de dons divinos, Papai Noel, tornou-se o autócrata paternalista, rei por "direito divino". O caloroso círculo familiar que celebra o nascimento do Libertador das trevas invernais ora se tornou a Corte do rei, regida por rígidos rituais. Há clareza, mas também há centralização no ego e o culto do FORMALISMO.

FASE 64 (GÊMEOS A 4°): AZEVIM E VISCO REACENDEM VELHAS LEMBRANÇAS DO NATAL.

IDÉIA BÁSICA: Anseio pelo estado pré-intelectual de consciência.

O intelecto gerido pelo ego se apropriou de tudo que havia sido visto pela mente translúcida (o "barco de casco transparente") e lhe deu uma forma lógica e racional. Não obstante, velhas lembranças da infância e de uma ingênua fé por vezes irrompem na consciência. São evocadas por aquilo que resta das imagens ancestrais que um dia tiveram grande vitalidade e poder (o visco era sagrado entre os druidas). O azevim, com seu brilhante contraste entre o vermelho e o verde, recorda um sentido mais primitivo e mágico de cor, como o exemplifica a arte tibetana. Uma nostalgia com relação a valores mais naturais e orientados pelos sentimentos apresenta tendência de levar a um movimento de protesto — por conseguinte, a uma intensificação das emoções da personalidade individual ou ao Movimento Romântico, que sucedeu ao período europeu pós-clássico e pós-racionalista.

Este é o quarto estágio da décima terceira série. Ele relembra o quarto estágio da oitava seqüência (Fase 39, Touro a 9°), simbolizada por "uma árvore de Natal profusamente decorada". Mas a vivida experiência da infância tornou-se, agora, apenas uma lembrança nostálgica ou obsessiva. Ele anuncia o ressurgimento de valores e aspirações mais profundos, que haviam sido obrigados a retornar ao inconsciente coletivo. A ênfase recai, aqui, no valor dos arquétipos, baseados na tradição, no decorrer do processo de "descoberta", um RETORNO À ORIGEM. O contato com os arquétipos pode, não obstante, levar a situações explosivas.

FASE 65 (GÊMEOS A 5°): UMA REVISTA REVOLUCIONÁRIA CONCLAMANDO À AÇÃO.

IDÉIA BÁSICA :A tendência explosiva dos sentimentos reprimidos e das emoções de base.

Todo movimento que imprima uma acentuação excessiva numa dada direção provoca, com o tempo, um movimento igualmente extremo na direção oposta. Isso é especialmente verdadeiro no nível da mente dualista, simbolizada no zodíaco por Gêmeos. Aquilo que é submetido a rígidas limitações em termos de forma e de convenção tende a explodir, gerando a ausência de forma. Pode fazê-lo de modo bastante violento, se for oprimido socialmente — por meio de uma revolução — ou, no nível psicológico, provocando o aparecimento de uma psicose; pode, da mesma forma, refugiar-se internamente num estado místico no qual nos identificamos com uma Realidade não passível de formulação.

Este quinto estágio vincula-se ao primeiro, pois a experiência de um mundo do ser até agora não percebido pela consciência cotidiana é o fator que inicia o processo. Nesse mesmo sentido, uma experiência psicodélica pode tornar a mente momentaneamente transparente a um reino de consciência não estruturada pelo ego, podendo levar a uma tentativa segura de compreensão daquilo que foi revelado de uma Realidade transcendente. Quer a ação revolucionária seja violenta ou pacífica, amargamente ressentida ou amorosa, o desejo que prevalece é de **ULTRAPASSAR AS FORMAS ESTABELECIDAS**.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 66 (GÊMEOS A 6°): TRABALHADORES FAZENDO PERFURAÇÕES À PROCURA DE PETRÓLEO.

IDÉIA BÁSICA - *Avidez pela classe de conhecimento que assegura riqueza e poder.*

Considerado superficialmente, este símbolo pode ser remetido ao impulso insaciável do homem moderno pelo poder e pela riqueza, á sua disponibilidade para aceitar o risco de fracassar. Mas o símbolo tem um significado mais profundo, em especial se relacionado com o símbolo a seguir. O petróleo é o resultado final da degradação de matérias orgânicas. Perfurar o solo em busca de petróleo pode representar • a tentativa de penetrar nas camadas profundas do Inconsciente coletivo e de reavivar os poderes da psique arcaica que outrora floresceram — por exemplo, na magia verdadeiramente cerimonial do mundo tribal, talvez entre os adeptos dos decantados atlantes ou mesmo entre os xamãs e feiticeiros de épocas mais recentes. Os poderes arcaicos podem ser "refinados" para situações modernas, mas o resultado quase inevitável é a liberação de nocivos resíduos, "poluição". E há uma poluição da consciência, assim como há a da atmosfera que o homem respira.

O signo zodiacal de Gêmeos tem, basicamente, o significado de curiosidade insaciável e avidez por conhecimento; é, logicamente, um signo "humano" (os Gêmeos). Um dos Gêmeos tende a buscar o poder e o conhecimento do passado ancestral; o outro, a descobrir a fonte viva de força e de sabedoria que se encontra num constante processo de preenchimento, realizado por meio do deramamento celestial da Consciência Espiritual e do amor (cf. o símbolo a seguir). Fazem parte da natureza humana, diga-se de passagem, emoções e desejos potencialmente negativos.

Este é o primeiro estágio da décima quarta seqüência quádrupla de fases cíclicas. Lida com a reação- emocional e, no atual nível de evolução, socialmente celebrada, da maioria dos seres humanos ao atingimento de novas formas de conhecimento, isto é, a **AMBIÇÃO**.

FASE 67 (GÊMEOS A 7°): UM POÇO COM BALDE E CORDA À SOMBRA DE MAJESTOSAS ÁRVORES.

IDÉIA BÁSICA: *A fé primordial do homem no poder sustentador oculto da vida.*

Em contraste com o ambicioso impulso do homem moderno, em sua ânsia de poder e riqueza, temos agora a imagem da eterna busca daquilo que se encontra na raiz de todos os processos vivos, isto é, a água. Essa busca também requer algum esforço - o de levantar o balde cheio de água -, mas esse esforço é simples e natural, feito à sombra de árvores, que comprovam a presença do líquido doador de vida. Essa presença depende da cooperação do céu (chuva) e da terra (formação geológica capaz de reter a água), devendo o homem desenvolver o sentido intuitivo que lhe permita senti-la e torná-la eficaz em sua vida cotidiana. Ele deve sentir a realidade oculta que preserva, para o uso de todos os organismos vivos, essa dádiva do "céu", a chuva abundante.

Neste segundo estágio da décima quarta seqüência quántupla de fases cíclicas, o poder das energias coletivas e bioespirituais, que sustentam todas as culturas cujas raízes se acham fincadas na terra, é enfatizado, sendo contrastado com tudo aquilo que a mente tecnológica do homem possa tornar disponível para aumentar seu próprio conforto, bem como seu domínio sobre a matéria. O símbolo implica UMA CONFIANÇA FUNDAMENTAL NA, E A COOPERAÇÃO COM A, VIDA.

FASE 68 (GÊMEOS A 8º): GREVISTAS EXALTADOS CERCAM UMA FÁBRICA.

IDÉIA BÁSICA: *O poder destruidor da mente ambiciosa sobre a totalidade orgânica do relacionamento humano.*

Estamos lidando, nesta seqüência de símbolos, com a descoberta humana dos novos poderes que residem em sua contribuição especial para o organismo total deste planeta Terra — sua consciência e sua mente agressiva. O primeiro estágio (Fase 66) tratou do petróleo, a forma típica de energia que a mente moderna tornou disponível. (Esses símbolos foram revelados antes de a energia atômica sequer ser concebida como realidade prática.) Agora vemos, neste novo símbolo, uma indicação pictorial daquilo a que a utilização dessa energia produzida pelo intelecto leva: o descontentamento e a violência na área industrial. No momento em que o homem consegue violentar a terra para demonstrar seu poder e intensificar seus prazeres e seu sentido de orgulhoso domínio, são inevitavelmente iniciados conflitos e processos destrutivos.

A exaltação é apresentada aqui em sua forma social coletiva, porque atingimos o nível emocional-cultural. O tipo de poder gerado pelas faculdades intelectuais analíticas é essencialmente destrutivo; tem como base a destruição da matéria, convidando à acumulação e à espoliação egocêntricas - e, em geral, a privilégios de um ou de outro tipo. Isso leva a uma REVOLTA CONTRA OS PRIVILÉGIOS.

FASE 69 (GÊMEOS A 9º): UMA ALIAVA CHEIA DE FLECHAS.

IDÉIA BÁSICA: *A relação agressiva do homem com a vida natural como base da sobrevivência e da conquista.*

O arco e as flechas representam simbolicamente a capacidade do homem no sentido de estender o alcance de sua conquista da natureza, bem como de matar os inimigos, a fim de construir uma base mais ampla para o desenvolvimento de uma cultura e de uma sociedade organizada. Implícita no símbolo da flecha, está a perfuração de um alvo. A mente do homem é essencialmente um poder transperfurador: ela passa *por dentro* do objeto para o qual é apontada. Ela busca passar por dentro, e ir além, do obstáculo que encontra em seu caminho, o que costuma ter como implicação a destruição desse obstáculo. Num nível mais elevado - a prática do arqueiro zen, por exemplo -, o obstáculo é o ego.

Neste quarto estágio da décima quarta seqüência de cinco fases do processo cíclico da existência humana, é-nos mostrado o símbolo arquetípico do Homem, o Conquistador, rode ser uma conquista da natureza exterior ou dos impulsos instintivos e do poder limitador do ego. Trata-se, em todos os casos, de CONQUISTA.

FASE 70 (GÊMEOS A 10º): UM AVIÃO FAZENDO UM MERGULHO DE NARIZ.

IDÉIA BÁSICA: *Uma capacidade superior de desafiar a natureza e de brincar com o perigo.*

Por meio do uso controlado de poderes mentais, o homem é capaz de desafiar a mais básica força natural: a gravidade. Ele gosta de brincar com ela como um domador de leões com seus violentos animais. Mas aquilo que desafia se encontra tanto no seu interior como fora dele. A gravidade é a força construtora universal do mundo material. Ao desafiar-la, o homem faz sua preparação para ultrapassar o domínio físico e atingir domínios mais elevados da existência. Ele pode perder a batalha, mas essa perspectiva torna o esforço mais excitante. Ele pode alcançar a "imortalidade".

Eis o estágio final da décima quarta seqüência. Seu símbolo é dotado de um forte sentido de finalidade. Não há possibilidade de meias medidas; o homem está comprometido, de maneira irre-

vogável, com o sucesso ou com o fracasso - pelo menos na qualidade de mente consciente e auto-confiante. As alternativas são muito claras. Podemos descrever este estágio como MENTE VERSUS MATÉRIA ou corno a vontade do Homem contra o destino, que a gravidade simboliza de maneira tão adequada.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 71 (GÊMEOS A 11°): TERRAS DE EXPLORAÇÃO RECÉM-INICIADA OFE-
RECEM AO PIONEIRO NOVAS OPORTUNIDADES DE EXPERIÊNCIA.

IDÉIA BÁSICA: *O poder e o prazer dos novos começos.*

Essas "terras de exploração recém-iniciada" podem referir-se a todo campo ainda não experi-
mentado de atividade potencial, em qualquer nível — material, emocional, mental ou supramental. Lidamos agora com o terceiro nível de experiência, no qual a individualidade - ou, pelo menos, o caráter do ego - opera de modo mais definido. Nas fases precedentes, os inúmeros comentários a respeito dos poderes da mente supunham uma mente baseada, essencialmente, nos padrões coletivos de uma cultura e de uma sociedade; agora, neste terceiro nível, encontramos o ser humano engaja-
do, em termos essenciais, em sua luta pessoal e particular pela plena e efetiva individualização. E a percepção inicial que ele tem de experimentar é a de que alcançou um campo potencialmente virgem de consciência e de atividade. Ele se encontra diante do não-familiar. Tudo pode acontecer.

Este é o primeiro estágio da décima quinta seqüência quádrupla de símbolos. Tendo conquista-
do, pelo menos em alguma medida, as energias coletivas e materiais da natureza e da sociedade, o homem tornou-se um tanto "apartado" do passado. Ele encara o futuro. Todo passo à frente mostra-
o ELEVANDO-SE À ALTURA DA SITUAÇÃO.

FASE 72 (GÊMEOS A 12°): UMA GAROTA NEGRA LUTA PELA INDEPENDÊNCIA
NA CIDADE.

IDÉIA BÁSICA: *Libertação dos fantasmas do passado.*

Enquanto as "terras de exploração recém-iniciada" oferecem, teoricamente, um terreno virgem para a experiência, é fato que os homens e mulheres que as alcançam encontram-se condicionados pelo seu próprio passado. Eles trazem os fantasmas de suas vidas anteriores, bem como as memórias dos padrões sociais coletivos com os quais haviam identificado seus egos. Todo novo começo se encontra cercado de fantasmas (ou do carma pessoal e social). A luta racial pela igualdade de oportu-
nidades deve seguir, mesmo sendo essa igualdade garantida oficialmente pela lei. A luta é interior e assume muitas formas. Os puritanos levaram, para o teoricamente "Novo Mundo", os temores, o fanatismo e a agressividade de sua existência européia; e esses elementos com freqüência assumiram uma condição mais virulenta sob as condições encontradas no Novo Mundo. Mas nenhum campo de atividade jamais é totalmente "virgem". Cada um deles conta com seus habitantes, que se apegam às suas posses e privilégios. Todo aquele que busca ser um verdadeiro indivíduo deve libertar-se do passado.

Neste segundo estágio, temos o tipo contrastante comum de símbolo. As novas terras têm sua exploração iniciada, mas encontram-se cheias de vidas, estando a mente do pioneiro cheia de fantasmas, çreconcepções e preconceitos ou expectativas. Há necessidade de uma total LIQUIDAÇÃO do passado: mentes virgens para tenas virgens.

FASE 73 (GÊMEOS A 13°): UM FAMOSO PIANISTA FAZENDO UM RECITAL.

IDÉIA BÁSICA: *A realização individual na execução de uma função social à qual está associado um certo prestígio.*

Tendo penetrado na trilha da experiência individualizada, que o leva a aproximar-se de reinos mais amplos ou mais elevados da inspiração suprapessoal, o indivíduo particular é capaz de tornar-se, ele mesmo, uma fonte de inspiração, um agente do Homem e dos Poderes formadores que orientam a evolução humana. Seu papel consiste em mobilizar emoções, apresentar aos outros uma imagem daquilo que, para a maioria das pessoas, está além de suas medíocres e túbias respostas ao desafio de ser "mais do que homem" — experimentar de maneira mais intensa e ver mais longe. Eis

o papel do verdadeiro e ideal "virtuoso" (*vir* significa força, virilidade; daí é gerada "virtude") e, num sentido de alcance mais amplo, da Manifestação cujo exemplo fascina os seres humanos, levando-os a deixarem o passado para trás e a se aventurarem em novos domínios da experiência.

Neste terceiro estágio, vemos a síntese dos significados dos dois símbolos precedentes. O indivíduo penetra em novos domínios e desafia com sucesso os temores, a insegurança e a falta de autoconfiança que exibia, no passado, *em si mesmo* - todas as atitudes negativas que, embora condicionadas pelo ambiente social, ficaram gravadas na consciência. Tendo alcançado essa libertação, o indivíduo pode trazer para o ambiente o poder gerado pela autodisciplina, pela habilidade e pela autoconfiança. Ele se tornou, pelo menos em termos potenciais, uma FONTE DE INSPIRAÇÃO.

FASE 74 (GÊMEOS A 14°): SUPERANDO O ESPAÇO FÍSICO E AS DISTINÇÕES SOCIAIS, DOIS HOMENS COMUNICAM-SE TELEPÁTICAMENTE.

IDÉIA BÁSICA: *! capacidade de transcender as limitações da existência corporal.*

Para funcionar no mundo das entidades materiais, o homem precisa focalizar as energias de vida num organismo limitado e numa mente-ego, formada pelas pressões de uma cultura particular e de um ambiente familiar. No entanto, chega um momento em que o indivíduo ainda pode ultrapassar as fronteiras limitadoras da cultura e do ego. Deve então fazer um esforço para penetrar num domínio da consciência no qual a comunicação mente a mente pode assumir uma forma mais direta, *porque* as mentes operam, nele, no interior da Mente Una da humanidade. É como se duas células do corpo humano se estivessem comunicando entre si, talvez por intermédio de alguma espécie invisível de canal nervoso ou, por assim dizer, de núcleo a núcleo, através da ressonância vibratória.

Neste quarto estágio da seqüência de cinco fases, vemos os pioneiros da evolução humana diante da potencialidade de uma nova técnica a sei utilizada nas "tenas de exploração recém-iniciada". Trata-se de uma TÉCNICA DE TRANSCENDÊNCIA. Ela também pode, evidentemente, trazer confusão e muitos fracassos, bem como alegações ilusórias e decepção.

FASE 75 (GÊMEOS A 15°): DUAS CRIANÇAS HOLANDESAS CONVERSAM ENTRE SI, TROCANDO CONHECIMENTOS.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de esclarecer as próprias experiências por meio de contatos reais com indivíduos que pensem da mesma maneira.*

Este símbolo acrescenta algo vital ao precedente. As experiências transcendentais e as faculdades paranormais devem ser testadas e esclarecidas através de meios normais e coletivamente experimentados de comunicação — o que pode significar: por meio de procedimentos científicos. As "crianças holandesas" parecem ter sido introduzidas pela mente subconsciente da formuladora do símbolo em razão de uma associação com a lisura e o espírito aberto de discussão que prevalece na Holanda. Elas são "crianças" porque as novas experiências ainda são muito frescas e requerem esclarecimentos; isso exige uma mente "limpa" e aberta, ansiosa por testar aquilo que é experimentado numa troca de pontos de vista com os pares.

Este é o último estágio da décima quinta seqüência quádrupla de símbolos. Ele fecha a cena da "Descoberta". Toda descoberta deve ser testada, devendo ter sua validade verificada. Nas velhas culturas tribais, os "grandes sonhos" de um homem eram aceitos como válidos e produziam uma ação correspondente apenas quando os companheiros de tribo tivessem um sonho semelhante. A necessidade de OBJETIVIDADE tem de ser satisfeita; isso implica a confirmação de tudo que for compreendido subjetivamente a partir de alguma experiência semelhante. Implica ainda o tipo de dualismo inerente a todas as experiências, assim como conceitos, de natureza mental.

CENA SEIS: EXTERIORIZAÇÃO

(*Gêmeos a 16° - Gêmeos a 30°*)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 76 (GÊMEOS A 16°): UMA ATIVISTA DRAMATIZA, NUM EMOCIONADO DISCURSO, SUA CAUSA.

IDÉIA BÁSICA: *Uma resposta apaixonada a uma experiência nova profundamente sentida.*

Aquilo que foi "descoberto" não apenas precisa ser discutido e testado por meio de um intercâmbio intelectual que lhe permita ser formulado, como também requer a "exteriorização". Isso implica o ato de lidar com aqueles que ainda não estão cômicos do novo conhecimento ou da nova compreensão. É necessário haver um público, que deve ser convencido; sua resistência inercial à mudança deve ser superada. Isso costuma requerer uma dramatização emocional das questões envolvidas. Aqui, mais uma vez, tal como no próprio início do ciclo (Áries a 1°), é descrita uma mulher, que tem como significado uma pessoa que depende dos sentimentos e das imagens veementes para abalar o público receptivo.

Este é o primeiro estágio da décima sexta seqüência quántupla do processo cíclico. Lidamos agora com a exteriorização do impulso original - isto é, a saída do vasto oceano de potencialidades que constitui a natureza humana em todos os níveis. Está em jogo um processo de comunicação de novas experiências. A mente é chamada a realizar sua tarefa, mas primeiro vem a ação da mente que é violentamente transformada e que tenta transformar outras mentes por meios violentos, a MENTE PROSELITISTA.

FASE 77 (GÊMEOS A 17°): A CABEÇA DE UM JOVEM ROBUSTO TRANSFORMA-SE NA DE UM PENSADOR MADURO.

IDÉIA BÁSICA: *A transformação da vitalidade física no poder de construir conceitos e formulações intelectuais por intermédio dos quais o conhecimento possa ser transferido.*

Enquanto, no símbolo precedente, vemos a liberação explosiva de impulsos gerados por uma nova forma de perceber o que é certo e errado — a forma "mulher", controlada pelos sentimentos —, vemos agora um quadro de um processo de calma e consistente metamorfose de energia biológica em poder mental, que pode ser visto simbolicamente com a forma "homem". O simbolismo pode parecer ultrapassado em nossos dias, mas as duas abordagens contrastantes de comunicação de novas experiências permanecem evidentes, seja qual for a maneira de simbolizá-las.

O segundo estágio da décima sexta seqüência, tal como acontece em praticamente todos os casos, apresenta um contraste com relação ao primeiro. Temos representada a transformação de emoções em mente, de instintos em pensamentos - um processo de METAMORFOSE MENTAL.

FASE 78 (GÊMEOS A 18°): DOIS CHINESES CONVERSAM EM SUA PRÓPRIA LÍNGUA NUMA CIDADE NORTE-AMERICANA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de a mente manter sua independência do ambiente físico em que se encontra, a fim de concentrar-se em seus problemas especiais.*

Os indivíduos que penetraram num novo domínio de atividade costumam ver-se alienados do ambiente social em que se encontram. Num certo sentido, eles "vivem no mundo" (o mundo dos homens comuns, ainda presos às buscas terrenas e biológicas corriqueiras), mas "não são do mundo". Eles costumam buscar companheiros que dominem sua própria linguagem. Pode ser uma "velha" linguagem, a linguagem da sabedoria, e não do conhecimento. A cultura chinesa é muito mais antiga que a das massas norte-americanas, que correm freneticamente em cidades infestadas pela avidez.

Este terceiro estágio do processo revela aquilo que pode ocorrer quando o indivíduo desenvolve novas capacidades de experiência capazes de habilitá-lo a abrir o vasto reservatório da mente planetária do Homem. Para o homem comum, ele parece falar uma língua estrangeira. Ele experimenta um processo de ISOLAMENTO; e, no entanto, nunca está efetivamente sozinho. Aqui e ali, encontra quem possa entendê-lo.

FASE 79 (GÊMEOS A 19°): UM GRANDE VOLUME ARCAICO REVELA UMA SABEDORIA TRADICIONAL.

IDÉIA BÁSICA: *O contato com a Mente planetária integralmente humana que subjaz em toda mentalidade cultural e pessoal.*

A tradição oculta diz que todas as manifestações cíclicas da mente humana tiveram uma Fonte primordial de revelação. Fala de livros antigos, feitos de folhas de papiro especialmente tratadas,

que veiculam, por meio de símbolos, os processos arquetípicos que se acham na raiz de toda existência terrena (veja-se *A Doutrina Secreta* de Blavatsky)¹³. Esses volumes, que, segundo se afirma, permanecem nas mãos de determinados Adeptos, constituem a "exteriorização" do conhecimento e da sabedoria arquetípicos. Contêm as "idéias-sementes" a partir das quais a mente humana brota, produzindo ciclicamente culturas de vários tipos.

Este símbolo de quarto estágio evoca a "técnica" por meio da qual a mente humana pode descobrir os fundamentos de sua natureza e adquirir aquilo que podemos denominar CONHECIMENTO-SEMENTE da estrutura das manifestações cósmicas e cíclicas da vida neste planeta.

FASE 80 (GÊMEOS A 20°): UM MODERNO RESTAURANTE EXIBE UMA ABUNDÂNCIA DE ALIMENTOS, PRODUZIDOS EM DIVERSAS REGIÕES.

IDÉIA BÁSICA: *A assimilação do conhecimento multifário por meio do poder sintetizador da mente.*

Do Um vem o Muitos, no momento certo. A Fonte Original dá origem ao córrego da montanha, o qual, reunindo em si o fluxo da água da chuva, torna-se o grande rio em torno do qual as cidades são edificadas. Isso, por sua vez, polui o rio em seu curso na direção do vasto oceano. Este símbolo moderno expressa o fato de o homem, agora próximo do final de um ciclo cultural, ser capaz de reunir alimentos — mentais e físicos — de muitas regiões do globo. Essa dieta ganhou fundações que se estendem por todo o planeta; a história nos diz que a procura por sal e especiarias e, mais tarde, por mercadorias raras, nas regiões vizinhas, deu ímpeto ao comércio mundial; e assim, por fim, à consciência planetária. Os resultados podem ser a saciedade e a indignação, bem como a confusão mental provocada pela falta de discriminação,

Eis o último símbolo da décima sexta seqüência quártupla. Como ocorre com freqüência, também este quinto estágio implica um certo tipo de síntese ou, pelo menos, uma preparação que leva a um novo nível. A palavra-chave aqui é, com efeito, ASSIMILAÇÃO; a potencialidade negativa do símbolo é DESPERDÍCIO.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 81 (GÊMEOS A 21°): UMA TUMULTUADA MANIFESTAÇÃO TRABALHISTA.

IDÉIA BÁSICA: *O impacto revolucionário de conceitos mentais sobre as emoções e desejos humanos coletivos.*

Este símbolo forma um paralelo com o que deu início ao processo de "exteriorização" (Gêmeos a 16°), mas o processo é visto aqui operando definitivamente no nível das respostas coletivas. A massa de homens se rebelou graças a imagens mentais, *slogans* e um apetite pela abundância que a "classe dirigente" aproveita. Isso também se aplica ao indivíduo particular, no qual esferas contrastantes de atividade tomaram forma como resultado do processo de individualização baseado na mente. As funções orgânicas fazem suas exigências coletivas ao intelecto senhorial. Pode ser montado o palco para o tipo de "revolução" que conhecemos por psicose.

Isto dá início à décima sétima seqüência quártupla de símbolos. É montado o palco para um processo tumultuoso, que pode levar a uma nova abordagem dos problemas resultantes da individualização. Os instintos oprimidos ou reprimidos põem em cena uma EXPLOÇÃO EMOCIONAL, pedindo o que lhes é devido.

FASE 82 (GÊMEOS A 22°): CASAIS DANÇAM NUM FESTIVAL DE COLHEITA.

IDÉIA BÁSICA: *O saudável desfrute dos processos orgânicos e dos impulsos emocionais.*

Temos mais uma vez uma imagem em contraste frontal com a primeira imagem da série. Saindo da cidade construída pela mente, onde trabalhadores reivindicam uma esfera mais ampla de abundância social, vamos para o campo, onde homens e mulheres vivem numa harmonia muito maior com os processos naturais e sazonais. Os dois pólos de uma sociedade sadia - a grande cidade

¹³ * Publicada pela Pensamento em seis volumes.

industrial e o povoado agrícola — devem ser incluídos; da mesma maneira, os dois pólos de uma personalidade saudável — a mente e as emoções naturais — devem estar ativos.

Este é o segundo estágio contrastante da décima sétima seqüência de cinco símbolos. Ele acentua o valor da atividade rítmica e saudável num ambiente natural, pois isso leva a um processo, com freqüência muito necessário, de RECONSTITUIÇÃO BIOENERGÉTICA.

FASE 83 (GÊMEOS A 23°): TRÊS PÁSSAROS RECÉM-EMPLUMADOS NUM NINHO FEITO NO ALTO DE UMA ÁRVORE.

IDÉIA BÁSICA: *O crescimento de processos criadores de cunho espiritual numa mente que alcançou pelo menos um grau relativo de integração.*

No simbolismo tradicional, os pássaros costumam referir-se a forças espirituais ou, pelo menos, aos aspectos mais elevados e livres da mente. Aqui vemos apenas o começo de um processo que se passa naquilo que também poderíamos denominar o "compartimento superior" da consciência, no qual o poder criador do espírito pode ser recebido e assimilado. Fecundado pelo espírito sustentado por uma tradição vitalista e de raízes culturais profundamente fincadas, o homem pode desenvolver, de forma gradual, uma personalidade integral. Trata-se de uma personalidade essencialmente tríplice, que reflete a Divina Trindade, expressa, na Índia, como Sat-Chit-Ananda.

Este é o terceiro estágio de um processo que deve levar a uma compreensão mais profunda e natural da existência humana. Ele sugere que os protestos ambiciosos de desejos exaltados e sobretudo cegos devem passar por uma transmutação produzida pela harmonização com os impulsos naturais e em termos de respostas espontâneas sintonizadas com as fases da evolução natural. A ênfase recai aqui sobre a INTEGRAÇÃO CRIATIVA.

FASE 84 (GÊMEOS A 24°): CRIANÇAS PATINANDO NUM LAGO CONGELADO DE UMA CIDADEZINHA.

IDÉIA BÁSICA: *A utilização de circunstâncias inibidoras para fins de desenvolvimento do caráter e de uma abordagem transcendente do ambiente.*

O inverno simboliza as trevas e as restrições impostas às coisas vivas pelo frio. A vida natural fica num estado de hibernação ou de atividade voltada para dentro. No entanto, a mente em processo de desenvolvimento pode aprender a utilizar restrições, assim como o poder disciplinador das "frias" respostas exteriores, para elevar-se acima do "congelamento" exterior e crescer em termos de força e habilidade. O Homem é a natureza elevando-se acima da oscilação cíclica das polaridades naturais. Seu caminho é, com freqüência, a *via negativa*. Ele assimila a liberdade rítmica ("patinar") mediante a utilização das situações mais aprisionadoras ("gelo"), com o fito de demonstrar sua capacidade transcendente de obtenção de prazer e de automobilização.

Aqui, mais uma vez, o símbolo do quarto estágio apresenta uma técnica especial. Trata-se de uma técnica de natureza mental, tendo em vista que o meio pelo qual o homem pode transcender a entropia do processo universal da existência é a mente. Vemos aqui, com efeito, o TRIUNFO SOBRE A ENTROPIA, alcançado pelo homem.

FASE 85 (GÊMEOS A 25°): UM JARDINEIRO PODANDO GRANDES PALMEIRAS.
IDÉIA BÁSICA: *Colocar sob controle o poder de expansão da natureza.*

O intelecto do homem é semelhante a uma planta tropical, com sua tendência para expandir-se de maneira "selvagem" em muitas direções, buscando o contato direto com os raios do sol. Tal como uma palmeira, ele utiliza suas folhas mortas para proteger-se contra o calor seco, o calor do reino da mente quando privado do poder complementar dos sentimentos. Uma cultura caracteriza-se por "formas" específicas e "símbolos primordiais"; o principal objetivo da educação, pelo menos nos períodos culturais e clássicos, tem sido conter a imaginação dos indivíduos no âmbito dessas formas tradicionais. Uma abordagem inteiramente diferente de educação tem sido tentada em nossa época de transição.

Neste último estágio da décima sétima seqüência de cinco fases, atingimos o nível da realização dos impulsos que se iniciaram, no primeiro estágio (Gêmeos a 21°), numa tumultuada irrupção

ção de auto-affirmação e de protesto contra o passado. Agora, essa irrupção encontrou seu lugar na evolução da humanidade e da sociedade; e - simbolicamente falando -os "trabalhadores" não apenas se organizaram em sindicatos como se tornaram uma sólida força no corpo político. Entretanto, as energias liberadas buscam uma constante expansão e, por essa razão, devem ser controladas. Há necessidade de uma repetida PODA

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 86 (GÊMEOS A 26°): ÁRVORES COBERTAS DE GEADA CONTRA UM CÉU DE INVERNO.

IDÉIA BÁSICA: *A revelação da forma arquetípica e do ritmo essencial da existência.*

Neste terceiro nível de "exteriorização", deve-se procurar um contato com arquétipos e formas puras de identidade individual - o que também se passa com as imagens características (os símbolos de Ur, de Spengler) da cultura. Os elementos exteriores são descartados. Trata-se de um passo além da "poda"; é, antes, um processo de renovação de todas as superficialidades da existência. Ciclicamente, a natureza nos auxilia a atingir esse estado de realidade despojada. Não é que experimentemos o vazio budista (*sunya*); na verdade, alcançamos a essência do nosso ser individual, a forma de identidade pura que constitui o poder de estruturação subjacente a todos os elementos externos — tudo o que pertence ao domínio das "folhas".

Eis o primeiro estágio do processo quádruplo, ora em sua décima oitava fase. Num certo sentido, podemos fazer-lhe referência considerando-o um estágio de repúdio ascético, mas que também é um processo de ESSENCIALIZAÇÃO.

FASE 87 (GÊMEOS A 27°): UMA CIGANA EMERGINDO DA FLORESTA ONDE SUA TRIBO SE ENCONTRA ACAMPADA.

IDÉIA BÁSICA: *Caminhada na direção da participação num todo mais amplo de existência estruturado pela mente.*

É significativo o contraste entre este símbolo e o precedente. O primeiro revelou a oportunidade periódica que a natureza oferece para que o homem penetre no domínio que se acha além das meras aparências e do encanto da abundância existencial (a massa de folhas verdes); vemos, agora, a ação de outro processo, que depende do indivíduo - uma tentativa consciente de deixar para trás o estágio tribal-instintivo da existência presa à terra e de emergir no reino da mente e de complexos e tensos relacionamentos interpessoais (isto é, a cidade). Os "selvagens" impulsos da natureza estão chegando a uma situação em que são "domados".

Este é o segundo estágio da seqüência de cinco fases. Ele revela um período de transição, um anseio mais ou menos claro por um novo estado de consciência e, portanto, pela transformação interior. Trata-se de uma fase de REPOLARIZAÇÃO.

FASE 88 (GÊMEOS A 28°): MEDIANTE A BANCARROTA, A SOCIEDADE DÁ A UM INDIVÍDUO SOBRECARGADO DE DÍVIDAS A OPORTUNIDADE DE RECOMEÇAR.

IDÉIA BÁSICA: *Libertação de pressões insuportáveis, permitindo a assunção de novas tarefas.*

Este símbolo pode ser facilmente interpretado de maneira errônea, já que, embora apresente uma clara conotação de fracasso, descreve, não obstante, um estado particular da complexa relação entre o indivíduo e sua comunidade. Os procedimentos de bancarrota mencionados aqui não devem ser entendidos como referentes a um tipo fraudulento de falência. Pelo menos nos Estados Unidos, a bancarrota não implica uma condenação moral; ela significa, com efeito, que não é possível apartar o fracasso individual da saúde da comunidade. A natureza especial do todo se acha implicada no fracasso da parte no sentido de atuar adequadamente sob condições econômicas particularmente difíceis. Uma sociedade que entroniza o princípio da *competição* implacável também deve criar mecanismos que exteriorizem a *compaixão*. Esta última mereceu a ênfase, em primeiro lugar, do Budismo do Norte e, pouco depois, do Cristianismo. O conceito de sintonia encontra-se diretamente vinculado ao de libertação de condições econômicas insuportáveis por meio da petição de falência.

Este é o terceiro estágio da décima oitava seqüência de fases cíclicas. Nos dois primeiros, vimos a emergência de uma nova consciência, baseada no abandono dos elementos externos da existência biopsíquica, em seu aspecto pelo menos relativamente selvagem e exuberante. Aqui temos outro tipo de "deixar para trás": UMA LIBERTAÇÃO DO PASSADO.

FASE 89 (GÊMEOS A 29°): O PRIMEIRO MIMO* DA PRIMAVERA.

IDÉIA BÁSICA: *A exuberância criativa da alma humana em resposta às experiências básicas da vida.*

O mimo é capaz de imitar os sons que ouve, mas na realidade vai além da imitação pura e simples, já que forma com esses sons melodias que, por vezes, podem exibir uma jubilosa amplitude, bem como uma espontaneidade instintivamente criativa. O símbolo refere-se à capacidade de que é dotado o indivíduo talentoso para tomar o *material coletivo* e transformá-lo sob as premências da produtividade biológica e do amor instintivo. A canção se eleva, potencializada por esses grandes impulsos naturais, de forma mais ou menos semelhante ao modo pelo qual se elevam as chamadas canções populares da alma jovem em resposta a profundas emoções pessoais ou sociais.

Neste quarto estágio da seqüência quádrupla, é-nos apresentada simbolicamente a reação do indivíduo que se tornou sensível às muitas correntes de vida do seu ambiente e que tem capacidade de exteriorizar essa resposta tão significativa como uma dádiva à sua sociedade, mostrando VIRTUOSISMO.

Pássaro canoro norte-americano (*Mimos polyglottus*). [NT]

FASE 90 GÊMEOS A 30°): UM DESFILE DE BELDADES EM TRAJE DE BANHO DIANTE DE UMA GRANDE MULTIDÃO À BEIRA-MAR.

IDÉIA BÁSICA: *Fixação de padrões sociais por meio da excelência pessoal e da competição.*

Nesta cena de sabor tão norte-americano, vemos um processo básico e muito antigo que pode operar em vários níveis. A sociedade fixa determinados padrões culturais coletivamente aceitáveis e recompensa, por meio do prestígio e da fama, as pessoas que os encarnam, física ou mentalmente. Isso produz uma emulação, assim como o desejo de levar as imagens sociais à sua manifestação mais perfeita e concreta. A imagem arquetípica ou cânone de proporção são encarnados, por conseguinte, para que todos os contemplem e se deixem fascinar por eles. O processo de exteriorização se completa.

Esta é a última fase da Cena Seis. No zodíaco, a estação da primavera chegou ao fim. É o solstício de verão. A realização leva a novas exigências impostas à consciência humana individual. O SHOW terminou. É chegada a hora da decisão.

ATO II: ESTABILIZA CÃO

CENA SETE -.DECISÃO

(*Cancer* 1° - *Cancer* 15°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 91 (CÂNCER A 1°): NUM NAVIO, OS MARINHEIROS BAIXAM UMA VELHA BANDEIRA E HASTEIAM UMA NOVA.

IDÉIA BÁSICA: *Uma mudança radical de lealdade, exteriorizada em um ato simbólico: um ponto sem retorno.*

Chegamos agora a um ângulo reto (ângulo de 90 graus) com relação ao início do processo cíclico. Trata-se de um momento crítico, um agudo momento de decisão. No ciclo zodiacal, o movimento do sol na direção norte (em "declínio") pára quando do solstício de verão; no decorrer do ciclo anual, o sol, no nascimento e no ocaso, fica no mais extremo ponto do norte, tomando-se como referência os pontos leste e oeste exatos; agora, seu movimento se reverteu. Lentamente, o ponto do ocaso se move para o sul no horizonte oeste e a duração do dia sofre uma redução. No

ciclo de luação (de Lua Nova à Lua Nova), essa é a fase do Primeiro Quarto. No "navio", que simboliza a consciência-ego - flutuando, por assim dizer, no mar do vasto Inconsciente -, a vontade individualizada toma uma decisão básica. A força Yang dominante permite que a força Yin inicie sua ascensão de seis meses ao poder. A vontade "coletiva" supera gradualmente a vontade "individual" e, no final, o Estado subjugará a pessoa. Agora, contudo, o indivíduo particular experimenta seu mais glorioso momento; ele exulta com sua capacidade de tomar uma "livre decisão" - isto é, agir como um indivíduo que escolhe seu objetivo de vida e sua fidelidade.

Este é o primeiro estágio da décima nona série quádrupla de símbolos de grau. Num ato decisivo, pleno de conseqüências, o garoto de colégio simbólico pode compreender que deve terminar sua busca de uma companhia ideal e unir-se no matrimônio. Ele aprova a possibilidade de ter uma prole, de assumir a responsabilidade por um lar. Sua consciência aceita um processo de REORIENTAÇÃO fundamental, que tem como implicação a estabilização de suas energias.

FASE 92 (CÂNCER A 2°): UM HOMEM NUM TAPETE MÁGICO SOBREVOLA UMA GRANDE EXTENSÃO DE TERRA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de expandir a própria consciência mediante a estabilização do ponto de vista pessoal num nível mais elevado.*

Eis o paradoxo que confunde tantas mentes. Enquanto busca, incansavelmente, novos horizontes, o intelecto se vê confundido pela sua busca. Aceitando um foco estável, a mente pode elevar seu ponto de observação e ver a realidade de uma perspectiva mais verdadeira. O indivíduo torna-se o todo focalizado nesse ponto particular para realizar uma tarefa e uma função particulares. Ele pode, pelo menos, refletir a consciência do Todo maior, a Humanidade.

Este símbolo de segundo estágio estabelece um contraste entre uma nova fidelidade estabilizadora, que limita a vontade, e a capacidade de encarar a vida de uma perspectiva mais ampla, graças à qual vêm-se muitas vidas convergirem para a consciência despertada. Neste estágio, compreendemos que, ao desistir de uma busca indefinida de extensão bidimensional, obtemos ELEVAÇÃO na terceira dimensão da consciência.

FASE 93 (CÂNCER A 3°): UM HOMEM ENVOLTO NUMA PELE CONDUZ UM CERVO PELUDO.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de superar a estagnação e o "frio" durante o teste de resistência.*

Este símbolo um tanto enigmático tem sugerido uma exploração das regiões árticas. Mas parece mais relevante ver nele, tão-somente, a difícil fase imposta pela nova fidelidade à consciência reorientada. Na Índia, o cervo era o símbolo de Brahma, o Deus Criador. Os chifres representam a extensão do poder da mente localizado na cabeça. O novo caminho pode levar a regiões frias que requerem o isolamento das circunstâncias difíceis. Pode haver até mesmo um desejo de escapar de novas responsabilidades. A vontade leva a mente na direção do Norte espiritual da alma.

Eis o terceiro estágio da décima nona seqüência de cinco fases. Está implícito nele um período de provas. A mente focalizada pode tentar escapar dos seus limites aventurando-se na direção de um alvo idealizado - a Estrela do Norte, talvez. Isso representa UM TESTE DA VONTADE.

FASE 94 (CÂNCER a 4°): UM GATO DISCUTINDO COM UM RATO. IDÉIA BÁSICA: *Uma tentativa de autojustificação.*

Encontramo-nos envolvidos ainda com os resultados de uma ação que produziu uma radical reorientação da nossa própria vida. Os impulsos do organismo bio-psíquico ainda não são facilmente conquistados. Uma multiplicidade de decisões menos importantes segue inevitavelmente os abrangentes e grandiosos gestos de repúdio e de realinhamento. Os desejos do corpo ainda sufocam a voz do "homem novo". Há uma discussão interna; alimentamos a esperança de convencer a nós mesmos de que os velhos impulsos ainda se revestem de legitimidade.

Neste quarto estágio da seqüência quádrupla, a hesitação e os motivos conflitantes ainda se apresentam como coisas inevitáveis. A mente exibe muita habilidade ao não enfrentar as conse-

quências produzidas pelos desejos ou mesmo pela inquietação. São experimentadas - e devem ser compreendidas - tentativas de RACIONALIZAÇÃO.

FASE 95 (CÂNCER A 5°): NUM CRUZAMENTO DE ESTRADA DE FERRO, UM AUTOMÓVEL É ATINGIDO POR UM TREM.

IDÉIA BÁSICA: *Os resultados trágicos que apresentam probabilidades de ocorrer quando a vontade individual se lança de maneira descuidada contra o poder da vontade coletiva da sociedade.*

O automóvel simboliza a consciência individualizada, ansiosa por buscar seu próprio curso de ação sem levar em conta o grau de possível conflito entre este e a consciência coletiva da comunidade (o trem). O símbolo implica que, neste estágio inicial do novo processo que se iniciou com esta Cena Sete, todas essas tentativas individuais e relativamente anárquicas ou que representem um desafio à lei estão fadadas ao insucesso. O motorista pode sobreviver, mas seu carro ficará destruído.

A fim de não considerarmos esse símbolo como completamente negativo, devemos compreender que, na maior parte do tempo, o homem aprende suas lições por meio de experiências de natureza um tanto negativas - a *via negativa* do místico ou mesmo o estranho conceito ocultista, apresentado em algumas seitas, da "salvação por meio do pecado". Podemos falar, nesse caso, de um ponto de vista mais geral, de REAJUSTAMENTO CÁRMICO. Isso se tornará evidente quando considerarmos a próxima seqüência quártupla.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 96 (CÂNCER A 6°): AVES DE CAÇA REVESTINDO SEUS NINHOS DE PENAS.

IDÉIA BÁSICA: *Uma dedicação instintiva do eu a novas formas de vida.*

O símbolo original (subseqüentemente alterado) falava de "aves de caça"; assim, lidamos com forças espirituais (pássaros) situadas num dado contexto social. Tal como no símbolo de Câncer a 1° vemos, aqui, o início de um processo; a ação é definitivamente orientada para o futuro. Uma nova onda de vida se inicia e é feita uma preparação concreta — não mais simbólica — para ela. Num nível social, podemos falar de esforços pioneiros dedicados à construção de uma nova cultura, de novas instituições.

Este é o primeiro estágio da vigésima seqüência quártupla de símbolos. Ele revela a preparação para o renascimento, sendo significativa a menção aos pássaros de caça. Aquilo que está sendo construído é oferecido, instintiva, mas ainda não conscientemente, a um nível mais elevado de consciência. O filhote-que-virá são sacrifícios potenciais para alimentar seres humanos, tal como os homens tribais sacrificavam virgens para satisfazer os deuses. O significado da segunda metade do ciclo (o primeiro grau de Libra, por exemplo) já se acha implícito, da mesma maneira como todo o processo social está implícito no formalismo da cerimônia de casamento. Uma palavra-chave apropriada seria SIMBIOSE, isto é, uma profunda cooperação inconsciente entre diferentes níveis da existência, estando o nível "animal" produzindo vidas em benefício do nível "humano".

FASE 97 (CÂNCER A 7°): DOIS ESPÍRITOS DA NATUREZA DANÇAM AO LUAR.

IDÉIA BÁSICA: *O jogo de forças invisíveis em todas as manifestações de vida.*

Para a clarividente que visualizou essas cenas simbólicas, os espíritos da natureza (ou fadas) foram concebidos, muito provavelmente, como criações mais ou menos imaginárias ou ideais. Pelo menos estavam ligados com processos ocultos e misteriosos da natureza; e o "lunar" acentua esse caráter fugidio ou do outro mundo. Assim, há um contraste implícito entre esse caráter e os processos concretos e materiais da construção de um ninho para a prole física. O conceito básico é: por trás dos processos vitais, podemos perceber a ação de forças ocultas. Essas forças operam no âmbito de um reino considerado, com freqüência, como "astral" ou "etéreo"; e a lua exerce uma profunda influência sobre esse reino, liberando raios solares especiais de potência oculta.

Este é o segundo estágio da vigésima seqüência. Ele estabelece um contraste entre os planos invisível e visível, entre os domínios interior e exterior, entre o sonho, o ideal e a realidade cotidiana. Num certo sentido, isso se refere à IMAGINAÇÃO CRIATIVA do homem.

FASE 98 (CÂNCER A 8°): UM GRUPO DE COELHOS, COM VESTES HUMANAS, DESFILAM COMO SE ESTIVESSEM NUMA PARADA.

IDÉIA BÁSICA: *A tendência a imitar formas superiores, presentes em todas as formas de vida, como um estímulo ao crescimento.*

Este símbolo tão estranho aponta para o elemento essencial de todas as tentativas iniciais de desenvolvimento da consciência e de fomentar o próprio crescimento através da associação com aqueles que já alcançaram um nível mental ou evolutivo superior. Todo aquele que busca, procura um "Exemplo". A mística religiosa fala da "Imitação de Cristo". No Japão, os estudantes de música sentam-se diante do professor, que toca um instrumento, e imitam cuidadosamente cada gesto seu.

Neste terceiro estágio da seqüência de cinco fases, vemos em ação as características básicas presentes ao início de todo PROCESSO DE APRENDIZAGEM. No próximo estágio, observaremos uma busca mais avançada, mais tipicamente humana, de conhecimento.

FASE 99 (CÂNCER A 9°): UMA GAROTINHA, DESNUDA, INCLINA-SE SOBRE UM LAGO, TENTANDO FISGAR UM PEIXE.

IDÉIA BÁSICA: *A primeira busca ingênua do conhecimento e de uma compreensão sempre fugidia da vida.*

A "garotinha desnuda" simboliza a mente inocente e espontânea, ainda não envolta pelos padrões culturais e não reprimida por *nãos*, tentando satisfazer a própria curiosidade a respeito do que parece misterioso e fluido. Num certo sentido, o "lago" é a mente infantil, dotada de um alcance de consciência sobremodo limitado e, no entanto, esforçando-se ansiosamente por apanhar as rápidas e enganosas compreensões iniciais a respeito do significado da vida.

Neste quarto estágio, vemo-nos diante da curiosidade nascente com relação ao conhecimento, curiosidade essa que faz a pequena mente agir de maneira espontânea, em vez de apenas imitar os mais velhos. Diante deste símbolo, a pessoa deve perceber que há, na verdade, muito valor no simples ato de procurar alcançar, com uma mente pura e não-condicionada, as experiências mais elementares que a vida natural nos oferece.

FASE 100 (CÂNCER A 10°): UM GRANDE DIAMANTE NOS PRIMEIROS ESTÁGIOS DO PROCESSO DE LAPIDAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O árduo treinamento para a perfeição, destinado a produzir a plena manifestação de um ideal.*

Ainda estamos lidando com a evolução da consciência e da personalidade num estágio preliminar. A potencialidade de uma mente completamente formada, por meio da qual a luz da compreensão brilhará ofuscantemente, já se acha em evidência, mas muito trabalho ainda está por ser feito. Podemos meditar sobre a transformação do "lago" (no símbolo precedente) num diamante ainda não lapidado por completo. A mente consciente deve adquirir solidez, de maneira a poder ser trabalhada por agentes mais elevados - em termos ideais, pelos mestres da comunidade. Essa, está fora de dúvidas, deve ser uma operação dolorosa para a dura pedra, mas o alvo compensa o sofrimento, o aquecimento, o barulho da lapidação ... desde, é claro, que o lapidador de diamantes seja um artesão especializado — algo raro entre os mestres!

Neste último estágio da seqüência quántupla, lidamos mais uma vez com uma operação que, quando completada, adquirirá um valor social. Quando totalmente crescida, a "ave da caça" (primeiro estágio) pode satisfazer um estômago faminto; uma vez lapidado à perfeição, o "diamante" pode encher uma mulher de orgulho. Como palavra-chave, sugerimos HABILIDADE, aqui com o significado especial de treinamento para alcançar a perfeição.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 101 (CÂNCER A 11°): UM PALHAÇO IMITA, DE MODO CARICATURAL, PERSONALIDADES CONHECIDAS.

IDÉIA BÁSICA: *O valor do humor no desenvolvimento da objetividade e da independência de pensamento.*

O humor ou a ironia são um poderoso instrumento de apreciação do valor das realidades sócio-culturais e, portanto, de autolibertação da ostentação e do preconceito. O riso descondiciona e com frequência abre o caminho para compreensão de que não precisamos impressionar-nos indevidamente com aquilo que nossa tradição de certa maneira forçou sobre nossa consciência. O palhaço, com efeito, é a mais popular manifestação dessa premência de rir, que parece ser uma característica extremamente básica da natureza humana. A caricatura e a sátira são formas mais intelectuais dessa mesma necessidade de liberdade intelectual.

Nesta vigésima primeira seqüência quántupla, testemunhamos o desenvolvimento da verdadeira individualidade no homem. E o primeiro passo nessa direção se reveste de um caráter catártico - a capacidade de rir, que inclui a capacidade de rir dos pequeninos hábitos e maneiramentos pessoais - na realidade, rir da própria pompa. Trata-se de um passo DE DESCONDICIONAMENTO.

FASE 102 (CÂNCER A 12°): UMA CHINESA CUIDANDO DE UM BEBÊ, CUJA AURA REVELA SER ELE A REENCARNAÇÃO DE UM GRANDE MESTRE.

IDÉIA BÁSICA: *A revelação do valor latente de uma experiência, quando a vemos em seu significado mais profundo.*

Em contraste com o símbolo do "palhaço", que nos mostra a capacidade do homem no sentido de criticar seus maneirismos superficiais e gestos ou hábitos automáticos, bem como de rir deles, temos agora um símbolo que exige que olhemos para além das aparências comuns e tentemos descobrir o caráter "oculto" (isto é, escondido) de toda pessoa e experiência. Este símbolo tem sido exaltado de maneira indevida; não há nele nenhuma referência particular a um avatar ou messias, exceto no sentido de que todo homem é, *potencialmente*, a encarnação ou manifestação de uma Alma dotada de uma função definida e relativamente ímpar no vasto campo de atividade que chamamos Terra. Para descobrir esse potencial oculto do ser, requer-se uma "visão" mais profunda ou elevada, uma percepção holista - que costuma, mas nem sempre com justiça, merecer o nome de clarividência. O caricaturista também tem de desenvolver um tipo especial de "Visão", que lhe permita extrair os atributos salientes de uma personalidade *exterior* ou de um rosto. Ele toma as *partes* mais características de um todo; o verdadeiro clarividente percebe o significado essencial (ou "mensagem" e função) do *todo*.

O contraste entre o primeiro e o segundo símbolo desta vigésima primeira seqüência quántupla é, com efeito, muito significativo. Pode não haver um significado particular no fato de a mulher que cuida da criança, neste símbolo, ser chinesa. Talvez a médium que visualizou a cena tenha confundido uma tibetana com uma chinesa e tenha pensado, inconscientemente, no processo tão familiar por meio do qual um novo dalai-lama, ou outros grandes lamas, são procurados entre crianças recém-nascidas. A palavra-chave é REVELAÇÃO.

FASE 103 (CÂNCER A 13°): UMA MÃO COM O POLEGAR PROEMINENTE É LEVANTADA PARA FINS DE ESTUDO.

IDÉIA BÁSICA: *O poder da vontade na formação do caráter.*

Vemos, mais uma vez, o modo pelo qual uma característica pessoal revela aquilo que se encontra, psicológica e espiritualmente, por trás de si. O polegar, na quiromancia, representa a vontade; um polegar muito rígido mostra uma vontade inquebrantável; um polegar mais flexível, um indivíduo mais maleável. Na formulação original do símbolo, dizia-se que a "mão" estava "ligeiramente flexionada", o que pode ser tomado como uma sugestão de um caráter mais flexível. Não obstante, o significado básico é de que a individualidade pode expressar-se, tão-somente, por meio

de um caráter forte. Sempre que esse símbolo se apresenta a uma pessoa ou situação, é mostrado que, para enfrentar o problema em questão, há necessidade de uma forte vontade.

Este é o terceiro estágio da vigésima primeira seqüência quántupla. Sua palavra-chave é CARÁTER.

FASE 104 (CÂNCER A 14°): UM HOMEM MUITO IDOSO CONTEMPLANDO UM VASTO ESPAÇO SOMBRIO NO NORDESTE.

IDÉIA BÁSICA: *Realização no transcender e sabedoria imutável.*

Este símbolo descreve o Velho Sábio, figura arquetípica presente em todos os sistemas simbólicos. Na terminologia ocultista, o nordeste é a direção a partir da qual as forças cósmico-espirituais penetram na esfera terrestre. Isso ocorre, provavelmente, porque o eixo polar da Terra se encontra inclinado cerca de 23 graus para além do ponto perpendicular exato com relação ao plano de sua órbita. Assim, o ponto real do nosso *globo* não apenas é diferente do pólo permanente da órbita da Terra, como muda constantemente de direção, apontando sucessivamente para várias grandes estrelas "circumpolares", durante o chamado ciclo precessional (ou "ano tropical" ou Grande Ciclo Polar), que dura pouco menos de 26.000 anos. Devido a essa inclinação do eixo polar, temos o fenômeno da mudança sazonal. Supostamente, essa mudança não teria ocorrido durante a Idade de Ouro primordial; na época, reinava uma "eterna primavera". Esse é o estado (tradicionalmente) espiritual. O Velho Sábio contempla a Realidade Imutável, o Norte verdadeiro — que, para nós, se acha localizado na direção nordeste. Ele contempla o grande Vazio, essa Treva aparente que é uma Luz intensa imperceptível aos nossos sentidos.

Como este é um símbolo de quarto estágio da seqüência quántupla, há, como de costume, um indício referente a uma técnica. Está implícito que, por meio da meditação consistente e prolongada sobre a realidade imutável e espiritual que se encontra no próprio cerne de todas as experiências, podemos alcançar a antiquíssima e suprema sabedoria. Vemos no símbolo um caminho que ultrapassa as aparências e se dirige para a PERMANÊNCIA NA VERDADE.

FASE 105 (CÂNCER A 15°): NUM SUNTUOSO SALÃO, CONVIDADOS DESCANSAM, DEPOIS DE PARTILHAREM UM LAUTO BANQUETE.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade, manifesta num estágio inicial do crescimento humano, de materializar o conceito de realização.*

Esta pode ser considerada uma curiosa cena simbólica depois da precedente, pois apresenta um cenário de realização num plano puramente físico de alimentação, senão de excesso de alimentação. É possível que a pessoa que visualizou o símbolo só pudesse conceber a realização — de modo consciente ou inconsciente — em termos que remontam ao quadro maometano do Paraíso, um local pleno de todas as boas coisas que a vida terrena, embora com menos abundância, oferece. Também pode ser que o símbolo se refira ao fato de que, nos países europeus, aquilo que é visto, em termos um tanto amplos e espirituais, como "plenitude do ser", seja considerado, nos Estados Unidos, vinculado à idéia de "fartura". Assim é que, quando, em livros ou artigos, usei a palavra "plenitude", o impressor utilizou, na maioria dos casos, a palavra bárbara e inexistente "plenitude".*¹⁴ Atualmente, encontramos-nos hipnotizados pelo ideal da abundância física. Talvez a abundância física seja menos obsessiva que a privação e, por vezes, pode haver necessidade de "dirigir a atenção para coisas superficiais para fins de autofortalecimento". Trata-se da *via negativa* já mencionada. Por meio da saciedade, o homem aprende a apreciar e a desejar o ascetismo; depois de meses de tédio, o moderno adolescente de uma escola "progressista" ultramoderna com freqüência mostra-se pronto a aceitar o trabalho disciplinado.

Eis o último dos cinco símbolos da vigésima primeira seqüência. Ele encerra esta parte da busca da individualidade e do processo de "decisão" - apresentando uma indicação de uma fase de realização apenas temporária. As trevas do nordeste podem ter sido demasiadas para a consciência neste estágio do grande ciclo. A mente anseia por traduzir aquilo que viu em termos puramente físi-

¹⁴ * Composto formado a partir de "plenty" (= fartura) e "tude", sufixo indicativo de estado. Intraduzível. (NT)

cos. Esta talvez seja a idéia básica da vida norte-americana: a MATERIALIZAÇÃO DO ESPIRITUAL.

CENA OITO: *CONSOLIDAÇÃO (Câncer 16° - Câncer a 30°)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 106 (CÂNCER A 16°): UM HOMEM ESTUDANDO UMA MÁNDALA, QUE SE ACHA À SUA FRENTE, COM A AJUDA DE UM LIVRO MUITO ANTIGO.

IDÉIA BÁSICA: *Uma profunda preocupação com problemas advindos do processo de integração da personalidade.*

Depois que a pessoa decide seguir um certo curso de ação, aceitando uma nova lealdade, os resultados dessa decisão, nos três níveis básicos da experiência humana - atuacional, emocional-cultural e individual-mental -, devem ser estabilizados e consolidados. Eis o que significa o processo de integração da personalidade. Na Ásia, o grande símbolo desse processo é a Mándala; no mundo cristão, encontramos, sob várias formas, o símbolo da Cruz. A cruz cristã tem, com frequência, um formato simples e despojado; a referência à crucifixão de um Deus-homem é o elemento que lhe dá um tom emocional ou a personaliza. A Mándala oriental pode assumir uma infinita variedade de formas e compreender uma vasta multiplicidade de conteúdos; ela se reveste de um caráter psicológico e cósmico. O quadrado — fundamento da Mándala - inclui, potencialmente, diversos conteúdos. A Cruz, por outro lado, representa o conflito em ação; é um símbolo de superação trágica. A Mándala simboliza a integração de tendências opostas e de múltiplas energias bipolares.

Eis o primeiro estágio da vigésima segunda seqüência de cinco fases. Ele revela um profundo esforço por parte da consciência individualizada no sentido de atingir uma sólida base de compreensão, passível de lhe permitir a percepção da relação estrutural existente entre as várias partes da personalidade. É um processo mental que implica estudo, assim como o direcionamento da atenção para o próprio interior - CONCENTRAÇÃO. Ademais, é um símbolo daquilo que pode ser chamado, em princípio, CONFORMAÇÃO - isto é, um sentido profundo, e de caráter estabilizador, da forma; mas um sentido de forma vinculado com a *própria* forma individual de cada um de nós, e não com um padrão so-ciocultural exterior.

FASE 107 (CÂNCER A 17°): O DESDOBRAMENTO DE POTENCIALIDADES EM MÚLTIPLOS NÍVEIS, A PARTIR DE UM GERME ORIGINAL.

IDÉIA BÁSICA :*A premendo da vida no sentido de atualizar o potencial inato de cada um.*

Temos representado aqui, simplesmente, o processo de germinação. Quando surge da semente aberta, a planta perfura a crosta do solo e busca alcançar a luz. Trata-se de um processo dinâmico voltado para fora, em contraste com o processo mais estático ou introspectivo de integração-por-meio-da-compreensão, descrito no símbolo precedente. A germinação é a crucifixão da semente. A semente torna-se germe, da mesma maneira pela qual o discípulo tibetano, quando medita, em silêncio e numa atitude de paz, sobre a Mándala, é seguido pelo cruzado cristão - e, num nível materialista de produtividade, pelo intento do engenheiro-tecnólogo no sentido de transformar o globo para o maior aproveitamento possível pelo maior número possível de seres humanos.

Como de costume, o segundo estágio da seqüência quádrupla estabelece um contraste com o primeiro. A ação polariza a meditação. O processo expansivo de auto-atualização — que pode não significar nada além da expansão do ego por meio da conquista - contrasta com o estudo introspectivo do relacionamento estrutural entre as várias energias e potencialidades da natureza (*svarupa*, em sânscrito) de cada um. A palavra-chave é CRESCIMENTO.

FASE 108 (CÂNCER A 18°): UMA GALINHA CISCANDO O SOLO A FIM DE ENCONTRAR ALIMENTO PARA A SUA PROGENIE.

IDÉIA BÁSICA: *A preocupação prática com a nutrição cotidiana necessária à sustentação das atividades de alcance mais amplo.*

Toda mãe é originalmente responsável pela alimentação de sua progenie, e todas as atividades nas quais uma pessoa empregou energias são seus filhos simbólicos. A pessoa tem de alimentá-las

com a substância social, obtida no "solo" de sua comunidade, bem como observar com atenção especial seu desenvolvimento. O frágil caule consolida-se em tronco de árvore, os pintainhos em galinhas e a criança no adulto teoricamente autoconfiante e socialmente sábio.

Este terceiro estágio da vigésima segunda seqüência quántupla mostra o resultado dos dois estágios precedentes. A semente, o germe e a planta em crescimento necessitam do alimento que vem do solo, a fim de que seu crescimento normal forme uma seqüência correta. Está em jogo, aqui, o CUMPRIMENTO DAS RESPONSABILIDADES DA VIDA.

FASE 109 (CÂNCER A 19º): UM SACERDOTE CELEBRANDO UMA CERIMÔNIA DE CASAMENTO.

IDÉIA BÁSICA: *A ritualização dos relacionamentos interpessoais produtivos.*

Esta cena simboliza a profunda necessidade de remeter a interação e a união relativamente permanentes e produtivas de todas as polaridades a algum terceiro fator que inclua, ou transcenda, e dê um sentido espiritual, ao relacionamento. Uma união conjugai é, essencial e tradicionalmente, a união entre um homem e uma mulher, realizada com o fito de produzir uma prole capaz de perpetuar o tipo racial, a tradição familiar e o modo de vida de uma cultura (ou "subcultura") particular, incluindo-se aí um conjunto de crenças religiosas. O casal é a unidade produtiva básica da nossa sociedade — tal como vem sendo há milênios na sociedade patriarcal. O propósito de *toda* religião estabelecida (incluindo os cultos tribais) é glorificar, sancionar e abençoar, com um significado suprapessoal, *todas* as atividades pessoais e interpessoais. Isso ocorre por intermédio dos "sacramentos" e, na verdade, da maioria dos ritos religiosos.

Neste quarto estágio da seqüência de cinco fases, é-nos transmitida a técnica básica, usada em todos os processos de integração social ou grupai válidos, que toma a forma de ritualização socio-cultural e, portanto, religiosa ou mundana. Por meio desta técnica, os empreendimentos individuais comuns obtêm SANÇÃO, isto é, são ritualizados e, com efeito, "santificados".

FASE 110 (CÂNCER A 20º): GONDOLEIROS DE VENEZA FAZEM SERENATA.

IDÉIA BÁSICA: *A felicidade como sobretom da integração social e da conformidade ao costume.*

Veneza pode ser considerada o símbolo de uma consciência social advinda diretamente das premências inconscientes da natureza humana — pois emergiu do mar, da mesma forma como a flor de lótus flutua na superfície de um lago, com suas raízes plantadas na lama do fundo. Os gondoleiros que fazem serenata "flutuam" na água, elevando-se suas canções às sacadas em que a "flor" da consciência, a amada, pode surgir. Esse jogo entre impulsos humanos básicos que caminham na direção da aceitação por parte da consciência, alojada nas estruturas do ego, é realizado de acordo com a tradição social. Tudo desempenha seu papel, e o homem experimenta a felicidade social e um sentido de realização.

Eis o quinto estágio da vigésima segunda seqüência de cinco símbolos. A premência de integração individual representada no primeiro - integração por meio da meditação sobre formas tradicionais antigas - agora se reflete no impulso de integração social, através do jogo elegante e padronizado de emoções aceitáveis. A palavra-chave pode ser FESTIVIDADE.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 111 (CÂNCER A 21º): UMA FAMOSA CANTORA PROVA SUA VIRTUOSIDADE DURANTE UM ESPETÁCULO OPERÍSTICO.

IDÉIA BÁSICA: *! recompensa emocional que acompanha a excelência cultural.*

Se há algo que representa o tipo de resposta dada por uma sociedade bem desenvolvida ao indivíduo que aplica com sucesso sua energia na externalização hábil das grandes imagens de sua cultura, e' a ópera. A prima-dona operística não é simplesmente uma artista que se apresenta sozinha, tal como o virtuoso do piano (Gêmeos a 13º); ele ou ela são, além disso, a estrela de um esforço coletivo. A ópera não é apenas música; é também uma história, um *mythos*, que encarna algumas das mais básicas imagens e emoções que caracterizam a cultura onde nasceu. Na verdade, a cultura

euro-americana é exaltada — ou condenada — pelas suas óperas e pelas sombrias e trágicas paixões que estas apresentam, É interessante comparar a ópera com o tipo equivalente de representações sociais e com os tópicos apresentados na Índia, em Java ou no Tibete.

Neste primeiro estágio da vigésima terceira seqüência quántupla de fases cíclicas, encontramos o impulso na direção da individualização por meio de formas concretas de atividade cultural glorificadas pelo sucesso social e financeiro. No seu sentido mais profundo, este símbolo se refere ao PREÇO DO SUCESSO - tanto para o indivíduo, como para a coletividade que o aclama. Qual o real valor do sucesso? Eis uma pergunta que poucos fazem.

FASE 112 (CÂNCER A 22°): UMA JOVEM ESPERA UM BARCO A VELA.

IDÉIA BÁSICA: *O anseio pela felicidade transcendente na alma aberta aos grandes sonhos.*

Aqui, o símbolo representa a pessoa jovem imaginativa que, em termos essenciais, não pode ser satisfeita com aquilo que seu ambiente ordinário oferece e que, em vez disso, anseia pela visita-ção desconhecida daquilo que sonhou. Do além-inconsciente, a concretização de uma imagem espiri-tual é objeto de esperança e de expectativa; essa imagem é espiritual porque impelida pelo "vento" (*pneuma*, espírito). O Amado pode vir - não numa falseante casa de óperas, mas no silêncio do mar interior da consciência.

Neste segundo estágio desta seqüência quántupla, o contraste com o primeiro se acha for-temente marcado. Virá o grande sonho a concretizar-se? Será que a emoção, pronta para elevar-se em resposta ao Advento, terá sua chance? A EXPECTATIVA do Eterno Feminino será recompen-sada com a realidade?

FASE 113 (CÂNCER A 23°): A REUNIÃO DE UMA SOCIEDADE LITERÁRIA.

IDÉIA BÁSICA: *Uma abordagem objetiva e crítica dos fatores comuns de nossa cultura e dos problemas psicológicos que envolvem.*

Os poetas, romancistas e críticos representam o esforço empreendido por indivíduos dotados de uma sensibilidade especial e intelectualmente afortunados no sentido de dar forma e significado às mais características situações e aos relacionamentos interpessoais de sua sociedade e cultura. Eles refletem a sociedade e, ao mesmo tempo, influenciam e orientam seu desenvolvimento. Sua função é discutir a significação daquilo que é, bem como imaginar aquilo que pode ser. Eles são, a um só tempo, barômetros e termostatos, refletores e projetores de imagens que ainda são, princi-palmente, inconscientes.

Alcançamos, com este terceiro estágio, o nível da INTELECTUALIZAÇÃO. Aqui, o in-divíduo opera tanto corno mente objetiva, como na qualidade de participante emocional dos eventos e esperanças de sua época. Ele torna concreto aquilo que, para a maioria das pessoas, pode ser, tão-somente, uma aspiração ou premência de caráter inconsciente.

FASE 114 (CÂNCER A 24°): UMA MULHER E DOIS HOMENS ISOLADOS NUMA PE-QUENA ILHA DOS MARES DO SUL.

IDÉIA BÁSICA: *A focalização de complexas potencialidades interiores em relações con-cretas e harmônicas.*

Lidamos aqui com uma fase especial do processo de integração. A mulher e os dois homens representam o aspecto tríplice da natureza humana, particularmente neste estágio, no qual um des-ses aspectos — a vida emocional (a mulher) — está encarando a possibilidade, senão a inevitabili-dade, de relacionar-se com os aspectos espiritual e mental. Esse confronto ocorre numa pequena ilha dos Mares do Sul, e "sul" sempre se refere simbolicamente aos fortes e passionais impulsos da natureza humana. De alguma forma, a consciência tríplice tem de desenvolver um *modus vivendi* (um modo específico de vida) harmonioso e bem integrado. Se for bem sucedida, o efeito será a liberação de poderosas energias e a condução para a próxima cena simbólica.

Chegamos ao quarto estágio da vigésima terceira seqüência de cinco fases. Como tem ocor-rido na maioria dos casos, é introduzida uma técnica específica - ou, pelo menos, um problema vin-culado com uma técnica - de viver. Os três seres humanos devem integrar-se, mas fica em aberto o

modo como essa integração ocorrerá. Deve ser um tipo concreto de integração em termos de impulsos de cunho biológico e emocional da natureza humana (uma ilha dos Mares do Sul) e o campo da integração é "pequeno". A chave para o problema do relacionamento deve ser a compreensão da INTERDEPENDÊNCIA.

FASE 115 (CÂNCER A 25º): UM HOMEM OBSTINADO É OFUSCADO PELA DESCIDA DE UM PODER SUPERIOR.

IDÉIA BÁSICA: *A resposta das forças espirituais à integração da personalidade por meio de empreendimentos positivos marcados pela obstinação.*

Estamos diante de um homem que utiliza sua vontade e imaginação positiva para enfrentar os problemas que a vida lhe traz. A ele chega uma descida pentecostal de poder. Ele recebe o "manto do poder", a graça (*baraka*, na filosofia sufi) ou a assistência Providencial, capaz de torná-lo um verdadeiro líder de sua cultura.

Neste quinto símbolo, testemunhamos uma expressão mais transcendente do "sucesso". Não se trata simplesmente do sucesso externo (tal como concedido pela sociedade às suas prima-donas) mas uma resposta espiritual, um sinal de força interior e de TALENTO incomum.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 116 (CÂNCER A 26º): CONVIVAS LÊM NA BIBLIOTECA DE UMA LUXUOSA RESIDÊNCIA.

IDÉIA BÁSICA: *A transferência do privilégio social para o nível da fruição intelectual.*

Vemos agora a concretização da excelência e do vigor intelectuais no nível no qual os indivíduos podem exercitar suas capacidades mentais desenvolvidas cercados de conforto. O processo é individualizado porque a biblioteca pertence a uma residência privada, cujo luxo implica a concentração de um indivíduo na aquisição de riqueza. Essa cena mostra o resultado dessa concentração, incluindo-se aí a aquisição de amigos que podem relaxar e aproveitar busca, de cunho intelectual.

Esta é a primeira fase da vigésima quarta seqüência quádrupla, que começa, e terminará, tratando da opulência e do prestígio social. Agora não lidamos com líderes da comunidade intelectual, mas com convidados ricos que, claramente, buscam aperfeiçoar a mente ou acompanhar as tendências intelectuais de sua época, mantendo, desse modo, PADRÕES CLASSISTAS DE INFORMAÇÃO. Está em jogo, aqui, a necessidade de o indivíduo conformar-se aos requisitos de sua condição social.

FASE 117 (CÂNCER A 27º): UMA VIOLENTA TEMPESTADE NUM VALE REPLETO DE CASAS DE ALTO PREÇO.

IDÉIA BÁSICA: *Um confronto com um levante social que tem como reivindicação a reconsideração dos valores estáticos.*

As mais profundas implicações da cena descrita no símbolo residem no fato de a elite socio-cultural sempre ter condições de ver sua posição e segurança ameaçadas por forças que se acham fora do seu controle, mesmo que tenha sucesso em proteger-se a si mesma da destruição. O indivíduo pode não ser capaz de depender dos padrões e valores que adquiriu por meio da educação e de uma vida relativamente protegida e abastada. Ele tem de mostrar-se à altura da situação e, talvez, passar por uma metamorfose interior, como resultado da crise que foi capaz de aceitar como um desafio pessoal.

O contraste entre as duas primeiras fases dessa vigésima quarta seqüência é evidente: paz, no luxo e desenvolvimento intelectual em termos de valores culturais coletivos (leitura de livros) e, em seguida, o desafio para enfrentar uma situação produzida por forças cármicas incontroláveis que podem levar a uma bem sucedida CATARSE.

FASE 118 (CÂNCER A 28°): UMA GAROTA ÍNDIA APRESENTA SEU NAMORADO BRANCO À ASSEMBLÉIA DE SUA TRIBO.

IDÉIA BÁSICA: *Renascimento interior por meio de uma total aceitação dos valores primordiais, manifestos no corpo humano e em suas funções naturais.*

Precisamente quando o símbolo foi formulado pela clarividente, alguns indivíduos pertencentes à *intelligentsia* norte-americana tentavam encontrar, na absorção da cultura dos povos indígenas do Sudoeste, uma solução para sua própria artificialidade intelectual e para seu vazio emocional pessoal. Cinquenta anos mais tarde, esse processo sofreu um grande impulso, especialmente entre a juventude desencantada da nossa afluyente classe média. A alma — ou, em termos junguianos, a *anima* — está levando o intelecto sofisticado e sem cor (branco!) a um nível de consciência no qual o homem pode agir outra vez em sintonia com o vasto processo da biosfera e recuperar a simplicidade e a paz interior que a vida na cidade e os negócios negam.

Neste terceiro estágio da vigésima quarta seqüência de cinco fases, as situações apresentadas nos dois símbolos precedentes podem ser vistas combinadas e projetadas numa possibilidade de transformação dramática. É mostrado aqui um caloroso e emocionado compromisso com um RETORNO À NATUREZA, que hoje representa um apelo tão forte à nova geração, mas que Jean Jacques Rousseau, muitos grandes românticos e Gauguin há muito defenderam e exemplificaram.

FASE 119 (CÂNCER A 29°): UMA MUSA GREGA PESANDO GÊMEOS RECÉM-NASCIDOS EM PRATOS DE BALANÇA DE OURO.

IDÉIA BÁSICA: *^ ponderação intuitiva de alternativas.*

Este símbolo parece mostrar que o "retorno à natureza", descrito no símbolo precedente, é apenas uma entre duas possibilidades. De alguma forma, a repolarização da consciência e das atividades da vida, implicada por esse símbolo, pode ser mais um sonho ou ideal do que realidade prática. De qualquer maneira, neste estágio do processo de individualização, dois caminhos se abrem. O indivíduo particular pode hesitar antes de tomar sua decisão. Sua "intuição" (a Musa) é capaz de lhe mostrar qual a escolha. Talvez possa haver uma forma de combinar as duas alternativas. Mas, como o implica o próximo símbolo, o caminho que, no final das contas, apresenta o maior apelo pode não ser o caminho da "natureza". O "garoto branco" pode preferir levar a "garota índia" para a cidade, tal como ocorre na história da vida de Pocahontas.

O quarto estágio dessa seqüência de símbolos revela a ponderação de prós e contras que ocupa a mente confrontada com uma decisão de caráter vital. Como é a "Musa" que faz a pesagem, é evidente que estão em ação, na verdade, forças mais profundas ou mais elevadas que o intelecto - a mente intuitiva ou aquilo que Jung chama de *anima*, isto é, a função psíquica que estabelece o relacionamento entre a consciência do ego e o Inconsciente coletivo. Vemos, no próprio limiar de um novo ciclo, a ocorrência de uma APRESENTAÇÃO INTERIOR DE ALTERNATIVAS.

FASE 120 (CÂNCER A 30°): UMA FILHA DA REVOLUÇÃO AMERICANA.

IDÉIA BÁSICA: *O prestígio e o conservadorismo de uma herança há muito mantida.*

Temos aqui um símbolo da orgulhosa conservação de valores de cunho socio-cultural numa tradição. Passadas várias gerações, o ancestral que talvez tenha sido um violento revolucionário ou agitador - ou mesmo um fugitivo da justiça - adquire um halo de respeitabilidade. A tradição que um dia nasceu da revolução, ora exalta a "lei e ordem", tentando suprimir todas as novas formas do mesmo espírito revolucionário.

Este é o último símbolo da seção do ciclo que se refere principalmente à consolidação e concretização das premências da vida no âmbito de uma forma estável de organização. Em muitos casos, as cenas apresentaram atividades ou eventos de natureza social; não obstante, o indivíduo e os problemas vinculados com o seu desenvolvimento constituíram a consideração primária.

Esta oitava cena, cuja palavra-chave é "Consolidação", iniciou-se com o estudo de um símbolo tradicional da integração da personalidade, a Mándala; ela se encerra com um exemplo daquilo que sobrevém quando o indivíduo escolhe um caminho que incorpora e glorifica, de forma absoluta, a tradição, um caminho que termina numa GLORIFICAÇÃO DO PASSADO.

CENA NOVE: *COMBUSTÃO* (Leão a 1° -Leão a 15°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 121 (LEÃO A 1°): O SANGUE AFLUÍ PARA A CABEÇA DE UM HOMEM QUANDO SUAS ENERGIAS VITAIS SÃO MOBILIZADAS SOB O IMPULSO DA AMBIÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *Uma irrupção de energias biopsíquicas no campo da consciência dirigido pelo ego.*

A tradição oculta fala de três classes de "Fogo": o Fogo Elétrico, o Fogo Solar e o Fogo produzido pela fricção. Os três signos do fogo do zodíaco correspondem a essas classes. Áries refere-se à "descida" da energia espiritual da Palavra Criadora. Em seu aspecto material, conhecemos essa energia como eletricidade e, sem energia elétrica, não poderiam existir processos de vida. Leão representa o Fogo Solar, a energia liberada por uma pessoa integrada, seja através de *radiações espontâneas* de formas claramente nucleares de energia ou, no nível verdadeiramente humano e consciente (bem como supra-humano, em reinos ainda mais transcendentais), por meio de *emanações conscientes* (e-manuações, de *manas*, que significa, em sânscrito, "mente"). Sagitário está vinculado com o Fogo produzido pela fricção, já que todos os processos sociais têm como base as relações interpessoais, que implicam polarização e, com frequência, conflito.

O símbolo-chave de Leão descreve um fluxo ascendente de energia do coração para a cabeça, um processo de "mentalização". Entretanto, esse processo é potencialmente perigoso. Eis por que a descrição original da cena simbólica por parte da clarividente referia-se a "um caso de apoplexia" — situação semelhante à de um homem que se exponha ao sol, com a cabeça descoberta, em regiões tropicais, cujo resultado é a insolação. O sol tanto pode destruir, quanto fazer reviver. Sem seu par simbólico, a água, ele produz desertos na tena. A realização do *atman*, o eu espiritual, a existência de um ego formado e consistente — desde que o ego possa tornar-se uma lente de cristal puro que focalize a luz cósmica todo-penetrante de Brahman, sem introduzir as sombras do orgulho, da possessividade e da exibição. Mas esse "desde que" levanta uma questão muito ampla. A transmutação da "vida" em "mente" é um processo difícil.

Este é o primeiro estágio da vigésima quinta seqüência quádrupla de símbolos, que abre a Cena Nove. A idéia básica, "Combustão", que se aplica à série inteira de quinze fases, dificilmente requer interpretação. Num sentido geral, a palavra-chave para este primeiro grau de Leão poderia ser CONFLAGRAÇÃO. As energias dos impulsos biológicos em sua irrupção, mais ou menos forçada, no campo da consciência.

FASE 122 (LEÃO A 2°): UMA EPIDEMIA DE CAXUMBA.

IDÉIA BÁSICA: *O poder de disseminação das crises individuais numa coletividade.*

Este símbolo deve ser interpretado em dois níveis, sem uma fuga das questões colocadas pela sua elaboração original. Quais as implicações de uma epidemia? E por que caxumba? O sentido amplo de uma epidemia consiste no fato de um indivíduo, se infectado por um certo tipo de moléstia, poder transmitir essa moléstia a um vasto número de pessoas do seu ambiente e, em alguns casos, a todo o globo. No símbolo precedente, estivemos diante de uma crise individual, e suas possibilidades perigosas *para o indivíduo* estavam implícitas. Agora, lidamos com um processo que afeta toda a sociedade; isso evidentemente aponta para o fato de a humanidade como um todo

ser potencialmente afetada e, portanto que ela, consciente ou inconscientemente, não pode impedir seu envolvimento nas situações críticas enfrentadas por qualquer indivíduo ou grupo especial de pessoas. Por que então uma epidemia de caxumba? Há a implicação de uma doença infantil, mas que pode apresentar conseqüências muito sérias para o homem adulto que a contrair, pois afeta não apenas as glândulas linfáticas, especialmente na região do pescoço, como também os testículos. Enquanto Áries simboliza o nascimento como um organismo natural na Terra, Leão representa (pelo menos potencialmente) o renascimento - no nível da individualidade consciente e baseada na mente. Assim, em Leão, o homem ainda é, nesse sentido, apenas uma "criancinha" - pode-se dizer, um futuro iniciado, um infante em espírito. A relação entre a caxumba e as glândulas sexuais é característica, pois o ingresso no reino da mente consciente e individualizada pode afetar a potência, seja através da superestimulação e irritação, ou em termos de privação ascética deliberada.

Este símbolo de segundo estágio também oferece um contraste com o primeiro

FASE 123 (LEÃO A 3°): UMA MULHER DE MEIA-IDADE, COM OS LONGOS CABELOS CAÍDOS SOBRE OS OMBROS, VESTIDA COM UM TRAJE JOVEM, SEM SUTIÃ.

IDÉIA BÁSICA: *A vontade de enfrentar o desafio da idade nos termos da glorificação da juventude que permeia nossa moderna sociedade.*

Embora a leitura original do símbolo há mais de cinquenta anos falasse de uma mulher madura que se atrevera a enrolar o cabelo, hoje, um tipo semelhante de rebelião contra a idade e os hábitos do final da meia-idade manifestar-se-ia sob outras formas. O significado do símbolo pode ser estendido a todo desejo que uma mulher possa ter de reivindicar o direito de passar por experiências de juventude que possam ter-lhe sido negadas, especialmente quando, à luz da moda do dia, essas experiências forem consideradas altamente valiosas.

O terceiro estágio tem um símbolo que implica uma reorientação do ideal de ação de cada um com relação à mentalidade coletiva do ambiente social; em termos mais particulares, a recusa, por parte da consciência individualizada, a ver-se limitada por padrões de ordem biológica ou social. A palavra-chave: INDEPENDÊNCIA.

FASE 124 (LEÃO A 4°): UM HOMEM IDOSO, EM TRAJES FORMAIS, AO LADO DE TROFÉUS QUE OBTEVE NUMA EXPEDIÇÃO DE CAÇA.

IDÉIA BÁSICA: *A vontade masculina no sentido de conquistar sua natureza animal e impressionar seus pares com sua habilidade de realização dos antigos rituais tradicionais de poder.*

Este símbolo pode ser interpretado no nível estritamente social — os troféus do caçador, seu orgulho por mostrá-los aos membros do seu clube de alta classe etc. Mas, se nos remetemos às implicações espirituais-mentais mais elevadas do signo de Leão, podemos ver neste quadro uma referência à capacidade do homem no sentido de superar as tendências animais de sua natureza biopsíquica de acordo com determinados procedimentos tradicionais. A implicação do fato de o homem estar "em trajes formais" é que um importante, senão o mais importante, objetivo do indivíduo ao desenvolver essa capacidade foi "provar-se a si mesmo" — diante dos outros, bem como, talvez, diante de si.

Este é o quarto estágio da vigésima quinta seqüência quintupla. O símbolo pode ser remetido à avidez por mostrai-se capaz de sair das situações difíceis de maneira vantajosa, o que é característico do temperamento de Leão: DRAMATIZAR AS PRÓPRIAS REALIZAÇÕES.

FASE 125 (LEÃO A 5°): FORMAÇÕES ROCHOSAS PROJETAM-SE ACIMA DE UMA GRANDE GARGANTA.

IDÉIA BÁSICA: *O poder estruturador das forças elementais no decorrer do longo ciclo de evolução planetária.*

Ultrapassando o tempo de vida alcançado pelos seres humanos individuais, os vastos períodos da evolução geológica não apenas surpreendem a nossa imaginação, como permitem a lenta, embora magnífica, ação das forças elementais, que moldam paisagens e gargantas, rochas e montanhas. Este símbolo aponta para nossa necessidade de adquirir uma perspectiva muito mais vasta daquilo que somos capazes de fazer — e do nosso anseio de juventude prolongada, assim como do nosso orgulho por aquisições viris. As obras da natureza devem nos fazer humildes e nos auxiliar a "planetarizar" nossa consciência.

Este símbolo de quinto estágio conclui a seqüência do primeiro nível. Ele está numa relação de amplo contraste pictorial com o primeiro, ou melhor, ele procura nos impressionar apresentando-nos nossa vaidade de criadores de formas e de realizadores de façanhas mentais. Para o dramático e orgulhoso tipo Leão, ele apresenta um quadro de IMPESSOALIDADE.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 126 (LEÃO A 6°): UMA SENHORA CONSERVADORA, À MODA ANTIGA, É CONFRONTADA POR UMA GAROTA. HIPPIE.

IDÉIA BÁSICA: *! necessidade de transcender nossa subserviência à moda, em termos de moral e de roupas.*

Isso se refere ao cenário sempre mutável dos valores sociais, conforme vão-se sucedendo os ideais do relacionamento humano, com uma geração encarando, na próxima, um quadro antipático daquilo que foi levada a considerar valioso e decente. O confronto poderá levar a um grande amargor e, no entanto, deve nos mostrar o caráter fugaz da maioria daquilo que a sociedade grava em nossa mentalidade coletiva.

Eis o primeiro estágio da vigésima sexta seqüência de cinco fases do processo cíclico. Estamos lidando agora com valores culturais e com o impacto emocional que têm sobre a formação do nosso caráter. Enquanto o primeiro grau de Leão tratou de uma crise individual de reorientação, o sexto grau se refere a uma crise de natureza social, cultural e coletiva que nos desafia a perceber a RELATIVIDADE DOS VALORES SOCIAIS.

FASE 127 (LEÃO A 7°): AS CONSTELAÇÕES DE ESTRELAS LUZEM FEÉRICAMENTE NO CÉU NOTURNO.

IDÉIA BÁSICA: *O poder dos valores espirituais básicos que se referem à humanidade comum do homem e a todos Os arquétipos duradouros.*

A experiência do céu noturno, com sua multiplicidade de estrelas, especialmente brilhantes em todos os países de onde veio a astrologia, é uma experiência tão básica e arquetípica como as do nascer do sol, da lua cheia e das mudanças de estação. Todo povo desta Terra desenvolveu o conceito de *constelações*, provavelmente em função da necessidade de encontrar ordem na existência e de personalizar tudo aquilo a que se possa atribuir uma forma permanente. Essas personalizações podem ser chamadas "projeções psíquicas", mas é preciso elaborar o conceito de "projeção" em ambas as direções. Se o homem projeta sua natureza humana básica no céu noturno pleno de estrelas, não seria uma afirmação igualmente lógica a de que o universo projeta seus próprios padrões eternamente expansivos de ordem sobre a natureza humana? Em ambos os casos, lidamos com fatores arquetípicos que se mantêm no decorrer de uma longa série de gerações.

Este símbolo de segundo estágio apresenta-se, mais uma vez, em perfeito contraste com o precedente. Os padrões praticamente imutáveis dos agrupamentos de estrelas são opostos a uma seqüência de modas e ideais sociais em constante mudança. A palavra-chave é PERMANÊNCIA.

FASE 128 (LEÃO A 8°): UM ATIVISTA COMUNISTA DIVULGANDO SEUS IDEAIS REVOLUCIONÁRIOS.

IDÉIA BÁSICA: *A tentativa, de caráter emocional e ideológico, de retornar a um estado de caos e de indiferenciação, como prelúdio de um novo tipo de ordem.*

Este símbolo, deixando de lado toda a controvérsia socio-política dos nossos dias, representa a atividade de forças destrutivas ou catabólicas (um dos aspectos do deus indiano Shiva) em resposta a um tipo de confronto sugerido no símbolo de Leão a 6°. A velha ordem é confrontada pelo impulso juvenil de instalação de um novo modo de vida e de um novo sentido de valores. Quando se recusa a abandonar suas prerrogativas, a velha ordem polariza uma violenta reação revolucionária. O revolucionário pode ter belos sonhos de uma sociedade "sem classes", livre do ódio e das duras lutas pela sobrevivência, mas o primeiro resultado prático de sua atividade quase inevitavelmente se manifestará como "caos". Não obstante, o caos é um estado de coisas que clama por uma nova descida do poder de reorganização e de diferenciação. Diga-se de passagem que essa descida, na maioria dos casos, ainda tem como base os velhos conceitos, testemunhando-se uma luta pelo poder pessoal e ditatorial.

Este é o terceiro estágio da vigésima sexta seqüência de cinco fases. Idealmente, deveria mostrar o modo pelo qual a visão de uma ordem cósmica (estágio dois) poderia resolver o conflito

potencial entre um *Establishment* obsoleto e seus jovens contestadores (estágio um). Mas a realidade apresenta, em nossos dias, um quadro mais cruel de AÇÃO CATABÓLICA.

FASE 129 (LEÃO A 9°): SOPRADORES DE VIDRO FORMAM BELOS VASOS COM SUA RESPIRAÇÃO CONTROLADA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de envolver as próprias energias mais espirituais e vitais no ato criador se se quiser que ele produza novas formas belas e significativas.*

A respiração representa o poder do espírito, animador de todas as manifestações vivas. Como usa a respiração para dar forma a recipientes de vidro, o soprador é um símbolo adequado para a profundidade até a qual o indivíduo criativo deve envolver seu ser total em sua criação. Ele também usa o fogo do espírito — a inspiração transpessoal — ou, noutro sentido, o fogo das emoções profundamente sentidas. Toda atividade criadora que não envolva, ao mesmo tempo, o "fôlego" e o "fogo", não pode transformar em belas obras de arte — ou, com efeito, numa nova forma de ordem — as matérias-primas, permanecendo no passado (a "areia").

Este quarto estágio da vigésima sexta seqüência mostra, simbolicamente, a técnica requerida na verdadeira e bem-sucedida atividade transformadora. Essa atividade sempre tem como implicação a INTENSIDADE CRIADORA.

FASE 130 (LEÃO A 10°): A NÉVOA DA MADRUGADA DISSIPA-SE COM A INUNDAÇÃO DO CAMPO PELA LUZ DO SOL.

IDÉIA BÁSICA: *O sentimento exaltado que se eleva no íntimo da alma do indivíduo que passou com sucesso pela longa noite de teste de sua força e fé.*

Tendo o ar frio da noite precipitado, no campo da consciência do homem, a umidade dos seus mais profundos sentimentos, essa névoa tão disseminada é abençoada com a luz da significação pelo sol nascente de um novo dia. Mesmo as lágrimas podem ser transformadas em jóias na luz da vitória sobre a noite e o sofrimento.

Neste quinto estágio da atual seqüência, vemos a potencial culminância do processo que se iniciou em termos de crise social e cultural. O futuro transformador tem de enfrentar muitos problemas emocionais quando inicia o trabalho de criação. Criação significa transformação; o reformador é, na realidade - desde que seja um indivíduo verdadeiramente criativo e inspirado, aberto ao espírito "que a tudo renova" -, um transformador. A construção de uma nova sociedade, bem como de uma personalidade renovada, é tanto um processo de criação artística, como a feitura de um delicado vaso de vidro ou ou a composição de uma sinfonia. A palavra-chave é TRANSFIGURAÇÃO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 131 (LEÃO A 11°): CRIANÇAS BRINCAM NUM BALANÇO PENDENTE DOS GALHOS DE UM VELHO CARVALHO.

IDÉIA BÁSICA: *O poder da tradição em sua ação de protetora dos primeiros momentos da auto-expressão individual.*

A grande Tradição da humanidade tem sido simbolizada por uma imensa árvore, sendo cada Mestre espiritual um dos seus muitos galhos, que saem do tronco único da Revelação primordial. Quando inicia sua jornada espiritual, o homem se assemelha a uma criança em estado de excitação, brincando com estados de espírito rítmicos de elevação e de depressão. Ele brinca com palavras e conceitos que "pendem" dos "galhos" da Tradição - e, com freqüência, toda a questão, tal como a vê o homem, se resume, em termos essenciais, a um jogo. Não obstante, ele é sustentado de forma segura pela árvore, protegido pela folhagem de uma luz demasiado forte e abrasadora.

Este estágio dá início à vigésima sétima seqüência quádrupla de símbolos. Ele lida, essencialmente, com a liberação de intensidade emocional em vários níveis da consciência individualizada, quando esta reage às potencialidades recém-desenvolvidas da mente. Estamos, neste primeiro estágio, diante da ATIVIDADE ESPONTÂNEA DA MENTE INOCENTE.

FASE 132 (LEÃO A 12º): UMA FESTA DE ADULTOS NUM GRAMADO ILUMINADO POR LUXUOSOS REFLETORES.

IDÉIA BÁSICA: *Relaxamento grupai em ambiente da moda como fuga da rotina de trabalho.*

Enquanto o símbolo precedente lidou com o prazer simples e espontâneo das crianças, este se refere ao relaxamento, mais ou menos padronizado e ditado pela moda, de adultos que deixaram atrás de si o dia de trabalho e estão trocando gentilezas e comentários amenos. O "gramado" e os "refletores" são cultivados; o tipo de mente exibido nas animadas conversas, estimulada pela bebida, é completamente socializada e nem sempre inocente. A grande Tradição foi reduzida a um mero modismo social.

Este símbolo de segundo estágio contrasta com o da primeira fase. Alcançamos agora um estágio de SOFISTICAÇÃO e de envolvimento em aparências e na intelectualidade ou espírito superficiais.

FASE 133 (LEÃO A 13º): UM VELHO CAPITÃO DE NAVIO BALANÇANDO-SE NO ALPENDRE DO SEU CHALÉ.

IDÉIA BÁSICA: *A lembrança, por parte da mente sossegada, de crises e alegrias há muito passadas.*

O capitão conduziu o navio de sua consciência do ego por mares e tempestades, mantendo a integridade do seu eu individual, ao mesmo tempo em que permaneceu em estreito contato com o Inconsciente coletivo. Ora aposentado, ele pode tentar extrair sabedoria das muitas experiências que teve e das vitórias que obteve sobre as forças elementais. O "balanço" da consciência infantil tornou-se uma "cadeira de balanço", da qual é possível contemplar cenas do passado e do presente, movendo-se suavemente da mesma maneira como as ondas rolam na praia. Finalmente, paz.

Neste terceiro estágio, encontramos a consciência da velhice, depois de passar pela brincadeira espontânea de crianças, próximas da natureza protetora (Leão a 11º), e as festinhas da moda promovidas por adultos escapistas (Leão a 12º): três fases de desenvolvimento mental. Palavra-chave: REMEMORAÇÃO TRANQUILA.

FASE 134 (LEÃO A 14º): UMA ALMA HUMANA BUSCANDO OPORTUNIDADES DE MANIFESTAÇÃO EXTERNA.

IDÉIA BÁSICA: *O anseio por auto-atualização.*

Por trás dos inúmeros ritmos e impulsos da existencia individual, além da criança, do adulto e do idoso, há a alma, que sempre busca manifestar-se *através* da personalidade. Trata-se da premência transpessoal do espírito, que se expressa de muitas maneiras ao longo de uma vida. Mas muitos caminhos se acham bloqueados e a alma aguarda até não poder esperar mais. Vem então a libertação dramática, que pode significar uma jubilosa festa ou a loucura.

O quarto estágio desta vigésima sétima seqüência traz uma pista transcendental à técnica de viver: *Deixe* a alma manifestar-se! Permita que o poder do tom correto do seu ser se manifeste suave, fácil e livremente - ou espere uma variedade de conseqüências. **DEIXE** a alma manifestar-se!

FASE 135 (LEÃO A 15º): UM DESFILE FESTIVO, COM SEUS ESPETACULARES CARROS ALEGÓRICOS, PERCORRE UMA RUA TOTALMENTE OCUPADA POR UMA MULTIDÃO QUE O APLAUDE.

IDÉIA BÁSICA: *A liberação mais ou menos sensacional de energia, de uma forma que dramatiza as aspirações inconscientes da natureza primitiva e instintiva do homem.*

Este último quadro da série relativa à Cena Nove, "Combustão", relembra, num sentido coletivo, o evento dramático representado pelo primeiro (Leão a 1º). O desfile de rua, talvez um tumultuado carnaval, leva homens e mulheres a um auge de excitação emocional e, talvez, à incandescencia. Mas o desfile teve de ser cuidadosamente planejado por mentes individuais que buscaram expressar-se no processo de dar uma forma concreta aos desejos e expectativas da multidão. O caráter teatral do tipo Leão é plenamente expresso aqui.

Eis o quinto estágio da vigésima sétima seqüência quántupla de fases. Neste estágio, a mente do indivíduo é capaz de dar uma DEMONSTRAÇÃO pública de sua capacidade de mover as multidões por meio de uma apresentação dramática de ideais popularizados. Isso leva a uma nova cena da jornada cíclica em torno do nosso próprio universo, simbolizado pelos signos do zodíaco.

CENA DEZ: LIBERAÇÃO (*Leão a 16° - Leão a 30°*)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 136 (LEÃO A 16°): TERMINADA A TORMENTA, TODA A NATUREZA SE REJUBILA NUM RESPLENDENTE BRILHO DO SOL.

IDÉIA BÁSICA: *O aparecimento da vida e do amor, depois de uma grande crise.*

O símbolo fala claramente por si mesmo. Como é brilhante a luz que se segue à longa "noite da alma"! A consciência, atacada, mas não conquistada, encontra-se exaltada no casamento entre os raios do sol e a seiva que se eleva. Isso é, de fato, "Liberação" - luz e vida cantando na mente limpa e revigorada, inundada por um momento pelas águas do sentimento.

Este é o primeiro estágio da vigésima oitava seqüência quántupla. Trata-se de uma seqüência que revela a consciência em seus momentos mais inspirados de júbilo. Mas essas "experiências de pico" podem operar em vários níveis. O primeiro e mais básico deles é o da própria vida e da superação de suas muitas crises - O JÚBILO E O PODER DOS NOVOS COMEÇOS.

FASE 137 (LEÃO A 17°): UM CORAL VOLUNTÁRIO DE IGREJA CANTA HINOS RELIGIOSOS.

IDÉIA BÁSICA: *O sentido de união que junta homens e mulheres em sua dedicação a um ideal coletivo.*

A religião, em seu aspecto institucionalizado, é uma tentativa de conferir um caráter transcendental ao sentimento da comunidade. O companheirismo do trabalho comum necessário à solidez e à segurança da existência num mundo perigoso é exaltado em rituais periódicos que envolvem a colaboração. Nesses momentos, a consciência e os sentimentos dos seres humanos fluem numa disposição comum, na qual são renovados pela experiência dos valores e crenças compartilhados.

Este símbolo de segundo estágio está em contraste com o do primeiro tão-somente no tocante ao fato de o aspecto coletivamente humano da experiência estar em contraste com o caráter puramente natural e fundamental da vida instintiva. A existência de um coral voluntário de igreja implica uma fase bastante sólida da cultura e da sociedade. Aquilo que é cantado reflete a maneira especial pela qual uma comunidade particular de seres humanos - por maior que possa ser — interpreta as realidades mais profundas da existência humana, bem como os anseios do homem com relação a um ideal. O símbolo expressa os aspectos idealizados da UNIÃO.

FASE 138 (LEÃO A 18°): UM QUÍMICO REALIZA UM EXPERIMENTO PARA SEUS ALUNOS.

IDÉIA BÁSICA: *Ao investigar o processo oculto da natureza, a mente humana experimenta a excitação da descoberta.*

Atingimos aqui o nível da análise intelectual e da capacidade humana de controlar processos naturais. Esta capacidade tem como fundamento o conhecimento herdado adquirido por uma comunidade de homens, geração após geração. O símbolo acentua esse fato, pois apresenta uma situação de ensino. O indivíduo demonstra seu poder, que está fundado numa longa série de esforços. Ele é um dos elos de uma cadeia ancestral que sua atividade prolonga no futuro.

Neste terceiro estágio da vigésima oitava fase do processo cíclico, vemos o homem, na qualidade de agente da coletividade de seres humanos, abordando a natureza em termos da possibilidade de promover-lhe a transformação, com o fito de satisfazer suas próprias necessidades ou vontades. No nível mais elevado dessa atividade, podemos falar de ALQUIMIA.

FASE 139 (LEÃO A 19°): UMA FESTA NUM BARCO-CASA.

IDÉIA BÁSICA: *A fruição de uma liberdade temporária do comportamento social rigidamente estruturado.*

Num certo sentido, este símbolo reproduz o de Leão a 12°, diferindo daquele pelo fato de implicar um tipo de reunião menos convencional e orientado de modo mais pronunciado para a juventude. O barco-casa confere um caráter íntimo e "boêmio" aos relacionamentos entre os convivas, ao passo que a "festa de adultos num gramado" reflete um tipo de interação mais superficial e mais respeitável, do ponto de vista social, entre pessoas sofisticadas de classe média. O barco-casa pode encontrar-se ancorado, mas mesmo assim flutua no rio, o qual, pelo menos simbolicamente, se estende bem além do estreito ambiente social. É sugerido que, numa reunião como essa, homens e mulheres buscam, pelo menos, experimentar o sentimento do livre fluxo de energias, numa espécie de fuga das atividades rotineiras do seu trabalho ou estudo.

Este símbolo de quarto estágio indica a possibilidade de encontrar "liberação" das energias naturais na diversão em grupo e nos contatos interpessoais mais estreitos. Fala de LIBERDADE DA RIGIDEZ SOCIAL.

FASE 140 (LEÃO A 20°): ÍNDIOS ZUNI REALIZAM UM RITUAL DEDICADO AO SOL.

IDÉIA BÁSICA: *Um retorno á glorificação das energias naturais.*

Enquanto o primeiro símbolo desta seqüência quántupla apresentou a magnificência do sol que retorna depois de uma tempestade, vemos neste último símbolo, por implicação, o homem retornando à natureza e glorificando o sol, depois da longa crise da vida "civilizada" em cidades artificiais. Já há muitos anos, o índio pueblo norte-americano tem sido, para o habitante preocupado da cidade, assim como para o intelectual esgotado, um símbolo desse "retorno à natureza". Depois de ter destruído implacavelmente esse povo, voltamo-nos para ele, tomando-o como exemplo da pacífica e harmoniosa vida em grupo.

Este quinto símbolo da vigésima oitava seqüência traz-nos a imagem de uma reversão da nossa atividade socializada e nos abre o caminho para a liberação mais profunda de nossas energias de base, há muito negadas. O homem natural vincula-se, conscientemente, com a fonte de toda a vida que há na terra. E isso significa IDENTIFICAÇÃO POR MEIO DA ADORAÇÃO - assim como a santificação do poder criador.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 141 (LEÃO A 21°): GALINHAS INTOXICADAS AGITAM ATABALHOADAMENTE AS ASAS, TENTANDO VOAR.

IDÉIA BÁSICA: *A primeira experiência, freqüentemente negativa e, por vezes, ridícula, com ensinamentos espirituais.*

No simbolismo do Oriente Próximo, o vinho, a intoxicação e as vinhas sempre se referem a experiências de êxtase e ao contato com escolas ocultas ou místicas. "Galinhas" sugere, aqui, que lidamos com seres humanos que são produtos padronizados de sua cultura ou espécimes mais ou menos indiferenciados de uma norma social. Levados acidental ou prematuramente a ter experiências místicas ou ocultas, eles costumam reagir de forma sobremaneira confusa e "atabalhoada". Aquilo que reage neles é o ego, que jamais pode "voar" (isto é, experimentar realidades espiritualmente transcendentais de forma efetiva).

Este primeiro símbolo da vigésima nona seqüência de cinco fases apresenta o quadro da maneira insatisfatória pela qual muitas pessoas, em nossos dias - especialmente os jovens -, abordam aquilo que pretende ser realidade espiritual. O "alimento" pode ser intoxicante, capaz de expandir a consciência, mas as aberturas internas carecem de profundidade e de natureza construtiva, produzem ou não o que se afigura como prodigiosos sentimentos. Podemos falar, aqui, do perigo da EXPANSÃO PREMATURA DA CONSCIÊNCIA.

FASE 142 (LEÃO A 22º): UM POMBO-CORREIO CUMPRINDO SUA MISSÃO. IDÉIA BÁSICA -.*Espiritualidade, em termos de treinamento para o serviço à humanidade.*

Em contraste com a galinha intoxicada, temos agora um pombo-correio treinado com sucesso, que leva a mensagem cujo transporte constitui sua função. Aqui, a ave domesticada é vista dotada de uma significação e um propósito especiais. Isso se refere às energias espirituais usadas de modo construtivo e que levam à consciência mensagens de outros domínios. As realizações individuais somente adquirem um verdadeiro sentido se desempenharem uma função coletiva.

Este símbolo de segundo estágio apresenta claramente uma alternativa contrastante com relação àquilo que o quadro precedente revelou. A "liberação" de energias mais elevadas torna-se efetiva e valiosa, tão-somente, na medida em que sirva a um propósito mais elevado, mas concreto e definido. Eis o ideal do SERVIDOR DO MUNDO.

FASE 143 (LEÃO A 23º): NUM CIRCO, O CAVALEIRO MONTADO EM PÊLO MOSTRA SUA PERIGOSA HABILIDADE.

IDÉIA BÁSICA: *A audácia e a perseverança requeridas para controlar as poderosas energias do reino vital da existência humana e jogar com elas.*

O cavalo sempre foi símbolo das energias vitais. No estado selvagem, representa a magnífica, crua e impetuosa energia da libido em todas as suas formas. Domado, tem essa energia posta a serviço do homem. Há homens que dominaram suas energias naturais de forma tão perfeita, que são capazes de realizar façanhas espetaculares. Aqui, essas realizações são vistas no contexto de uma função social, expressando uma queda pelo dramático.

Neste terceiro estágio, o ego está no controle; é um grande homem-show, mas serve a um propósito. A façanha estimula a imaginação da consciência jovem. Leva a mente a elevar-se acima do comum. A palavra-chave é VIRTUOSISMO.

FASE 144 (LEÃO A 24º): TOTALMENTE CONCENTRADO NA REALIZAÇÃO ESPIRITUAL INTERIOR, UM HOMEM SE ACHA SENTADO, NUM ESTADO DE COMPLETA NEGLIGÊNCIA COM RELAÇÃO À APARÊNCIA E AO ASSEIO CORPORAIS.

IDÉIA BÁSICA: *Uma focalização interior da energia e da consciência, às expensas de todas as formas de atividade e de cuidado exteriores.*

Esta imagem tradicional do homem santo hindu, na mente ocidental típica, pode muito bem esconder o fato de que, sem o treinamento e a concentração intensa adequados, aquilo que costumamos considerar realização espiritual, autopercepção e "experiência de Deus", não é possível. As "galinhas intoxicadas" do símbolo de Leão a 21º devem aprender a autodisciplina, caso desejem "voar". Não pode haver meias medidas se o alvo do verdadeiro logue deve ser alcançado.

Este símbolo de quarto estágio, como de costume, sugere uma certa espécie de "técnica" ou, pelo menos, um meio adequado para se atingir um alvo visado. Esse meio é a CONCENTRAÇÃO TOTAL.

FASE 145 (LEÃO A 25º): UM GRANDE CAMELO É VISTO CRUZANDO UM VASTO E PERIGOSO DESERTO.

IDÉIA BÁSICA: *Auto-suficiência diante de uma longa e cansativa aventura.*

O camelo representa, aqui, o organismo vivo, capaz de se auto-sustentar independentemente do seu ambiente no início de uma desafiante jornada. (A formulação original *não* se referia a "um homem no lombo de um camelo".) O organismo traz dentro de si aquilo que é absolutamente necessário à sobrevivência. Num nível humano mais profundo de consciência, é fácil ver o valor da autoconfiança e da auto-suficiência quando se penetra na Senda oculta que leva a um reino mais dinâmico e abrangente de existência.

O camelo traz água dentro do corpo, tendo sido afirmado que o dromedário é capaz de utilizar a matéria armazenada em sua larga protuberância como alimento. A sugestão aqui é de que, para nos libertarmos das cadeias que nos prendem ao "velho mundo", devemos ser totalmente autocontidos em termos emocionais; tendo absorvido o alimento mental que essa velha cultura nos deu, es-

tamos prontos a enfrentar "o deserto", o nada, *Sunya...* até alcançarmos o "novo mundo". Precisamos de INDEPENDÊNCIA TOTAL do ambiente circundante e de uma profunda AUTOCONFIANÇA.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 146 (LEÃO A 26°): DEPOIS DA PESADA TEMPESTADE, SURGE UM ARCO-ÍRIS.

IDÉIA BÁSICA: *Ligando o em cima e o embaixo, o Pacto com a divina natureza decada um de nós traz uma promessa de imortalidade.*

Na Bíblia, o arco-íris é o signo do Pacto firmado entre Deus e Noé (o "Ho-mem-Semente" cíclico), garantia de que o poder destrutivo do Espírito (o aspecto Shiva do Divino) não mais será usado para destruir a vida na terra. Quando chegamos ao terceiro nível da cena de "Liberação", encontramos o homem que se mostrou capaz de enfrentar a tempestade catártica face a face com seu divino Arquéti-po; como foi vitorioso, houve o estabelecimento de um vínculo entre ele e sua divina Alma-ser. Os parceiros humano e divino devem permanecer ligados dessa maneira. As últimas palavras de H. P. Blavatsky, pelo que se diz, teriam sido: "Mantém minha Ligação intacta" - a Ligação que ela havia forjado com a Irmandade Transimalaia que a enviara às trevas do materialismo do século XIX com esse propósito.

Neste primeiro estágio desta trigésima seqüência, o símbolo do arco-íris mostra a necessidade de mantermos um estado de comunicação aberta entre o Céu e a Terra com o no^osso ser total - não em benefício da descoberta de um sempre ilusório "pote de ouro", alvo que jamais será alcançado, mas para encarar a totalidade da nossa identidade individual tal como projetada na abobada multicolorida da nossa consciência atingida pelo céu. Depois do enfrentamento bem-sucedido de cada crise, chega até nós a REVELAÇÃO DO VALOR e, com ela, a promessa de sucesso, desde que façamos nossa parte.

FASE 147 (LEÃO A 27°): A LUMINOSIDADE DA ALVORADA NA DIREÇÃO LESTE DO CÉU.

IDÉIA BÁSICA: *O desafio exaltador de novas oportunidades no limiar de um novo ciclo.*

Enquanto o arco-íris marca o final da crise, o começo do alvorecer indica o verdadeiro início de um novo período de atividade. No simbolismo bíblico, Noé planta sua "vinha" — começa a ensinar sua "doutrina secreta", herdada dos *Ben Elohim* (Filhos de Deus) que não foram tragados pelo furacão da materialidade. Depois da experiência de pico, na qual tocamos nossas potencialidades "divinas", vem a batalha com os problemas cotidianos. Mas, a princípio, o estado de profundo júbilo interior permanece conosco. Ficamos excitados com sua promessa.

A crise e as bênçãos que nos proporcionou são eventos relativamente incomuns; todo dia tem seu alvorecer, que devemos encontrar com o coração puro e a mente limpa. Alfa (alvorada) e ômega (a experiência de pico conclusiva) são opostos e, não obstante, uma mesma coisa. A palavra-chave é ILUMINAÇÃO.

FASE 148 (LEÃO A 28°): INÚMEROS PASSARINHOS NUM GALHO DE UMA GRANDE ÁRVORE.

IDÉIA BÁSICA: *Uma ampla e talvez confusa abertura a uma multiplicidade de potencialidades inspiradoras.*

Há um estágio da vida espiritual — que não é diferente da vida cotidiana — durante o qual a consciência, aspirando a maiores realizações ou a formas mais comovedoras de auto-expressão, sente-se inundada por novas idéias e possibilidades. Isso pode se revestir de um caráter sobremodo excitante, e, no entanto, é bastante confuso. Faz-se necessária uma autofocalização, realizada por meio da limitação do nosso próprio campo de visão e de atividade.

Este terceiro estágio da trigésima seqüência quádrupla traz até nós os resultados dos dois estágios precedentes. Devemos evitar a SOBRECARGA DE POTENCIALIDADES e, não obstante,

fruir a prodigiosa clareza de sentimentos que isso nos pode proporcionar, talvez depois de dias, meses e anos de frustração e trevas.

FASE 149 (LEÃO A 29°): UMA SEREIA EMERGE DAS ONDAS DO MAR, PRONTA A RENASCER EM FORMA HUMANA.

IDÉIA BÁSICA: *O estágio no qual um intenso sentimento-intuição, advindo do inconsciente, está prestes a assumir a forma de pensamento consciente.*

A sereia personifica um estágio de consciência ainda parcialmente envolvido pelo sempre ilusório oceano móvel do inconsciente coletivo, mas já semiformulado pela mente consciente. Todo pensador ou artista criativo conhece muito bem a mistura peculiar de exaltação e ansiedade que caracteriza um estágio dessa espécie. Irá o sentimento intuitivo desaparecer, reabsorvido pelo inconsciente, ou a percepção inexpri-mível adquirirá a concretude e forma exprimível de um conceito ou de um motivo definido numa forma artística?

Este quarto símbolo da trigésima seqüência de cinco fases sugere que o fogo do desejo por uma forma estável e concreta queima na raiz de todas as técnicas de auto-expressão. Um arquétipo inconsciente de energia está prestes a alcançar a consciência *por intermédio* do criador, da mesma maneira como o Amor cósmico busca uma expressão tangível *por intermédio* de amantes humanos. Todo o universo pré-humano dirige-se ansiosamente para o estágio humano da consciência firme e clara. Essa forte premência evolutiva, esse *élan vital*, é o elemento implícito neste símbolo da sereia em busca de encarnação humana - o ANSEIO PELA FORMA E PELA SOLIDEZ CONSCIEN- TES.

FASE 150 (LEÃO A 30°): UMA CARTA NUM ENVELOPE ABERTO.

IDÉIA BÁSICA: *A compreensão, por parte do indivíduo, de que todos os pensamentos e mensagens devem ser compartilhados, inevitavelmente, com todos os homens.*

Vindo, como vem, no final desta décima cena, e estando vinculado ao último grau do signo zodiacal de Leão, este símbolo parece, a princípio, sobremodo surpreendente; concebido como símbolo isolado, seu sentido essencial não se torna evidente. O fato de uma carta não estar fechada não implica a confiança de que outras pessoas não venham a ler seu conteúdo, mas antes a idéia de que o conteúdo deve ser lido por todos os homens. A carta contém uma mensagem pública, no sentido de que, quando alcançou o estágio de verdadeira repolarização e desenvolvimento mentais — que vemos já no primeiro símbolo de Leão —, o homem se tornou, na verdade, um participante da *Mente Una* da humanidade. Nada pode ser realmente oculto, a não ser de modo superficial e por um breve período de tempo. Aquilo que um determinado homem pensa e compreende no mais profundo do seu ser torna-se propriedade de todos os homens. Nada é menos desprovido de sentido do que a possessividade no reino das idéias. Se Deus fala a um homem, o Homem ouve-lhe as palavras. Nada pode manter-se permanentemente "fechado".

No final desta trigésima seqüência de cinco símbolos, afirma-se claramente, em especial para o tipo eminentemente orgulhoso de Leão, que tudo aquilo que toma forma na mente de um homem pertence a todos os homens. A comunicação e o COMPARTILHAMENTO sempre devem prevalecer sobre a vontade de obter a autoglorificação através da reivindicação da propriedade exclusiva de idéias e informações.

CENA ONZE: *CARACTERIZAÇÃO (Virgem a 1° - Virgem a 15°)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 151 (VIRGEM A 1°): NUM RETRATO, OS TRAÇOS SIGNIFICATIVOS DA CABEÇA DE UM HOMEM SÃO ARTISTICAMENTE ACENTUADOS.

IDÉIA BÁSICA: *! capacidade de representar diante de si mesmo os traços salientes e o significado geral de qualquer situação da vida.*

Durante as duas cenas precedentes, a "sensação" de energia em ação foi a característica dominante de uma consciência ainda fortemente centrada no ego mas que não obstante, por vezes se

aproxima, ansiosa e devotadamente, de uma compreensão da ordem divina ou cósmica. Agora, chegamos, no ciclo sazonal do ano, ao signo de Virgem. Trata-se, num certo sentido, de um símbolo de colheita, mas também da Senda do discipulado e de todos os processos fortemente determinados de treinamento ou retreinamento. Tendo fruído e liberado *energia* e estando por ela inundada a consciência personalizada agora tem de aprender a lição *da forma significativa*. Deve ser capaz de ver as situações de vida como totalidades de experiência, bem como de descobrir seu significado mediante a distinção de suas características mais típicas.

Este é o primeiro estágio da trigésima primeira seqüência quádrupla de símbolos, tendo como palavra-chave DISCRIMINAÇÃO. Estão implícitas na discriminação a análise e a intuição. A mente separa e identifica - e, por infelicidade, com freqüência exagera - aquilo que torna uma pessoa ou situação distinta de outra; mas as respostas intuitivas da pessoa como um todo àquilo que a confronta também é essencial, tendo em vista que o importante é não apenas minha ou sua "diferença", como também o lugar e a função que essa diferença ocupa no padrão orgânico da evolução da "humanidade como um todo", isto é, o Homem.

FASE 152 (VIRGEM A 2°): UMA GRANDE CRUZ BRANCA DOMINA A PAISAGEM.

IDÉIA BÁSICA: *A sabedoria e a compaixão que só a experiência do sofrimento e do isolamento pode trazer.*

O indivíduo deve ter ido além do estado de subjetividade do ego para "ver" e discriminar verdadeira e objetivamente. Ele deve ter aprendido o desprendimento; e esta é uma lição que ninguém pode aprender sem a "crucifixão" da vida emocional centrada no ego. Na tradição oculta, o olho que "vê" deve ser lavado pelo sangue do coração. A experiência da Cruz domina a Senda mística que leva à iniciação, isto é, à entrada de um reino mais amplo de atividade e de participação, com uma exaltada Companhia de seres aperfeiçoados.

Enquanto a descoberta dos elementos significativos de qualquer situação implicou o uso da mente, tanto analítica como intuitiva, chegamos agora a um estágio contrastante, no qual a mente deve ser abandonada e, talvez, até mesmo aparentemente destruída, para que a compaixão e a compreensão possam elevar-se das profundezas do mais íntimo do ser: UMA PROVAÇÃO LIBERTADORA.

FASE 153 (VIRGEM A 3°): DOIS ANJOS DA GUARDA.

IDÉIA BÁSICA - *Auxílio e proteção invisíveis em momentos de crise.*

Embora a consciência possa não ter ainda a capacidade de compreendê-lo como um fato, o homem se acha cercado pelo espírito da mesma maneira como o peixe o está pela água. Os anjos, devas e seres semelhantes são formas personificadas do espírito. Pelo menos num sentido, constituem, em seu conjunto, um reino da existência complementar à humanidade. São campos especializados de energia claramente conscientes, mas não "livres" num sentido humano — isto é, livres para ser aquilo que não são. Dizem-nos videntes, e até mesmo pessoas simplesmente dotadas de clarividência, que esses seres constituem hierarquias de formas distribuidoras de energia que sustentam todos os processos de vida — em especial nos reinos vegetal e telúrico —, assim como agentes protetores vinculados aos seres humanos. Os psicólogos modernos podem pensar neles como símbolos de poderes até agora latentes no inconsciente do homem. Tomando consciência de sua presença e poder sustentador, o homem pode evitar o sentimento desesperado de solidão e alienação que costuma fazer-se presente na "noite da alma" e nos quarenta dias simbólicos passados no deserto.

Este símbolo de terceiro estágio vem para aqueles que possam ter uma enorme necessidade de ser tranqüilizados. É uma resposta ao símbolo da Crucifixão. Os sentimentos pessoais centrados no ego podem ser esquartejados e destruídos; em seu lugar, o homem pode desenvolver um sentido de profundo companheirismo com consciências que, embora difiram em larga medida da sua, complementam-lhe a mente diminuída. Ele pode então perceber sua FORÇA INTERIOR.

FASE 154 (VIRGEM A 4°): CRIANÇAS NEGRAS E BRANCAS BRINCAM JUNTAS NUM CLIMA DE ALEGRIA.

IDÉIA BÁSICA: *! superação dos preconceitos sociais.*

A liberdade com relação a todas as formas, tendências e idiosincrasias da cultura e da classe particulares em que nascemos e em que fomos educados é uma condição *sine qua non* da consciência que se encontra verdadeiramente "na Senda". O ideal da fraternidade universal subjaz a todos os grandes ensinamentos espirituais, pois todos eles são semelhantes a ramos da Árvore Única, o Homem, em seu estado divino. Isso não significa que inexistam diferenças raciais, mas que essas diferenças têm um valor *funcional* em termos do organismo total do Homem - e do planeta Terra.

Neste quarto estágio, a técnica básica que se aplica a todo real progresso espiritual é claramente enunciada. Todo ser humano deve ser visto, abordado e calorosamente recebido como "filho de Deus" ou, em termos menos religiosos, como um exemplar do Homem. Essa condição dá a todo grupo social e interpessoal a característica de uma IRMANDADE.

FASE 155 (VIRGEM A 5°): UM HOMEM TOMA CONSCIÊNCIA DOS ESPÍRITOS DA NATUREZA E DE AGENTES ESPIRITUAIS QUE NÃO COSTUMAM SER VISTOS.

IDÉIA BÁSICA: *A abertura de novos níveis de consciência.*

Vimos, no primeiro símbolo desta seqüência quántupla, o indivíduo em busca da obtenção de uma consciência da forma significativa e do sentido a partir dos contatos cotidianos. Agora, ao final da seqüência, é mostrado um estado mais avançado de compreensão em seu caráter inicial e relativamente primitivo. A consciência vai alcançando, gradualmente, um ponto que ultrapassa as características físicas, tornando-se consciente dos processos de energia, isto é, do dinamismo de forças que se manifestam exteriormente como formas de vida.

Este é o último estágio da trigésima primeira seqüência quántupla de fases do processo cíclico da consciência. A mente, em seu caráter objetivador e analítico, sempre tende a atribuir um "nome e uma forma" (*ñama e ñipa* em sânscrito) àquilo com que tem contato sob a forma de processos de energia. Ele "projeta" a energia ou o sentimento, relacionando-os com experiências sensoriais mais ou menos familiares. Damos a isso o nome de IMAGINAÇÃO.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL FASE 156 (VIRGEM A 6°): UM CARROSSEL.

IDÉIA BÁSICA: *A primeira experiência da intensidade dinâmica dos processos vitais e da possibilidade de utilizá-los para atingir uma satisfação do ego característica.*

Vários elementos vinculados ao antigo tipo de carrossel devem ser entendidos em seu mais profundo aspecto simbólico. Podemos distinguir dois estágios de experiência: o estágio no qual uma criancinha é colocada, junto com sua mãe ou babá, num carro aberto - a única experiência é de um movimento circular, talvez, no início, atordoante - e o estágio de montar num cavalo (ou noutro animal qualquer), que costuma subir e descer, ao mesmo tempo em que gira. Como o cavalo sempre representa a energia vital (mais tarde entendida como libido ou "energia psíquica"), o carrossel, neste último estágio, simboliza ou prefigura a consciência do caráter cíclico e dos altos e baixos da vida emocional. No carrossel bem equipado, a criança em seu cavalo recebe uma espécie de garra destinada às suas tentativas de apanhar um anel que se encontra pendurado ao seu alcance num certo ponto fixo situado imediatamente fora do carrossel. Se a criança for bem-sucedida nessa difícil operação, é-lhe concedido um prêmio ou uma volta grátis. O simbolismo é sexual em suas implicações; em termos mais gerais, todavia, implica que toda liberação cíclica de energia vital nos oferece a oportunidade de demonstrar alguma espécie de habilidade e de domínio.

Este é o primeiro estágio da trigésima segunda seqüência de cinco símbolos. No sentido mais amplo, vemos aqui uma caracterização daquilo que a consciência em desenvolvimento (e, num certo nível, o "discípulo na Senda") experimenta: UMA ABORDAGEM OBJETIVA DA FORÇA VITAL.

FASE 157 (VIRGEM A 7°): UM HARÉM.

IDÉIA BÁSICA: *Uma fatídica (mesmo que buscada) subserviência aos caprichos ou desejos da natureza emocional.*

Num certo sentido, este símbolo acha-se vinculado com o precedente, revelando uma fase fortemente contrastante da vida emocional e cultural. A experiência aqui simbolizada é *passiva*, ao passo que a de Virgem a 6° foi intensamente *dinâmica*. Não obstante, pode haver, para a mulher do harém, alguma espécie de padrão cíclico e um prêmio a ser obtido — o favor do sultão. Em ambos os casos, o poder motivador é exterior àquele que passa pela experiência, sendo este aprisionado num padrão de forças sobre o qual não tem controle; no entanto, a criança pode usar propositadamente a pequena margem de ação que lhe é concedida para ganhar uma volta, do mesmo modo como a mulher pode usar seus encantos para atrair a atenção do seu senhor. O indivíduo, em ambos os casos, encontra-se junto com um certo número de companheiros, todos em busca desse mesmo tipo de experiência ou destino ou a ele submetidos.

Este símbolo *de* segundo estágio contrasta com, mas também complementa, o do primeiro. Complementa-o no sentido de que podemos ficar viciados na excitação do carrossel das emoções vitais e tornar-nos escravos da esperança de repetir o júbilo das experiências iniciais; não obstante, podemos aprender como *utilizar* até mesmo a NULIDADE DA ESPERA.

FASE 158 (VIRGEM A 8°): UMA CRIANÇA DE CINCO ANOS RECEBE SUA PRIMEIRA AULA DE DANÇA.

IDÉIA BÁSICA: *O aprendizado do uso da capacidade pessoal de auto-expressão emocional de acordo com padrões culturais.*

O processo de experiência emocional em situações controladas, pelo que vemos agora, requer um movimento ativo e auto-induzido; não obstante, os movimentos ainda se acham condicionados, senão completamente determinados, por padrões culturais e, portanto, coletivos. O indivíduo só pode expressar seu próprio caráter particular de acordo com formas tradicionais. Ele ainda é inteiramente responsável perante seu mestre ou guru. Entretanto, abrem-se diante dele, nesse ponto, novas perspectivas.

Neste terceiro estágio da trigésima segunda seqüência quádrupla de símbolos, testemunhamos a ação da fase transicional que pode levar à maestria. A consciência-criança ainda se encontra dominada por alguma forma de autoridade, mas, como a criança tem "cinco anos", a implicação é de que está entrando no nível da humanidade consciente, representada pelo número 5, a estrela de cinco pontas que esboça, pelo menos, A POTENCIALIDADE DA INICIAÇÃO.

FASE 159 (VIRGEM A 9°): UM PINTOR EXPRESSIONISTA EM AÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *! premência de expressar o próprio sentido individual de valor, independentemente da tradição.*

Neste estágio, vemos o indivíduo reagindo contra os padrões culturais e as formas estereotipadas de interpretar suas próprias percepções. Trata-se de uma afirmação de autoconfiança descomprometida, que pode implicar, até mesmo, uma espécie de provocação e de desafio à sociedade. A mente procura descobrir o caráter do fundamento básico e verdadeiro da identidade individual, o tom AUM (ou *logos*) do ser individual. No processo, contudo, aquilo que é expresso costuma ser o reflexo de uma profunda catarse, com sobretons emocionalmente carregados e, com frequência, trágicos.

Este símbolo de quarto estágio leva-nos a perceber o indício de uma técnica de transformação da personalidade. Predomina nele um sentido de conflito interior e de uma tentativa superconsciente de si mesma no sentido de "ser quem é". Mas há uma grande diferença entre ser uma origem de desenvolvimento, plena de futuridade, e a ORIGINALIDADE deliberadamente procurada.

FASE 160 (VIRGEM A 10°): DUAS CABEÇAS OLHANDO PARA FORA E PARA ALÉM DAS SOMBRAS.

IDÉIA BÁSICA: *O crescimento da verdadeira compreensão, nascida da transcendência da dualidade, mesmo quando imersa no mundo da dualidade.*

A mente opera inevitavelmente neste mundo de conflitos, opostos e dualidade. No entanto, quando compreendem que são aspectos complementares da Realidade uma que sustem e abarca todos os modos dualistas de existência, os opostos são capazes de olhar para além dos conflitos internos e das sombras que esses conflitos produzem. Eles podem chegar a perceber a Consciência-Força Una, não em Si-mesma (já que esta é uma experiência, se não impossível, pelo menos inexprimível), mas como a Unidade Criadora, o Novo Deus, Ishvara, fonte de um novo ciclo de manifestação.

Este é o último estágio da trigésima segunda seqüência; ele nos leva a uma nova seqüência, que lida com os traços característicos da consciência em progressão consistente na parte mais crítica do árduo Caminho que leva à transformação. Num profundo sentido filosófico, testemunhamos aqui a mente tentando saltar para além da própria sombra que ela mesma projeta, inevitavelmente, sobre todas as experiências, isto é, a ATIVIDADE AUTO-TRANSCENDENTE DA MENTE.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 161 (VIRGEM A 11°): EM SEU BEBÊ, UMA MÃE VÊ ATENDIDO SEU PROFUNDO DESEJO DE TER UM FILHO.

IDÉIA BÁSICA *resposta do Espírito às necessidades vitais de tudo aquilo que se tornou individualizado a partir do seu infinito oceano de potencialidades.*

Todos os ciclos de manifestação terminam numa dualidade essencial de "sucesso" e "fracasso", da mesma forma que toda liberação de nova potencialidade, no início de um ciclo, é inevitavelmente polarizada em duas direções opostas, que se tornam diferenciadas em alto grau quando da "separação (mística) entre o carneiro e o bode". Mas, dessa dualidade, uma nova unidade termina por ser produzida: a criança, o novo Deus de um novo universo. Subconsciente ou conscientemente, durante a gravidez, a mãe sonha com o futuro filho, sendo o conteúdo do sonho revelado, no momento certo, pelo ser estrutural do bebê. O verdadeiro discípulo deve tornar-se a Mãe do Deus vivo e, por fim, atender à grande necessidade da humanidade e de todo o seu povo. O HOMEM é" renovado de modo constante por meio dos grandes sonhos e gravidezes sacramentais de todos os discípulos do Único Mestre.

Este é o primeiro estágio da trigésima terceira seqüência quántupla de fases do ciclo Neste estágio, o poder de colocar nossos sonhos e ideais num foco claro e atuado de atividade mental ou de imaginação precisa ser desenvolvido. Trata-se do poder da visualização criadora (*Kriyashakti*), para o qual foi cunhada uma significativa palavra durante a Segunda Guerra: IMAGENHARIA - uma combinação de "imaginação" e "engenharia" Diga-se de passagem que a palavra passou a existir, mas nossos estadistas fracassaram em dar-lhe um sentido em termos de atos.

FASE 162 (VIRGEM A 12°): DEPOIS DO CASAMENTO, O NOIVO RETIRA O VÉU DA NOIVA.

IDÉIA BÁSICA: *O poder penetrante e desvelador da mente treinada.*

Em contraste com o símbolo precedente, temos agora uma cena que acentua uma ação física carregada de tons psicológicos e/ou espirituais. Nas cosmologias antigas, o deus masculino com frequência aparece desempenhando três papéis: filho, marido e pai do elemento feminino da natureza. A natureza é preenchida pela mente e pela vontade humanas, que a dominam; ela resiste, tão-somente, para ser melhor subjugada pelo poder que a transcende e que, ao transcendê-la, dá-lhe um significado espiritual. O elemento de "treinamento" da cena simbólica vem do fato de ter havido um ritual de casamento; assim sendo, o fator sócio-cultural encontra-se no fundo. O mestre-guru, aqui, é o sacerdote que celebrou o ritual.

Neste segundo estágio, as regras se invertem, assumindo o elemento masculino a parte positiva dinâmica do grande jogo da polaridade. A *ação* masculina equilibra a *visualização onírica* feminina. A palavra-chave é DESVELAMENTO. Pode haver também um desvelamento de mistérios há muito cercados de segredo.

FASE 163 (VIRGEM A 13º): UM PODEROSO ESTADISTA SUPERA UM ESTADO DE HISTERIA POLÍTICA.

IDÉIA BÁSICA: *A focalização da necessidade coletiva de ordem e de interdependência numa personagem que encarna a resposta a essa necessidade.*

O papel marital de fecundador da natureza assume aqui uma significação social coletiva. Encontramo-nos num estágio no qual uma poderosa compreensão do próprio objetivo do ciclo da existência enfrenta os caóticos resquícios de um passado des-es-truturado. O caráter do líder sempre é delineado pela necessidade, por mais subconsciente que possa ser, da aglomeração informe de entidades que ele é chamado, pelo destino, a liderar. Com o tempo, o líder será cultuado como o "divino Pai" da sociedade que estruturou.

Neste terceiro estágio da trigésima terceira seqüência, vemos um novo tipo de caracterização da polarização multifacetada do positivo e do negativo. Temos diante de nós uma personagem dotada de CARISMA, esse fluido e misterioso poder que vem da abertura de um homem ou de uma mulher ao poder da evolução planetária.

FASE 164 (VIRGEM A 14º): UMA ÁRVORE GENEALÓGICA ARISTOCRÁTICA. IDÉIA BÁSICA: *Uma profunda confiança nas raízes ancestrais do caráter individual.*

Acentua-se aqui o fato de o poder colocado à disposição de todo homem em momentos de crise e de decisão ter profundas raízes no passado, seja o passado entendido como ancestralidade física ou como uma linha traçada por uma série de en-carnações precedentes, condicionadas por algum propósito dominante e pelo desenvolvimento multifásico de um tipo particular de caráter complexo. A espontaneidade e a criatividade verdadeiras sempre têm como base uma seqüência estruturada de antecedentes, desde que sejam, em alguma medida, genuinamente espirituais, isto é, desde que sejam capazes de atender a uma necessidade coletiva. Somente as ações requeridas - mesmo que apenas a longo prazo - para atender a essa necessidade podem ser consideradas efetivamente "espirituais".

Este símbolo de quarto estágio, por mais estranho que possa parecer a muitas pessoas - especialmente aos jovens de hoje -, sugere uma técnica que, em momentos críticos, deve ser usada. Ele caracteriza os meios para alcançar o verdadeiro "sucesso". Retorna-se às raízes a fim de produzir o florescimento da personalidade, se se pretende que essa flor deva gerar uma semente viva. O PODER DAS RAÍZES é essencial para a realização da semente.

FASE 165 (VIRGEM A 15º): UM REFINADO LENÇO RENDADO, OBJETO FAMILIAR HERDADO DE VALORES ANCESTRAIS.

IDÉIA BÁSICA: *! quintessência das façanhas bem realizadas.*

O poder das raízes produz belas flores. O neófito que age com determinação, coragem e discriminação, ao mesmo tempo em que segue "as pegadas" dos seus pre-decessores, recebe um prêmio simbólico da Irmandade, pronta a recebê-lo quando ele tiver provado plenamente seu valor no campo de batalha em que enfrenta seu próprio passado, que tenta atravessar-se em seu caminho. A Amada mística passa às suas mãos aquilo que ela bordou para ele com fios espirituais.

Este é o último estágio da trigésima terceira seqüência, que também encerra a décima primeira cena, "Caracterização". Essa cena iniciou-se com a revelação, num retrato, dos traços salientes do rosto de um homem. Ela termina com símbolos que demonstram a validade última dos muitos esforços das gerações de homens no sentido de construir uma bela e significativa CULTURA. O Homem de Cultura é, no mais profundo e melhor sentido do termo, o Aristocrata. É o florescimento de uma linha de ancestrais que aceitaram a responsabilidade por um grupo ou comunidade. Da mesma maneira, o verdadeiro "discípulo" é a flor que coroa uma longa série de encarnações.

CENA DOZE: *EDUCAÇÃO* (Virgem 16° — Virgem 30°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 166 (VIRGEM A 16°): NO ZOOLÓGICO, CRIANÇAS FICAM FACE A FACE COM UM ORANGOTANGO.

IDÉIA BÁSICA: *Um confronto direto com o poder "selvagem" da natureza primordial, que se encontra dentro de cada um.*

No decorrer deste décimo segundo subciclo, que encerra a primeira metade do ciclo, lidamos com fases de desenvolvimento que podem ser classificadas, de modo bastante amplo, com o termo "educação", isto é, um processo de revelação no mundo da atividade transcendente. Todo motivo oculto e toda energia profunda devem ser "revelados" e encarados objetivamente. De acordo com a tradição oculta, pelo menos algumas das espécies de símios são regressões resultantes da perversão do arquétipo do Homem, que ocorreu quando este, inadvertidamente, entrou em contato com as energias elementais de uma Terra adolescente. Da mesma maneira, muitas das chamadas tribos "primitivas" de locais como a Austrália e a Nova Guiné devem ser consideradas remanescentes degenerados de raças que outrora atingiram um nível cultural muito mais elevado. Em outras palavras, o símbolo se refere ao confronto entre a criança moderna orientada para o futuro, e os resultados daquilo que podemos designar como um "pecado original" - isto é, com a degeneração de um imenso poder vitalista que um dia esteve à disposição do ser humano. Esse poder ora se encontra dirigido para a mente e passou por uma enorme amplificação produzida pela tecnologia moderna. Não obstante, há vestígios desse poder vitalista na natureza do homem moderno, razão por que podemos muito bem repetir, num nível mais elevado, o "pecado dos negligentes". O candidato à Iniciação deve encarar essa possibilidade; toda a humanidade é, num certo sentido, candidata à Iniciação planetária.

Este é o primeiro estágio da trigésima quarta seqüência de símbolos. Seu símbolo fala de CONFRONTO CÁRMICO.

FASE 167 (VIRGEM A 17°): UMA ERUPÇÃO VULCÂNICA.

IDÉIA BÁSICA: *^4 energia explosiva de conteúdos há muito reprimidos do subconsciente.*

Lidamos aqui com a liberação dramática de energias que vêm sendo represadas pela camada exterior da consciência controlada pelo ego. Pode ser uma catarse espetacular, mas com freqüência segue caminhos de destruição. No entanto, se não for experimentada alguma forma de purificação pelo fogo, a pressão interna do passado cár-mico ou de frustrações mais recentes abalará, talvez de modo ainda mais destrutivo, os próprios fundamentos da personalidade.

Neste segundo estágio, o confronto *objetivo* com uma imagem do passado cármico é substituído por uma irrupção *subjetiva* de memórias reprimidas e anseios primitivos. Tudo deve ser liberado da psique que busca atingir o estado de transfiguração. A alma deve esvaziar-se e a mente tornar-se translúcida. A palavra-chave é EXPLOSÃO.

FASE 168 (VIRGEM A 18°): UMA PRANCHETA OUIJA.*¹⁵

IDÉIA BÁSICA *M capacidade de entrar em contato com recessos mais profundos da psique inconsciente e a sensibilidade às determinações e profecias psíquicas.*

A prancheta ouija deve ser considerada, aqui, um artefato moderno semelhante aos muitos instrumentos antigos usados para a adivinhação e a profecia. Certos estados limiares de consciência são estimulados por meio desse uso e aquilo que a experiência produz pode exibir amplas variações de qualidade e origem. A liberação de material inconsciente perdeu sua força explosiva, descrita no símbolo precedente; não obstante, ainda não há, neste estágio, um controle consciente e deliberado sobre aquilo que alcança a consciência do ego.

Eis o terceiro estágio da trigésima quarta seqüência de fases simbólicas do processo vital. É, na melhor das hipóteses, um estágio de transição que acentua uma abertura passiva ao desconhecido. Seu encanto pode perverter de modo sutil a mente do aspirante; mas em alguns casos

¹⁵ Prancheta usada para a comunicação com os espíritos. (NT)

isso pode configurar-se como a primeira manifestação de ORIENTAÇÃO INTERIOR. A dificuldade consiste em avaliar corretamente o que ou quem orienta.

FASE 169 (VIRGEM A 19°): UMA COMPETIÇÃO DE NATAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O estímulo advindo de um esforço grupai pelo atingimento de um alvo espiritual.*

Ao tornar-se um experiente nadador, o homem aprendeu, simbolicamente, a operar num novo elemento. Esse elemento, a água, representa a corrente sempre em movimento de energia psíquica e, pelo menos num certo sentido, o mundo "astral". Num sentido ainda mais profundo, o homem agora é capaz, falando em termos místicos de cruzar o rio e atingir "a outra margem" - ou nadar na direção da fonte. A possibilidade de o símbolo sugerir ou não o espírito competitivo em ação e' questionável. No nível biológico, grande número de espermatozoides nadam na direção do óvulo' cada um deles se esforça por alcançar o alvo, o ato de fecundação. Aquele que busca o renascimento espiritual não se esforça, na realidade, sozinho. Quem dá o passo na direção do "renascimento" ou de uma nova mutação é o Homem, que age por intermédio dos indivíduos mais evoluídos da raça. A ambição pessoal centrada no ego e voltada para o sucesso e para a conquista do "primeiro lugar" é, na verdade, indício de um provável fracasso espiritual.

Neste quarto estágio, vemo-nos diante de um problema de interpretação. Não será a ambição uma sutil forma de desvio, sob a pressão do carma antigo, e não será o espírito de competição, tão valorizado pela nossa civilização, um sinal de fracasso no sentido de compreender a realidade mais profunda da existência? Há necessidade, não de competição, mas de EMULAÇÃO.

FASE 170 (VIRGEM A 20°): UMA CARAVANA DE CARRUAGENS DIRIGINDO-SE PARA A COSTA OESTE.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de esforço conjunto no atingimento de qualquer "Novo Mundo" de experiência.*

É difícil saber, a partir da formulação original da visão da clarividente, o tipo de caravana de carruagens visualizado; parece claramente implícito um processo no qual um grupo de pessoas viaja junto - ligando assim suas consciências e energias (o símbolo da "carruagem") - com o fito de alcançar em segurança seu destino. Aqui já não há nenhum sentido de competição, mas uma tarefa ordenada e estruturada.

Neste último estágio da seqüência quártupla, o passado é deixado inteiramente para trás; os homens cooperam na grande "aventura da consciência", numa SOMA DE PROPÓSITOS E DE ESFORÇOS.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 171 (VIRGEM A 21°): UM TIME FEMININO DE BASQUETE.

IDÉIA BÁSICA: *O treinamento físico como meio de inculcar o sentimento de participação numa cultura coletiva.*

O basquete representa um interessante símbolo. A bola deve ser atirada numa pequena abertura bem acima da cabeça do jogador. A consciência do ego (a bola) deve ser dirigida para cima, até um ponto focal ou círculo que se acha pronto para recebê-la. Num certo sentido, trata-se de um paralelo com aquilo que o garoto do carrossel (Virgem a 6°) pode fazer se conseguir penetrar o anel com seu bastão, mas há também notáveis diferenças. Aqui, os jogadores atuam como time; na formulação original do símbolo, não havia referências a dois times e, portanto, ao caráter competitivo do jogo. Deve-se acentuar aqui a formação de um grupo que age como um todo orgânico e treina para atuar num contexto social.

Este é o primeiro estágio de uma seqüência quártupla de segundo nível, tal como ocorreu com o símbolo do carrossel. Um tipo definido de atividade educacional, pleno de sobre-tons culturais, bem como emocionais, está implícito. Esse tipo de atividade tem como implicação o treinamento de

"garotas", isto é, de uma espécie de consciência mais especificamente receptiva a forças coletivas, com o objetivo de INTEGRAÇÃO DE GRUPO.

FASE 172 (VIRGEM A 22º): UM BRASÃO DE ARMAS REAL ENRIQUECIDO POR PEDRAS PRECIOSAS.

IDÉIA BÁSICA: *A comprovação da condição aristocrática, em todos os níveis em que a "nobreza" se expressa em eminência cultural.*

Mais uma vez, ocorre uma referência a realizações ancestrais entre os símbolos do signo de Virgem. Vemo-la aqui em seu caráter mais exaltado, já que se fala de "realeza". Tradicionalmente, o rei é o símbolo espiritual da unidade de uma nação integrada; como vemos um brasão de armas, lidamos com uma condição que não é simplesmente alcançada em termos pessoais, mas tem suas raízes fincadas num passado notável. O adepto veio de uma linhagem de seres humanos que deixaram suas marcas impressas na evolução humana. A realização espiritual é o resultado de uma série de longos e repetidos esforços; é o final de uma "estrada real" (*raja yoga*) no sentido mais amplo do termo *raja*, que significa rei.

Este símbolo de segundo estágio contrasta com o do primeiro graças ao fato de referir-se antes à hereditariedade que ao treinamento de matéria-prima jovem. Gautama, o Buda, era conhecido, em termos ocultos, como "Aquele que vem depois de seus predecessores". O brasão de armas representa a condição coletiva, o Ofício Espiritual. Aquele que o enverga assume a responsabilidade de um Ofício. Como dizem os franceses, *noblesse oblige*. A NOBREZA confere a um homem uma responsabilidade precisa. A questão implícita no símbolo é: estás disposto, capacitado e pronto a assumir um "ofício" real, em qualquer nível possível?

FASE 173 (VIRGEM A 23º): UM DOMADOR DE LEÕES EXIBE SUA HABILIDADE E CARÁTER.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de domar as próprias energias vitais a fim de cumprir o próprio destino.*

Vemos aqui o desenvolvimento do conceito de treinamento. O verdadeiro aristocrata é o indivíduo que tem total controle sobre suas energias vitais e emocionais; no nível espiritual, isso inclui a superação do orgulho - o orgulho da força e da maestria pessoais e o orgulho vinculado com uma condição superior ou com um Ofício social.

Este é o terceiro estágio da trigésima quinta seqüência de cinco símbolos. O significado desta fase de desenvolvimento é tradicional e evidente. Todo o processo de condicionamento sócio-ético e oculto-espiritual do indivíduo tem como objetivo o controle da "natureza animal" do homem. As energias dessa natureza podem ser usadas de várias maneiras. Estão implícitas, em todo processo bem-sucedido de doma e de treinamento, a DETERMINAÇÃO e a PACIÊNCIA.

FASE 174 (VIRGEM A 24º): MARIA E SEU CORDEIRINHO.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de manter uma pura e vibrante simplicidade no núcleo do ser conforme se enfrentam os muitos testes da existência.*

Vindo depois dos símbolos precedentes, este nos diz que, embora esforços ingentes, espetaculares e determinados sejam necessários para atingir os próprios objetivos mais elevados do destino, ainda assim a qualidade essencial que devemos exibir quando trilhamos "a Senda" é uma abordagem pura, espontânea, aberta e não-violenta de todos os encontros. Essa é, com efeito, a súplica de Jesus a seus discípulos -que eles sejam como "criancinhas". Sem essa profunda e sincera simplicidade, aquele que busca experiências espirituais ou Iniciação está fadado a encontrar-se fascinado com seus próprios êxitos e a ver seu ego alimentando o drama da luta e da vitória.

Este é o quarto estágio da trigésima quinta seqüência quádrupla. Apresenta-nos uma sutil indicação de técnica. Além do valor individual e da eminência social, o indivíduo cuja inocência está fixada na realização espiritual deve irradiar, genuinamente, INOCÊNCIA.

FASE 175 (VIRGEM A 25°): UMA BANDEIRA A MEIO PAU DIANTE DE UM PRÉDIO PÚBLICO.

IDÉIA BASIC A: *O reconhecimento social de um trabalho bem-feito e de um destino cumprido.*

Quando um indivíduo que aceitou todas as responsabilidades públicas significativamente cumpridas alcança o final do seu serviço à sua comunidade ou à humanidade como um todo, ganha imortalidade social, pelo menos em alguma medida. Na morte, ele se identifica com o arquétipo que deu vida ao seu cargo público. Ele se torna um "herói cultural", entronizado na memória oficial de sua raça. Ele encontrou seu lugar na história. O símbolo implica a capacidade de levar ao seu derradeiro termo uma determinada tarefa, desde que essa tarefa seja realizada com referência à necessidade de uma coletividade.

Nesta fase final da trigésima quinta seqüência quántupla de símbolos, temos diante de nós uma imagem dos resultados finais do serviço prestado à humanidade pelo indivíduo. Suas falhas pessoais podem ser esquecidas, mas suas realizações permanecem. Elas recebem RECONHECIMENTO PÚBLICO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 176 (VIRGEM A 26°): UM GAROTO, COM UM TURÍBULO, SERVE AO SACERDOTE JUNTO AO ALTAR.

IDÉIA BÁSICA: *O primeiro estágio da participação real no grande ritual da evolução planetária.*

Quer pensemos nos mistérios antigos, numa Missa católica ou em alguma cerimônia de caráter ainda mais transcendente, em que grandes Seres a quem foram atribuídas responsabilidades planetárias estejam envolvidos, estamos lidando com um tipo de atividade arquetípica. O ritual é arquetípico graças ao fato de representar, por menor que seja o campo da atividade, uma parcela da estrutura evolutiva do cosmos, já que essa estrutura é entendida em seu sentido "sagrado". Toda atividade desse tipo é realizada na "presença de Deus". Por mais ínfima que seja, adquire, não obstante, um significado sagrado.

Este é o primeiro estágio da trigésima sexta seqüência quántupla, que nos leva ao final da primeira metade do ciclo. O indivíduo é "educado", isto é, levado para o mundo da atividade transcendente, o mundo do desempenho arquetípico. Ele deve aprender a servir, com humildade e intensa atenção, naquilo que ainda se encontra além de sua compreensão espiritual. Ele aprende a desempenhar cada ação de maneira suprapessoal. Ele aprende a PRATICAR NA PRESENÇA DE DEUS.

FASE 177 (VIRGEM A 27°): UM GRUPO DE SENHORAS ARISTOCRÁTICAS REÚNE-SE CERIMONIALMENTE NUMA FUNÇÃO DA CORTE.

IDÉIA BÁSICA: *capacidade de dar continuidade a uma tradição reverenciada, com o objetivo de perpetuar padrões culturais de excelência.*

Ocupando a mais alta posição alcançável de toda cultura plenamente desenvolvida, o Rei considera-se a si mesmo, de alguma maneira, o representante do Poder que controla a ordem do universo. Abaixo dele, vem uma hierarquia de funções realizadas por uma aristocracia. No lado feminino, ser uma aristocrata significa ser capaz de agir de modo eficiente nos vários rituais de uma cultura — de chás oficiais a apresentações diante da Corte. A dignidade, a elegância e o respeito às regras formais são requisitos essenciais. Podemos considerar esse formalismo obsoleto e sem sentido; não obstante, cessada sua observação, a cultura decai. Mesmo hoje, numa era de crise e de transformação mundial, pode haver momentos em que honrar procedimentos formais pode ser uma ação de grande valia para a mente desordenada e rebelde.

Este símbolo de segundo estágio representa o contraste entre os rituais "profano" e "sagrado". Mas não é necessário que esses rituais sejam antitéticos. Nossas confusas e superindiví-dualistas novas gerações atribuem valor ao estudo das cerimônias japonesas do chá, dos arranjos de flores, do judô etc. O indisciplinado precisa aprender o REFINAMENTO.

FASE 178 (VIRGEM A 28°): UM HOMEM CARECA QUE TOMOU O PODER. IDÉIA BÁSICA: *O poder absoluto da personalidade em épocas que requerem decisão.*

Seja no nível religioso ou no nível socio-político e cultural, chega um momento em que os padrões de ordem e de refinamento cultural em processo de obsolescência devem ser radical e incansavelmente desafiados. Emergem personagens catabólicas para tomar o poder e ditar decisões que alteram as estruturas da sociedade; ou, no âmbito de uma vida individual, uma intensa pressão por mudanças catárticas mobiliza a Vontade e são tomadas decisões traumáticas. Nesses momentos, o problema deve ser encarado e o poder deve ser aceito, por mais inflexível que possa afigurar-se.

Neste terceiro estágio da trigésima sexta seqüência, vemo-nos diante da necessidade de decisão e transformação. A existência é movimento. Nenhuma formação estática, poí mais bela e inspiradora, pode manter-se inquestionável por muito tempo. Tudo se curva ao POr DER DA VONTADE — divina, executivamente humana ou satânica.

FASE 179 (VIRGEM A 29°): UM INDIVÍDUO DEVOTADO À BUSCA DO CONHECIMENTO OCULTO LÊ UM ANTIGO PERGAMINHO QUE LHE ILUMINA A MENTE.

IDÉIA BÁSICA: *Depois de uma crise, deve-se buscar o realinhamento da consciência renovada com a Revelação primordial da Verdade do Homem.*

Toda mudança revolucionária, uma vez que tenha tido sucesso na superação da inércia do passado e na derrubada de estruturas obsoletas, *precisa* redefinir as realidades mais essenciais daquilo que o Homem representa e significa na Ordem universal; do contrário, ela apenas dará uma nova roupagem, de forma superficialmente diferente, às mesmas coisas que destruiu. Este é o momento crucial. No ocultismo, o "Padrão do Homem" é um Poder arquetípico que pode ser contactado. Deve-se buscá-lo com urna determinação inflexível. Depois de cada crise revolucionária, esse Padrão e esse Poder *podem* ser contactados - sempre os mesmos e, não obstante, perceptíveis, a cada ciclo, sob uma ótica diferente.

Este símbolo de quarto estágio nos apresenta a técnica requerida para "atingir a outra margem". Mas cada indivíduo, bem como cada grupo ou unidade racial, deve chegar à sua própria maneira, ao CONHECIMENTO DE BASE, que oferece o único fundamento seguro para o renascimento.

FASE 180 (VIRGEM A 30°): INTEIRAMENTE VOLTADO PARA A COMPLEMENTAÇÃO DE UMA TAREFA IMEDIATA, UM HOMEM MOSTRA-SE INDIFERENTE A TODOS OS FASCÍNIO.

IDÉIA BÁSICA: *A concentração total exigida para o atingimento de todo alvo de caráter espiritual.*

Este é o símbolo final da primeira metade do ciclo. No ciclo anual, o equinócio de outono agora se encontra próximo; começa o outono. No decorrer da primavera e do verío, muitos caminhos e passagens secundárias foram experimentados. A última mensagem desse hemisíclo de "Individualização" é de que, em todas as ocasiões de caráter decisivo, aquilo que deve ser feito tem de sê-lo com tal dedicação que nenhuma voz exterior possa penetrar na mente, e menos ainda na alma. O neófito encontrase diante da entrada da sagrada Pirâmide. Há um só passo a ser dado - para a frente —; do contrário, ele se perde.

Este é o passo culminante, a decisão que resulta de uma miríade de pequenas escolhas. Todavia, pode restar uma sombra de hesitação. A atenção pode ser distraída do Agora por uma voz do passado que torna atraente alguma antiga memória. As portas exteriores da percepção e do pensamento devem ser fechadas, de modo que a alma possa completar sua CONQUISTA DA ILUSÃO.

SEGUNDO HEMICICLO: O PROCESSO DE COLETIVIZAÇÃO
ATO III: *INTEGRAÇÃO DE GRUPO*
CENA TREZE: *TRANSFIGURAÇÃO (Libra a 1° - Libra a 15°)*
PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 181 (LIBRA a 1°): NUMA COLEÇÃO DE ESPÉCIMES PERFEITOS DE MUITAS FORMAS BIOLÓGICAS, UMA BORBOLETA EXIBE A BELEZA DE SUAS ASAS, COM SEU CORPO PERFURADO POR UM DELICADO ALFINETE.

IDÉIA BÁSICA : *A realidade arquetípica imortal que uma vida perfeita e dedicada revela.*

Da mesma maneira como o símbolo de Áries a 1° evocou a idéia básica de toda a primeira metade do ciclo, isto é, a diferenciação a partir do "Oceano indiferenciado de potencialidade" este símbolo de Libra a 1° revela à consciência intuitiva o caráter essencial do segundo hemicíclo. No ciclo anual, atingimos o equinócio de outono, o tempo simbólico da colheita, numa preparação para o inverno. Trata-se do tempo consagrado à semente, da mesma forma como o equinócio da primavera é consagrado ao germe, o novo surgir de vida que informa o crescimento de organismos individuais.

Neste ponto outonal, o impulso de individualização e de auto-afirmação perdeu muito de sua força, enquanto uma nova tendência se acha, bem-sucedida e dinamicamente, desafiando sua hegemonia - a tendência para a formação de coletividades de indivíduos. Mas essa nova tendência pode ser mal-compreendida se vista apenas superficialmente, como uma mera reunião de indivíduos particulares. O processo se reveste de um sentido mais profundo, assim como apresenta uma fonte interior de poder, tendo em vista que não está em jogo tão-somente uma agregação de unidades separadas (simples ou já complexas, no caso de "famílias"). No núcleo dessa "reunião", está em andamento a "descida" ou externalização de realidades arquetípicas. No estágio Libra, essas realidades arquetípicas são "Formas"; no estágio Escorpião, serão "Poderes". O símbolo deste grau do equinócio do outono descreve, por conseguinte, uma "forma perfeita" - o resultado da transformação da "lagarta" em borboleta, um processo cujo simbolismo foi usado com muita frequência para indicar ao homem a possibilidade de sua transformação em "mais do que homem", em ser transumano, verdadeiro Iniciado, Adepto, Perfeito. A borboleta perfeita foi perfurada por um delicado alfinete; o símbolo do "alfinete da sabedoria" foi usado no curso mimeografado de Marc Jones, ao passo que a notação original daquilo que a clarividente tinha visto indicava "uma borboleta tornada perfeita por um alfinete que a atravessa", sugerindo um processo de aperfeiçoamento através do sacrifício.

Segundo penso, dificilmente é possível dizer que o alfinete tornou a borboleta perfeita; mas ele a mantém perfeita ao matar o organismo vivo. A borboleta perfurada é preservada pelo alfinete, que a "fixa" na perfeição por todo um ciclo, isto é, ele a torna um arquétipo. Ao escapar assim do processo normal de morte e decadência, a forma da borboleta (a "perfeição") é conservada. É mantida na Shamballah mística, na qual segundo se diz, é mantido o Padrão do Homem, da mesma maneira como a barra perfeita que mede exatamente um metro é (ou foi) guardada, numa urna, em Paris - onde o sistema métrico foi originalmente concebido.

Dessa forma, a borboleta perfeita representa o desfecho do processo de discipulado oculto simbolizado pelo signo de Virgem. A partir daí, tem início um novo processo, o processo de coletivização; no próprio núcleo desse novo processo, a *Forma perfeita do Homem* deve permanecer como padrão de valor, se se pretende que esse processo seja válido e significativo.

Esta é a primeira declaração da décima terceira cena do grande drama ritual. Trata-se de uma fase atuacional porque, nela, a perfeição da atividade individual é revelada e imortalizada. Trata-se de Transfiguração simbólica; no Monte da Transfiguração, Jesus, o Filho do Homem, foi "perfurado" pelo raio da Divina Luz, que o tornou Filho de Deus. Esse foi o momento preciso em que Ele soube da crucifixão que o esperava. Assim, o indivíduo meramente humano é TORNADO SA-GRADO, passando a ser a pura encarnação de um arquétipo.

FASE 182 (LIBRA A 2°): A TRANSMUTAÇÃO DOS FRUTOS DAS EXPERIÊNCIAS PASSADAS EM REALIZAÇÕES-SEMENTE DO ESPIRITO ETERNAMENTE CRIADOR.

IDÉIA BÁSICA: *Uma repolarização de energias interiores que leva a uma centralização criativa da consciência.*

A formulação original era tanto "oculta", como, creio, confusa: "A luz da sexta corrida transmutada para a sétima". Pode-se interpretá-la em termos do processo de desenvolvimento da humanidade por meio das sete grandes Corridas (ou períodos evolutivos) esboçadas no segundo volume de *Secret Doctrine* de H. P. Blavatsky, mas não há outros símbolos da série com esse quadro de referência. Parece mais provável que esteja implícito, na imagem revelada, uma referência ao significado oculto e numerológico do número 6 e do número 7, especialmente em sua forma geométrica, expressa no diagrama (da página 28) no qual sete círculos, contíguos e do mesmo tamanho, preenchem um círculo maior cujo diâmetro é três vezes maior do que o do menor dentre eles. Os seis círculos que tocam a circunferência do maior representam as seis abordagens básicas da Verdade e da Realidade possíveis à inteligência em desenvolvimento do homem - daí vêm as bem conhecidas Seis Escolas da filosofia hindu e, no nível da energia, as seis cores, ou "Raios", fundamentais. Mas, no *centro* desse sistema séxtuplo, está o escondido ou oculto "sétimo círculo", o *Atma Vidya* do hinduísmo, a Verdade não formulável do Eu, que inclui e transcende, a um só tempo, as seis abordagens, escolas ou raios.

O número 6 (que também é o Signo de Salomão) representa a síntese entre o espírito descendente e a matéria ascendente. Representa a fruição de todos os esforços passados; *no interior* da fruição séxtupla, a sementé pode ser encontrada, a sétima fruição. A atividade exterior é realizada (os Seis Dias da Criação do primeiro capítulo do Génesis); e o Supremo Ator pode ser visto em Sua imutabilidade e, portanto, sua transcendência toda-inclusão.

Tudo o que se manifestou na planta é colhido na semente oculta, que no momento oportuno torna-se o fundamento de um novo ciclo de existência. O fruto decai. Por um breve momento, a semente liberada pode ser vista; trata-se do "sétimo" período, que se torna o poder criador, origem de um novo ciclo. Este símbolo de Libra a 2° refere-se ao processo de centralização do Eu (a realidade Criadora) que segue a experiência de realização na Forma perfeita de manifestação.

Este é o Segundo estágio da trigésima sétima seqüência quádrupla de símbolos e fases. Refere-se a um processo dinâmico, em contraste com o quadro que representa o primeiro estágio - um quadro de perfeição de forma mantida e imortalizada e, portanto, estática. A perfeição formal agora é transcendida por meio de um processo de CENTRALIZAÇÃO CRIADORA.

FASE 183 (LIBRA A 3°): A ALVORADA DE UM NOVO DIA REVELA QUE TUDO SE TRANSFORMOU.

IDÉIA BÁSICA : *A possibilidade sempre presente de recomeçar a partir de uma nova base de valores.*

Este símbolo praticamente não requer interpretação, exceto no que se refere à indicação de que esses três primeiros símbolos que iniciam o segundo hemisfério do processo cíclico devem ser encarados como uma trindade básica. Essa trindade pode ser relacionada com o processo da verdadeira Iniciação: 1) a experiência da Forma imor-redoura da perfeição; 2) a liberação da energia incorporada na Forma, destinada a alcançar "Aquilo que se encontra além da forma e do nome"; e 3) a reincorporação da energia num novo Ato criador.

O terceiro estágio desta trigésima sétima seqüência leva-nos a uma visão do propósito alcançado na primeira metade do ciclo. Aquilo que emergiu hesitantemente do oceano da potencialidade infinita (Áries a 1°) ora encara um mundo, novo em sua inteireza, sob uma forma de existência de cunho verdadeiramente individualizado. Ele ou ela está pronto(a) a agir de modo significativo na esfera da unidade cultural e social, a esfera em que um indivíduo, consciente de sua essência arquetípica e de sua função planetária, pode desempenhar seu real papel (*dharma*). Num sentido básico, esse papel é sempre novo, tendo em vista que nenhum ciclo se repete no que se refere aos seus conteúdos. A pessoa que desempenha esse papel sempre é, em termos potenciais, um INOVADOR.

FASE 184 (LIBRA A 4°): EM TORNO DE UMA FOGUEIRA, UM GRUPO DE JOVENS SENTADOS EM COMUNHÃO ESPIRITUAL.

IDÉIA BÁSICA :*A necessidade de união com espíritos semelhantes no momento em que se penetra em caminhos não trilhados, iluminados pela luz ainda insegura de uma intuição incipiente de novos valores.*

Como disse um líder meio visionário, há alguns anos, "Caminhos trilhados- são para homens derrotados". A premência de criar uma nova sociedade e de responder a novos valores leva o pioneiro para os ambientes selvagens, que representam o estado de possibilidade planetária — isto é, a floresta virgem, ainda não dominada.

126

Em torno do fogo de uma dedicação comum (ou pelo menos de uma esperança comum!), mentes e corpos podem comungar, formando um "cálice" ou Graal para a recepção da inspiração criadora.

Neste quarto estágio desta seqüência quántupla de fases de desenvolvimento, encontramos, como de costume, a indicação de uma técnica. Se se pretender construir uma nova sociedade, aqueles que por ela anseiam, ou talvez aqueles que conceberam seu esboço, devem comungar. Mas a comunhão é inútil onde não arde um "fogo" no centro, INFUNDINDO ÂNIMO no grupo.

FASE 185 (LIBRA A 5°): UM HOMEM REVELA AOS SEUS DISCÍPULOS O FUNDAMENTO DE UM CONHECIMENTO INTERIOR COM BASE NO QUAL PODE SER CONSTRUÍDO UM "NOVO MUNDO".

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de os espíritos jovens aprenderem de um Mestre que, através de sua longa experiência, foi capaz de alcançar verdades sólidas e iluminadoras, isto é, "idéias seminais".*

Há um velho ditado que é tão válido hoje quanto sempre: quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece. Mas ele pode aparecer sob muitas formas. O que importa é, não o Mestre, mas a Maestria que ele "re-vela". Essa maestria se encontra velada em sua pessoa. E deve ser contactada antes *através* de sua pessoa do que *em* sua pessoa. A devoção a um gurú pode ser o caminho; mas, cedo ou tarde, deve ser transmutada em reverência: a verdade no interior do discípulo, saudando, numa atitude de verdadeira humildade, a verdade do Mestre.

Este é o último estágio da trigésima sétima seqüência quántupla. Marca o ponto culminante dos quatro estágios precedentes. O símbolo evoca o processo essencial, e ao mesmo tempo bastante misterioso, de TRANSMISSÃO. O objeto da transmissão, caso a situação seja efetivamente adequada e compreendida (pelo menos preliminarmente) por todos os participantes, não se limita ao conhecimento; é, na verdade, "esseidade".

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 186 (LIBRA A 6°): UM HOMEM OBSERVA SEUS IDEAIS ASSUMIREM UMA FORMA CONCRETA DIANTE DA SUA VISÃO INTERIOR.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de visualizar claramente os próprios sonhos ou ideais com o fito de torná-los verdadeiramente efetivos.*

Segundo um provérbio francês, "Aquilo que é bem concebido pode ser formulado com facilidade". O processo de visualização interior pode revestir-se de um caráter sobremodo essencial, exceto no caso do indivíduo criativo que se tornou um canal puro para a descida do Poder espiritual, bem como uma lente cristalina *por meio* da qual o Arquétipo presente na Mente do Homem (ou Deus) possa ser projetado sem distorção sempre que se fizer necessário. Em outros casos, o ato criativo é menos direto: um homem projeta no mundo aquilo que "viu" refletido na tela de sua consciência individualizada.

Este é o primeiro estágio da trigésima oitava seqüência quántupla de fases simbólicas ao processo de existência individualizada. Trata-se de uma fase de FORMULAÇÃO INTERIOR em preparação para uma projeção criativa dos ideais ou conceitos de cada um.

FASE 187 (LIBRA A 7°): UMA MULHER ALIMENTA GALINHAS E AS PROTEGE DOS GAVIÕES.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de enfrentar o antagonismo dos "poderes das trevas" no momento em que se faz uma tentativa de alimentar a mente de aprendizes ainda frágeis e assustados.*

A mais básica "Lei" do *nosso* universo, é que toda liberação de novas potencialidades (ou formas de energia) produz uma polarização de efeitos — isto é, a nova potencialidade será usada *tanto* para a construção, como para a destruição. Ela estimulará indivíduos (ou grupos e nações) a darem uma série de passos que levará alguns a um maior sucesso e outros a um fracasso maior. Aquele que torna possível essa nova liberação tem de aceitar o carma do sucesso *e* do fracasso. Quando Jesus derramou seu imenso amor sobre indivíduos centrados em si mesmos, indiferentes, esse amor teve inevitavelmente de tornar-se ódio violento quando essas almas-mentes se mostraram incapazes de lidar com sua assustadora intensidade. Jesus viu-se obrigado a aceitar a responsabilidade espiritual por aqueles que o crucificaram.

Neste segundo estágio, testemunhamos o contraste entre a situação ideal concebida claramente pela consciência criativa (primeiro estágio) e aquilo que efetivamente agirá; daí ad-vém a luta sempiterna envolvida na viabilização da ação de realizadores voltados para o futuro no sentido de promover a sobrevivência de um ideal aos ataques de mentes adoradoras da tradição - que podem seguir, tão-somente, a linha da resposta automática. A palavra-chave é TUTELA.

FASE 188 (LIBRA A 8°): UMA LAREIRA FLAMEJANTE NUMA CASA ABANDONADA.

IDÉIA BÁSICA :*A necessidade de compreender que, mesmo nas horas mais vazias, um poder espiritual sempre se encontra pronto a acolher e a estimular a consciência instável que retorna ao centro.*

Até que o fogo da Alma, que se acha no interior da psique humana, se apague totalmente - uma rara e trágica ocorrência -, resta sempre a esperança de recuperação e reinício. Muitos discípulos sentem-se compelidos a abandonar sua busca espiritual, mesmo depois de terem conhecido o ser essencial. Não obstante, "a casa" que outrora os recebeu — o amor do guru — permanece pronta a dar as boas-vindas aos "filhos pródigos" que retornam.

Este é o terceiro estágio da trigésima oitava seqüência de cinco símbolos. Num certo sentido, ele liga a visão, catalisada pelo contato com um inspirador, com a possível reação de medo ou de choque que advém de um contato dessa natureza. No interior do grande sonho abandonado, permanece alguma presença "quente" e intangível: A ESPERANÇA, em permanente renascimento, de um reinício.

LIBRA 189 (LIBRA A 9°): TRÊS "VELHOS MESTRES" PENDURADOS NA PAREDE DE UMA SALA ESPECIAL DE UMA GALERIA DE ARTE.

IDÉIA BÁSICA: *! necessidade de retornar à fonte no decorrer de uma busca confusa de um novo valor numa sociedade caótica.*

Há sempre momentos que focalizam em nossas mentes o anseio pela retomada das grandes realizações do passado como base. O número 3 sugere completude; as tradições esotéricas falam da Alma tríplice ou dos três "Raios" fundamentais — de Poder, de Amor-Sabedoria e de Inteligência em ação. A meditação, em seu sentido mais profundo, é um retorno à Fonte - uma tentativa de reidentificação com a essência arquetípica do ser de cada um de nós (que é trina em termos de manifestação) e agora, depois de confusas mas estimulantes perambulações, de identificação *consciente* com essa "essência". As formas mais refinadas da cultura fornecem os meios para fazê-lo. Os grandes momentos do passado coletivo tornam-se a inspiração para novos, embora sólidos, começos. A semente do amanhã saúda a semente do ano passado.

Neste quarto estágio da trigésima oitava seqüência, é sugerido que, no processo de "Transfiguração", a presença dos mais importantes momentos do passado é invocada, tal como o foram Moisés e Elias quando da Transfiguração de Jesus. A semente do novo dia depende da semente do

ano passado para ter uma experiência da continuidade cíclica de espírito. Esta é a base para um ideal institucionalizado de SUCESSÃO APOSTÓLICA, *aguram-para* (uma linha não interrompida de gurus) da tradição indiana.

FASE 190 (LIBRA A 10°): TENDO PASSADO ILESO POR ESTREITAS CACHOEIRAS, UMA CANOA ATINGE ÁGUAS CALMAS.

IDÉIA BÁSICA: *O autocontrole e o equilíbrio necessários para alcançar um estado estável de estabilidade interior.*

Este símbolo praticamente dispensa comentários. Pode-se estabelecer um vínculo entre ele e o quinto símbolo da seqüência quántupla precedente, que se referia à relação guru e cheia no nível atuaeional. Lidamos aqui, essencialmente, com a vida emocional e suas crises. No próximo nível - mental e individual -, o símbolo concludente sugere o funcionamento perfeito e tranqüilo do intelecto regido pela lógica e pela simplicidade de meios.

Este é o quinto estágio da trigésima oitava seqüência; ele conclui aquilo que se iniciou no primeiro estágio. A "revelação" interior que produziu dramáticos confrontos pode agora ser objeto de meditação, já que se encontra nas águas calmas da mente. Como palavra-chave, podemos usar o termo ALIVIO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 191 (LIBRA A 11°): UM PROFESSOR OLHANDO POR CIMA DOS ÓCULOS PARA SEUS ALUNOS.

IDÉIA BÁSICA: *Os problemas que aguardam a transmissão de conhecimento num ambiente cultural especial.*

Trata-se de um símbolo deveras peculiar para essa fase do processo. Ele revela uma abordagem muito bem-humorada daquilo que a mente do homem pode realizar neste estágio. Todavia, parece não haver nenhuma razão válida para transformar a imagem em alguma espécie de caricatura, ou para dar-lhe um tom sentimental ao fazer referência a um "amável velho professor". Devemos, em vez disso, analisá-la com o objetivo de descobrir-lhe os elementos básicos. O professor lidou de tal maneira com livros, que cansou bastante os olhos; na época em que as lentes bifocais não eram usadas de modo generalizado, ele tinha de observar por cima dos óculos para ver seus alunos. Por conseguinte, o símbolo apenas revela dois aspectos da condição de "professor" - isto é, da capacidade de transferir à geração mais jovem a vasta soma de conhecimentos acumulados pelo passado. A necessidade de absorver esse enorme montante de conhecimento livresco afeta, a um só tempo, a mente e os olhos; para atender às exigências da turbulenta juventude, o professor deve, num certo sentido, olhar acima desse conhecimento e ver seus alunos, tão-somente, como seres humanos.

Este é o primeiro símbolo da trigésima nona seqüência quántupla. Ele trata, no nível intelectual, do ensino do conhecimento coletivo acumulado, bem como do problema gerado pela aquisição desse conhecimento. Eis o que significa INSTRUÇÃO - um processo que não deve ser confundido com "educação".

FASE 192 (LIBRA A 12°): MINEIROS CHEGAM À SUPERFÍCIE DE UMA PROFUNDA MINA DE CARVÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de prosseguir, em níveis mais profundos, a busca de conhecimento que mantém acesas as chamas da mente coletiva de uma sociedade.*

A busca de conhecimento requer a dedicação de muitas mentes, que penetram cada vez mais profundamente nas realidades da nossa existência terrena. É uma difícil, e com freqüência sombria, exploração - realizada em meio a grandes dificuldades e diante da possibilidade de se sofrer uma *asfixia* espiritual provocada pelo esforço e pela tensão intelectuais constantes. Quando confronta uma pessoa, este símbolo pode ser interpretado como uma revelação da necessidade de uma dedicação intelectual desse tipo, mas, da mesma maneira, como uma indicação da oportunidade de emergir dela e levar uma vida mais natural.

Este símbolo de segundo estágio encontra-se relacionado com o do primeiro no sentido de ser visível, nos dois, condições de existência que se vinculam com o trabalho voltado para o benefício da coletividade. A oposição entre trabalho intelectual e trabalho manual é evidente; menos evidente é o fato de ambas as classes de trabalhadores experimentarem conseqüências físicas definidas como resultado de uma ocupação: os olhos do professor; os pulmões do mineiro de carvão. O professor cava no passado intelectual da humanidade para descobrir aquilo que pode ativar os processos mentais dos estudantes; o mineiro de carvão traz para a superfície os resíduos antigos daquilo que um dia foi substância viva. Palavra-chave: EXTRAÇÃO.

FASE 193 (LIBRA A 13º): CRIANÇAS SOPRANDO BOLHAS DE SABÃO.

IDÉIA BÁSICA: *As fantasias culturais por intermédio das quais as mentes jovens sonham com a perfeita realização.*

Este símbolo parece referir-se ao uso da imaginação, bem como ao valor da fantasia num ambiente coletivo. Os homens sonham juntos, preparando-se para agir juntos. Os rituais relacionados com as grandes aspirações da humanidade são, a um só tempo, cerimônias sagradas e brincadeira para as mentes jovens; assim também o são as cerimônias na corte e as óperas para a elite social ou os jogos de beisebol para as massas. Alguns homens trabalham duro para adquirir conhecimento e fornecer à sociedade aquilo que ela precisa para fruir palácios aquecidos e iluminados; outros brincam de se imaginarem a si mesmos como esferas perfeitas de radiancia multicolorida - bolinhas de sabão que logo se mostram fugidias!

Neste terceiro estágio da trigésima nona seqüência, lidamos com outro aspecto da vida cultural, possibilitado, num certo sentido, pelos dois aspectos que acabaram de ser simbolizados. Trata-se de um símbolo de BRINCADEIRA IMAGINATIVA, que prenuncia o ideal do "homem global", o homem de plenitude.

FASE 194 (LIBRA A 14º): NO CALOR DO MEIO-DIA, UM HOMEM FAZ A SESTA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de recuperação nos termos do padrão social de atividade cotidiana.*

No nível emocional-cultural, o homem, em nossos dias, não tem condições de manter-se constante. Deve haver períodos de descanso, sextas ou intervalos para o café, durante os quais o indivíduo se recolhe em sua própria esfera de identidade pessoal, não apenas para fins de relaxamento físico, como também para permitir o estranho, mas evidentemente necessário, jogo de fantasias oníricas. A estruturação social não pode ser mantida, de modo saudável, sem interrupções, seja qual for o clima em que vive o homem. Ademais, o corpo requer a calma e o relaxamento da tensão nervosa, depois daquilo que constitui, com freqüência, a refeição principal do dia.

Este símbolo de quarto- estágio pode ser visto como uma ênfase na necessidade de técnicas de RELAXAMENTO, bem como na necessidade de permitir que as funções da mente e do corpo façam a "digestão", livres das pressões exteriores, das complexas experiências de vivência social e, em particular, dos negócios.

FASE 195 (LIBRA A 15º): CAMINHOS CIRCULARES.

IDÉIA BÁSICA: *O acordo com a inevitabilidade do estabelecimento de ritmos consistentes de atividade social.*

Em seu antigo curso, "Symbolical Astrology", Marc Jones buscou concretizar esta imagem abstrata ao falar de "partes de um maquinado, novas e circulares". É bem melhor, contudo, encarar a imagem em seu sentido mais geral, tal como ele mesmo o fez mais tarde. A razão pela qual há necessidade de o indivíduo ter momentos de descanso, durante os quais possa ser liberado de padrões repetitivos, reside no fato de as atividades cotidianas, em casa ou no trabalho, tenderem a repetir-se de forma circular. Apenas quando se torna plenamente sintonizado e, num certo sentido, identificado com os vastos ritmos cósmicos e planetários do universo e, portanto, livre de tensões de ordem emocional e grupai, pode o indivíduo agir com serenidade e em paz ao longo de "caminhos circulares".

Neste último estágio da trigésima nona seqüência de cinco símbolos, encontramos uma imagem abstrata que pode ser interpretada de forma positiva ou negativa. Estamos diante da atividade repetitiva; mas essa atividade pode aprisionar ou libertar a consciência do ator. Pode significar TÉDIO ou PAZ TRANSPESSOAL em ação.

CENA QUATORZE: *RECONSTRUÇÃO* (Libra a 16° - Libra a 30°)
PRIMEIRO NIVEL: ATUACIONAL

FASE 196 (LIBRA A 16°): DEPOIS DE UMA TORMENTA, UM ATRACADOURO DE BARCOS MOSTRA-SE NECESSITADO DE RECONSTRUÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *^4 necessidade de manter em operação sólidos vínculos entre o vasto Inconsciente e a consciência do ego.*

O confronto com amplas questões de relacionamento e com correntes de energia liberadas pelo contato entre o homem e as realidades arquetípico-espirituais com freqüência apresenta como resultado uma destruição temporária. Os "barcos" costumam ligar regiões distantes ou permitir que os homens retirem alimento do mar (isto é, novas compreensões que até então existiam tão-somente no reino consciente da Mente planetária). Eles também podem ser usados para excursões temporárias e para sentir a água e as ondas. Entretanto, toda sociedade culta pode temer o perigo inerente a aventuras que ultrapassem em muito os modos de vida conscientemente definidos e socialmente estruturados. Essas aventuras, na realidade, podem mostrar-se perigosas; os pontos de contato entre o vasto Inconsciente e a consciência do ego moldado por pressupostos e rituais sociais podem ser prejudicados por tormentas psicóticas. Os atracadouros, por conseguinte, devem ser vagarosamente reconstruídos.

Este é o primeiro estágio da quadragésima seqüência quádrupla de fases cíclicas da experiência humana. Ele nos traz, de forma vivida, a compreensão de que tudo aquilo que o homem constrói a fim de ter condições de aventurar-se além de bases sólidamente individualizadas e conscientes de operação tem probabilidades de ser danificado por forças cósmicas até então desconhecidas. O tênue vínculo entre os dois reinos necessita constantemente de REPARO.

FASE 197 (LIBRA A 17°): UM CAPITÃO DE NAVIO APOSENTADO OBSERVA O ENTRA-E-SAI DE NAVIOS NO PORTO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de obtenção de uma calma e objetiva compreensão das experiências humanas nas quais um dia estivemos profundamente envolvidos.*

A velhice pode ou não trazer ao homem essa compreensão calma e objetiva, quando nos recordamos das crises superadas e do tranqüilo aproveitamento de grandes perspectivas de vida ou "experiências de pico", mas a sabedoria e a serenidade interior dificilmente podem desenvolver-se com segurança com base na superação de lutas e conflitos. O "capitão de navio" conduziu seu navio por tempestades e águas paradas da consciência, talvez com a mente tomada por distúrbios, talvez com sua tripulação-ego revoltada. Agora, há paz e quietude. Outra geração percorre os mares, talvez já navegados, mas, não obstante, inerentemente não racionais e, por vezes, selvagens em sua fúria. Ele observa. Ele sabe. Outros aprendem. Em qualquer idade, o ego-vontade pode "aposentar-se" e contemplar, bem como ficar em paz antes de uma viagem maior por mares ainda menos navegados.

Neste segundo estágio, vemos um quadro de verdadeira superação de tormentas, em oposição polar com o precedente, que revelou o efeito destrutivo dos levantes psíquicos que cortam o vínculo oculto - o *antakarana* - entre a consciência encarnada e o campo da Alma transcendente, a MENTE CALMA que se eleva acima das batalhas e vitórias.

FASE 198 (LIBRA A 18°): DOIS HOMENS SUBMETIDOS À DETENÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *Uma ruptura do relacionamento construtivo entre indivíduo e sociedade, e seu resultado previsível.*

Se pretende manter-se sólida e consistente, toda forma de ordem deve ter condições de proteger-se a si mesma mediante a aplicação de sanções. Tanto uma sociedade como um ego pessoal

constituem formas de ordem. Toda forma de ordem exclui aquilo que não pode manter de modo seguro e sem dano. Ela exclui, ou exila, o diferente, o não-assimilável; se não puder mandá-lo para o espaço exterior, deve isolá-lo num tipo especial de espaço interior, uma prisão. O indivíduo cujas ações introduzem princípios inaceitáveis na ordem estabelecida corre o risco de ser "punido" ou reformado nos termos dessa ordem. O problema de uma sociedade consiste em como incluir em seus padrões de ordem agentes ou canais de transformação - e, em particular, como manter esses padrões em plenas condições de atuação; para os indivíduos, o problema reside em como tornar sua visão ou impulso transformadores aceitáveis pela sociedade. O símbolo não revela a causa da ruptura do relacionamento entre o indivíduo e a sociedade; mas se considerarmos também os símbolos seguintes, nossos pensamentos podem ser levados de volta à imagem da tormenta que danificou o ancoradouro de barco (Fase 196). A sugestão é de que toda violência liberada tem como origem *pressões inconscientes* (o mar e o vento). Um novo passo na evolução da sociedade - as Revoluções Industrial e Eletrônica dos últimos cento e cinquenta anos - provocou um levante coletivo, de alcance mundial, que levou à violência generalizada. O fato de *dois* homens serem apresentados submetidos à detenção sugere uma polarização e um propósito que transcendem uma mera tendência pessoal para a insatisfação.

Este é o terceiro estágio da quadragésima seqüência. Por mais negativa que a imagem possa afigurar-se, podemos ver implícita nela o poder, presente em todos os indivíduos, de assunção de riscos sociais para expressar as convicções ou desejos mais profundos. Não obstante, faz-se necessário ENFRENTAR AS CONSEQÜÊNCIAS.

FASE 199 (LIBRA A 19°): UM GRUPO DE LADRÕES NUM ESCONDERIJO. IDÉIA BÁSICA '*Protesto contra o privilégio social desarmônico.*

É questionável a oportunidade de formulação do símbolo nesse local, mas o princípio geral se mantém. Podemos pensar, na realidade, em Robin Hood e seu bando ou nos primeiros bolcheviques, que assaltavam bancos na Rússia para financiar a revolução. O protesto contra a sociedade desigual, com sua rígida estratificação de classes, pode ser encarado como valor positivo, mesmo que desafie o princípio de ordem, tendo em vista que revela qualidades dinâmicas dos indivíduos, bem como a vontade de transformação. Noutro sentido, trata-se das trevas sombrias do ideal da "nao-possessividade". A questão é: qual a validade e a eficácia desse tipo de protesto?

O quarto estágio de uma seqüência quintupla de símbolos e fases costuma apresentar, pelo menos, uma indicação de técnica. O que isso pode significar nesse nível? Talvez o fato de toda resistência efetiva a uma situação de cristalização de instituições dever ser organizada se se desejar torná-la eficaz. Os indivíduos isolados são impotentes na produção de mudanças reais na consciência social. É preciso formar um "grupo". As palavras-chave são PROTESTO DE GRUPO.

FASE 200 (LIBRA A 20°): UM RABINO DESEMPENHANDO SUAS FUNÇÕES.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de aproveitar o poder da tradição ancestral a fim de servir e inspirar os semelhantes.*

Vemos em ação o uso construtivo de padrões religiosos e socioculturais rígidos e, não obstante, efetivos. As energias do Inconsciente coletivo são canalizadas por meio de antigas formas e fórmulas bem definidas. Isso implica limitações, assim como a possibilidade de esclerose ou inércia diante de novas situações; contudo, há beleza e sabedoria nessa espécie de ritualização do comportamento e do pensamento.

Este é o quinto estágio da quadragésima seqüência quintupla. Nele, a relação do homem, o indivíduo, com sua comunidade - e, além desta, com o universo - é vista numa operação estabilizada e eficaz. A SABEDORIA HERDADA pode ser focalizada por intermédio de alguém que lhe aceite as limitações.

SEGUNDO NIVEL: EMOCIÓN AL-CULTURAL

FASE 201 (LIBRA A 21º): UMA MULTIDÃO, NO DOMINGO, APROVEITA A PRAIA.

IDÉIA BÁSICA: *Um contato revigorante com aforça-Mãe da natureza e da união social*

O mar é a vasta matriz a partir da qual os organismos surgiram originalmente. Ele também simboliza o Inconsciente coletivo, o invólucro "matriarcal" da biosfera, no seio do qual a consciência assume formas individualizadas. A consciência dos seres humanos está recebendo uma forma específica da cultura em que eles vivem e das ocupações particulares a que se dedicam no trabalho cotidiano. Mas é sobretudo bom e saudável para suas mentes a revitalização promovida pelas experiências coletivas e pelos profundos sentimentos de unidade indiferenciada, quando se fundem no vasto frescor da "Mãe" planetária, em sua condição mais dinâmica, ilimitada e não contida por fronteiras.

Neste primeiro estágio da quadragésima primeira seqüência quántupla de símbolos, vemos o fundamento com base no qual os desenvolvimentos vindouros ocorrerão. É, num certo sentido, um fundamento biodinâmico, mas ultrapassa até mesmo a biosfera, alcançando aquilo que, em todos os tipos cósmicos de organização, é o princípio-Mãe — por exemplo, o Espaço galático. Podemos falar aqui de SENTIMENTO OCEÂNICO, nascido da sintonia com os ritmos mais básicos da existência, seja em que nível for.

FASE 202 (LIBRA A 22º): UMA CRIANÇA DANDO DE BEBER AOS PÁSSAROS A ÁGUA DE UMA FONTE.

IDÉIA BÁSICA: *A preocupação das almas simples com o bem-estar e a felicidade dos seres menos desenvolvidos, que se encontram sedentos de renovação de vida.*

A formulação original deste símbolo é muito mais significativa que a mais recente, pois está expressa aqui uma reversão da operação mencionada no símbolo precedente. O homem, que construiu a fonte - talvez em terra árida e com o trabalho habilidoso -, dá a água produtora de vida aos pássaros sedentos. Ele não vai para o mar, mas traz a água purificada e ingerível aos pássaros que dela necessitam. A conexão entre "criança" e "pássaros" implica uma relação espontânea e ingênua no nível espiritual, um contato de almas no nível dos sentimentos puros.

Neste segundo estágio do processo quántuplo, o contraste com o primeiro assume um aspecto sugestivo. Podemos dar aquilo que recebemos do Infinito aos seres finitos que dele têm sede. O homem não precisa destruir a selva da natureza por meio da voracidade e do descuido; ele pode transformá-la num jardim, cujas fontes rumorosas atrairão pássaros. Podemos usar aqui a palavra-chave de Marc Jones para esse grau: SOLICITUDE.

FASE 203 (LIBRA A 23º): O CANTO DO GALO ANUNCIA O NASCER DO SOL. IDÉIA BÁSICA: *Uma criativa e jubilosa resposta aos processos da vida.*

O galo que canta quando os primeiros albos da madrugada aparecem na parte leste do horizonte é um belo símbolo da capacidade, demonstrada por todos os pioneiros, assim como por todos os indivíduos sintonizados com o cosmos, de dar voz àquilo que ainda não se manifestou, mas que se encontra prestes a fazê-lo. No nível do ego, o galo pode acreditar que é a causa do nascer do sol; mas um dia ele aprenderá, por meio de dolorosas experiências, que criar não é senão revelar aquilo que, essencialmente, é. Trata-se de vivido reconhecimento do ainda não conhecido no âmbito do conhecido.

Este símbolo de terceiro estágio deve nos fazer pensar de forma nova acerca de questões que costumamos ter como certas. A cada "nascer do sol", há umas poucas testemunhas isoladas que anunciam a vinda de um novo dia. Está em jogo, nesse momento, a capacidade individual de dar uma RESPOSTA ÀS RENOVAÇÕES DA VIDA - renovações que, embora cíclicas e previsíveis, se revestem de um caráter novo e sempre criativo.

FASE 204 (LIBRA A 24º): UMA BORBOLETA COM UMA TERCEIRA ASA DO LADO ESQUERDO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de desenvolver, para propósitos de renovação interior, novas modalidades de resposta a situações de vida de caráter básico.*

A borboleta é o símbolo antigo e tradicional dos resultados do processo de renascimento espiritual. Se a borboleta tem três, em lugar de duas, asas, é mostrado um desenvolvimento especial de um aspecto da vida espiritual. Três é um símbolo de completude. Algum poder foi acrescentado à vida espiritual normal do indivíduo particular. O lado esquerdo costuma referir-se ao campo instintivo da consciência, mas é também o lado do coração. É mostrada uma nova força, talvez ainda não concretizada.

Um símbolo de quarto estágio refere-se, em geral, a alguma espécie de técnica ou de realização técnica. Está implícito aqui que o contato com a força de Vida revigorante (cf. o símbolo do primeiro estágio) pode resultar no surgimento de uma nova faculdade, cujo uso pode ainda não ser avaliado de forma consciente. O estabelecimento de um contato dessa ordem constitui precisamente uma técnica de MUTAÇÃO ORIGINAL.

FASE 205 (LIBRA A 25°): A VISÃO DE UMA FOLHA DE OUTONO TRAZ A UM PEGRINO A SÚBITA REVELAÇÃO DO MISTÉRIO DA VIDA E DA MORTE.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de descobrir, em toda experiência, um sentido cósmico ou transcendental.*

A mente se abre aos multifários prodígios dos processos naturais, já que vê tudo com novos olhos; não apenas testemunha fatos simples, como também penetra além das aparências e percebe os grandes ritmos da vida universal. Sem essa faculdade, o aspirante às realidades espirituais sempre se encontra em busca de "outro lugar". E, no entanto, o espírito, a vida, Deus, sempre estão presentes, aqui e agora. E toda morte é um prenúncio de renascimento.

Neste quinto estágio da quadragésima primeira seqüência quántupla de fases do processo cósmico, as implicações dos quatro estágios precedentes são levadas a um novo estado de consciência que é, verdadeiramente, o estado espiritual. É um estado de CLARA VISÃO, de "ver através". Este mundo só é uma ilusão para aquele que não é capaz de ver através de seus fenômenos e fracassa na apreensão da realidade revelada por esses fenômenos, mesmo quando eles a ocultam.

FASE 206 (LIBRA A 26°): UMA ÁGUIA E UMA GRANDE POMBA BRANCA TRANSFORMAM-SE UMA NA OUTRA.

IDÉIA BÁSICA: *A interação entre a Vontade espiritual e o princípio do Amor quando surgem necessidades críticas.*

Essa seqüência de símbolos que conclui a fase Libra do ciclo trata de problemas encontrados por aquele que busca atingir um estágio superior de Relacionamento. Está implícita aqui uma espécie de inter-relação yang-yin. Quando o círculo que compreende ambos os princípios gira com grande velocidade, estes parecem transformar-se um no outro. A consciência opera além da dualidade, pois as energias polarizadas da Alma (ou do espírito), a Vontade e o Amor, embora sejam sempre distintas, trabalham por um único propósito.

Este é o primeiro estágio do quadragésimo segundo conjunto quántuplo de fases. Representa uma abordagem nova e mais elevada do uso de forças polarizadas no interior da personalidade até então muito pouco transformada e que opera no âmbito de um novo quadro de referência. A palavra-chave, PROFICIÊNCIA, é adequada a essa fase - mas há inúmeros níveis de "competência"!

FASE 207 (LIBRA A 27°): UM AEROPLANO VOA, BEM ALTO, NO CÉU CLARO.

IDÉIA BÁSICA: *Uma consciência capaz de transcender os conflitos e pressões da vida pessoal.*

Esse quadro simboliza a capacidade, latente em todo ser humano, de contemplar a pressão da existência em nosso mundo de dualidade a partir de um nível mais elevado. Através do uso da mente, sustentado nos esforços e lutas de gerações passadas e na cooperação de outros homens, o indivíduo pode alcançar uma nova perspectiva acerca dos problemas humanos e alcançar a liberdade e a paz num reino sobrenatural do ser.

Este símbolo de segundo estágio contrasta com o primeiro, já que, enquanto aquele tratou da cooperação entre energias polarizadas, este nos introduz no reino da unidade além da polaridade. Trata-se de um estágio de COMPREENSÃO TRANSCENDENTAL.

FASE 208 (LIBRA A 28º): UM HOMEM TOMANDO CONSCIÊNCIA DAS FORÇAS ESPIRITUAIS QUE SE ENCONTRAM AO SEU REDOR E QUE LHE DÃO ASSISTÊNCIA.

IDEIA BÁSICA: *A compreensão, em todo nível da existência, de que não estamos sozinhos e de que a "comunidade" - visível ou invisível - dá sustentação aos nossos esforços.*

Todo organismo individualizado é parte de um toda organizado mais amplo, tenha ou não consciência disso ou do poder sustentador do todo. Todavia, um homem pode fazer deliberadamente a opção por seguir a sombria trilha do isolamento do ego, que, cedo ou tarde, sempre leva à destruição e à perda de si mesmo na "matéria". No nível animal, a biosfera como um todo é a comunidade; para o ser humano comum, é a tribo ou a família, a comunidade da cidade, a nação. Conforme expande sua consciência, o indivíduo pode tornar-se consciente de uma comunidade espiritual, que até ultrapassa a "noosfera" (a Mente Una da humanidade), isto é, o reino da pura luz da "Supermente", sugerida pelo conceito de "Tenda Branca".

Este é o terceiro estágio da quadragésima segunda seqüência quártupla. Para o homem que conseguiu transcender um pouco o mundo dos conflitos e, por um momento pelo menos, experimentou a unidade de toda a existência, esse estágio deve levar à compreensão da "pertinência" a um todo mais amplo. Isso produz um estado de CERTEZA INTERIOR.

FASE 209 (LIBRA A 29º): O VASTO E DURADOURO ESFORÇO DA HUMANIDADE NO SENTIDO DE ALCANÇAR UM CONHECIMENTO TRANSFERÍVEL DE GERAÇÃO A GERAÇÃO.

IDEIA BÁSICA: *Um profundo sentido de participação em, e de compromisso com, processos sociais que visam a trazer a todos os homens a Verdade e uma Vida mais ampla.*

O traço mais característico da natureza humana é a capacidade de "ligar o tempo" (como afirmou, certa feita, Korzybsky): isto é, de transferir, para homens que ainda não nasceram, a colheita de suas experiências conscientes e de seus empreendimentos deliberados. Essa capacidade transcende muito as relações mútuas de caráter instintivo e biológico, pois se baseia na consciência, na escolha e no auto-sacrifício em favor dos futuros seres humanos. Ela repousa num profundo sentimento do valor da "comunidade", seu uso aumenta esse sentimento e por fim destrói a raiz da solidão.

Este símbolo de quarto estágio sugere a técnica que torna a vida verdadeiramente "humana". Promover a integração de outros homens e mulheres no vasto processo de uma civilização *viva* equivale a levar às últimas conseqüências as implicações do estágio humano de evolução cósmica - um estágio caracterizado pela PARTICIPAÇÃO CONSCIENTE.

FASE 210 (LIBRA A 30º): TRÊS PROTUBERANCIAS DE CONHECIMENTO NA CABEÇA DE UM FILÓSOFO.

IDEIA BÁSICA: *A plena realização do poder humano de compreensão em todos os níveis de existência em que a pessoa atua.*

Um verdadeiro filósofo é um homem capaz de "compreender", e não apenas de "conhecer", os processos da vida, quando passa a experimentá-los diretamente. Ele é um homem de sabedoria, diferente, na verdade, do homem de ciência; isso porque, embora deva haver conhecimento antes da compreensão, o conhecimento sozinho pode ser, a um só tempo, parco e destruidor da sabedoria. Este símbolo peculiar refere-se, com efeito, à "frenologia", que costuma ser considerada uma pseudociência, mas tem condições de fornecer significativas indicações. O número 3 sempre indica um estado de completude. O símbolo implica o atingimento pleno da compreensão filosófica, que, evidentemente, nada tem que ver com graus acadêmicos ou com a redação de tratados bem-sucedidos acerca de conceitos abstratos.

Este símbolo de quinto estágio é o último da série Libra. A compreensão e a sabedoria se desenvolvem em termos da vida comunitária e por meio de experiências fornecidas pelos relacionamentos interpessoais e grupais. Os fatores culturais sempre se acham envolvidos, mesmo que a verdadeira sabedoria transcenda os valores culturais e tenha suas raízes fincadas na natureza essencial do Homem. Está em jogo, aqui, UMA ABORDAGEM HOLISTA DO CONHECIMENTO, baseada em universais.

CENA QUINZE: *COMUNHÃO (Escorpião a 1° - Escorpião a 1f)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 211 (ESCORPIÃO A 1°): UM APINHADO ÔNIBUS DE EXCURSÃO NUMA RUA DA CIDADE.

IDÉIA BÁSICA: *O anseio humano fundamental no sentido de expandir o próprio horizonte social e de experimentar os produtos dos empreendimentos coletivos, assim como novos modos de vida.*

Tratamos, neste símbolo, de uma experiência grupai de uma vasta realização humana, uma cidade. Os indivíduos, vindos de uma variedade de lugares e dotados de uma variedade de formações, "formam uma comunidade" na nova consciência de um todo maior da existência humana, um todo organizado dotado dos seus próprios ritmos de atividade multifária. Novos sentimentos e uma expansão da consciência resultam disso. Aquilo que se inicia na fase Libra do ciclo recebe substanciação no decorrer na fase Escorpião. O processo de "iniciação" em valores coletivos alcança agora a natureza sensível.

Este símbolo inicia a quadragésima terceira seqüência quártupla. Refere-se à primeira compreensão das implicações de um todo mais amplo de existência - um quadro de referência mais abrangente -, em termos bem concretos e, talvez, surpreendentes. Está em jogo UMA AMPLIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

FASE 212 (ESCORPIÃO A 2): UM DELICADO VIDRO DE PERFUME, QUEBRADO, EXALA SUA FRAGRANCIA.

IDÉIA BÁSICA: *! natureza accidental das oportunidades que nos impelem a romper com um passado cuja lembrança ainda é aguda e cara.*

Uma realização nova e maior costuma exigir o sacrifício de algo que trouxe encanto e fragrancia a uma forma inferior de vida e de sentimento. Os velhos sentimentos ainda provocam uma aguda lembrança, mesmo quando nos movimentamos numa esfera nova e mais ampla de experiência. Os velhos relacionamentos podem ser deixados para trás, mas a memória dos seus momentos essenciais permanece, talvez resistente e nostálgica.

Este é o segundo estágio da quadragésima terceira seqüência. Ele contrasta com o primeiro porque revela a dificuldade de lidar com o passado quando se entra num novo reino de sentimentos. À excitação da novidade, responde a lembrança do encanto do passado que acabamos de ABANDONAR.

FASE 213 (ESCORPIÃO A 3°): UM MUTIRÃO DE CONSTRUÇÃO, REALIZADO NUMA PEQUENA CIDADE, OBTÉM A COOPERAÇÃO DOS VIZINHOS.

IDÉIA BÁSICA: *O sentimento de comunidade demonstrado num esforço conjunto de natureza básica.*

Nas vizinhanças das zonas rurais, em especial quando do desenvolvimento do Oeste dos Estados Unidos, a construção de, pelo menos, a base de uma casa costumava ser um empreendimento coletivo amigável. Os recém-chegados, ao construírem suas futuras casas, encontravam o auxílio dos vizinhos. O sentido de comunhão e participação num empreendimento comum era desenvolvido por esse trabalho coletivo. A casa permanece "nossa" casa; não obstante, toda a comunidade se acha envolvida em sua construção e nas boas-vindas que marcam seu término.

Neste terceiro estágio da seqüência de cinco fases, o sentimento se transforma em atividade. O passado e suas memórias são «polarizados em termos da consciência social expandida. Surgirá dessa atividade um novo sentido de realidade. A palavra-chave é COOPERAÇÃO.

FASE 214 (ESCORPIÃO A 4°): UM JOVEM CARREGA UMA VELA ACESA NUM RITUAL RELIGIOSO.

IDÉIA BÁSICA: *O poder educativo das cerimônias que imprimem as grandes imagens de uma cultura em seus participantes reunidos.*

Uma comunidade de seres humanos tem inculcados alguns símbolos básicos que estruturam e ilustram a cultura e o modo de vida particulares do grupo. Os rituais e cerimônias sociais de todos os tipos (de um jogo de beisebol a uma parada festiva para heróis que retornam ou um serviço religioso celebrado numa velha catedral) incorporam esses símbolos em formas tradicionais de atividade. Quando os jovens participam dessas apresentações coletivas de valores e ideais comumente aceitos, suas mentes e sentimentos são formados por esses símbolos. Eles têm esses valores como certos até o dia em que optam por afirmar sua individualidade - ou sua participação numa revolta de geração -, mediante o repúdio dos rituais tradicionais, incluindo-se aí os rituais de negócios. Então, podem buscar com afino novos rituais de que participar!

Este símbolo de quarto estágio nos mostra o método por meio do qual é construída uma comunidade de sentimentos no decorrer dos anos de formação da infância e da adolescência. O signo zodiacal de Escorpião está especialmente vinculado com rituais, incluindo rituais sexuais, que unem os comungantes pelas raízes do seu ser. Também nesses rituais sexuais, O PODER DOS SÍMBOLOS é evidente, acima e além do mero ato biológico.

FASE 215 (ESCORPIÃO A 5°): UM MACIÇO CAIS ROCHOSO RESISTE AOS EMBATES DO MAR.

IDÉIA BÁSICA: *inércia de todos os procedimentos institucionalizados.*

Lenta é a ascensão da terra a partir do vasto oceano; todavia, uma vez formada, desenvolve uma formidável resistência à mudança, apesar das tormentas. Da mesma maneira, uma vez que uma cultura tenha expresso seus símbolos básicos e sua forma particular de pensar, sentir e agir em instituições concretas, estas se modificam, com efeito, muito vagarosamente. O indivíduo que chegou à grande cidade (símbolo de Escorpião a 1°) logo vê sua vida determinada pelos ritmos da vida urbana, que obliteram os processos mais vastos de vida, bem como as marés móveis da evolução.

Este é o último dos cinco símbolos da quadragésima terceira seqüência. Vemos quão limitadora e resistente uma forma comunal de vida pode tornar-se. Há aí força e estabilidade, fatores necessários na vida social do homem - até que novos horizontes acenem. A palavra-chave é ESTABILIDADE.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 216 (ESCORPIÃO A 6°): A CORRIDA DO OURO AFASTA OS HOMENS DO SEU SOLO NATAL.

IDÉIA BÁSICA: *A busca apaixonada de novos valores, os quais prometem, em qualquer nível, uma vida mais abundante.*

A grandeza do homem reside no fato de ele sempre poder ser maior; da mesma maneira, no nível nacional, a "cobiça" do homem pode ser atizada com mais facilidade por tudo aquilo que prometa mais riqueza, mais poder e realizações cada vez maiores em todos os níveis, espirituais e materiais. Além desse despertar da cobiça, há o desejo, profundamente arraigado, de desempenhar um papel mais importante ou espetacular na sociedade ou na comunidade de que se é parte. A cobiça é a intensificação obsessiva do sentido social, assim como a luxúria é a intensificação obsessiva do anseio de amor. Nesse nível de Escorpião, o anseio é de uma união sempre mais intensa e todo-absorvente com uma pessoa ou comunidade - um anseio que motiva a busca de meios mais eficazes de obtenção de uma experiência de sentimento o mais total possível.

Este é o primeiro estágio da quadragésima quarta seqüência de fases simbólicas do ciclo da existência. Ele dramatiza a capacidade do homem no sentido de apartar-se do conhecido e do familiar, jogando tudo numa visão ou sonho. A palavra-chave é AVIDEZ.

FASE 217 (ESCORPIÃO A 7°): MERGULHADORES DE ÁGUAS PROFUNDAS.

IDÉIA BÁSICA: *A vontade de explorar profundezas ocultas de todas as experiências e de buscar as causas primordiais.*

Este símbolo se refere, essencialmente, à psicologia profunda - um acerto de contas com o Inconsciente coletivo e seus conteúdos. Esse tipo de aventura de mergulho nas profundezas é basicamente diferente daquele simbolizado pela corrida do ouro, pois pode ocorrer no interior do indivíduo e sem relação com valores sociais. Refere-se, em termos simbólicos, a um esforço de "ir ao fundo" - isto é, de descobrir o que se encontra sob as ondas superficiais da vivência cotidiana. Esse esforço pode envolver grandes perigos. Requer uma grande vontade e muito fôlego — quer dizer, um certo grau de força espiritual. Costuma desafiar poderes que se acham ocultos nas profundezas do inconsciente.

O contraste entre "mergulhadores de águas profundas" e "homens na corrida do ouro" é significativo. Ele apresenta, de modo deveras interessante, a oposição entre o primeiro e o segundo estágio da seqüência quádrupla de fases cíclicas. O esforço de busca interior opõe-se à procura exterior do grande símbolo social, o ouro. Deve levar a uma COMPREENSÃO PROFUNDA das próprias raízes da consciência.

FASE 218 (ESCORPIÃO A 8°): UM CALMO LAGO BANHADO PELO LUAR. IDÉIA BÁSICA: *Uma tranqüila abertura à inspiração superior.*

Podemos enfatizar as sugestões românticas que essa imagem evoca; mas, mesmo no nível de uma relação amorosa, a implicação é um abandono de dois egos pessoais à inspiração dos sentimentos transcendentais, que se revestem de um caráter essencialmente impessoal. O amor se expressa *por meio* dos amantes, já que o Amor real é um princípio ou poder cósmico indiferenciado que apenas se concentra nas "almas" dos seres humanos que lhe refletem a luz. O mesmo se aplica ao amor místico por Deus. O homem labuta com denodo para alcançar grandes realizações por meio de ousadas aventuras. Contudo, chega um momento em que tudo que de fato importa é apresentar uma mente calma, na qual possa ser refletida uma luz divina.

Este é o terceiro estágio da quadragésima quarta seqüência quádrupla. Ele nos diz que, além de todos os esforços, repousa a necessidade de paz e de prontidão para aceitar a iluminação que vem de cima. A palavra-chave é QUIETUDE.

FASE 219 (ESCORPIÃO A 9°): UM DENTISTA EM AÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A superação dos resultados negativos das práticas sociais e dos desejos do ego.*

Para avaliar e interpretar de modo adequado este símbolo, devemos perceber o significado dos dentes. Os dentes permanentes costumam aparecer aos 7 anos, quando, segundo alguns ocultistas, a personalidade individualizada da criança - o ego - assume pleno controle do organismo físico. Os dentes são usados para triturar os alimentos, para que estes possam ser digeridos e assimilados. A vida social e os padrões impõem sobre nós determinados hábitos alimentícios, despertam desejos por alimentos insalubres ou desnaturados, forçando-nos talvez a comer em circunstâncias carregadas de tensão e às pressas. Isso resulta no desgaste dos dentes, com uma freqüência muito maior do que seria inevitável com a passagem dos anos. Por conseguinte, o símbolo mostra o modo pelo qual a sociedade e a civilização, que podem causar indiretamente o desgaste dos dentes, são forçadas a inventar meios de reparar habilidosamente o dano.

Neste quarto estágio da seqüência de cinco fases, vemos mais uma vez um indício de técnica. A vida em sociedade tanto perverte como repara, tanto destrói como reconstrói - um círculo verdadeiramente vicioso. O homem é compelido pelas necessidades sociais a exhibir INVENTIVIDADE.

FASE 220 (ESCORPIÃO A 10°): UM JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO REÛNE VELHOS COMPANHEIROS.

IDÉIA BÁSICA: *Os sobretons dos relacionamentos humanos baseados numa comunidade de trabalho ou de experiências.*

Este símbolo descreve a natureza essencial do vínculo que une indivíduos que participaram de alguma atividade comum. O sentimento social de comunhão com tudo aquilo que engendra é despertado *depois* da realização da ação comum. A atividade encontra-se na raiz da consciência. A atividade em comum gera consciência social e padrões culturais que são fixados sob a forma de instituições. Surge uma personalidade de grupo, que exhibe traços característicos e dá origem a emoções e valores coletivos.

Este é o estágio final da quadragésima quarta seqüência quártupla. Sempre que aparece, este símbolo sugere a importância do estabelecimento ou fortalecimento de vínculos com pessoas com quem compartilhamos ou podemos compartilhar experiências vivas. É acentuado o valor do COMPANHEIRISMO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 221 (ESCORPIÃO A 11°): UM HOMEM QUE SE AFOGAVA ESTÁ SENDO SALVO.

IDÉIA BÁSICA: *A profunda preocupação do grupo social com a segurança dos indivíduos.*

Este símbolo deve ser interpretado como uma revelação do sentimento básico de relacionamento do indivíduo com seus semelhantes. É descrita antes a expressão desse relacionamento, do que a experiência da pessoa que, talvez descuidadamente, aventurou-se longe demais em suas profundezas e recebeu uma "segunda chance" de viver. Um homem arrisca a própria vida para salvar a de outro: isso é amor, baseado num sentido de responsabilidade produzido por um vivido sentimento de inter-relacionamento. Sustentado por esse amor, o indivíduo pode ficar mais seguro em sua aventura, mas essa segurança também pode levar a um atrevimento e a uma confiança infundados.

Este é o primeiro estágio da quadragésima quinta seqüência de cinco fases simbólicas. Descreve a preocupação revelada pelo todo social com relação a todas e a cada uma de suas partes, mesmo que essa preocupação não passe de um ato voluntário de salvamento, realizado por um circunstante. O HUMANITARISMO assim demonstrado apresenta profundas raízes culturais.

FASE 222 (ESCORPIÃO A 12°): UM BAILE CONSULAR OFICIAL.

IDÉIA BÁSICA: *A consciência de grupo, em seu florescimento de grau mais elevado, manifesto em intercâmbios sociais entre representantes da elite da classe dirigente.*

No momento, a mais ampla unidade de organização social é a nação. O símbolo apresenta a classe dirigente de tais totalidades sociais exigindo, pelo menos, as formas superficiais de preocupação com o estabelecimento de relações permanentes em pacífica cooperação. É evocado aqui o valor do encontro com as pessoas no nível mais elevado possível de intercâmbio cultural (isto é, "a rigor"), em vez de um tipo cotidiano de consciência e de comportamento.

Em contraste com a espontaneidade natural da operação de salvamento mostrada no símbolo precedente, temos aqui a imagem de uma DEMONSTRAÇÃO ritualizada de poder, prestígio e riqueza. O relacionamento tornou-se hierárquico e foi institucionalizado. A Fase 222 diz-nos que isso também constitui uma característica essencial do desenvolvimento do dá-e-toma rítmico, com o fito de alcançar a paz global.

FASE 223 (ESCORPIÃO A 13°): UM INVENTOR REALIZA UMA EXPERIÊNCIA DE LABORATÓRIO.

IDÉIA BÁSICA: *A urgência impulsionadora na direção da realização, que se acha na base da civilização.*

Em qualquer nível, o desenvolvimento de formas mais completas e eficientes de intercâmbio social — a essência do processo de civilização — requer engenhosidade, inventividade e a disposi-

ção para experimentar no âmbito de condições de teste relativamente seguras. Devemos tentar ir à raiz dos problemas envolvidos nas relações interpessoais ou internacionais, bem como descobrir os princípios que controlam a interação entre partículas materiais e corpos maiores. A tecnologia moderna é apenas uma das abordagens de um problema sumamente complexo. A intuição é tão necessária para o sucesso quanto a análise intelectual.

Este é o terceiro estágio da quadragésima quinta seqüência de cinco símbolos. O símbolo enfatiza o valor da iniciativa individual, da perseverança e da cautela em toda tentativa de compreender o modo pelo qual tudo se acha vinculado entre si. O mais necessário é a CAPACIDADE DE RELACIONAR FATOS APARENTEMENTE NÃO RELACIONADOS ENTRE SI.

FASE 224 (ESCORPIÃO A 14°): EMPREGADOS DA COMPANHIA TELEFÔNICA INSTALAM NOVAS CONEXÕES.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de estabelecer novos canais de comunicação.*

O crescimento do sentimento comunitário entre seres humanos separados requer o desenvolvimento de meios cada vez mais complexos de intercâmbio de sentimentos e idéias. Onde quer que encontremos esse símbolo de Escorpião a 14°, temos a indicação de que esses canais de comunicação configuram-se como elementos essenciais para o sucesso de todo relacionamento interpessoal. Eles devem ser não apenas construídos, como também usados de forma significativa e sábia.

Este símbolo de quarto estágio traz à nossa atenção o valor essencial da comunicação com os semelhantes e até com as pessoas mais próximas de nós - com as quais essa comunicação pode não transcorrer sempre de forma fácil. Não pode haver comunhão sem comunicação *em algum nível*, incluindo-se aí o nível da compatibilidade biológica. Palavra-chave: VONTADE DE ASSOCIAR-SE ou COMPREENSÃO.

FASE 225 (ESCORPIÃO A 15°): CRIANÇAS EM FOLGUEDOS EM TORNO DE CINCO MONTÍCULOS DE AREIA.

IDÉIA BÁSICA: *Os primeiros passos no desenvolvimento de uma mente que busca a sintonia com o nível mais elevado da evolução humana.*

Trata-se um símbolo particularmente cifrado. Pode ser decifrado se se compreender que o destino essencial do Homem consiste em desenvolver-se como um ser quádruplo, um "Pentagrama" ou estrela de cinco pontas. O número 5 simboliza a mente em seu aspecto mais criativo e penetrante, enquanto o número 4 se refere aos processos de vida que operam no presente no âmbito da biosfera terrestre. Nossa civilização ocidental realizou apenas o nível mais baixo dessa vibração 5, isto é, a mente contaminada por instintos compulsivos e pelo envolvimento emocional. Alguns indivíduos, contudo, nascem com um potencial especial para o desenvolvimento da mente mais elevada e criadora, assim como em circunstâncias sociais que favorecem esse desenvolvimento. Na maioria dos casos, eles ainda se acham "brincando" com sua capacidade incomum. Encontram-se no jardim de infância deste estágio superior de desenvolvimento mental.

Neste estágio final da quadragésima quinta seqüência de cinco símbolos, são evocadas as possibilidades transcendentais de evolução mental, que requerem a comunhão interpessoal na consciência. O espírito livre da verdadeira investigação científica não passa de prefiguração de um tal tipo de mente, que requer dedicação à humanidade como um todo. Vemos aqui o CRESCIMENTO ORIENTADO PARA O FUTURO.

CENA DEZESSEIS: *FÉ (Escorpião a 16° - Escorpião a 30°)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 226 (ESCORPIÃO A 16°): O ROSTO DE UMA GAROTA ABRINDO-SE NUM SORRISO.

IDÉIA BÁSICA: *A crescente procura, por parte dos puros de coração, de novas experiências.*

A fé na vida e em outros seres humanos cria a possibilidade de se seguir na direção do estabelecimento de relações com tudo aquilo que atraia os sentidos ou estimule a imaginação. O sorriso

é, talvez, uma característica peculiarmente humana, já que implica uma aceitação *consciente* do relacionamento e, portanto, uma escolha. O animal, por outro lado, é compelido pelo instinto inconsciente, pelo menos em seu estado natural. Ele não está livre para optar entre o amor e o ódio.

Este é o primeiro símbolo da quadragésima sexta seqüência quintupla. Ele nos introduz numa série de respostas à experiência humana e descreve um florescente SENTIMENTO ARDOROSO.

FASE 227 (ESCORPIÃO A 17°): UMA MULHER, FECUNDADA PELO SEU PRÓPRIO ESPÍRITO, ESTÁ "GRÁVIDA".

IDÉIA BÁSICA: *Uma total confiança nos desígnios do Deus interior.*

Em contraste com o extrovertido sorriso da garota no símbolo precedente, vemos aqui o resultado de uma profunda e completa concentração, que alcança o centro mais íntimo da personalidade, onde o Deus Vivo age como poder fecundador. Isso revela a potência do caminho interior, a entrega do ego a uma Força transcendental que pode criar, *por meio* da pessoa, vividas manifestações da Vontade de Deus.

Esta segunda fase da quadragésima sexta seqüência quintupla traz-nos a realização de potencialidades que costumam estar ocultas no ser humano comum da nossa época. A fé no Divino é mostrada aqui concretamente justificada. A pessoa humana torna-se "mãe do Deus Vivo". Eis o MODO TRANSPESSOAL de existência, o caminho que leva a mutações criadoras.

FASE 228 (ESCORPIÃO A 18°): UMA TRILHA NA FLORESTA BRILHA EM MULTICOLORIDO ESPLENDOR.

IDÉIA BÁSICA: *O sentimento exaltado de um trabalho bem-feito e de uma vida verdadeiramente consumada.*

Aquele que viveu com fé a vida transpessoal - a vida *por meio* da qual o espírito irradia criativamente — pode experimentar a ventura e a paz, mesmo quando seu ciclo de experiências se aproxima do fim. Foi uma vida plena de sementes. As sementes talvez estejam ocultas, mas mesmo assim estão plenas do poder de superar a morte cíclica. A alma está em paz. O claro céu outonal entoa silenciosamente a mensagem: "Muito bem, garoto! "

Neste terceiro símbolo da seqüência quintupla, vemos o sorriso da jovem ser levado a um ponto culminante de caráter mais maduro e espiritual. A natureza humana é uma magnífica sintonia de quentes e ricas cores, no momento em que o verde estritamente biológico da vegetação experimenta sua TRANSFIGURAÇÃO.

FASE 229 (ESCORPIÃO A 19°): UM PAPAGAIO REPETE AQUILO QUE OUVIU POR ACASO.

IDÉIA BÁSICA: *! capacidade de transmitir conhecimento transcendental.*

Para o indivíduo que vive num estado de fé ardente e constante, pode ser possível a transformação em canal de transmissão de um conhecimento ou sabedoria que transcende sua compreensão mental normal. A mente que aprendeu a ficar em silêncio e em atitude de atenção pode sintonizar-se com o ritmo de enunciados que ela pode não entender intelectualmente, mas que manifestam verdadeiramente realizações sobre-humanas. É necessário haver discriminação para equilibrar o excesso de ansiedade decorrente da fé.

Neste quarto estágio da seqüência quintupla de símbolos, temos um indício a respeito da capacidade do homem no sentido de sintonizar-se a si mesmo com fontes de sabedoria superior, desde que ele possa ser suficientemente atento e cuidadoso na canalização da "Voz superior". Acentuar aqui o elemento negativo da repetição automática e não-inteligente é usar apenas o intelecto. Todos os pássaros que aparecem no simbolismo sugerem faculdades ou forças de cunho espiritual. É evocada aqui a possibilidade de aprender com inteligências superiores. Palavra-chave: CANALIZAÇÃO.

FASE 230 (ESCORPIÃO A 20°): UMA MULHER AFASTA DUAS CORTINAS NEGRAS QUE FECHAM A ENTRADA DE UMA VEREDA SAGRADA.

IDÉIA BÁSICA: *A revelação, à consciência humana, daquilo que se encontra além do conhecimento dualista.*

A "mulher interior" - a fé cujas raízes se acham assentadas nas mais profundas intuições da alma - é vista aqui como o hierofante, desvelando as realidades que a mente ou/ou e pró/contra do homem não pode perceber sozinha. O caminho para a "vida unitiva" do místico é aberto tão logo as trevas do medo, do egocentrismo e da moralidade dualista sejam removidas.

Este é o último símbolo da quadragésima sexta seqüência quádrupla. Ele revela aquilo que uma confiança positiva na fé e na intuição pode produzir. É necessário ter coragem para passar pelas trevas ocultantes - a coragem de aventurar-se além do familiar e do tradicionalmente conhecido, de LANÇAR-SE NO DESCONHECIDO.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 231 (ESCORPIÃO A 21°): OBEDECENDO AOS DITAMES DA CONSCIÊNCIA, UM SOLDADO RECUSA-SE A CUMPRIR ORDENS.

IDÉIA BÁSICA: *Uma prontidão para enfrentar as conseqüências da recusa a seguir os padrões autoritários de uma sociedade agressiva.*

Quando se acha envolvido em atividades tradicionais de sua cultura particular — e, em muitos casos, de todas as sociedades, no atual estágio da evolução humana —, o indivíduo freqüentemente enfrenta um conflito entre seu próprio sentido individual de valor (sua consciência) e as exigências da sociedade. O conflito pode assumir um caráter mais típico no tocante às forças armadas — razão de existência deste símbolo. Vemos o indivíduo afirmando seus próprios valores, embora não tenha condições de escapar às conseqüências de sua decisão. Nesse caso, ele deve estar bastante preparado para enfrentá-las, seja qual for o seu custo.

Este é o primeiro estágio da quadragésima sétima seqüência de cinco fases do grande ritual cíclico de atividade. A questão que ele apresenta é clara. A sociedade, em sua atual condição, parece todo-poderosa; no entanto, o indivíduo não precisa ficar espiritualmente dominado, mesmo que esteja preso. Ele ainda pode exibir LIBERDADE INTERIOR e provar que é um "indivíduo".

FASE 232 (ESCORPIÃO A 22°): CAÇADORES ATIRANDO EM PATOS SELVAGENS.

IDÉIA BÁSICA: *A liberação, socialmente aceita, dos instintos agressivos de um indivíduo ou de um grupo.*

Este símbolo enfatiza claramente a socialização dos instintos primitivos do homem de acordo com um ritual cultural. A caça social é uma válvula de escape sazonal regulamentada para a agressividade masculina - uma forma de liberar as pressões emocionais acumuladas em seres humanos nos quais as compulsões animais e os valores biosféricos ainda são fortes.

Neste símbolo de segundo estágio, encontramos um forte contraste com o primeiro. Naquele, o indivíduo mostrou ser verdadeiramente "homem", ao se recusar a aceitar as práticas de guerra que lhe são impostas pela sociedade; neste símbolo de Escorpião a 22°, a sociedade aceita voluntariamente - e, ao aceitar, ritualiza e, até certo ponto, refina - a agressividade inerente à maioria dos indivíduos. As palavras-chave são SOCIALIZAÇÃO DE INSTINTOS.

FASE 233 (ESCORPIÃO A 23°): UM COELHO METAMORFOSEIA-SE EM ESPÍRITO DA NATUREZA.

IDÉIA BÁSICA: *A elevação dos impulsos animais a um nível superior.*

O coelho, tradicionalmente, é um símbolo de superabundância de prole e, portanto, de uma grande ênfase nos processos sexuais e de procriação. Os "espíritos da natureza", por outro lado, representam o aspecto superior das energias vitais, já que, segundo se diz, orientam as forças, normalmente invisíveis, que controlam o crescimento de todos os organismos vivos, em especial no reino vegetal. Assim sendo, o símbolo se refere à transmutação de um poder gerativo numa forma mais etérea e sutil de potência.

Este é o terceiro símbolo da quadragésima sétima seqüência. Ele traz uma nova dimensão aos dois símbolos precedentes. Seja desejo sexual por uma prole ou agressividade, a premência instintiva pode ser elevada a um novo nível. O curso pode tornar-se sutil por intermédio de um processo de TRANSUBSTANCIAÇÃO.

FASE 234 (ESCORPIÃO A 24°): DEPOIS DE OUVIR UM INSPIRADO INDIVÍDUO FAZER SEU "SERMÃO DA MONTANHA", A MULTIDÃO VOLTA PARA CASA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de incorporar experiências e ensinamentos inspiradores à vida cotidiana.*

Atualmente, ouvimos falar muito de "experiências de pico" (Maslow). O grande problema de todos aqueles que têm essa experiência reside em como assimilar aquilo que sentiram, viram ou ouviram e em como deixar que isso transforme sua consciência e comportamento cotidianos. Se isso não for feito, a experiência pode tornar-se causa de confusão ou de intoxicação e talvez destrua a integridade da pessoa.

Este quarto símbolo sugere, como de costume, aquilo que deve ser feito ou o modo como deve ser feito. O "retorno para casa" a partir da alta montanha ou de qualquer "câmara superior" da consciência pode levar a um sentido de opressão por parte das realidades normais da existência; pode ocorrer também que a alma iluminada seja capaz de reter uma quantidade dessa luz suficiente para transfigurar toda situação cotidiana. Este é o grande DESAFIO DE TRANSFORMAÇÃO.

FASE 235 (ESCORPIÃO A 25°): UMA CHAPA DE RAIOS X.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de adquirir conhecimento dos fatores estruturais de tudo o que existe.*

O verdadeiro filósofo é capaz de perceber e de avaliar de modo significativo aquilo que subjaz em todas as manifestações da vida. O olho de sua mente penetra nas superficialidades da existência e percebe o quadro que dá uma "forma" pelo menos relativamente permanente a todos os sistemas organizados. Assim sendo, se a estrutura for fraca, deformada pelo desgaste persistente ou desequilibrada, as causas básicas dos distúrbios e do mal-estar exteriores podem ser descobertas.

Este símbolo conclui a quadragésima sétima seqüência quádrupla. Ele acrescenta uma nova dimensão aos quatro precedentes. Por exemplo, ele oferece à consciência do indivíduo que se recusa a obedecer à sociedade de que é parte uma profunda compreensão daquilo que está errado na situação que enfrenta. Além da poderosa qualidade do sentimento das experiências de pico, a mente pode entender os grandes Princípios de que essas experiências são manifestações. Trata-se de um CONHECIMENTO ESTRUTURAL, que está em contraste com o conhecimento existencial.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 236 (ESCORPIÃO A 26°): ÍNDIOS NORTE-AMERICANOS ACAMPANDO, DEPOIS DE SE TEREM TRANSFERIDO PARA UM NOVO TERRITÓRIO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de pronto ajustamento a uma nova situação mediante a adaptação às suas exigências.*

Aquele que vive em harmonia com a natureza, modificando-se conforme surjam novas necessidades, encontra-se intuitivamente em casa seja qual for o lugar onde esteja. Ele não faz exigências à vida, já que se identificou com os grandes ritmos da biosfera e funciona em paz com aquilo que estes produzem. Essa é a mensagem do índio norte-americano, que os invasores europeus destruíram, de maneira tão cruel e sem sentido, em quase todos os lugares. O homem ocidental perdeu a fé na vida, pois deseja dominar e escravizar manifestações.

Este símbolo representa o primeiro estágio da quadragésima oitava seqüência quádrupla do ciclo da experiência. Ele nos traz uma mensagem que nos é sobretudo necessária em nossos dias - a mensagem da adaptação pacífica à natureza e, através da adaptação, do FUNCIONAMENTO EFICAZ em todas as situações de vida.

FASE 237 (ESCORPIÃO A 27°): UMA BANDA MILITAR PERCORRE RUIDOSAMENTE AS RUAS DA CIDADE.

IDÉIA BÁSICA: *! agressiva glorificação de valores culturais.*

Toda coletividade cultural-social cedo ou tarde tenta imprimir o valor de suas realizações, de maneira forçada e ruidosa, em todos os seus membros, assim como nos observadores estrangeiros. No nível individual-mental, o membro de uma tal coletividade se enche de orgulho e de excitação quando uma exibição da excelência daquilo em que sua consciência e personalidade se acham profundamente enraizadas é feita publicamente. Assim, o sentimento de unidade social vincula, por meio do orgulho coletivo, os indivíduos de uma dada cultura.

Este segundo estágio estabelece um forte contraste com o primeiro. Nossa civilização ocidental, tensa, agressiva e dominadora, é, na realidade, uma oposição à espontaneidade natural e ao ajustamento instintivo à natureza manifestos pelas sociedades tribais. A palavra-chave é POMPA.

FASE 238 (ESCORPIÃO A 28°): O REI DAS FADAS APROXIMANDO-SE DE SEU DOMÍNIO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade existente no homem no sentido de reconhecer e homenagear um Princípio integrador que se encontra no núcleo de toda a existência.*

Esse quadro um tanto peculiar diz-nos talvez muita coisa a respeito das limitações da mente da clarividente que o visualizou, embora possa ser vinculado com o simbolismo das várias criaturas do mundo espiritual mencionadas em alguns livros de alquimia e dos rosa-cruzes. Parece estar implicada aqui a idéia de que, além do mundo exterior e do domínio do ego orgulhoso, existe um mundo espiritual ao qual a consciência intuitiva do homem pode prestar obediência. Nesse mundo, todas as entidades que se manifestam são vistas como aspectos múltiplos de um Poder e de uma Consciência centrais. Esse princípio central de unidade é aquilo que as sociedades humanas têm procurado reverenciar simbolicamente em reis humanos, demasiado humanos. Num sentido individual, esse princípio é o Eu.

Este é o terceiro estágio do quadragésimo oitavo padrão quádruplo de símbolos. Ele acrescenta uma nova dimensão aos dois estágios precedentes. Neste estágio, a presença de um fator espiritual unificador começa a ser sentida pelo indivíduo, talvez cansado das exibições externas de sua cultura. Uma LEALDADE INTERIOR começa a polarizar a consciência.

FASE 239 (ESCORPIÃO A 29°): UMA MULHER ÍNDIA PEDINDO PELA VIDA DOS SEUS FILHOS AO CHEFE DA TRIBO.

IDÉIA BÁSICA: *O amor como princípio de redenção.*

Aqui, a alma é apresentada como uma mulher cujos filhos (isto é, energias ativas) se tornaram uma força desagregadora na vida coletiva da tribo. Ela procura neutralizar o carma dos seus malfeitos por meio do seu amor e de suas súplicas. A alma responde à experiência de unidade (o rei ou chefe espiritual), mas as energias da natureza humana com frequência se deixam dominar pelas tendências divisoras e egoístas.

Este j: o quarto símbolo da quadragésima oitava seqüência. Ele nos apresenta o valor da oração. O princípio da totalidade no homem - a alma - age no sentido de compensar ou atenuar as determinações do carma. Num sentido religioso, Maria, a Mãe, é vista como Mediadora, em constantes atos de INTERCESSÃO em benefício de indivíduos que se encontram sem saída.

FASE 240 (ESCORPIÃO A 30°): CRIANÇAS, EM VESTES DA FESTA DAS BRUXAS, SE EMPENHAM EM VÁRIAS BRINCADEIRAS.

IDÉIA BÁSICA: *As válvulas de escape periódicas que a sociedade oferece, dentro de limites tradicionais, a energias ainda imaturas.*

No símbolo do primeiro grau de Escorpião, vimos indivíduos começando a se envolver na vida coletiva de uma grande cidade. Isso os leva a uma variegada experiência que pode estimular-lhes os instintos rebeldes. Alguns destes, na maioria dos casos, não podem ser completamente vencidos, mas a sociedade construiu várias maneiras de permitir que eles operem de acordo com proce-

dimentos atualizados suficientemente seguros para a coletividade. Quando quer que este símbolo apareça, é demonstrada a existência da necessidade dessas válvulas de escape. Mas as regras do jogo devem ser obedecidas.

Este é o último símbolo referente à Cena Dezesesseis do grande ritual da existência cíclica. Ele nos diz que, em toda experiência sensível da vivência coletiva e dos relacionamentos inter-humanos, precisamos lidar com elementos não regenerados e centrífugos. Esses elementos devem¹ ser cuidadosamente manejados. Eles também podem ser controlados pelo poder da mente - o modo sagitariano. O símbolo aponta para um imaginativo ALÍVIO DA TENSÃO.

CENA DEZESSETE: ABSTRAÇÃO (*Sagitário a 1° - Sagitário a 15°*)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 241 (SAGITÁRIO A 1°): VETERANOS APOSENTADOS DO EXÉRCITO REÚNEM-SE PARA REAVIVAR VELHAS LEMBRANÇAS.

IDÉIA BÁSICA: *A vontade de reafirmar o valor da luta na qual estão fundadas a civilização e as realizações grupais.*

Dois importantes fatores são revelados neste símbolo: os homens que se reuniram são homens do Exército e estão ligados pelas ações e pelo tipo de consciência cujas raízes se acham assentadas num passado comum. Aquilo que denominamos "civilização" é construído por constantes lutas contra a natureza, já que busca retirar poder da natureza. Esse elemento de poder é visto em seu aspecto mais evidente na consciência militar. Ademais, toda civilização se constrói sobre os produtos acumulados das experiências de gerações passadas de homens que concordam em seguir procedimentos bem rígidos de trabalho. Os grupos de veteranos de todos os países procuram reacender em seus membros o velho fogo dos combates bem travados; mas o tipo de pensamento abstrato ou religioso que costuma ser vinculado com o signo zodiacal de Sagitário também implica um tipo especial de "fogo". Trata-se de um fogo que queima o "agora" da vida natural com o fim de construir um "amanhã" maior. É um fogo orientado para o futuro, que aspira a produzir uma civilização maior e mais ampla, mesmo que encontre suas raízes na colheita do passado da humanidade. O companheirismo e as atividades grupais estão implícitos, mas a união ocorre entre espíritos em luta.

Este é o primeiro estágio da quadragésima nona seqüência quántupla de fases cíclicas. Devemos entender o símbolo em seu sentido mais amplo e básico; não apenas como a reunião de velhos companheiros, mas como uma referência ao próprio poder que o processo de civilização, em oposição à cultura, implica - portanto, à PERPETUAÇÃO do espírito de hita pelo poder.

FASE 242 (SAGITÁRIO A 2°): ONDAS ENCAPELADAS EXIBEM O PODER DO VENTO SOBRE O MAR.

IDÉIA BÁSICA: *A mobilização de energias inconscientes sob a pressão de motivos suprapessoais.*

O vento e o mar encontram-se em constante interação, sendo belos e inspiradores os resultados dessa interação. No simbolismo, o vento (*pneuma* é a palavra grega inicial para "espírito") está associado com o dinamismo espiritual; a agitação de energias profundas que esse dinamismo produz obedece a ritmos cósmicos ou suprapessoais, cujo poder é irresistível.

Neste segundo estágio da quadragésima nona seqüência quántupla, temos um quadro que contrasta com as poderosas, mas não obstante belas, tempestades da natureza, com as crises freqüentemente sangrentas e históricas de uma civilização que progride por meio do conflito armado. O quadro apresentado fala de SUTILIZAÇÃO POR INTERMÉDIO DE INTENSIDADE RÍTMICA.

FASE 243 (SAGITÁRIO A 3°): DOIS HOMENS JOGAM XADREZ. IDÉIA BÁSICA: *! ritualização transcendente do conflito.*

A transmutação da agressividade natural do homem na maioria das condições de existência é essencial para a vivência sócio-cultural. Muitos rituais, esportes e jogos não têm senão essa meta básica. No xadrez, os complexos tipos de energia que, em seu conjunto, constituem a pessoa humana, são simbolizados pelos seis tipos de peças (rei, rainha, bispo, cavalo, torre e peão). A luta entre a luz e as trevas (as forças yang e yin) é ritualizada, terminando, em muitos casos, com o xeque-mate

do rei (o ego, o eu consciente). Num mundo dualista, essa contenda entre forças polarizadas é onipresente. O jogo de xadrez treina os homens a serem mais objetivos, cuidadosos e conscientes de situações totais — e menos impulsivos e preocupados com questões secundárias.

Este símbolo de terceiro estágio lida com o conflito, mas no nível da cultura grupal e da simbolização psicológica. Ele traz à consciência objetiva as realidades básicas da INTERAÇÃO interpessoal.

FASE 244 (SAGITÁRIO A 4°): UMA CRIANCINHA APRENDENDO A ANDAR, COM O ENCORAJAMENTO DOS PAIS.

IDÉIA BÁSICA: *A assistência natural dos poderes superiores no decorrer de crises de crescimento.*

Num estágio inicial do seu desenvolvimento, todo organismo vivo deve fazer uma tentativa de superar a força de gravidade ou de aprender a usá-la a fim de cumprir o propósito. Isso implica a passagem por um estágio crítico de crescimento -crescimento em liberdade, potência e individualidade, tendo em vista que "caminhar" sempre simboliza o progresso auto-induzido. Numa crise dessa natureza, o indivíduo não fica sozinho. Algum Poder ou Inteligência mais elevado observa, encoraja e dá exemplos a serem seguidos.

Como costuma ocorrer, este símbolo de quarto estágio da quadragésima nona seqüência oferece uma indicação de técnica. Apresenta um quadro das condições sob as quais pode ser garantida uma RESOLUÇÃO DE CONFLITO, seja no nível orgânico, pessoal ou supra-pessoal de desdobramento.

FASE 245 (SAGITÁRIO A 5°): UMA VELHA CORUJA, SOZINHA, EMPOLEIRADA NO GALHO DE UMA GRANDE ÁRVORE.

IDÉIA BÁSICA: *O desenvolvimento de habilidade em situações grupais que testam alvos coletivos.*

A coruja sempre foi símbolo de sabedoria, tendo seu estridente piar evocado o surgimento de elementos misteriosos e ocultos da vida. A coruja funciona com lucidez no aspecto sombrio da existência. Seus olhos vêem aquilo que, normalmente, os homens não conseguem perceber. Ela representa a consciência que é ativa no plano no qual os processos da vida em geral escapam à atenção do ego pessoal e do seu intelecto.

Este é o último dos cinco símbolos da quadragésima nona seqüência. Ele sugere a possibilidade de desenvolvimento de uma sabedoria que está além da tragédia, de uma paz e de um equilíbrio além do conflito. Podemos falar aqui de TRANSLUCIDEZ.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 246 (SAGITÁRIO A 6°): UM JOGO DE CRIQUETE.

IDÉIA BÁSICA: *O desenvolvimento de habilidade em situações grupais que envolvem o teste de alvos coletivos.*

Toda sociedade é construída com base na interação entre grupos de pessoas, estando cada grupo unido por um alvo pelo menos temporário. O indivíduo particular que faz parte de um grupo recebe a responsabilidade por um papel particular no jogo, devendo ser obedecidas regras definidas. O jogo ensina não apenas habilidades pessoais, como também integridade e cooperação. Onde este símbolo é encontrado, é enfatizado o valor da submissão da vontade individual ou do ego a padrões culturais coletivos. Vários símbolos pertencentes à Cena Dezessete (Sagitário) se relacionam com jogos ou rituais de grupo, pois estes são "ab-straídos" do comportamento humano do dia-a-dia e usados como instrumentos educativos para desenvolver a consciência de grupo, bem como o senso de responsabilidade do indivíduo diante do grupo.

Este é o primeiro símbolo da quinquagésima seqüência quántupla. Ele se refere à importância do desenvolvimento da SOLIDARIEDADE CRUPAL.

FASE 247 (SAGITARIO A 7°): CUPIDO BATE À PORTA DE UM CORAÇÃO HUMANO.

IDÉIA BÁSICA: *! forte ativação dos anseios individuais de amor romântico.*

Em contraste com o precedente, este símbolo se refere àquilo que poderíamos denominar iniciação pessoal por meio de um amor ideal. Este, longe de estar vinculado ao valor social, tende a exaltar as características individuais, graças ao fato de glorificar aquilo que parece capaz de atender a necessidades intensas e, com frequência, inconscientes. Um amor dessa espécie é uma projeção das imagens da *anima* ou do *animus*, que, num certo sentido, complementam o caráter exterior daquele que ama. Trata-se de um evento subjetivo que tende a trazer àquele que ama uma crise ou caos emocional. Um tal amor frequentemente se torna a-social, se não anti-social, sendo bloqueado ou contido pela sociedade.

Este símbolo de segundo estágio encontra-se em oposição direta com aquele do "jogo de críquete". O amor carregado de grande intensidade romântica não conhece regras e ignora propósitos coletivos ou ditames da razão. Não obstante, pode trazer ao indivíduo uma intensidade de sentimento que nenhuma união de grupo é capaz de despertar, pelo menos no nível social ordinário. Está implícito aqui um desafio ao RENASCIMENTO EMOCIONAL.

FASE 248 (SAGITÁRIO A 8°J: NO INTERIOR DAS CAMADAS PROFUNDAS DA TERRA, NOVOS ELEMENTOS ENCONTRAM-SE EM FORMAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O fogo alquímico, que purifica e transforma a própria substância da vida interior do homem.*

Estão em ação, nas camadas mais profundas da psique, forças que, à sua própria maneira, respondem à estimulação exterior produzida por um forte envolvimento com ambições e emoções grupais e, ainda mais, pelas poderosas tensões e liberações de amor. Ocorre um processo de natureza alquímica, normalmente sem que o ego consciente se dê conta, até que se torne evidente o fato de ter havido uma espécie de mutação e de ter sido alcançado um novo nível de consciência da vida e de resposta à vida.

Neste terceiro estágio da seqüência quádrupla, lidamos tanto com o ritmo básico de crescimento do ser humano, como com a reação a experiências mais individualizadas que causaram as emoções. A própria substância da natureza da pessoa passa por modificações, com base nas quais pode ser dado um novo passo. O símbolo nos dirige a atenção para as mudanças interiores, das quais devemos tomar consciência. Está implícita aqui uma espécie de GESTAÇÃO-PSÍQUICA.

FASE 249 (SAGITÁRIO A 9°): UMA MÃE LEVA SEU PEQUENO FILHO, PASSO A PASSO, POR UMA ÍNGREME ESCADARIA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade, presente em toda situação social, de dar assistência aos menos desenvolvidos em suas relações com os problemas que a sociedade requer que seus membros resolvam.*

Uma escadaria não representa uma dificuldade *natural* para uma criança muito pequena. O homem constrói escadas e por isso é responsável pelo oferecimento de assistência para que a criança suba passo a passo. A vida social e cultural não é "natural". A criança deve, em primeiro lugar, aprender pelo exemplo e, em seguida, receber ajuda no decorrer do processo no qual ela imita, da melhor forma possível, o comportamento do adulto. Subir escadas é apenas uma ilustração de um processo geral. Toda geração deve envolver-se com o ensino, à geração seguinte, até mesmo das mais simples habilidades necessárias à existência social.

No quarto estágio da seqüência precedente, vimos pais encorajando uma criança a caminhar. Caminhar é uma função humana natural; subir escadas é uma habilidade que se tornou necessária em função da construção de casas com vários andares - um produto da civilização. Está implicada aqui a PREOCUPAÇÃO SOCIAL pelos membros menos desenvolvidos da sociedade.

FASE 250 (SAGITÁRIO A 10°): UMA REPRESENTAÇÃO TEATRAL DE UMA DEUSA DA OPORTUNIDADE DE CABELOS DOURADOS.

IDÉIA BÁSICA: *Os esforços da sociedade no sentido de dramatizar a grandeza daquilo que ela oferece à pessoa ambiciosa.*

A civilização como processo requer o estímulo aos indivíduos para que gastem suas energias na busca de realizações que, embora supram a ambição e a cobiça individuais, geram, não obstante, várias formas daquilo que chamamos "progresso". Essa seqüência de símbolos se refere, principalmente, ao impulso de avanço ao longo de caminhos de crescimento "humanos, demasiado humanos".

Este é o último símbolo da quinquagésima seqüência quántupla. Vemos nele o modo pelo qual as forças socioculturais atuam por meio da dramatização e da propaganda. O resultado é, com demasiada freqüência, um processo de CRESCIMENTO FORÇADO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 251 (SAGITÁRIO A 11°): NA PARTE ESQUERDA DE UM TEMPLO ARCAICO, UMA LÂMPADA ARDE NUM RECIPIENTE QUE TEM A FORMA DE UM CORPO HUMANO.

IDÉIA BÁSICA: *O valor do "retorno ao corpo", defendido por modernos pensadores, no sentido de equilibrar a ênfase que recai sobre os aspectos da intelectualidade e da consciência objetiva.*

Esta seqüência de cinco símbolos nos põe diante de imagens bastante misteriosas, às quais, não obstante, podem ser atribuídos significados sobremodo importantes e profundos para os dias de hoje. A formulação original deste símbolo falava de "iluminação física", mas parece estar implícita, em termos modernos, a necessidade de confiar na "sabedoria do corpo", da qual tanto é feito no treinamento da sensibilidade e na psicoterapia da Gestalt. Isso se refere ao processo de descondicionamento de uma consciência que se tornou prisioneira de conceitos intelectuais, com sua confiança absoluta em valores quantitativos, na objetividade e na conformidade aos padrões oficiais da nossa cultura.

Isto representa o primeiro estágio de um desafiante processo - a quinquagésima primeira seqüência de cinco símbolos. Há uma ênfase na importância de que se reveste, para muitos indivíduos, a CONFIANÇA NAS RESPOSTAS DO ORGANISMO no enfrentamento dos desafios que a vida apresenta.

FASE 252 (SAGITÁRIO A 12°): UMA BANDEIRA TRANSFORMA-SE EM ÁGUIA E ESTA, POR SUA VEZ, NUM GALO, QUE SAÚDA A ALVORADA.

IDÉIA BÁSICA: *A espiritualização e promoção de grandes símbolos de uma Nova Era por parte de mentes sensíveis às suas manifestações preliminares.*

No fundo dessa estranha alegoria, podemos reconhecer a crença profundamente arraigada de que a nação norte-americana e suas instituições democráticas básicas foram constituídas com o objetivo de servirem de berço a um novo passo da evolução humana. A "bandeira" é o símbolo abstrato da nação; ela se torna uma águia — outro símbolo norte-americano — quando o conceito se torna vivo através de uma ação ousada e transcendente. A águia simboliza a vontade espiritual, bem como o poder de ascensão à mais elevada altura possível de consciência e de propósito. Voando nessa altitude, a águia é a primeira criatura viva a perceber o sol nascente. Tendo-o percebido, ela o anuncia - e, ao fazê-lo, é identificada com o galo cantante, que se convenceu a si mesmo de que seu ressonante canto foi responsável pelo nascer do sol e pela chegada de um novo dia.

Este símbolo de segundo estágio contrasta com o primeiro por ser completamente orientado para o futuro. Ele fala de experiências de pico, em vez da sabedoria encontrada nas profundezas orgânicas da consciência do corpo. Ele nos incita a trazer nossos mais nobres ideais para a vida real por meio do poder da vontade espiritual. Uma palavra-chave seria ANUNCIAÇÃO.

FASE 253 (SAGITÁRIO A 13°): O PASSADO DE UMA VIÚVA É REVELADO.

IDÉIA BÁSICA: *O carma das ações passadas em seu efeito sobre as oportunidades apresentadas por um novo ciclo.*

Qual é o "passado da viúva" permanece obscuro, mas a questão essencial é que, mesmo quando um ciclo passado se encerra - uma fase da vida de casado termina —, o carma de todos os feitos e malfeitos que esse ciclo testemunhou quase inevitavelmente se intrometerá no novo período de vida. Da mesma forma, uma vez concluído um ciclo de atividade, muitas coisas que eram obscuras ou de motivação inconsciente nos eventos que o ciclo testemunhou podem aflorar agora, de modo mais fácil, na clara consciência da mente. É possível anunciar com júbilo a alvorada, a partir de um ponto bem acima da pressão real da existência (o símbolo precedente), mas o novo dia pode mostrar-se carregado ou obscurecido pelos eventos inacabados de muitos ontens.

Este é o terceiro estágio da quinquagésima primeira seqüência quádrupla. A humanidade é a "viúva", já que a Era de Peixes, prestes a concluir-se, enterrou grande parte dos ideais que antes reverenciou e proclamou. Não obstante, a Nova Era terá de lidar com muitos fantasmas opressivos. Trata-se de um símbolo de RETRIBUIÇÃO.

FASE 254 (SAGITÁRIO A 14°): A GRANDE PIRÂMIDE E A ESFINGE.

IDÉIA BÁSICA: *O poder duradouro do conhecimento oculto e dos seus Guardiães, "Homens-semente" de um ciclo precedente da existência.*

A crença numa Tradição Original, baseada no perfeito conhecimento dos princípios e formas arquetípicas que subjazem em todas as manifestações da vida nesta Terra (e, por extensão, no cosmos) encontra-se profundamente arraigada na consciência do homem. A Grande Pirâmide e a Esfinge são testemunhas dessa Tradição, especialmente no mundo ocidental. Este símbolo tem como implicação a permanência desse conhecimento arquetípico como fundamento sobre o qual a mente dos homens ainda pode construir formulações sólidas e válidas, quando novos desenvolvimentos evolutivos estão prestes a ocorrer.

Este símbolo de quarto estágio sugere que esse conhecimento oculto, bem como os processos tradicionais de sua aquisição ainda estão disponíveis e que, mediante a aceitação de seus princípios, o homem moderno pode enfrentar melhor o desafio representado pela nossa atual crise mundial. O símbolo, interpretado de um ponto de vista pessoal, aponta para a grandeza das realizações cassadas da Alma, assim como para o valor da tentativa de evocar outra vez esse passado. É revelado O PODER DA ANCESTRALIDADE SECULAR.

FASE 255 (SAGITÁRIO A 15°): A MARMOTA PROCURANDO SUA SOMBRA NO DIA DA MARMOTA, 2 DE FEVEREIRO.

IDÉIA BÁSICA: *O valor da antecipação de novos rumos dos eventos e da determinação de perspectivas futuras.*

Em nossa moderna sociedade industrial, em que as mudanças e as decisões de política com frequência requerem vários anos até alcançarem sua plena realização, tornou-se essencial planejar levando em consideração os prováveis desenvolvimentos futuros. Esse planejamento exige um estudo das tendências passadas e a extrapolação dos resultados. O símbolo implica, acima de tudo, uma sensibilidade para com os ritmos sociais ou planetários, bem como a necessidade de garantir uma segurança pelo menos relativa por meio do planejamento que considere o futuro.

Este é o último símbolo da quinquagésima primeira seqüência. Há algo dos significados dos quatro primeiros estágios envolvido no processo que ele sugere. Em sua forma mais elevada, o conhecimento requerido é "consciência eônica" -, em termos modernos, a nova ciência PROSPECTIVA.

CENA DEZOITO: *TRANSFERÊNCIA* (Sagitario a 16° - Sagitário a 30°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 256 (SAGITÁRIO A 16°): GAIVOTAS VOAM EM TORNO DE UM BARCO, À ESPERA DE COMIDA.

IDÉIA BÁSICA : *A dependência, facilmente adquirida, dos desejos psíquicos com relação ao estímulo das circunstâncias sociais.*

Os animais atraídos para o círculo daquilo que a sociedade produz acham mais fácil depender daquilo que o homem lhes dá do que prosseguirem em sua luta, normalmente difícil, pelo sustento. As gaivotas simbolizam, aqui, as energias mais selvagens e, normalmente, indomáveis da alma humana, mas também podem desenvolver uma espécie de dependência domesticada dos subprodutos das aventuras humanas no reino do inconsciente (o mar). Os instintos naturais alimentam as reações e, com frequência, perversões, da mente-ego socialmente condicionada.

Este é o primeiro estágio do processo representado pela quinquagésima segunda seqüência de cinco símbolos. Ele nos mostra a maneira como a natureza pode mostrar-se prontamente subserviente à ambição incontrolável do homem no sentido de dominar toda a biosfera por meio de uma organização sócio-econômica planetária demasiado humana. Trata-se de um símbolo de DEPENDÊNCIA.

FASE 257 (SAGITÁRIO A 17°): UMA CERIMÔNIA PASCAL, REALIZADA AO ROMPER DA AURORA, ATRAI UMA ENORME MULTIDÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O anseio culturalmente estimulado de participação grupai num processo de renascimento.*

Desde os primórdios da evolução humana, as religiões e cultos de vários tipos usaram os períodos mais significativos do ciclo anual para dramatizar os mais profundos anseios da natureza humana, dando-lhes, assim, direção, significado e, através da ação grupai, uma maior intensidade dinâmica. A Páscoa é o modo cristão de celebrar a chegada da primavera e o renascimento da vida na terra depois dos rigores do inverno.

Neste segundo estágio da seqüência quádrupla, vemos, em contraste com o primeiro, o homem descobrindo, nos grandes ciclos da natureza, movimentos que estimulam sua busca espiritual pelo equivalente mental e psíquico da luz e do calor solares. A palavra-chave óbvia aqui é RENASCIMENTO.

FASE 258 (SAGITÁRIO A 18°): CRIANÇAS BRINCANCO NA PRAIA, COM AS CABEÇAS PROTEGIDAS POR BONÉS.

IDÉIA BÁSICA: *A proteção que a sociedade garante a indivíduos ainda imaturos no momento em que estes começam a lidar com as poderosas energias de sua natureza inconsciente.*

Aquilo que denominamos "cultura" é uma tentativa de limitar e definir as áreas da consciência e do comportamento pessoal ou grupai no âmbito das quais o crescimento e a exploração de reinos superfísicos podem ser considerados seguros e sólidos. O sol e o mar são forças poderosas; podem tanto matar como iluminar e inspirar, tal como o podem vários tipos de forças no interior do inconsciente do homem. As instituições religiosas e culturais da sociedade têm como objetivo agir como órgãos protetores, especialmente dos jovens. A superproteção e o comportamento hipócrita por parte de supostos adultos fazem esse propósito fracassar e, em nossos dias, testemunhamos uma rebelião pelo menos parcialmente saudável contra o paternalismo protetor das instituições sociais. Todavia, isso de fato provoca, em muitos, uma "insolação" simbólica.

FASE 254 (SAGITÁRIO A 14°): A GRANDE PIRÂMIDE E A ESFINGE.

IDÉIA BÁSICA: *O poder duradouro do conhecimento oculto e dos seus Guardiães, "Homens-semente" de um ciclo precedente da existência.*

A crença numa Tradição Original, baseada no perfeito conhecimento dos princípios e formas arquetípicas que subjazem em todas as manifestações da vida nesta Terra (e, por extensão, no cosmos) encontra-se profundamente arraigada na consciência do homem. A Grande Pirâmide e a Es-

finge são testemunhas dessa Tradição, especialmente no mundo ocidental. Este símbolo tem como implicação a permanência desse conhecimento arquetípico como fundamento sobre o qual a mente dos homens ainda pode construir formulações sólidas e válidas, quando novos desenvolvimentos evolutivos estão prestes a ocorrer.

Este símbolo de quarto estágio sugere que esse conhecimento oculto, bem como os processos tradicionais de sua aquisição ainda estão disponíveis e que, mediante a aceitação de seus princípios, o homem moderno pode enfrentar melhor o desafio representado pela nossa atual crise mundial. O símbolo, interpretado de um ponto de vista pessoal, aponta para a grandeza das realizações cassadas da Alma, assim como para o valor da tentativa de evocar outra vez esse passado. É revelado O PODER DA ANCESTRALIDADE SECULAR.

FASE 255 (SAGITÁRIO A 15°): A MARMOTA PROCURANDO SUA SOMBRA NO DIA DA MARMOTA, 2 DE FEVEREIRO.

IDÉIA BÁSICA: *O valor da antecipação de novos rumos dos eventos e da determinação de perspectivas futuras.*

Em nossa moderna sociedade industrial, em que as mudanças e as decisões de política com frequência requerem vários anos até alcançarem sua plena realização, tornou-se essencial planejar levando em consideração os prováveis desenvolvimentos futuros. Esse planejamento exige um estudo das tendências passadas e a extrapolação dos resultados. O símbolo implica, acima de tudo, uma sensibilidade para com os ritmos sociais ou planetários, bem como a necessidade de garantir uma segurança pelo menos relativa por meio do planejamento que considere o futuro.

Este é o último símbolo da quinquagésima primeira seqüência. Há algo dos significados dos quatro primeiros estágios envolvido no processo que ele sugere. Em sua forma mais elevada, o conhecimento requerido é "consciência eônica" -, em termos modernos, a nova ciência PROSPECTIVA.

CENA DEZOITO: *TRANSFERÊNCIA (Sagitario a 16° - Sagitário a 30°)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 256 (SAGITÁRIO A 16°): GAIVOTAS VOAM EM TORNO DE UM BARCO, ã ESPERA DE COMIDA.

IDÉIA BÁSICA : *A dependência, facilmente adquirida, dos desejos psíquicos com relação ao estímulo das circunstâncias sociais.*

Os animais atraídos para o círculo daquilo que a sociedade produz acham mais fácil depender daquilo que o homem lhes dá do que prosseguirem em sua luta, normalmente difícil, pelo sustento. As gaivotas simbolizam, aqui, as energias mais selvagens e, normalmente, indomáveis da alma humana, mas também podem desenvolver uma espécie de dependência domesticada dos subprodutos das aventuras humanas no reino do inconsciente (o mar). Os instintos naturais alimentam as reações e, com frequência, perversões, da mente-ego socialmente condicionada.

Este é o primeiro estágio do processo representado pela quinquagésima segunda seqüência de cinco símbolos. Ele nos mostra a maneira como a natureza pode mostrar-se prontamente subserviente à ambição incontrolável do homem no sentido de dominar toda a biosfera por meio de uma organização sócio-econômica planetária demasiado humana. Trata-se de um símbolo de DEPEN-DÊNCIA.

FASE 257 (SAGITÁRIO A 17°): UMA CERIMÔNIA PASCAL, REALIZADA AO ROMPER DA AURORA, ATRAI UMA ENORME MULTIDÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O anseio culturalmente estimulado de participação grupai num processo de renascimento.*

Desde os primórdios da evolução humana, as religiões e cultos de vários tipos usaram os períodos mais significativos do ciclo anual para dramatizar os mais profundos anseios da natureza humana, dando-lhes, assim, direção, significado e, através da ação grupai, uma maior intensidade di-

nâmica. A Páscoa é o modo cristão de celebrar a chegada da primavera e o renascimento da vida na terra depois dos rigores do inverno.

Neste segundo estágio da seqüência quántupla, vemos, em contraste com o primeiro, o homem descobrindo, nos grandes ciclos da natureza, movimentos que estimulam sua busca espiritual pelo equivalente mental e psíquico da luz e do calor solares. A palavra-chave óbvia aqui é RENASCIMENTO.

FASE 258 (SAGITÁRIO A 18°): CRIANÇAS BRINCANDO NA PRAIA, COM AS CABEÇAS PROTEGIDAS POR BONÉS.

IDÉIA BÁSICA: *A proteção que a sociedade garante a indivíduos ainda imaturos no momento em que estes começam a lidar com as poderosas energias de sua natureza inconsciente.*

Aquilo que denominamos "cultura" é uma tentativa de limitar e definir as áreas da consciência e do comportamento pessoal ou grupai no âmbito das quais o crescimento e a exploração de reinos superfísicos podem ser considerados seguros e sólidos. O sol e o mar são forças poderosas; podem tanto matar como iluminar e inspirar, tal como o podem vários tipos de forças no interior do inconsciente do homem. As instituições religiosas e culturais da sociedade têm como objetivo agir como órgãos protetores, especialmente dos jovens. A superproteção e o comportamento hipócrita por parte de supostos adultos fazem esse propósito fracassar e, em nossos dias, testemunhamos uma rebelião pelo menos parcialmente saudável contra o paternalismo protetor das instituições sociais. Todavia, isso de fato provoca, em muitos, uma "insolação" simbólica.

Este é o terceiro símbolo da quántupla segunda seqüência quántupla. Ele nos traz a compreensão do valor da TENDÊNCIA DE PROTEÇÃO; não obstante, evoca igualmente a possibilidade negativa de que uma proteção excessiva possa mostrar-se insalubre e comprometer esse propósito.

FASE 259 (SAGITÁRIO A 19°): PELICANOS, AMEAÇADOS PELO COMPORTAMENTO E PELA REJEIÇÃO DOS HOMENS, PROCURAM ÁREAS MAIS SEGURAS A FIM DE CRIAREM SEUS REBENTOS.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de as pessoas preocupadas com o futuro descobrirem uma nova forma de vida, bem como ambientes mais acolhedores.*

A razão evidente para o uso de "pelicanos" neste estágio do processo cíclico reside no fato de a tradição nos dizer que esses pássaros se preocupam de tal maneira com os filhotes, que dão a própria carne e o próprio sangue para alimentar sua prole. Seja fato ou símbolo esse costume, o significado do quadro refere-se a uma situação que ultimamente assumiu um caráter sobremodo preocupante. Nossa sociedade tecnológica está poluindo, não apenas nosso ambiente global, como também a mente e os sentimentos-respostas das novas gerações. A busca de uma nova forma de vida é vista, por muitas pessoas, como um imperativo.

Neste quarto símbolo da quántupla segunda seqüência, é-nos dito que a SOBREVIVÊNCIA da raça tornou-se uma questão de extrema importância. Espécies animais inteiras podem ser destruídas pela nossa civilização; a própria humanidade corre perigo. Ir para planetas distantes dificilmente é a resposta. Uma geração pode ter de sacrificar-se a si mesma em benefício dos seus descendentes.

FASE 260 (SAGITÁRIO A 20°): NUMA CIDADEZINHA DO NORTE, À MODA ANTIGA, HOMENS CORTAM O GELO DE UM LAGO CONGELADO PARA USÁ-LO DURANTE O VERÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O uso preventivo de recursos naturais para atender a futuras necessidades humanas.*

No final desta série de símbolos vemos outra vez uma referência ao relacionamento entre o homem e a natureza. A engenhosidade e capacidade de previsão do homem possibilitam-lhe o planejamento para o futuro em termos do seu conhecimento do ritmo sazonal de frio e calor e, por implicação, mesmo de ciclos mais amplos de mudança. A calma e o relaxamento podem ter de ser

sacrificados, e alguns rigores suportados, para que outro tipo de problema, que pode envolver a sobrevivência através da alimentação adequada, possa ser enfrentado em algum momento subsequente.

Esta é a quinta e última fase da quinquagésima segunda seção do ciclo. Ela acentua o valor do planejamento ativo voltado para uma futura necessidade, bem como da previsão baseada no conhecimento de processos cíclicos. Palavras-chave: GARANTIA DO SUPRIMENTO.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 261 (SAGITÁRIO A 21°): UMA CRIANÇA E UM CACHORRO USANDO ÓCULOS EMPRESTADOS.

IDÉIA BÁSICA: *O uso da imaginação e do faz-de-conta na antecipação de estágios mais adiantados de desenvolvimento.*

Esse símbolo tão peculiar parece implicar que, por meio da imitação de características pertencentes a um nível de consciência ainda não atingido, o processo de crescimento pode ser acelerado. Os óculos simbolizam o desenvolvimento intelectual' os chefes de tribos primitivas em alguns casos tentaram impressionar seu povo mediante o uso de armações de óculos sem lentes ou de chapéus ocidentais — simplesmente em função do fato de esses objetos parecerem característicos de uma raça de pessoas superiores. Isso se assemelha ao processo de crescimento mediante a identificação com um "mestre" ou guru. Num certo sentido, é um mero fingimento ou faz-de-conta, mas, através do uso da "máscara" de um deus, o curandeiro se *transforma*, naquele momento, para todos os propósitos práticos, na encarnação do deus. O crescimento sempre é um processo hierárquico, mesmo que a entidade em processo de crescimento não tenha consciência disso.

Este é o primeiro dos cinco símbolos da quinquagésima terceira seqüência. Ele sugere o valor da APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA IMITAÇÃO.

FASE 262 (SAGITÁRIO A 22°): UMA LAVANDERIA CHINESA.

IDÉIA BÁSICA: *O uso da base racial-cultural especial de cada um para sobreviver e prosperar num ambiente diferente.*

Há muitas situações de vida em que, graças à sua base ancestral ou pessoal ou a seus interesses especiais, o indivíduo se encontra separado das pessoas no meio das quais tem de viver. Não obstante, com freqüência lhe é possível usar essa base como um valioso fundamento de uma atuação sem problemas, bem como de sua aceitação num ambiente diferente, sem que, para isso, perca seu próprio caráter natural.

Este segundo estágio apresenta um símbolo que contrasta com o do primeiro estágio. Já não há uma questão de imitação dos modos de um grupo superior; trata-se agora de manter a própria integridade em situações que não atribuem valor àquilo que se é essencialmente, nem o favorece. Requer-se aqui AUTOCONTENÇÃO. . . e bom humor!

FASE 263 (SAGITÁRIO A 23°): UM GRUPO DE IMIGRANTES NO MOMENTO EM QUE ATENDE AOS REQUISITOS DE ENTRADA NUM NOVO PAÍS.

IDÉIA BÁSICA :*A aceitação consciente dos modos pertinentes a um novo estágio de experiência, numa atitude de prontidão para aproveitar as oportunidades que ele apresentará.*

Quando quer que passemos pelo limiar de um novo domínio da existência, temos de atender a certos requisitos, bem como a necessidade de nos ajustarmos a novos modos de vida - em ações, pensamentos e sentimentos. Por vezes, isso pode parecer uma provocação, mas é inevitável. Tudo o que ocorrer subsequentemente depende em larga medida da maneira pela qual cruzamos o limiar, assim como do espírito com o qual passamos por experiências não familiares e, talvez, chocantes.

Neste terceiro estágio da quinquagésima quarta seqüência quántupla, vemo-nos diante de uma combinação dos dois estágios precedentes. Encontramo-nos num período de TRANSIÇÃO. Temos de imitar; não obstante, mantemos nossa integridade interna.

FASE 264 (SAGITÁRIO A 24°): UM AZULÃO NORTE-AMERICANO POUSADO NO PORTÃO DE UM CHALÉ.

IDÉIA BÁSICA: *recompensa que coroa todos os esforços de integração num ambiente social daqueles que se mantêm fiéis a si mesmos.*

O azulão é um bem conhecido símbolo de felicidade, mas talvez se refere àquilo que podemos denominar uma mente de orientação espiritual — com a qual se relaciona a cor azul, em especial quando há menção a um "pássaro". Um chalé costuma ser parte de uma comunidade, tendo como implicação o fato de seus habitantes serem bem adaptados, quer à vida da comunidade, quer à sua união relativamente isolada.

Este é um símbolo de quarto estágio. Sugere que a técnica essencial do bem viver é o desenvolvimento de uma consciência em que habitam a paz e a felicidade. Há também um indício relativo ao faio de a BOA SORTE estar prestes a abençoar nossa vida.

FASE 265 (SAGITÁRIO A 25°): UM GAROTO BOCHECHUDO MONTADO NUM CAVALINHO DE PAU.

IDÉIA BÁSICA: *A fruição antecipatória de poderes que no momento podemos apenas sonhar em usar.*

O cavalo sempre foi um símbolo de poder e, em muitos casos, de energia sexual. Até muito recentemente, o cavalo dava ao homem uma maior possibilidade de conquistar mais espaço, bem como aquilo que se encontrasse nesse espaço. Montado em seu cavaleiro de pau e experimentando o ritmo do vaivém do seu movimento, o garoto bem alimentado pode, inconscientemente e, talvez, em nossos dias, semiconscientemente, antecipar o ritmo do ato sexual. Num certo sentido, trata-se também de uma espécie de faz-de-conta e de crescimento através da imaginação, mas aqui — em contraste com aquilo que foi mostrado no símbolo da fase 261 — a imaginação está ativa no nível do corpo orgânico. Há algo de iniciação no folgado.

Este é o último símbolo da quinquagésima terceira seqüência de cinco símbolos. Esta termina num tom de brincadeira, mas essa brincadeira está plena de expectativas emocionais e culturais, por mais inconscientes que essas expectativas possam ser. Vemos aqui a PREFI-GURAÇÃO da experiência madura da humanidade.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 266 (SAGITÁRIO A 26°): O PORTA-ESTANDARTE NUMA BATALHA.

IDÉIA BÁSICA: *A subserviência nobremente aceita do indivíduo aos valores e alvos coletivos.*

Uma bandeira simboliza uma coletividade organizada de seres humanos, uma nação ou mesmo uma classe social. No antigo tipo de batalha, aquele que leva a bandeira deve sentir-se representante da integridade e da unidade do seu grupo. Sua vida pessoal e seu bem-estar devem, portanto, encontrar-se totalmente submersos pelo, e identificados com o bem-estar do "Todo mais amplo" do qual ele carrega o estandarte. Em determinadas circunstâncias, toda pessoa pode agir como agente consciente e responsável da humanidade. Em termos substanciais, o símbolo pergunta: Estás pronto para assumir esse papel?

O primeiro estágio da quinquagésima quarta seqüência quádrupla apresenta um quadro daquilo que a consciência social pode significar em suas mais elevadas implicações. O portaestandarte está desarmado, indefeso; não obstante, ele pode ser o ponto de convergência do esforço total de uma grande coletividade. Trata-se de um símbolo de CONSAGRAÇÃO A UM IDEAL.

FASE 267 (SAGITÁRIO A 27°): UM ESCULTOR TRABALHANDO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de projetar a própria visão nos, e de dar forma aos, materiais.*

Neste estágio, vemos o indivíduo a expressar criativamente sua própria individualidade particular. Ele toma materiais disponíveis em seu ambiente social-geográfico e lhes dá uma forma capaz de revelar às outras pessoas algo de sua vida e do seu propósito íntimos.

Esta segunda fase da quinquagésima quarta seqüência se encontra, como de costume, em oposição com a primeira. O "porta-estandarte" simboliza o representante despersonalizado de uma tradição *coletiva* ou de uma unidade nacional; o "escultor", pelo contrário, representa o homem como *indivíduo* criativo voltado para a transformação de matérias-primas de acordo com sua visão pessoal - trata-se, portanto, de um símbolo de AUTOPRO-JEÇÃO NO TRABALHO.

FASE 268 (SAGITÁRIO A 28°): UMA VELHA PONTE SOBRE UM BELO CURSO DE ÁGUA AINDA ESTÁ EM CONSTANTE USO.

IDÉIA BÁSICA: *Os elementos duradouros de uma sociedade que revela sua capacidade de vincular de forma significativa o gênio dos indivíduos que a compõem com as necessidades cotidianas da coletividade.*

O símbolo reúne, por assim dizer, os valores essenciais implicados nos dois símbolos precedentes. O domínio dos fatores materiais de uns poucos indivíduos imaginativos e treinados permite que sua comunidade se mantenha bem integrada e capaz de funcionar com facilidade no melhor ambiente possível. O trabalho desses escultores-engenheiros permite que seu povo desenvolva uma cultura dotada de uma relativa permanência. É criada uma tradição que dá aos homens condições de vincular sua natureza exterior à visão mais elevada que seus líderes podem conceber e demonstrar objetivamente.

Este terceiro símbolo da quinquagésima quarta seqüência também sugere a maneira pela qual as obras humanas podem combinar-se de modo harmonioso com o ambiente natural, produzindo belas e duradouras formas dotadas de profundo significado. A reação contra a feiúra das nossas cidades e auto-estradas comerciais e caóticas hoje leva-nos a desejar viver na "selva". Mas a combinação de beleza natural com a habilidade e a imaginação do homem é o verdadeiro ideal que devemos esforçar-nos por alcançar. Como palavras-chave, podemos usar o título de um excelente livro do arquiteto Claude Bragdon: A BELA NECESSIDADE.

FASE 269 (SAGITÁRIO A 29°): UM GAROTO GORDO APARA A GRAMA DE SUA CASA NUMA ELEGANTE RUA DE SUBÚRBIO.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de cumprir as tarefas cotidianas que, a um só tempo, asseguram valor social ou respeitabilidade e beneficiam a nossa constituição.*

Esse quadro um tanto trivial torna-se sobremodo significativo se for vinculado aos três que o precederam. Ele traz para um nível de veras concreto e corriqueiro aquilo que os símbolos do "porta-estandarte" e do escultor apresentaram. Um gramado bem-cuidado na frente da casa simboliza a preocupação do dono da casa com a própria posição social, bem como seu desejo de dar uma forma bela ao crescimento das forças naturais, o que revela sua apreciação da ordem e dos valores estéticos. O "garoto gordo" sugere que há necessidade de trabalho construtivo para compensar a auto-indulgência na fruição das amenidades da vida social.

Este símbolo de quarto estágio fala de um dos imperativos técnicos corriqueiros impostos ao indivíduo pertencente a uma elite social. Ele revela outra fase do relacionamento cíclico entre o indivíduo e a comunidade, a'ssim como a necessidade de manter a RESPEITABILIDADE SOCIAL.

FASE 270 (SAGITÁRIO A 30°): O PAPA ABENÇO A OS FIÉIS.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de homenagear os valores tradicionais com base nos quais é construída a Comunidade Invisível do espírito.*

A integração concreta de miríades de indivíduos humanos numa grande instituição religiosa dotada de uma longa tradição reflete, da mesma maneira como produziu, século após século, uma Comunidade espiritual invisível. O "porta-estandarte" tornou-se, agora, o "Papa", aquele que assume o papel de representante de Deus na terra. Trata-se de um papel, mas a cultura tem como base a encarnação de grandes Imagens e símbolos profundamente comóventes na realidade física. O símbolo pergunta ao indivíduo: "Estás disposto a viver uma vida transpessoal como símbolo?" Trata-se da declaração final e suprema desta seção do ciclo anual representada por Sagitário.

Isso conclui a Cena Dezoito. Vemos uma coletividade de seres humanos depois da "transferência" do seu sentido de valor espiritual a um homem que se tornou encarnação do seu ideal comum. Palavras-chave: CULTO PERSONALIZADO. Pode ser uma bênção ou, em alguns casos, uma maldição.

ATO IV: CAPITALIZAÇÃO

CENA DEZENOVE: CRISTALIZAÇÃO (*Capricórnio a 1° - Capricórnio a 16°*)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 271 (CAPRICÓRNIO A 1°): UM CHEFE INDÍGENA REIVINDICA O PODER À ASSEMBLÉIA TRIBAL.

IDÉIA BÁSICA: *O poder e a responsabilidade implicados em toda reivindicação de liderança.*

O ideal religioso implícito no símbolo precedente materializou-se ou cristalizou-se em poder puro e simples — o poder de liderar a comunidade e de assegurar-lhe o bem-estar ou mesmo a sobrevivência física. As energias liberadas por meio da cooperação grupai (Libra) foram aprofundadas e emocionalmente experimentadas como forças de grande poder (Escorpião) e receberam um significado e um propósito consciente (Sagitário), sendo submetidas, neste ponto, a um processo de estabilização e hierarquização. O poder do grupo transforma-se num "capital" mensurável e cuidadosamente administrado. As palavras "chefe" e "capital" vêm da mesma palavra latina, *caput*, que significa "cabeça". Chega um momento em muitas vidas no qual o indivíduo vê a si mesmo numa situação que lhe permite assumir o poder sobre seus companheiros, por mais limitado que esse poder possa ser. Estará ele preparado para fazê-lo de maneira efetiva e responsável? Este é o teste supremo do homem na sociedade. Ele complementa seu oposto polar (grau do solstício de verão), que se refere à aceitação, por parte do indivíduo, de um novo tipo de lealdade como fundamento da integração de sua personalidade madura. Esse fundamento pode, mas não precisa, referir-se ao estabelecimento de um lar.

Eis representado o primeiro estágio de um processo de cinco fases - a quinquagésima quinta seqüência de cinco símbolos. Refere-se à capacidade, latente em todo indivíduo, de reivindicar e de assumir AUTORIDADE numa situação de grupo de caráter vital.

FASE 272 (CAPRICÓRNIO A 2°): TRÊS ROSACEAS, UMA DAS QUAIS DANIFICADA PELA GUERRA, NUMA IGREJA GÓTICA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessária compreensão, por parte de todo indivíduo que faz uso violento do poder coletivo, de que essa ação levará à inevitável destruição de alguns dos valores que asseguram a integração do grupo.*

Parece evidente que a interpretação deste símbolo deve remeter às conseqüências desagregadoras da guerra. O "chefe" que reivindicou o poder diante de sua tribo, a fim de liderá-la ou salvá-la, deve haver-se com as conseqüências de um uso demasiado impulsivo desse poder em termos de violência. A integração que ele procura manter ou aperfeiçoar pode ser parcialmente destruída se ele, em sua ambição, desejar intensamente ser um vitorioso líder de guerra glorificado pelo seu povo. Uma "janela circular" não é absolutamente essencial para uma catedral e, no entanto, simboliza o elemento através do qual a "luz do Espírito" penetra no edifício. Diz-se que a alma do homem é tríplice. Que parte da trindade ou dos princípios internos do homem tende a ser destruída pelo uso da violência? Evidentemente, o princípio do amor e da compaixão.

Este símbolo de segundo estágio contrasta com o do primeiro em razão do fato de opor o poder de destruir ao de construir. O "capital" das energias grupais é parcialmente dilapidado em armamentos e em mortes. DESPERDÍCIO é o oposto de integração de grupo.

FASE 273 (CAPRICÓRNIO A 3°): UMA ALMA HUMANA, EM SUA ÂNSIA POR NOVAS EXPERIÊNCIAS, PROCURA ENCARNAR-SE.

IDÉIA BÁSICA: *Um profundo desejo de tudo aquilo que aumente o alcance e a profundidade dos contatos de um indivíduo com outros seres vivos.*

Imaginamos o que a clarividente "viu" e disse àquele que registrou este símbolo. De que modo ela visualizou uma "alma humana" ou, como Marc Edmund Jones o registrou, o fato de essa alma ser "receptiva ao crescimento e à compreensão"? Parece estar envolvido na posição deste símbolo o forte impulso, presente em toda consciência ou vontade humana, para novas experiências *destrutivas ou construtivas*. O homem pode crescer e obter compreensão e sabedoria através de ambos os tipos de experiências. Não obstante, o anseio dessa espécie precisa ser complementado por uma avaliação instintiva dos resultados finais da experiência.

Esta é a terceira fase da quinquagésima quinta seqüência quántupla. Ela nos mostra que, por trás de todos os usos do poder, anabólicos ou catabólicos, há um forte DESEJO DE PROVAR A SI MESMO.

FASE 274 (CAPRICÓRNIO A 4°): UM GRUPO DE PESSOAS PREPARANDO UMA AMPLA CANOA NO INÍCIO DE UMA JORNADA AQUÁTICA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de usar recursos naturais e habilidades básicas para alcançar um propósito grupai.*

Como esta cena foi registrada, em sua versão original, em termos imprecisos, parece haver simplesmente a indicação do início de uma jornada empreendida por um grupo coeso de pessoas, que talvez tenham construído juntas a ampla canoa. Assim, vemos aqui um empreendimento comum que pode configurar-se como uma resposta a uma necessidade de mudança de lugar. Um grupo social, mais forte do que nunca, revela sua homogeneidade e vontade comum quando decide mudar-se do seu *habitat* familiar. O signo zodiacal de Capricórnio leva essa vontade comum a concentrar-se em ações concretas. Fá-lo em termos de oportunidade sócio-política, assim como sob um tipo definido de direção executiva, mesmo que se chegue às decisões por meio do consentimento comum.

Como este é o quarto símbolo da quinquagésima quinta seqüência quántupla, encontramos nele a indicação de uma técnica de fazer algo concreto. A "canoa" também pode ter um significado técnico especial, já que usa a água para mover-se. Pode estar envolvido aqui um *sentimento-resposta* comum a uma situação específica. A principal ênfase recai, não obstante, sobre a ATIVIDADE DE GRUPO em circunstâncias que envolvem uma necessidade de mudança.

FASE 275 (CAPRICÓRNIO A 5°): ÍNDIOS EM PÉ DE GUERRA. ENQUANTO ALGUNS HOMENS CONDUZEM UMA CANOA BEM CHEIA, OUTROS FAZEM UMA DANÇA DE GUERRA SOBRE ELA.

IDÉIA BÁSICA: *! mobilização de energias físicas e emocionais num espírito de conquista.*

A guerra com freqüência é empreendida com o objetivo principal de mobilizar a vontade comum e de evitar a desintegração individualista. O "chefe indígena" do símbolo de Capricórnio a 1° pode considerar conveniente ou necessário despertar o espírito de guerra - talvez d'iante de um pequeno pretexto - para estabelecer de maneira mais firme a própria autoridade. A cena apresenta uma situação extrema, mente dinâmica. O grupo (ou nação) afirma sua solidariedade e unidade de propósitos tomando a ofensiva. A vida em grupo requer uma constante atividade, bem como desafios, para manter-se saudável.

Este é o último símbolo da quinquagésima quinta seqüência. Sugere que a AGRESSIVIDADE pode ser um ingrediente necessário na ativação do potencial de crescimento inerente a todo grupo social.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 276 (CAPRICÓRNIO A 6°): DEZ TORAS ESTÃO SOB UMA ARCADADA QUE LEVA A BOSQUES MAIS SOMBRIOS.

IDÉIA BÁSICA *M necessidade de completar todo empreendimento antes de buscar ingresso em tudo aquilo que se deve encontrar adiante.*

O número 10 é um símbolo de finalização; simboliza, ainda mais, a revelação de uma nova série de atividades que se encontram precisamente por fazer. Não obstante, enquanto a série concluída não for levada a algum grau de realização, não é provável que algo verdadeiramente significativo seja levado a efeito por um incansável esforço de aproximação daquilo que ainda não se tornou conhecido. O número 10 é símbolo de germinação, mas a semente (número 9) deve ter amadurecido bem. Nenhum processo natural pode ser acelerado com segurança além de certos limites.

Isto representa o primeiro estágio da quinquagésima quinta seqüência quántupla. Estabelece um fundamento para aquilo que virá a seguir. Aqui, o homem alcança um LIMIAR no qual pode parar a fim de salvar seu avanço ulterior.

FASE 277 (CAPRICÓRNIO A 7°): UM PROFETA ENVOLTO NUM VÉU, TOMADO PELO PODER DE UM DEUS, FALA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de agir como porta-voz da revelação de uma vontade e de uma verdade transcendentes que determinarão a ação futura.*

Testemunhamos aqui a mais profunda manifestação do Poder que opera no âmbito de todas as unidades sociais dotadas de um grau relativo de permanência, em especial no nível da organização tribal. Uma tribo configura-se como um todo biopsíquico (ou organismo) integrado por um Poder superfísico de caráter coletivo. Na tradição hebraica, esse deus é YHWH (lahweh - Jeová); em tribos anteriores, pode ter sido um "Grande Ancestral" mais ou menos mítico deificado. Todos esses deuses tribais são manifestações locais do próprio poder de "Vida" que se acha no interior da biosfera terrestre. Esse Poder deificado "tomou" em termos psíquicos homens ou mulheres especialmente sensíveis ou treinados de forma espiritual, que se tornaram Seus porta-vozes - profetas, videntes, oráculos. Esse Poder opera também em nossos dias, mas sob formas diferentes, graças à individualização e intelectualização da consciência do homem moderno. Ele reúne coletividades sociais organizadas e ajuda a manter a integração. Ele guia seu desenvolvimento por meio da liberação e da focalização, feitas através de pessoas especialmente abertas, da expectativa visionária de desenvolvimentos que estão prestes a ocorrer.

Neste segundo estágio do quinquagésimo sexto subciclo, o futuro interage com o presente para libertá-lo do poder inercial do passado. Assim sendo, este símbolo contrasta com o precedente. No limiar do amanhã, permite-se ao homem a visão ou revelação dos elementos essenciais do próximo passo, até agora desconhecido, da evolução. A palavra-chave é MEDIAÇÃO.

FASE 278 (CAPRICÓRNIO A 8°): NUMA CASA ILUMINADA PELO SOL, PÁSSAROS DOMESTICADOS CHILREIAM ALEGREMENTE.

IDÉIA BÁSICA: *A felicidade integral que a submissão aos ideais e padrões de uma cultura bem estabelecida traz àqueles que os aceitam sem reservas.*

Sob várias formas, essa seção do processo cíclico nos traz imagens que glorificam o poder e os benefícios que uma sociedade sólida e bem integrada oferece aos seus membros. Saturno rege Capricórnio; Saturno foi o regente da Idade de Ouro antes de tornar-se símbolo de limitações obrigatórias. Aquele que aceita voluntariamente ou - melhor ainda - tem como certo o valor dessas limitações pode ter uma serena e feliz existência, seja qual for sua condição social.

O terceiro estágio desta seqüência quántupla sugere a forma pela qual podemos aproveitar nossa condição de vida mediante a permissão de que os valores espirituais que ela encarna tomem conta da nossa consciência. Em toda condição oferecida por uma cultura sã - que pouco tem que ver com nosso atual mundo caótico! -, os seres humanos podem encontrar PRAZER nos papéis que nascem para desempenhar.

FASE 279 (CAPRICÓRNIO A 9°): UM ANJO PORTANDO UMA HARPA.

IDÉIA BÁSICA: *A revelação do significado e do propósito espirituais que se acha no cerne de toda situação de vida.*

Esse quadro nos diz, simplesmente, "o céu está dentro de nós". Tudo o que temos de fazer é nos mantemos abertos e ouvirmos a harmonia total da vida, uma harmonia na qual desempenhamos um papel necessário à inteireza e ao significado do todo. Para fazê-lo, temos de renunciar à nossa divisiva consciência do ego e fluir junto com a corrente universal que, para a pessoa de mentalidade religiosa, é a Vontade de Deus.

Este é o quarto símbolo da série. A técnica que ele implica é a da SINTONIA com o ritmo da vida universal. Os anjos devem ser considerados personalizações dos vários aspectos dessa vida e totalmente submissos aos seus ritmos e propósitos.

FASE 280 (CAPRICÓRNIO A 10°): UM ALBATROZ SE ALIMENTANDO NA MÃO DE UM MARINHEIRO.

IDÉIA BÁSICA: *! superação do medo e suas recompensas.*

O homem que irradia um caráter perfeitamente inofensivo pode chamar a si as mais selvagens criaturas, podendo igualmente estabelecer com elas uma parceria que tem como base o respeito e a compreensão mútuos. Toda entidade viva desempenha um papel no ritual universal da existência; além desses papéis específicos, que com muita frequência separam uma entidade da outra, a comunhão do amor e da compaixão pode reunir as vidas mais diferentes entre si.

Neste último estágio da quinquagésima sexta seqüência, temos um quadro que estende o ideal da paz e da felicidade através da cultura, de tal modo que esta agora inclui todos os organismos vivos deste planeta. O poder dessa cultura pacífica e compassiva gera CONFIANÇA em toda parte.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 281 (CAPRICÓRNIO A 11°): UM GRANDE BANDO DE FAISÕES NUMA PROPRIEDADE PRIVADA.

IDÉIA BÁSICA: *O refinamento e a propagação de valores aristocráticos por meio dos quais o homem participa da evolução da vida na direção de formas sempre mais perfeitas de existência.*

Toda vida implica uma hierarquia de valores, do grosseiro ao refinado, do bruto e feio ao belo. Através do uso de técnicas biológicas, o homem é capaz de desenvolver novas espécies, ou, pelo menos, de melhorar amplamente as formas selvagens. Essa capacidade está na raiz de todos os processos culturais. As selvas transformam-se em jardins de uma aristocracia que tem o tempo disponível, o gosto e o dinheiro necessários para produzir ou encorajar a criação de formas belas. Trata-se daquilo que o processo social, em seu aspecto mais elevado, produz.

O primeiro símbolo da quinquagésima sétima seqüência quádrupla mostra-nos a maneira pela qual o homem tem condições de cooperar com a natureza, por meio da criação da beleza e da elegância, cuja base reside na capitalização da habilidade e da oportunidade. A palavra-chave é ARISTOCRACIA.

FASE 282 (CAPRICÓRNIO A 12°): UMA PALESTRA ILUSTRADA DE CIENCIA NATURAL REVELA ASPECTOS POUCO CONHECIDOS DA VIDA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de explorar domínios não-familiares e de descobrir as leis que subjazem em complexos processos da natureza.*

O jardim aristocrático da fase precedente tornou-se o laboratório e sala de palestras de uma moderna faculdade. A ênfase recai, aqui, sobre a aquisição de um amplo conhecimento, sobre a satisfação da curiosidade intelectual. Não obstante, há também uma aristocracia da ciência: trata-se do tipo moderno. Sua utilização do conhecimento adquirido pode apresentar tantos problemas quanto o uso da riqueza aristocrática hereditária. Mas a função essencial do homem consiste em tornar-se plenamente consciente de todas as formas de vida e de todos os processos vitais da terra. A humanidade é a mente consciente do planeta.

Neste segundo estágio, a busca intelectual de conhecimento empírico contrasta com a exibição que acompanha a riqueza e a cultura de uma elite. A civilização está fundada numa capitalização sempre ampliada do conhecimento e do uso de tecnologia. Ela promove, proeminentemente, a EXPLORAÇÃO em todos os níveis.

FASE 283 (CAPRICÓRNIO A 13°): UM ADORADOR DO FOGO MEDITA SOBRE AS REALIDADES ÚLTIMAS DA EXISTÊNCIA.

IDÉIA BÁSICA: *A busca subjetiva das razões últimas, que se acham além da interação entre os processos da vida e da morte.*

Além do prazer cultural e da paixão pela acumulação de dados freqüentemente inúteis do conhecimento sensível, há a obstinada e determinada "aventura na consciência" do ocultista, do iogue e do místico. O mistério do fogo sempre atraiu a imaginação do homem, já que é o mistério de todas as transformações envolto no enigma da morte. Em épocas nas quais a morte coletiva, talvez total, pode estar reservada à humanidade, o processo da meditação subjetiva está fascinando um número cada vez maior de pessoas.

Este é o terceiro símbolo da quinquagésima sétima seqüência. Este símbolo nos leva a um estágio além da própria vida. Estaremos prontos para dar esse passo, que os mestres da ioga afirmam ter dado: experimentar a morte e retornar ao mesmo corpo? Estaremos preparados para demonstrar a VONTADE DE TRANSCENDÊNCIA do homem?

FASE 284 (CAPRICÓRNIO A 14°): UM ANTIGO BAIXO-RELEVO ENTALHADÇ EM GRANITO PERMANECE COMO TESTEMUNHA DE UMA CULTURA HÁ MUITO ESQUECIDA.

IDÉIA BÁSICA: *! vontade de desenterrar, em nossa cultura, assim como em toda cultura, aquilo que é dotado de valor permanente, bem como de descartar aquilo que não se reveste de um valor essencial.*

Num momento em que, em praticamente todos os locais, os homens questionam e desafiam a validade das crenças tradicionais e das atitudes rotinekas, torna-se necessário o esforço por separar os valores permanentes e os grandes princípios ou símbolos dos muitos hábitos individuais e desenvolvimentos sociopolíticos que, na maioria das vezes, perverteram ou até negaram os ideais originais da cultura. Devemos lutar por libertar esses ideais do crescimento selvagem da presunção pessoal e de classe, assim como por aprender a apreciar a excelência de que se reveste aquilo que constitui a semente-fundação imorredoura e a colheita espiritual de toda cultura - e, por extensão, de toda obra completa e permanente produzida pelo esforço indomável do homem no sentido de alcançar a perfeição criativa.

Neste símbolo de quarto estágio, é-nos mostrado o procedimento que nos permite alcançar uma profunda e abrangente apreciação dos processos de cunho sociocultural em suas formas mais duradouras. Há necessidade de um corajoso e penetrante discernimento com bases assentadas numa PERSPECTIVA HISTÓRICA válida. Isso se aplica tanto ao passado da vida de um indivíduo, como à história de um grupo ou nação.

FASE 285 (CAPRICÓRNIO A 15°): NUM HOSPITAL, A ALA DAS CRIANÇAS É CHEIA DE BRINQUEDOS.

IDÉIA BÁSICA :*A responsabilidade da sociedade no sentido de assegurar o bem-estar e a saúde integral da nova geração.*

O processo sociocultural deve estar voltado, tanto para o futuro, como para o passado. Esse processo criou condições que podem prejudicar as crianças, que darão prosseguimento ao seu trabalho; por isso, ele deve tentar reparar essas condições negativas através do amor e do cuidado físico. Na vida pessoal, o indivíduo deve tomar todos os cuidados que suas intuições novas e sonhos de futuro crescimento requeiram. Essas intuições e sonhos com freqüência são desenvolvimentos frágeis, que as pressões da vida cotidiana podem facilmente distorcer ou destruir.

Este é o último estágio da Cena Dezenove, que se iniciou com uma poderosa reivindicação de poder sóciopolítico. O exercício desse tipo de poder pode, na verdade, produzir condições sociais que põem em risco o desenrolar saudável e de cunho espiritual de uma comunidade e, em especial, de suas crianças. Há, por conseguinte, uma constante necessidade de CUIDADO TERNO, bem como de habilidade para neutralizar as tensões destrutivas da vida social.

CENA VINTE: DESEMPENHO DE GRUPO (Capricórnio a 16° - Capricórnio a 30°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 286 (CAPRICÓRNIO A 16°): QUADRAS ESCOLARES CHEIAS DE GAROTOS E GAROTAS EM ROUPAS DE GINÁSTICA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de atividades e folguedos físicos, especialmente na adolescência.*

A sociedade aprendeu que uma combinação equilibrada de estudo intelectual e atividade física é necessária ao desenvolvimento harmônico da personalidade humana. Os adultos com frequência esquecem isso, sob a pressão da obrigação de ganhar dinheiro e de outras tarefas, servindo este símbolo para nos lembrar disso.

Este é o primeiro estágio da quinquagésima oitava seqüência quántupla, que inicia a Cena Vinte do ritual cíclico. Ele nos mostra a maneira pela qual dependemos, normalmente, do estímulo físico e do EXERCÍCIO para fins de manutenção da nossa saúde e, portanto, de manutenção de uma sociedade igualmente saudável.

FASE 287 (CAPRICÓRNIO A 17°): UMA MULHER REPRIMIDA ENCONTRA UM ALÍVIO PSICOLÓGICO NO NUDISMO.

IDÉIA BÁSICA: *A fuga da submissão às inibições sociais e a confiança na sabedoria do corpo.*

Sob a pressão de religiões que criaram uma rígida e impraticável divisão entre corpo e alma, a sociedade produziu códigos estritos de valores, aplicados ao jogo dos instintos naturais, glorificando esses códigos sob o nome de "decência" e "modéstia". A crescente tendência ao nudismo — que, com efeito, nada tem que ver com a exibição "pornográfica" do corpo — é um bem recebido protesto contra o puritanismo depressivo e gerador de neuroses do passado. Homens e mulheres exigem uma liberdade psicológica e fisicamente saudável do corpo como meio de superação da hipocrisia e das restrições abusivas do comportamento social.

Neste símbolo de segundo estágio, vemos o modo pelo qual a sociedade conseguiu reprimir e distorcer a atividade natural do corpo humano, assim como sua sensibilidade aos elementos. Portanto, é estabelecido um contraste entre os jovens saudáveis que se exercitam e a subserviência neurótica a uma tradição socio-religiosa. Este símbolo é um chamado à LIBERTAÇÃO DAS INIBIÇÕES.

FASE 288 (CAPRICÓRNIO A 18°): A BANDEIRA BRITÂNICA TREMULA DE UM VASO DE GUERRA.

IDÉIA BÁSICA: *A proteção garantida aos indivíduos e grupos pelas poderosas instituições que têm a seu cargo a manutenção da ordem.*

Este símbolo reflete condições que prevaleceram no passado, na época em que a frota da Grã-Bretanha policiava os mares sob o princípio internacional da liberdade dos mares. Os tempos mudaram, mas o conceito mantém-se válido. Para manter a ordem social e as relações interpessoais e internacionais relativamente pacíficas, o poder é necessário. Deve-se observar que esse poder pode facilmente ser mal usado sob o pretexto da defesa da "lei e da ordem". A justiça e a compaixão devem equilibrar o poder social e, em especial, o poder de grupos privilegiados. Onde este símbolo aparece, a necessidade de proteção pode estar em evidência ou há uma advertência contra o uso do poder para a obtenção de vantagens egoístas.

Este é o terceiro símbolo da quinquagésima oitava seqüência quántupla. Ele nos traz a compreensão da ambivalência que caracteriza o PODER POLÍTICO, seu valor e os perigos que o acompanham.

FASE 289 (CAPRICÓRNIO A 19^o): UM GAROTO DE CINCO ANOS CARREGA UMA SACOLA CHEIA DE GULOSEIMAS.

IDÉIA BÁSICA: *A demonstração de que se está à altura da ocasião quando se é solicitado a assumir responsabilidades sociais que se acham além do nosso nível normal de desenvolvimento.*

Parece estar implicado neste estágio do processo cíclico o valor do condicionamento inicial no ensino da assunção das responsabilidades cotidianas em nossa sociedade moderna. Essa vigésima cena do processo completo foi intitulada "Desempenho de Grupo", e é evidente, em nossos dias, que se espera de criancinhas a assunção de um papel familiar que, por vezes, imporá uma carga às suas capacidades naturais. Isso é parte do ritmo acelerado da nossa sociedade tecnológica.

Este símbolo de quarto estágio evoca a possibilidade de enfrentar um certo tipo de oportunidade social que, em condições normais, pode parecer prematura. Um padrão de CRESCIMENTO ACELERADO pode, portanto, ser estabelecido, apresentando aspectos positivos e negativos. A ultrapassagem dos limites normais do desenvolvimento natural pode ser danosa; e, no entanto, vivemos num período particularmente dinâmico da evolução humana.

FASE 290 (CAPRICÓRNIO A 20^o): UM CORO OCULTO CANTA DURANTE UM SERVIÇO RELIGIOSO.

IDÉIA BÁSICA: *A plenitude da função criativa do individuo por meio de sua participação numa atividade grupai consagrada à realização transcendente da unidade.*

Nas grandes catedrais e-outros edifícios religiosos, o coro costuma ficar oculto por trás do altar ou acima da nave. Ele simboliza mais perfeitamente, nessas circunstâncias, a harmonia sobrenatural do "céu" - ou a música das esferas. O ideal da participação social é exaltado em sua mais elevada manifestação, já que o coro também representa a unidade multifacetada e polifônica da comunidade em seu estado transcendente de perfeita harmonia. No âmbito dessa harmonia, o indivíduo que superou sua separação egocêntrica e desenvolveu sua consciência superior encontra a realização na união suprapessoal.

Este é o quinto e último símbolo desta quinquagésima oitava seqüência. Ele apresenta a mais pura forma de harmonia de grupo, a realização mais básica e, não obstante, mais difícil, da condição social. No nível do indivíduo particular, este "coro oculto" referir-se-ia à integração polifônica de todas as faculdades em suas manifestações de cunho mais espiritual: o ideal da PLENITUDE do ser.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 291 (CAPRICÓRNIO A 21^o): UMA CORRIDA DE REVEZAMENTO.

IDÉIA BÁSICA: *O valor da competição no desenvolvimento da consciência de grupo.*

Aqui já não estamos lidando com a competição entre indivíduos, mas com a competição entre grupos de indivíduos que se revezam sucessivamente para maximizar o esforço do grupo, bem como a possibilidade de obtenção de resultados notáveis. A civilização como um todo é um amplo tipo de corrida de revezamento, na qual grupos de pessoas e gerações carregam a tocha daquilo que chamamos "progresso". As grandes realizações resultam da soma total de esforços humanos.

Este primeiro símbolo da quinquagésima nona seqüência enfatiza um aspecto especialmente dinâmico do "desempenho de grupo". Sempre que aparece, este símbolo acentua o valor da cooperação grupai e da necessidade da troca. Devemos fazer esforços no sentido de relacionar e ajustar nossa força ao desafio representado pelos competidores que se acham em INTERCÂMBIO DINÂMICO.

FASE 292 (CAPRICORNIO A 22°): AO ACEITAR GARBOSAMENTE A DERROTA, UM GENERAL REVELA NOBREZA DE CARÁTER.

IDÉIA BÁSICA: *A compreensão de que é possível crescer tanto por meio da derrota quanto por meio do sucesso e, talvez, mais com aquela do que com este.*

Enquanto o símbolo precedente se referia ao impulso na direção do sucesso, em empreendimentos coletivos culturalmente organizados, este nos apresenta a possibilidade de transformar uma derrota externa visível numa realização espiritual interior. Vimos recentemente o modo pelo qual nações completamente vencidas (Japão, Alemanha) avançaram de forma significativa e atingiram um enorme sucesso comercial. Muito depende da qualidade da vontade e da integridade interior da pessoa.

Neste segundo estágio, encontramos o que parece ser um paradoxo. Mas a vida espiritual sempre exige um caráter paradoxal. O grande pecador pode tornar-se o mais renomado santo, assim como um papa medieval pode tornar-se criminoso. O que mais importa sempre é a FORÇA INTERIOR.

FASE 293 (CAPRICÓRNIO A 23°): UM SOLDADO RECEBE DUAS MEDALHAS POR BRAVURA EM COMBATE.

IDÉIA BÁSICA: *A recompensa oferecida pela sociedade em razão do cumprimento da responsabilidade individual.*

O fato de se enfatizar "duas" medalhas leva-nos a crer que isso pode referir-se sutilmente ao reconhecimento, por parte da comunidade, de que, quer obtenha sucesso ou fracasse, um indivíduo que cumpriu com nobreza suas obrigações merece o respeito e a admiração da coletividade a que serviu tão bem. Está implicada aqui uma constante troca entre a sociedade e o indivíduo particular. Um deve ser capaz de confiar no outro.

Este terceiro símbolo da quinquagésima nona seqüência quántupla extrai, por assim dizer, um elemento comum às cenas precedentes. A palavra-chave é RECOMPENSA, isto é, uma compensação por um desempenho perfeito - um acerto de contas.

FASE 294 (CAPRICÓRNIO A 24°): UMA MULHER ENTRANDO NUM CONVENTO.
IDÉIA BÁSICA: *O compromisso total com um alvo transcendente.*

Um convento é um local posto à disposição por uma comunidade que acredita na possibilidade de se alcançar um estado de consciência que transcende o mundo. Ele pode estar à disposição de indivíduos com as mais diversas motivações. Para alguns, configura-se como uma fuga das intoleráveis pressões da família e da sociedade ; para outros, representa a possibilidade de perseguir, em paz, um ideal espiritual a que todo o ser aspira e ao qual se encontra totalmente dedicado. O ponto im. portante, nesta fase do processo cíclico, reside no fato de a existência de um convento expressar outro aspecto do relacionamento entre a sociedade (sua religião e cultura) e o indivíduo. No símbolo precedente, a sociedade recompensou o indivíduo por um desempenho nobre de suas funções; neste, a sociedade aceita o fato de que, além dos seus padrões cotidianos normais de comportamento e de compromisso, há outra forma de vida, que, num sentido mais elevado, também se reveste de um sentido social. Na velha sociedade hindu, dominada por um rígido sistema de castas, o ideal encarnado no *sannyasi* - o homem sagrado ou iogue errante, que medita numa floresta ou caverna e que desistiu completamente das implicações da casta -era considerado o próprio ponto culminante do processo social.

Neste símbolo de quarto estágio, vemos a natureza paradoxal do processo social operando no máximo de sua força. Isso deriva do fato de a natureza humana conter, em termos de potencialidade, a possibilidade de auto-superação e de autotranscendência, realizada por meio de atos de completa negação e de entrega a uma Lei ou qualidade de ser "superiores". Todas as técnicas espirituais são, na verdade, paradoxais. A disciplina rígida con- diciona a pura liberdade interior. O alvo final é o atingimento da SEGURANÇA TRANSCENDENTE.

FASE 295 (CAPRICÓRNIO A 25°): UM ARMAZÉM CHEIO DE PRECIOSOS TAPETES ORIENTAIS.

IDÉIA BÁSICA: *O uso de processos artísticos e culturais como meio de aperfeiçoamento do conforto e do gosto pessoais.*

Vindo depois do símbolo precedente, este símbolo nos faz retornar ao aspecto material, embora estético, dos benefícios que uma sociedade pode proporcionar aos seus membros. Um "tapete" sempre implica, em alguma medida, algo sobre o qual alguém fica de pé ou se senta. Trata-se de uma base para um entendimento cultural e, como tal, pode se revestir de um significado mágico ou sagrado o que ocorre no caso dos tapetes de oração. A "mulher num convento" provavelmente conhece apenas o chão nu, pois seu alvo tem caráter transcendente, implicando a renúncia ao conforto e aos padrões culturais. Mas, para a elite social, ou mesmo para o devoto oriental que reza para o seu deus, a sociedade oferece o conforto relativo de belos tapetes, que lhes possibilitam um encontro com o universo, não apenas em termos do apoio que o solo natural oferece, mas protegidos por e seguramente estabelecidos nas realizações mentais-espirituais e materiais daqueles que mantêm vivos os símbolos culturais.

Este é o último símbolo da quinquagésima nona seqüência quántupla. Ele mostra os belos produtos do dedicado e inspirado desempenho de grupo no nível da tradição. Ele enfatiza o valor da CONFIANÇA NA TRADIÇÃO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 296 (CAPRICÓRNIO A 26°): UM ESPIRITO DA NATUREZA DANÇANDO NA NÉVOA IRIDESCENTE DE UMA QUEDA D'ÁGUA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de perceber o espírito oculto e criativo dos fenômenos naturais.*

Os símbolos sabeus fazem várias referências aos espíritos da natureza. Aqui, lidamos com a revelação das forças espirituais ou psíquicas relacionadas com o elemento água. A água reúne todas as células vivas num saudável intercuro. A água simboliza o fluxo constante de energias vitais, a fluidez de uma consciência que se vê estimulada pela mudança. O grande ciclo da água no interior da biosfera terrestre (oceanos, nuvens, chuva, rios) simboliza as fases básicas dos processos universais de vida, a subida e descida de energias emocionais e de amor. Podemos personificar essas fases e falar da "alma da natureza" e, num nível cósmico, da "Alma do Mundo", anima *mun-di*. A água é a substância das manifestações telúricas dessa alma. Trata-se de uma substância mágica. E os modernos químicos estão redescobrendo, em seu estudo do comportamento incomum da água em certas situações, aquilo que os antigos alquimistas, à sua própria maneira, sem dúvida compreenderam.

Este é o primeiro estágio do sexagésimo subciclo. Apresenta uma profunda intuição das energias superfísicas - as quais, no final dessa seqüência quántupla, estarão, como veremos, plenamente dominadas (Fase 300). Aqui, a consciência é sensibilizada para com o fluxo descendente da ENERGIA OCULTA em seu aspecto natural abundante.

FASE 297 (CAPRICÓRNIO A 27°): PEREGRINOS SUBINDO OS ÍNGREMES DEGRAUS QUE LEVAM A UM SANTUÁRIO DE MONTANHA.

IDÉIA BÁSICA: *A subida da consciência individualizada até as mais altas percepções atingidas pelos líderes espirituais de sua cultura.*

Atualmente, ouvimos falar muito de experiências de pico, mas este símbolo nos diz que elas dependem, de forma muito profunda, do seguimento de uma senda que muitos trilham antes, sob a inspiração dos grandes Mestres e Sábios de nossa raça. O santuário é construído pela dedicação incessante de (talvez) gerações sucessivas de homens. A peregrinação é santificada pela devoção de muitos, mesmo que cada pessoa encontre, em seu próprio caminho na direção do topo da montanha, aquilo que, para ela, parece ser uma revelação ímpar e transcendente.

Neste símbolo de segundo estágio, testemunhamos a elevação da consciência humana; o símbolo precedente falou daquilo que podemos retratar como a "descida" de energias da natureza, as quais, tal como a água, fluem para baixo, na direção de um nível inferior de intensidade. A tarefa

suprema do homem consiste em elevar-se como fogo, impelido por uma visão que ele compartilha com seus companheiros. A palavra-chave é ELEVACÃO.

FASE 298 (CAPRICÓRNIO A 28°): UM AMPLO AVIARIO.

IDÉIA BÁSICA: *A fruição de valores espirituais por parte da alma capaz de familiarizar-se com as implicações que neles há.*

Os pássaros simbolizam forças espirituais e o aviario nos apresenta um quadro dessas forças e desejos contidos numa mente aberta à luz das realidades psíquicas ou da Alma, forças e desejos que trazem alegria e harmonia à consciência. A difícil subida representada pela cena precedente transforma-se num quadro de familiaridade com experiências inspiradoras. E, no entanto, essa familiaridade também pode sugerir uma falta de espontaneidade, bem como a excitação da descoberta. Para usar termos modernos, as experiências de pko tomaram-se experiências de um aho platô, em cujo nível podemos, por vezes, perder o sentido de direção.

Este é o terceiro estágio da sexagésima seqüência de fases, que leva ao domínio grupai das energias cósmicas. O esforço juvenil no sentido de alcançar o ápice da realização cultural e espiritual tornou-se um complexo estado de inspiração - um estado que, por vezes, pode trazer confusão, devido à multiplicidade de vozes às quais nos tornamos abertos. Podemos falar aqui de CLARIAUDIÊNCIA, que significa a capacidade de ser sensível a muitas vozes interiores.

FASE 299 (CAPRICÓRNIO A 29°): UMA MULHER LENDO FOLHAS DE CHÁ.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de ver a Assinatura do significado oculto em todos os eventos que nos despertam a atenção.*

O homem sempre procurou interpretar o significado de eventos ou situações que o afetam em termos de profecias específicas ou "Assinaturas". A leitura de folhas de chá é apenas uma versão moderna comum de um determinado tipo de procedimento usado por sacerdotes de todas as religiões antigas. Essa prática tem como base a compreensão da "relação de todas as coisas entre si" — uma definição de astrologia dada por Marc Jones. A interpretação de sonhos na psicologia profunda pertence a essa mesma categoria, já que se baseia no estabelecimento de um forte vínculo entre o inconsciente e o consciente. Mas, na análise de sonhos, o inconsciente *individual*, pelo menos no início, constitui a principal referência, ao passo que, em profecias (ou, nas formas melhores de leitura da sorte), confia-se no poder de forças ou entidades para veicular a informação que tornará claras situações confusas.

Este símbolo de quarto estágio pode ser remetido a uma "técnica" específica de compreensão ou avaliação. Está implicada nela a habilidade, não apenas de perceber os fatos da existência cotidiana, como de ver *através* desses fatos e descobrir o modo pelo qual se acham relacionados com o reino dos significados básicos ou processos arquetípicos. Eis em essência aquilo a que se faz referência quando se fala da verdadeira CLARIVIDENCIA, a capacidade de ver em tudo a Assinatura de realidades mais profundas.

FASE 300 (CAPRICÓRNIO A 30°): UMA REUNIÃO SECRETA DE HOMENS RESPONSÁVEIS POR DECISÕES EXECUTIVAS NOS ASSUNTOS MUNDIAIS.

IDÉIA BÁSICA: *O poder de assumir responsabilidade por escolhas feitas depois de discussões maduras com aqueles que compartilham desse poder.*

Todos temos consciência, atualmente, do trabalho de comitês secretos na Casa Branca e em todos os níveis de governo. O estudioso de filosofia esotérica acredita na existência daquilo que tem sido chamado um "Governo interior", que detém o poder de dirigir ou guiar a evolução do nosso planeta e da humanidade. Alguns falam de "Hierarquia oculta" ou da "Tenda Branca". Aqui, mais uma vez, está em jogo o "ver através" dos fatos dos processos telúricos e da história humana - supondo que esses fatos são, pelo menos em parte, o desfecho de decisões tomadas por um Conselho supremo de Seres quase-divinos. Evidentemente, o símbolo também pode referir-se ao que ocorre no nível mais ordinário dos negócios e da política. Em qualquer nível, refere-se à forma mais elevada de interação social.

Este é o último símbolo pertencente à Cena Vinte e relacionado com o signo zodiacal de Capricórnio. Vemos nele a culminação da responsabilidade social e uma referência ao PO-EXECUTIVO.

CENA VINTE E UM: *CONTRIBUIÇÃO* (Aquário a 1° - Aquário a 15°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 301 (AQUÁRIO A 1°): UMA VELHA MISSÃO DE ADOBE NA CALIFÓRNIA.

IDÉIA BÁSICA: *O poder inerente a todas as grandes obras humanas no sentido de resistirem durante um período de tempo superior ao tempo de vida dos que as realizam.*

As obras e o espírito dos padres espanhóis que dirigiram a construção das missões californianas têm exercido uma influência duradoura sobre o desenvolvimento dessa terra; eles permanecem como monumentos erigidos em louvor dos homens que foram capazes de deixar sua marca nesse ambiente estrangeiro. Enquanto o signo zodiacal de Capricórnio se inicia com um símbolo de poder sócio-político, Aquário apresenta, em seu início, um quadro mais espiritualizado e idealista ou criativo das forças sociais em ação. Ademais, acentua o caráter duradouro das realizações humanas inspiradas por uma grande visão. Pelo menos no quadro de referência da nossa civilização ocidental, o símbolo fala da projeção de um ideal nobre em formas concretas de beleza e de significação e, portanto, da tradução de um poder "civilizador" numa instituição que oferece a homens primitivos a oportunidade de alcançar um nível mais elevado, organizado e produtivo de atividade.

Este é o primeiro estágio da sexagésima primeira seqüência quántupla. Fala da CONCRETIZAÇÃO DE UM IDEAL. Isso implica também a "imortalização" de um indivíduo no âmbito de um grande empreendimento coletivo e cultural.

FASE 302 (AQUÁRIO A 2°): UMA TEMPESTADE INESPERADA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de desenvolver a segurança interior que nos possibilitará enfrentar crises inesperadas.*

Pode-se estabelecer uma interessante ligação entre os símbolos de Touro a 1° e a 2 — "Um límpido córrego da montanha" e "Uma tempestade de eletricidade" — com os de Aquário a 1° e 2°, separados por duzentos e setenta graus (uma quadratura "minguante", em termos de um ciclo de relacionamento tal como o ciclo de luna-cão). No primeiro caso, lidamos com energias ou atividades que podem ser relacionadas com o desenvolvimento natural do indivíduo. Mas aqui nos preocupamos primariamente com processos sociais, coletivos, e com a função do indivíduo dentro deles. O próprio símbolo - "Uma tempestade inesperada" - poderia ter atribuído a si um significado bastante positivo num ambiente árido, mas a ênfase no "inesperado" tende a acentuar o caráter súbito e perigoso do evento. Uma tempestade dessas numa região de colinas secas pode causar uma inundação devastadora. De qualquer forma, o símbolo se refere a um acontecimento para o qual *não estamos preparados* — uma ameaça às obras do homem.

Vista como um símbolo de segundo estágio - e, portanto, em contraste com o símbolo precedente -, essa cena acentua o fato de a natureza poder reduzir a nada os empreendimentos e atividades construtivas do homem que se mostram mais permanentes. Sob um fluxo violento de chuva, os tijolos de adobe podem tornar-se lama. Todas as instituições humanas, bem como todas as suas realizações, podem ser reduzidas a pó, mesmo em seu dia de grande glória. "Do pó vieste e ao pó retornarás." Trata-se do DESAFIO DA NATUREZA.

FASE 303 (AQUÁRIO A 3°): UM DESERTOR DA MARINHA.

IDÉIA BÁSICA: *A auto-realização individual por meio de um repúdio crucial de uma condição coletiva que se tornou insuportável.*

Este símbolo relembra o de Escorpião a 21°, mas o fato de haver uma ênfase sobre a "deserção" real e de ser feita referência à "Marinha" sugere que a crise aqui simbolizada implica uma mudança irrevogável de *condição*. O homem se recusa a aceitar o tipo de padrões culturais derivados da abordagem específica de sua sociedade no tocante às circunstâncias locais e ao universo como um todo e, noutro sentido, derivados da relação particular do indivíduo com o Inconsciente

coletivo integralmente humano. (A Marinha se refere ao oceano, símbolo das forças evolutivas primordiais e inconscientes.) O indivíduo não apenas se recusa a obedecer ordens, como volta as costas, deliberadamente, à sua condição social; ele se torna um proscrito e, por intermédio dessa decisão, pode individualizar definitivamente sua consciência.

Este é o terceiro estágio da sexagésima primeira seqüência quártupla. Algo revestido de valor social coletivo está sendo potencialmente destruído, mas a natureza é o destruidor (tal como no símbolo precedente). O homem, o indivíduo, sai de sua prisão aos padrões e ideais coletivos. Ele pode, portanto, "encontrar-se a si mesmo" por meio de uma aguda renúncia ao seu direito social inato, isto é, por meio de um processo social de DESSOCIA-LIZAÇÃO.

FASE 304 (AQUÁRIO A 4°): UM IOGUE HINDU DEMONSTRA SEUS PODERES DE CURA.

IDÉIA BÁSICA: *O uso disciplinado de energias espirituais na restauração da harmonia natural, perturbada pelas tentativas desarmônicas do homem no sentido de transcender a natureza por intermédio da mente.*

A civilização implica um processo de superação de impulsos biológicos rígidos e compulsivos, ao mesmo tempo em que põe a seu serviço, de modo refinado e mentalizado, aquilo que não pode controlar. O alvo da verdadeira civilização — sendo a cultura ocidental, em larga medida, uma caricatura sua — é o desenvolvimento de uma humanidade composta de indivíduos automotivados e responsáveis, que se associam livremente de acordo com padrões harmônicos, com o objetivo de produzir um vasto coro espiritual de consciências que concretizam de forma plena as potencialidades inerentes ao arquétipo HOMEM. O processo de individualização e de civilização encontra-se cheio de perigos e, durante um tempo muito longo, vê-se obsedado por sombras cármicas, resultados dos desvios e perversões individuais e coletivos. Esses resultados costumam levar, na maioria das vezes, a enfermidades. É tarefa espiritual dos indivíduos que se mostraram capazes de abrir o vasto reservatório de forças espirituais que impregnam nosso planeta usar essas energias para a cura dos semelhantes menos afortunados.

Este símbolo de quarto estágio refere-se a uma técnica que pode ser usada não apenas para a cura de enfermidades físicas, como também para "restaurar a unidade" de tudo aquilo que perdeu sua integração básica original e que ainda não alcançou o estado holístico de harmonia e de identificação perfeitas com o todo "divino". Autodisciplina, pureza de motivos, compaixão e fé na ordem divina são requeridas - o mesmo ocorrendo com a FOCALIZAÇÃO DA ENERGIA ESPIRITUAL.

FASE 305 (AQUÁRIO A 5°): UM CONSELHO DE ANCESTRAIS É OBSERVADO ENQUANTO IMPLEMENTA OS ESFORÇOS DE UM LÍDER MAIS JOVEM.

IDÉIA BÁSICA: *O fundamento básico dos desempenhos passados que fornecem força e sustento a toda decisão tomada por um indivíduo num momento de crise.*

Todo o passado da humanidade subjaz a todo esforço individual, em especial nos momentos de decisões críticas. O empreendimento dos padres que construíram as missões na Califórnia tinha por trás de si o passado do proselitismo católico, isto é, a tentativa de levar a "Boa Nova" a todos os povos da Terra. Todo indivíduo é muito mais dependente da força das realizações dos seus ancestrais - ou muito mais oprimido pelos seus fracassos e por sua falta de visão - do que costuma acreditar. Isso pode significar um fundamento oculto de força individual ou a inércia de uma tradição incapaz de transcender suas limitadas origens.

Este é o último símbolo da sexagésima primeira seqüência quártupla. Sugere que, em muitas situações, a CONFIANÇA EM PRECEDENTES capacitará o aspirante à grandeza a descobrir o poder de suas mais profundas raízes.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 306 (AQUÁRIO A 6°): UMA FIGURA MASCARADA FAZ GESTOS RITUALÍSTICOS NUMA PEÇA DE MISTÉRIO.

IDÉIA BÁSICA: *O envolvimento do indivíduo em padrões de atividade há muito estabelecidos cujo alvo é a liberação do poder coletivo.*

Os grandes Mistérios do passado foram criados por inspirados Videntes e Adeptos, com o propósito de transferir a um nível mentalmente consciente e humanamente significativo de operação grupai aquilo que, nos domínios menos elevados da vida, chamamos instintos. Dessa maneira, as energias cósmicas e biológicas podem ser usadas para assegurar o contato entre os processos sociais e as realidades mais profundas da Vida planetária e universal. Os rituais são formas de comprometimento, e com freqüência seus participantes usam máscaras, já que não agem como pessoas humanas, mas na qualidade de pontos focais para a liberação de forças transpessoais.

O primeiro símbolo da sexagésima segunda seqüência apresenta os processos sociais em seu mais profundo aspecto oculto. Vemos o indivíduo após a assunção de uma RESPONSABILIDADE TRANSPESSOAL.

FASE 307 (AQUÁRIO A 7°): OBSERVA-SE UMA CRIANÇA NASCENDO DE UM OVO.

IDÉIA BÁSICA: *O surgimento de novas mutações de acordo com os grandes ritmos do cosmos.*

O antigo simbolismo do Ovo Cósmico (*Hiranyagarba*, em sânscrito), do qual nasce um novo universo, pode ser interpretado de várias formas. Aqui, vemos o surgimento de um novo tipo de ser humano, que não nasce de "ancestrais" e que, por essa razão, encontra-se livre da inércia do passado da humanidade. Trata-se de um novo produto da evolução, um mutante. Constitui uma nova projeção do Espírito criador que emana do Todo cósmico ou planetário, e não de uma cultura local e de uma tradição racial quaisquer.

Este símbolo de segundo estágio está em contraste com o precedente. Pode-se dizer que anuncia a EMERGÊNCIA DO HOMEM GLOBAL para a Nova Era. O poder do todo é focalizado em seu interior numa liberdade perfeita com relação a antigos padrões de valor baseados em condições locais.

FASE 308 (AQUÁRIO A 8°): FIGURAS DE CERA ELEGANTEMENTE VESTIDAS EM EXIBIÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A inspiração que podemos derivar do aparecimento de Modelos que nos apresentam os arquétipos de uma nova cultura.*

Lidamos aqui com os símbolos fixos nos quais se baseia uma cultura, com arquétipos mentais. Eles são mantidos e postos à disposição como padrões a serem imitados ou, pelo menos, como padrões dos quais serão retirados novos motivos inspiradores. Encontramo-nos no estágio da visão: são reveladas à consciência novas formas, bem como novas maneiras de encontrar outras pessoas nos relacionamentos sociais.

Este é o terceiro estágio da sexagésima segunda seqüência de cinco símbolos. Num certo sentido, estão implicados aqui o passado genérico da humanidade, bem como seu futuro. As figuras de cera são formas impessoais. Os trajes são uma apresentação estática de padrões ideais; não obstante, configuram-se como PRÉ-FORMAÇÕES daquilo que será experimentado na cultura que está nascendo. Anunciam novos desenvolvimentos coletivos.

FASE 309 (AQUÁRIO 9°): VÊ-SE UMA BANDEIRA TRANSFORMARLE EM ÁGUIA.

IDÉIA BÁSICA: *A incorporação dinâmica de novos valores sociais em indivíduos que exemplificam o potencial espiritual e a significação mais importante desses valores.*

Este símbolo praticamente reproduz o de Sagitário a 12°, mas, nesta seqüência quántupla, seu sentido é um tanto diferente - especialmente levando-se em consideração que o último termo da misteriosa transformação (isto é, a coroação da águia à feição de um galo) é omitido. Tudo o que está implicado aqui se resume à vitalização de um poderoso símbolo, sua encarnação numa realida-

de viva, isto é, numa pessoa capaz de voar, no plano da consciência, até o mais elevado reino espiritual. São dadas ao arquétipo substância viva e asas. A Imagem tornou-se um Poder.

Este símbolo de quarto estágio fornece, como de costume, uma sugestão técnica. "Ver" o novo arquétipo, perceber o novo padrão de valor com a mente não basta. O vidente deve tornar-se um executor. O impessoal é dinamizado e focalizado. Temos aqui a REPRESENTAÇÃO ATIVA da visão.

FASE 310 (AQUÁRIO A 10°): UM HOMEM QUE UM DIA SE TORNOU A ENCARNAÇÃO DE UM IDEAL POPULAR É LEVADO A PERCEBER QUE, COMO PESSOA, NÃO É TÃO IDEAL.

IDÉIA BÁSICA :*A necessidade de lidar com os seres humanos como pessoas, e não como telas nas quais são projetados o sonho e o ideal de cada um.*

Temos aqui uma afirmação final do relacionamento entre a visão mental-espiritual e a realidade viva, entre as pessoas e o ideal que elas parecem encarnar, entre a "Imagem do grande amado" e a necessidade de amor de cada um - um amor que a presença do amado ideal estimulou e despertou. A "estrela" do cinema não é a pessoa real. A popularidade da estrela acaba e a pessoa permanece. Que terá esse episódio da popularidade feito realmente à pessoa? Trata-se de uma pergunta passível de aplicação a uma variada gama de circunstâncias.

O quinto símbolo da sexagésima segunda seqüência traz à nossa atenção uma questão básica, podendo constituir um desafio para nós de várias formas. É o confronto entre a pessoa e o arquétipo. Isso pode ter como significado a necessidade crítica de AUTO-REA VALIACAO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 311 (AQUÁRIO A 11°): NUM MOMENTO DE SILÊNCIO, VEM A UM HOMEM UMA NOVA INSPIRAÇÃO, CAPAZ DE MUDAR-LHE A VIDA.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de confiar na inspiração e na orientação interiores no início de novos desenvolvimentos.*

Está implicado aqui o valor essencial da atitude de nos mantermos abertos à descida de forças espirituais ou da Alma, em especial quando um novo período de atividade individual está prestes a iniciar-se. O indivíduo não deve depender principalmente das circunstâncias externas, nem de incentivos tradicionais — e, num certo sentido, externos, porque coletivamente formulados. Há um poder criativo interior, um poder que pode ser descoberto, ou melhor, um poder que devemos deixar fluir no cérebro-consciência ou nas mãos que escrevem ou dão formas originais aos materiais.

Este é o primeiro estágio da sexagésima terceira seqüência de cinco fases de atividade. Refere-se ao OFUSCAMENTO da consciência individual por um Poder interno e, não obstante, transcendente.

FASE 312 (AQUÁRIO A 12°): NUMA VASTA ESCADARIA, HÁ PESSOAS DE DIFERENTES TIPOS, GRADUADAS EM ORDEM ASCENDENTE.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de reconhecer diferenças de tipos e de níveis de desenvolvimento sempre que houver seres humanos vivendo e trabalhando juntos.*

Este símbolo evidentemente se refere ao processo ascendente de evolução das formas de vida e de consciência. Parece aplicar-se, em especial, ao fato de existirem, entre os seres humanos, diferenças de níveis. O ideal do igualitarismo deve ser equilibrado pela compreensão de que a hierarquia de níveis é um fato da natureza. Todos devem ter consciência do nível em que se encontram, mesmo no momento em que se esforçam por alcançar um nível mais elevado. Devemos procurar inspiração e exemplos no degrau superior, ao mesmo tempo em que auxiliamos aqueles que se encontram no degrau imediatamente inferior ao nosso a subir. Esta é a grande troca da evolução -- aplicando-se tanto à evolução *sociocultural* quanto à progressão das espécies biológicas.

Neste segundo estágio da sexagésima terceira seqüência, encontramos um símbolo de "subida" que contrasta com o precedente, cuja implicação era uma "descida" de forças espirituais. Ele nos alerta contra a excessiva ênfase sentimental do nosso igualitarismo ocidental aplicado, essenci-

almente, ao núcleo espiritual de todos os indivíduos particulares considerados "filhos de Deus" ou mônadas espirituais. Todo ser humano *é potencialmente* divino, na qualidade de indivíduo particular, mas a PROGRESSÃO NATURAL DOS ESTADOS DE CONSCIÊNCIA é uma realidade inescapável que deve ser aceita no nível social-mental.

FASE 313 (AQUÁRIO A 13°): UM BARÓMETRO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de descobrir fatos naturais básicos que nos permitem planejar antecipadamente com vistas à ação.*

Já não estamos lidando com subidas ou descidas, mas com leis naturais que envolvem relações causais, assim como a passagem de uma condição natural a outra. O barômetro registra a pressão do ar, e uma mudança de pressão hoje fornece alguma indicação de como o tempo será amanhã. Num certo sentido, trata-se do moderno equivalente científico do prognóstico arcaico, feito a partir de profecias. Da mesma maneira, os animais ficam com uma pele mais espessa ou mais fina no início do outono, de acordo com a severidade que o inverno exibirá. O planejamento para o futuro próximo é possível porque o potencial (ou semente) do futuro já está operando no cerne do presente.

Este terceiro símbolo da sexagésima terceira seqüência diz-nos que é muitíssimo importante buscar - sejam quais forem os meios e o nível de consciência - um conhecimento da progressão causal. Isso implica, no sentido mais amplo, uma consciência dos processos cíclicos, incluindo-se aí a astrologia. A palavra-chave é ANTECIPAÇÃO.

FASE 314 (AQUÁRIO A 14°): UM TREM ENTRANDO NUM TÚNEL.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de abreviar o processo de evolução natural mediante o exercício da vontade, da habilidade mental e da autodisciplina física.*

Vemos neste símbolo uma condensação daquilo que se acha implicado nos três símbolos precedentes. O homem deve ser inspirado por uma visão daquilo que lhe é possível obter; ele deve elaborar um plano organizado das atividades necessárias se quiser ver o trabalho feito em termos de movimentos bem-sucedidos, cada um dos quais exigindo um tipo especializado de habilidade e de força (isto é, uma hierarquia de funções); ele precisa encontrar o momento propício ao início do trabalho. O resultado final é a aceleração do processo evolutivo, seja no nível psicobiológico (da ioga e de outras disciplinas similares) ou no social, isto é, o nível em que a civilização, em seu aspecto externo, opera.

Este símbolo de quarto estágio apresenta um quadro daquilo que pode ser obtido por meio de uma combinação de técnicas sociais e culturais e mesmo pessoais. Ele implica a possibilidade de encurtar a duração de tempo necessária ao progresso por meio da ultrapassagem de obstáculos e delongas. A palavra-chave é PENETRAÇÃO.

FASE 315 (AQUÁRIO A 15°): DOIS PERIQUITOS POUSADOS NUMA CERCA CANTAM ALEGREMENTE.

IDÉIA BÁSICA: *A bênção trazida às realizações pessoais pela consciência espiritualmente plena da Alma.*

Este símbolo pode ser interpretado em vários níveis de significação, mas sugere, evidentemente, um estado de ser em que dois aspectos complementares da realidade espiritual - como quer que os concebamos - se encontram unidos; essa união resulta em felicidade ou graça (*ananda*). Como os dois pássaros estão "pousados numa cerca" e como uma cerca separa dois campos ou dois jardins, há a implicação de que a consciência separativa do ego pode ser abençoada dessa maneira, talvez como uma recompensa espiritual por um trabalho demorado e bem-feito.

Este é o último símbolo da sexagésima terceira seqüência quántupla, que completa a cena Vinte e Um. Vemos a felicidade interior como recompensa de todos os indivíduos que deram uma contribuição "valiosa" à sua comunidade ou à humanidade como um todo. Em seu aspecto mais elevado, essa felicidade é, na verdade, BEATITUDE.

CENA VINTE E DOIS: ADMINISTRAÇÃO (Aquário a 16° - Aquário a 30°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 316 (AQUÁRIO A 16°): UM GRANDE HOMEM DE NEGÓCIOS EM SUA ESCRIVANINHA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de organizar os vários aspectos de um empreendimento que envolva um grande grupo de seres humanos.*

Grande parte daquilo que é escrito, num tom de fascínio, a respeito da Era de Aquário provavelmente não passa de exagero romântico. A Nova Era deve ser uma era na qual o homem aprende a usar o poder gerado pela união humana e pela interação de grupo - isto é, *a usar esse poder harmoniosamente* para o bem-estar do todo de que os indivíduos são partes, a humanidade e o planeta Terra. Isso jamais foi conseguido e muito raramente tentado. Hoje, a humanidade deve fazer uma completa e irresistível tentativa de consegui-lo, ou ser praticamente destruída — restando apenas um "resquício" criativo de pessoas-semente que teriam de começar outra vez, partindo de novas bases. No campo dos grandes negócios, dos grandes movimentos de guerra (tais como os que estiveram envolvidos no desembarque na Normandia quando da Segunda Guerra Mundial) ou dos grandes esforços nacionais (tais como os que culminaram nas viagens à Lua), foram obtidos grandes resultados, mas o motivo e a qualidade das inter-relações humanas envolvidos aqui não se revestiam de uma significação permanente, nem eram investidos de uma qualidade verdadeiramente harmônica. O caráter das técnicas usadas naqueles empreendimentos era totalmente insatisfatório de um ponto de vista "humano". Não obstante, há muito que aprender com a moderna administração em larga escala e com a moderna análise de sistemas mesmo em termos de empreendimentos pessoais de alcance bem limitado.

Este é o primeiro estágio do sexagésimo quarto subciclo de cinco fases. Ele introduz o conceito de administração, que se reveste de um caráter básico neste período cíclico de vida aue o zodíaco simboliza, mas que, não obstante, precisa ser completamente reavaliado se a humanidade pretende atualizar as potencialidades espirituais implicadas na transformação evolutiva que nos espera. ORGANIZAÇÃO, em vez da mera "organização", deve ser a palavra-chave, pois a humanidade hoje pode e deve compreender que é, na verdade, um "organismo".

FASE 317 (AQUÁRIO A 17°): UM CÃO DE GUARDA VIGIA, PROTEGENDO O DONO E SUAS POSSES.

IDÉIA BÁSICA: *O desenvolvimento da capacidade de autoproteção, bem como de salvaguarda dos direitos individuais, sob o peso de complexas pressões de natureza social.*

Considerando-se sua posição no ciclo como um todo, este símbolo parece implicar que, sob as atuais condições sociais, o indivíduo particular necessita de proteção contra os avanços sempre crescentes da sociedade sobre seu direito, teoricamente reconhecido, de ter uma vida privada, isenta da interferência pública. Analisado dessa perspectiva, o símbolo apresenta um contraste com o símbolo precedente, descrevendo o poder dos grandes negócios, assim como as implicações totalitárias da organização em larga escala. Num nível oculto mais profundo de interpretação, revela, igualmente, a necessidade de nos protegermos contra intrusões "astrais" e, talvez, de "magia negra", tanto mais quando nos aventuramos em alcançar estados supranormais de consciência. Diz-se que o Adepto treina determinadas entidades sub-humanas ("elementais") para protegê-lo. A religião cristã refere-se a Anjos da Guarda num sentido semelhante.

Neste segundo estágio, vemos o indivíduo capaz de dominar energias naturais, que põe a seu serviço, de modo que ele possa dar continuidade à sua obra individualizada do destino em segurança. Trata-se de outro aspecto do relacionamento entre indivíduo e sociedade. Há de fato indivíduos que procuram roubar ou machucar outras pessoas, mas o estado de coisas resultante de uma sociedade que glorifica a competição, a ambição e o sucesso a qualquer preço é amplamente responsável pela violência individual. Tanto mais criativa a pessoa, tanto maior sua NECESSIDADE DE PROTEÇÃO.

FASE 318 (AQUÁRIO A 18º): OS MOTIVOS SECRETOS DE UM HOMEM SÃO REVELADOS PUBLICAMENTE.

IDÉIA BÁSICA: *A dificuldade do homem moderno para manter em segredo o seu passado ou seus motivos mais profundos.*

Este símbolo segue logicamente os dois precedentes. Hoje, a luta entre o poder da sociedade e os direitos do indivíduo leva, no final das contas, à derrota deste último. Os meios de comunicação de massas e os inúmeros órgãos governamentais quase sempre conseguem ter acesso a vestígios ou registros de ações passadas; os psicólogos e psiquiatras modernos estão aderindo em número cada vez maior à penetração dos segredos mais profundos da vida por meio da "análise", bem como de todos os tipos de técnicas mais ou menos permitidas que envolvem drogas e as reações subconscientes dos músculos e nervos. O indivíduo cujas atividades devem ser conservadas em segredo encontra-se engajado numa constante batalha; ele necessita da ajuda de Poderes mais elevados, assim como dos agentes protetores que possa ter posto a seu serviço.

Este é o terceiro estágio da sexagésima quarta seqüência quintupla de imagens arquetípicas do processo cíclico. Refere-se à REVELAÇÃO de motivos ocultos e de segredos pessoais. Pode referir-se à ação de tornar público o comportamento passado.

FASE 319 (AQUÁRIO A 19º): UM INCÊNDIO NA FLORESTA ESTA SENDO DEBELADO POR MEIO DO USO DE ÁGUA, SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS E DA PURA ENERGIA MUSCULAR.

IDÉIA BÁSICA: *A habilidade e a coragem necessárias para colocar sob controle o potencial destrutivo da incúria das "visitações" cárnicas.*

Os incêndios florestais podem ser causados pelo descuido humano, pelos raios ou pelos subprodutos da tecnologia moderna. Todo indivíduo — pelo menos uma vez em sua vida, se não repetidamente - talvez tenha de enfrentar reações espetaculares a atos aparentemente insignificantes. Devem-se considerar essas reações como meios de submeter a teste as forças, a determinação ou a estabilidade emocional do indivíduo. Toda faculdade que se encontre ao seu dispor deve ser usada - faculdades emocionais, mentais e físicas. Ele precisa ter fé em si mesmo e em Poderes superiores.

Neste quarto estágio da série quintupla, é-nos mostrada a ação do homem numa situação crucial e potencialmente devastadora. Há necessidade de uma total mobilização de energia e de um profundo sentido de INVENCIBILIDADE.

FASE 320 (AQUÁRIO A 20º): UMA GRANDE POMBA BRANCA PORTANDO UMA MENSAGEM.

IDÉIA BÁSICA: *A resposta dos agentes espirituais a esforços individuais exaustivos, sustentados e vitoriosos.*

Com isto, é concluída, de forma bastante significativa, esta série de cinco símbolos. O indivíduo que passou de modo corajoso e com espírito indômito por sua crise crucial recebe, por assim dizer, uma profunda bênção espiritual do reino da Alma: "Missão cumprida. A paz esteja com você". E é possível, à mente perspicaz e espiritualmente sensível do destinatário, a visão, nessa bênção, de uma profecia secreta que se refere ao que está por vir. Todo passo verdadeiramente espiritual que o homem dá em seu desenvolvimento é o resultado de uma vitória sobre as forças da inércia ou da destruição. O Divino está totalmente "presente" no coração de todas as reais vitórias.

Este é o quinto e último símbolo da sexagésima quarta série. O conteúdo da "mensagem" depende da situação particular, mas a pomba branca sempre significa paz; no próprio cerne desta paz, há a CONFIRMAÇÃO do valor e da vitória individuais.

SEGUNDO NIVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 321 (AOUÁRIO A 21°): UMA MULHER DESAPONTADA E DESILUDIDA ENFRENTA CORAJOSAMENTE UMA VIDA APARENTEMENTE VAZIA.

IDEIA BÁSICA' *A capacidade de enfrentar experiências emocionalmente desgastantes nas relações humanas com a força do caráter e a integridade pessoal.*

O homem que dirige vastos e complexos empreendimentos no campo dos negócios com frequência obtém poder e alcança o sucesso em função de sua capacidade de lidar com crises e com reveses temporários da sorte. No nível emocional, vemos agofa uma "mulher" diante do desapontamento e forçada a encarar o desaparecimento de ilusões que lhe são caras, presumivelmente em termos de um forte relacionamento pessoal. Ela tem de aprender a administrar essas crises, que são, na realidade, testes de força interior e, talvez, de compaixão. Todos trazem dentro de si o poder de aprender por meio de crises emocionais. Mas esse poder, tal como quaisquer outras faculdades, necessita de desenvolvimento.

Este é o primeiro símbolo da sexagésima quinta seqüência de cinco fases. Ele nos conclama a desenvolver RESISTÊNCIA às adversidades.

FASE 322 (AQUÁRIO A 22°): UM TAPETE É COLOCADO NO SOLO DE UM BERÇÁRIO PARA PERMITIR QUE AS CRIANÇAS BRINQUEM NUM AMBIENTE CONFORTÁVEL E ACOLHEDOR.

IDÉIA BÁSICA: *O calor da compreensão, que surge naqueles que, desde o início da vida, estão abertos a novas possibilidades.*

O homem jamais é privado de assistência quando busca ansiosamente crescer em termos emocionais e espirituais. Mesmo que ele não perceba conscientemente a intenção e o valor daquilo que lhe sustem o autodesenvolvimento e amortece os choques que a vida oferece ao seu crescimento em termos de compreensão, a assistência, não obstante, aí está. Ele pode pensar: ninguém me compreende. Mas a compreensão está à sua frente, desde que ele não tenha egoisticamente por certo que a vida e a sociedade tudo lhe devem.

Este símbolo de segundo estágio contrasta a suavidade inerente a tantas situações de vida com o trágico sentimento de desilusão representado pelo primeiro símbolo. Por meio de uma calorosa APRECIÇÃO das oportunidades básicas e mesmo dos pequenos confortos, podemos, segura e alegremente, crescer em termos de maturidade pessoal.

FASE 323 (AQUÁRIO A 23°): UM GRANDE URSO, SENTADO, AGITA TODAS AS PATAS.

IDÉIA BÁSICA: *A autodisciplina resultante de um desenvolvimento inteligente das faculdades individuais a partir do treinamento adequado.*

A questão da determinação daquilo que constitui o treinamento adequado das crianças e dos animais é objeto de intensas e complexas disputas. O símbolo parece implicar, tão-somente, que poderosas energias vitais *podem* ser treinadas adequadamente - sendo a implicação ou extensão da idéia que nenhum treinamento é verdadeiramente bem-sucedido se não levar á compreensão do valor e do poder da autodisciplina. Vemo-nos com frequência diante de situações que, tenhamos ou não consciência, são, na realidade, situações de treinamento; Deus ou a Alma são os treinadores. Muito depende das atitudes que assumimos nessas situações.

Este é o terceiro símbolo da sexagésima quinta seqüência. Vemos nele o desfecho daquilo que é sugerido nos dois símbolos precedentes. O caráter e um(a) constante compreensão daquilo que se acha envolvido no processo de crescimento e de superação do peso emocional podem ser ensinados. Podemos aprender a disciplinar nossos impulsos naturais e usá-los para um propósito mais-do-que-pessoal. Trata-se do DISCIPULADO no verdadeiro sentido do termo.

FASE 324 (AQUÁRIO A 24º): UM HOMEM, TENDO VENCIDO AS PRÓPRIAS PAIXÕES, DÁ AULAS DE SABEDORIA PROFUNDA NOS TERMOS DE SUA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA.

IDÉIA BÁSICA: *O uso construtivo que se pode dar a difíceis experiências passadas, apresentando-as como exemplos àqueles que ainda se encontram fazendo esforços para dominar as próprias paixões.*

Todo tipo de experiência pode ser empregado para fins espirituais. Todo homem ou mulher, por mais humilde sua condição, pode servir de exemplo a pessoas mais jovens, que ainda estão lutando para superar ou controlar os impulsos compulsivos de sua natureza biológico-emocional. Todo aquele que conseguir se sair bem de uma tarefa difícil contribui para a sabedoria coletiva de sua comunidade e da humanidade. Toda realização deve ser passada para aqueles que possam vir a ser inspirados por ela no sentido de empreender esforços maiores e mais adequados.

Neste quarto estágio do sexagésimo quinto subciclo, recebemos uma indicação que jamais deve ser esquecida: é responsabilidade de todo aquele que tiver dado um passo além em sua evolução dar auxílio a outras pessoas, para que também dêem esse passo. Eis a verdadeira educação. A palavra-chave é COMUNICABILIDADE.

FASE 325 (AQUÁRIO A 25º): UMA BORBOLETA COM A MAIS PERFEITA ASA DIREITA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de desenvolver um aspecto racional e plenamente consciente da mente para além da evolução normal.*

Parece estar implicada aqui uma espécie de mutação e, de forma mais específica, o desenvolvimento especial de tudo o que é simbolizado pelo "lado direito" do organismo. Aqui, todavia, a Imagem representa o *corpo espiritual* (a borboleta). É sugerido um forte processo de individualização consciente, realizado, talvez, a expensas do aspecto instintivo-emocional da personalidade (seu "lado esquerdo").

Este último símbolo conclui acertadamente esta sexagésima quinta seqüência, que se iniciou com "Uma mulher desapontada...". O conjunto quádruplo lida com a administração das energias humanas no nível emocional; aqui, administração significa superação - alcançada com base em experiências negativas ou que se configuram como um desafio ao ego. O quinto símbolo refere-se, portanto, aos resultados da TRANSMUTAÇÃO DE ENERGIAS EMOCIONAIS.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 326 (AQUÁRIO A 26º): UM MECÂNICO TESTANDO A BATERIA DE UM CARRO COM UM HIDRÓMETRO.

IDÉIA BÁSICA: *Habilidade na aplicação do conhecimento das leis naturais à solução de problemas cotidianos resultantes da vida de nossa sociedade tecnológica.*

Vemos aqui um homem usando sua mente analítica para verificar a operação das máquinas que seu gênio inventivo produziu. Essa simples operação comum é usada aqui como uma indicação do grau de profundidade até o qual a tecnologia nos envolve em pequenas coisas, as quais, não obstante, podem determinar, em certas circunstâncias, a diferença entre a vida e a morte - isto é, uma falha mecânica num carro numa via expressa muito movimentada. Por conseguinte, vemos a necessidade de "administração" afetando todos os detalhes das nossas vidas individuais; isso se aplica também às complexidades dos relacionamentos interpessoais, sociais ou políticos, tendo em vista que nossa moderna sociedade assemelha-se, na realidade, a uma imensa máquina, que percorre aceleradamente uma estrada perigosa. A segurança depende do poder disponível.

Este é o primeiro dos cinco símbolos de grau da sexagésima sexta seqüência. Diz-nos que necessitamos constantemente usar nosso poder intelectual de observação e de análise para verificar a eficácia das energias que se encontram à nossa disposição. Trata-se de um símbolo de EFICIÊNCIA MENTAL.

FASE 327 (AQUÁRIO A 27°): UM ANTIGO VASO DE CERÂMICA CHEIO DE VIVAZES VIOLETAS.

IDÉIA BÁSICA: *A importância das habilidades e dos valores artísticos tradicionais que se acham profundamente arraigados nos sentimentos instintivos do homem, na qualidade de quadros de referência para as mais autênticas emoções do homem.*

O único elemento de oposição entre este símbolo e o precedente reside no contraste entre a reticência pessoal e o amor simples da beleza natural com a pressa, o frenesi e a eficiência intelectual que caracterizam tantos aspectos da nossa existência moderna. As violetas com frequência são consideradas símbolos da modéstia e da humildade - valores que, segundo se pensava, constituíam a marca da real natureza da mulher... há muito tempo, ao que parece!

Neste símbolo, vemos retratada a dependência dos mais puros sentimentos de vivência natural das tradições no âmbito das quais encontram seu ambiente mais efetivo e adequado. Trata-se de um símbolo de DELICADEZA DE SENTIMENTOS.

FASE 328 (AQUÁRIO A 28°): UMA ÁRVORE DERRUBADA E SERRADA, QUE SE DESTINA A FORNECER MADEIRA SUFICIENTE PARA A PASSAGEM DO INVERNO.

IDÉIA BÁSICA: *O conhecimento e a habilidade usados em seu ambiente natural para a satisfação de necessidades básicas de caráter vital.*

Este símbolo combina, ao que parece, implicações representadas nos dois precedentes. Ele relaciona à vida natural a capacidade humana de preparar-se -para o futuro e de usar, ao mesmo tempo, a força física e a engenhosidade mental. Ao enfrentar os rigores inerentes a uma existência próxima da natureza, é necessário ter força, eficiência e inteligência; mas estas se encontram incorporadas numa vida na qual todo ato pode ser parte de um belo e harmônico ritual permeado de uma profunda significação.

Este é o primeiro símbolo da sexagésima sexta série quádrupla. Refere-se ao uso eficiente dos recursos naturais para garantir o bem-estar do homem. Esse uso tem como base a PREVISÃO INTELIGENTE.

FASE 329 (AQUÁRIO A 29°): UMA BORBOLETA SURGINDO DE UMA CRISÁLIDA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de transformar profundamente o caráter da própria consciência por intermédio da alteração radical dos padrões estruturais da vida cotidiana, assim como dos tipos de relacionamentos nos quais nos envolvemos.*

Esta é a segunda vez, num intervalo muito curto do ciclo, que o símbolo da borboleta aparece (cf. Aquário a 25°). Aqui, é enfatizado o próprio processo da metamorfose. E o quarto símbolo de uma seqüência de cinco símbolos e acentua o caráter essencial da atividade requerida neste estágio do ciclo, isto é, nada a que falte uma completa renovação de todas as implicações do fato de se ser vivo como indivíduo humano será suficiente. Há necessidade de uma mudança radical. Neste estágio, essa mudança é de cunho individual e mental, devendo ser vista contra o pano de fundo da humanidade como um todo. É revelada a capacidade potencial de todo ser humano no sentido de participar de um domínio mais elevado da evolução, DEPOIS de sua emergência de um estágio crítico de transição.

Neste quarto estágio do sexagésimo sexto subciclo, a palavra-chave é METAMORFOSE. Em termos espirituais, isso implica "Iniciação", isto é, a entrada num reino mais elevado de existência consciente e a união, no seu interior, com uma Companhia sagrada.

FASE 330 (AQUÁRIO A 30°): PROFUNDAMENTE ENRAIZADA NO PASSADO DE UMA CULTURA MUITO ANTIGA, UMA IRMANDADE ESPIRITUAL, NA QUAL MUITAS MENTES INDIVIDUAIS SE ACHAM FUNDIDAS NA LUZ RESPLANDECENTE DE UMA CONSCIÊNCIA UNÂNIME, É REVELADA ÀQUELE QUE EMERGIU COM SUCESSO DE SUA METAMORFOSE.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de a pessoa dotada de uma mente aberta e de um profundo sentimento de autotranscendência entrar em contato com formas superiores de existência.*

O símbolo sabeu originalmente registrado apresentava a afirmação "O campo de Ardath na época do florescimento", referência a um romance ocultista escrito por Marie Corelli, cuja ação se concentra na antiga Babilônia. A referência pode muito bem ter sido uma "coincidência", tendo em vista que Marc Jones tem enfatizado seu contato íntimo com uma Irmandade de raízes babilônicas (ou "sabéias"). Uma Irmandade espiritual constitui um estado de "multi-unidade" - isto é, uma *multiplicidade* de indivíduos, caso se pense nas trilhas que percorrem para alcançar sua metamorfose final, mas uma *unidade* de consciência e de "Alma" - e, portanto, unanimidade (*anima* é igual a Alma). Nesse todo espiritual, cada unidade é uma "forma" ou entidade reconhecível se a olharmos com os olhos da personalidade, mas, quando fixa final mas uma *unidade* de consciência e de "Alma" - e, portanto, unanimidade ("aninía" é igual a Alma). Nesse Todo espiritual, cada unidade é uma "forma" ou entidade reconhecível se a olharmos com os olhos da personalidade; mas, quando visto por meio de uma visão espiritual unificada ou a uma certa distância, o Todo parece ser uma única área de luz radiante. Da mesma maneira, quando estudada pelo físico moderno, a luz pode ser apreendida quer como uma cadeia de partículas identificáveis (fótons) ou como uma onda contínua. Vê-la como uma ou outra coisa é uma questão de ponto de vista.

Este é o último símbolo da Cena Vinte e Dois do ritual cíclico, configurando-se como seu ponto culminante. Trata-se verdadeiramente de um símbolo apropriado, já que o número 22 simboliza todas as formas de maestria. Em qualquer nível, é um símbolo de realização de um grupo espiritual - da TOTALIDADE CONSCIENTE DO SER.

CENA VINTE E TRÊS: FEDERAÇÃO (Peixes a 1° - Peixes a 15°)

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 331 (PEIXES A 1°): NUM MERCADO APINHADO, PRODUTORES E INTERMEDIÁRIOS EXIBEM UMA GRANDE VARIEDADE DE PRODUTOS.

IDÉIA BÁSICA: *O processo de associação e de intercâmbio que demonstra, em todos os níveis, a saúde da comunidade.*

Em toda divisão duodecimal de um ciclo completo (por exemplo, os 12 signos zodiacais e as 12 casas de um mapa natal), a décima segunda seção sempre tem recebido uma significação negativa. Pode referir-se a condições opressivas, já que representa uma "prestação de contas", uma avaliação final da colheita efetuada no decorrer do ciclo. Uma colheita muito ruim pode levar à falência; uma revolta prematura pode levar o rebelde para a cadeia; o dissoluto pode acabar no-hospital. Nesta seção do ciclo, o homem colhe aquilo que semeou. Mas também pode haver honras, prestígio social, lucros advindos de uma riqueza bem administrada. Nesta cena Vinte e Três, é acentuada a reunião, numa experiência final de comunidade, de todos os fatores previamente experimentados; isso significa interação construtiva e intercâmbio dos produtos da atividade social. Num sentido prático, o símbolo, sempre que aparece, enfatiza que chegou o tempo de tirar plena vantagem das oportunidades sociais de barganha e de comércio.

Este é o primeiro estágio vinculado à sexagésima sétima seqüência quádrupla de símbolos. Refere-se a tudo aquilo que pode ser obtido da interação social e, especialmente, no sentido mais amplo da palavra, do COMÉRCIO.

FASE 332 (PEIXES A 2°): UM ESQUILO ESCONDENDO-SE DE CAÇADORES-

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade do indivíduo no sentido de garantir, a um só tempo, sua futura subsistência e sua proteção contra elementos sociais agressivos.*

O esquilo não apenas tem de esconder-se e estocar alimento para o inverno, como também deve estar alerta para os perigos envolvidos em sua coleta de alimentos. Os processos sociais sempre trazem pesadas sombras. O indivíduo jamais tem certeza de estar a salvo entre seus semelhantes, depois que o processo de individualização -com seus aspectos negativos: competição, agressividade social e cobiça - forçou a quebra do estado tribal orgânico da humanidade no decorrer das eras arcaicas.

Este símbolo de segundo estágio contrasta com o do primeiro. Ele alerta para os perigos que permeiam a vida em sociedade numa época de individualismo exacerbado, em que a violência é uma possibilidade que jamais deve ser descartada. A necessidade de AUTO-PROTEÇÃO e de cautela sempre está presente.

FASE 333 (PEIXES A 3°): TRONCOS PETRIFICADOS DE ARVORE JAZEM QUEBRADOS NA AREIA DO DESERTO.

IDÉIA BÁSICA: *O poder de preservação de registros de suas realizações inerente a culturas plenamente amadurecidas.*

Quando um vasto grupo de homens consegue construir uma cultura dotada de fortes instituições que se expressam em símbolos e obras significativas no campo da arte ou da literatura, um tal esforço de muitas gerações raramente se perde de uma vez por todas. De uma forma ou de outra, registros dessa cultura resistem ou são misteriosamente preservados, pela simples razão de esses registros revelarem o lugar e a função dessa cultura particular no longo processo de desdobramento das potencialidades inerentes ao HOMEM arquetípico. Esse foi o conceito mitificado e popularizado na idéia religiosa da ressurreição dos mortos no Último Dia. O símbolo da madeira petrificada no deserto do Arizona nos diz, todavia, que a preservação *real* dos registros em questão jamais é perfeita ou integral. Apenas fragmentos permanecem, mas fragmentos significativos o bastante para revelarem a forma arquetípica essencial.

Este terceiro símbolo da sexagésima sétima seqüência quádrupla traz a promessa da imortalidade social - isto é, da preservação dos fatores duradouros (porque arquetipicamente significativos) de tudo aquilo que o homem tenta realizar no âmbito de sua cultura. Um símbolo de INDESTRUTIBILIDADE.

FASE 334 (PEIXES A 4°): TRÁFEGO PESADO NUM ESTREITO ISTMO QUE LIGA DUAS LOCALIDADES À BEIRA-MAR.

IDÉIA BÁSICA: *A mobilidade e a intensidade de intercâmbio que possibilitam e caracterizam processos sociais complexos.*

Vemos aqui o conceito de comércio e interação social sob uma nova forma. Há uma ênfase sobre a necessidade de serem estabelecidas relações dinâmicas incessantes entre todos os aspectos e funções da vida social. Quanto mais complexas essas relações, tanto mais dinâmica e incansável a sociedade. Neste símbolo, o "istmo" refere-se a uma situação geográfica verificada perto de San Diego, Califórnia, onde os símbolos sabeus foram produzidos — ele se verifica também na Flórida e em outros lugares. Uma estreita faixa de terra separa o mar de uma lagoa e, nessa faixa, casas são construídas e há um constante movimento de veículos nas estradas. A proximidade do mar enfatiza o caráter coletivo das experiências sociais e daquilo que pode afigurar-se como realizações "individuais".

Este símbolo de quarto estágio evoca aquilo que, em vários níveis, pode ser chamado de TRÁFEGO. A técnica de aquisição de resultados sociais sempre tem como fundamento um intercâmbio de idéias e uma interação de atividades. Com frequência, entretanto, surge a confusão e os engarrafamentos tornam-se uma possibilidade sempre presente.

FASE 335 (PEIXES A 5°): UMA QUERMESSE DE IGREJA.

IDÉIA BÁSICA: *O valor da atribuição de uma sanção espiritual ou transcendente aos mais comuns intercâmbios entre pessoas sociais e mentes individuais.*

Este é o último dos cinco símbolos que enfatizam a interação entre pessoas que constituem um grupo social, grande ou pequeno. Ele traz o elemento da sanção religiosa. O propósito de toda religião organizada consiste primariamente em atender à necessidade de revestir as relações interpessoais que se processam no âmbito de uma forma particular de vida e de cultura de um significado mais permanente. Ela ajuda a manter a sociedade "inteira" ao torná-la "sagrada" - pelo menos em princípio e em termos ideais. Ela justifica o comportamento humano ao bendizê-lo com uma revela-

ção divina daquilo que é bom e valioso. Idealiza, ao ritualizá-las, as necessidades de ordem biológica e social.

Este símbolo encerra a sexagésima sétima seqüência quántupla com uma nota de BENEFICÊNCIA RITUALIZADA. Enfatiza a possibilidade de a "Presença de Deus" manifestar-se nas mais materiais atividades humanas.

SEGUNDO NIVEL: EMOCIONAL-CULTURAL

FASE 336 (PEIXES A 6°): UMA PARADA DE OFICIAIS DO EXÉRCITO EM TRAJES DE GALA.

IDÉIA BÁSICA: *A dedicação dos seres humanos ao serviço de sua comunidade, e a garantia de que essa dedicação receberá o apoio emocional das pessoas em geral.*

Vemos aqui, em ação, o apelo gerador de emoções das atividades sociais que requerem a renúncia, por parte do indivíduo que delas participa, de sua forma pessoal de vida, de suas opiniões e do seu conforto. O processo de socialização é retratado em toda a sua intensidade, mas a implicação presente é muito mais o apoio que a pessoa socializada pode esperar da coletividade caso esteja pronta a agir e a se sacrificar a si mesma pela nação ou grupo.

Este é o primeiro símbolo da sexagésima oitava série. Ele é uma alegoria do poder gerado por uma disciplina coletiva totalmente aceita e praticada, bem como da exaltação e da esposta de massa que aquele que atingiu esse nível de auto-renúncia diante de uma tradição social pode esperar em troca. A palavra-chave é RESPONSABILIDADE DE GRUPO.

FASE 337 (PEIXE A 7°): ILUMINADA POR UM REFLETOR, UMA ENORME CRUZ REPOUSA SOBRE ROCHAS CERCADAS PELA CERRAÇÃO MARINHA.

IDÉIA BÁSICA: *A bênção espiritual que fortalece os indivíduos que, aconteça o que acontecer, defendem com desprendimento sua própria verdade.*

Os homens que não dependem dos valores, das tradições ou do apoio coletivos, mas procuram a qualquer custo ser fiéis ao próprio eu e ao próprio destino enfrentam inevitavelmente alguma espécie de crucifixão. Esses homens mantêm-se apenas do poder que há dentro de si mesmos, ao qual responde uma luz que se acha acima deles. O símbolo nos diz: "Sé fiel ao teu próprio eu e, em meio à confusão exterior manifestada por aqueles que se acham ao teu redor, compreenderás aquilo que realmente és como indivíduo — um filho de Deus".

Este símbolo de segundo estágio apresenta a percepção que se acha em oposição polar com a apresentada na cena precedente. Ele implica o valor supremo de uma vida orientada por uma voz interior e que manifesta um alto grau de AUTO-AFIRMAÇÃO.

FASE 338 (PEIXES A 8°): UMA GAROTA SOPRANDO UMA CORNETA.

IDÉIA BÁSICA: *Uma chamada à participação a serviço da raça, quando uma crise evolutiva se aproxima.*

Este quadro simbólico apresenta outro aspecto da relação emocional entre o indivíduo e a coletividade de seres humanos. Pode ser vinculado, da mesma maneira, ao velho movimento feminista ou com o atual movimento de liberação da mulher. No simbolismo tradicional, a mulher se refere, mais especificamente, ao aspecto psíquico e biológico da vida humana; ela é vista primariamente como a mãe e/ou o tipo intuitivo ou "psíquico" de pessoa. Uma nova raça de seres humanos pode muito bem estar manifestando vagarosamente parte do seu potencial em termos de consciência e de realização plena. O indivíduo que percebe esse desenvolvimento evolutivo "dá o alarma". Ele ou ela é, a um só tempo, vidente-arauto e mutante. Nesse sentido, um ser humano como esse é, ao mesmo tempo, indivíduo fiel à sua natureza original e pessoa dedicada - dedicada ao futuro que ele ou ela traz em latência, tal como o faz uma semente em mutação.

Neste terceiro estágio da sexagésima oitava seqüência quántupla, as duas fases precedentes são combinadas numa nova forma de consagração do indivíduo ao Todo. O amanhã age através do hoje; ele CONCLAMA os homens ao renascimento.

FASE 339 (PEIXES A 9º): UM JÓQUEI INSTIGA SEU CAVALO, PRETENDENDO DEIXAR OS CONCORRENTES PARA TRÁS.

IDÉIA BÁSICA: *Intensa mobilização, de energia e de habilidade no impulso na direção do sucesso em toda atividade social afetada pelo espírito de competição.*

Desde o final das épocas arcaicas e a partir da ênfase no individualismo, especialmente em nossa sociedade norte-americana, que cultua as imagens materiais de "sucesso", o desejo de vencer todo tipo de "corrida" engendra muitas vezes uma liberação febril de energia, controlada pela habilidade técnica e pela longa prática. Sempre que é encontrado, esse símbolo indica a necessidade de instigar o ser total de cada um na direção do atingimento veloz de um alvo qualquer.

Este é o quarto símbolo da sexagésima oitava série; seu significado técnico é sobretudo evidente. Todo "peso" supérfluo e toda consideração desnecessária devem ser descartados na tentativa unidirecional de alcançar o próprio alvo social. A palavra-chave pode ser AUTO-ACELERAÇÃO.

FASE 340 (PEIXES A 10º): UM AVIADOR SEGUE SUA JORNADA, VOANDO POR ENTRE NUVENS QUE ENCOBREM O SOLO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade do homem no sentido de desenvolver poderes e habilidades que, transcendendo as limitações naturais, dão-lhe condições para operar em níveis mentais-espirituais.*

Este símbolo sintetiza, num certo sentido, as implicações dos quatro que o precederam: a dedicação à comunidade de homens (presente e futura), a auto-afirmação e a ambição de alcançar um alvo social. O homem é visto dominando as dificuldades envolvidas num tipo de operação que transcende suas limitações orgânicas e as rígidas fronteiras de um "espaço vivo" localizado. Ele o faz na qualidade de indivíduo que domina poderosas energias, mas, da mesma maneira, como herdeiro da engenhosidade de numerosos inovadores e administradores.

Este é o último símbolo da sexagésima oitava seqüência de estágios evolutivos da consciência e da atividade humana. Ele evoca o atingimento do DOMÍNIO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 341 (PEIXES A 11º): HOMENS VIAJANDO POR UMA ESTREITA TRILHA, EM BUSCA DE ILUMINAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade, inerente a todo indivíduo, de buscar a todo custo o acesso a um reino transcendente da realidade.*

Isso se refere ao antigo e eterno símbolo da Senda do Discipulado. A grandeza do homem reside no fato de ele sempre poder ser maior, bem como na crença - profundamente arraigada na natureza interior dos homens - de que, se preencher as condições necessárias, ele pode encontrar "Irmãos Mais Velhos" que já atingiram um nível superior de consciência e lhe transferirão seus conhecimentos e sua luz. A Senda sempre está aberta aos puros em coração, aos mentalmente alertas, aos conquistadores de emoções e aos espiritualmente automobilizados.

Este símbolo inicia a sexagésima nona seqüência de cinco fases, bem como um novo nível de consciência. O homem sempre se acha num processo de feitura e refeitura sempre pode ir além, ultrapassar limites. Mas, para isso, tem de dar o primeiro passo. Alguém pode mostrar-lhe a Senda, mas só ele pode caminhar por ela. Daí vem a injunção zen: SIGA

FASE 342 (PEIXES A 12º): NO SANTUÁRIO DE UMA IRMANDADE OCULTA MEMBROS RECÉM INICIADOS ESTÃO SENDO SUBMETIDOS A UM EXAME E TENDO SEU CARÁTER TESTADO.

IDÉIA BÁSICA: *O desafio sempre repetido, apresentado ao indivíduo pelo grupo a que ele jurou aceitação - o desafio a mostrar o próprio valor e a capacidade de assumir efetivamente a responsabilidade.*

Em qualquer nível de atividade, a própria vida cedo ou tarde exige do indivíduo que ele (ou ela) se mostre, clara e inequivocamente, à altura do ideal que ele (ou ela) declarou publicamente ser o seu. No nível oculto, o teste parece ser controlado e irrevogável. O "iniciado" tornou-se parte

constitutiva de um campo integral de atividade mental-espiritual. Ele se acha, por conseguinte, controlado pela ordem estrutural do grupo. Ele já não busca; tendo encontrado seu lugar, deve mostrar-se capaz de cumprir a função associada a esse lugar. Ele já não é "livre" como indivíduo, pois tornou-se parte de um Todo integral que opera sob princípios estruturais de imensa antigüidade.

Este segundo estágio simbólico de desdobramento está em contraste com o primeiro no sentido de mostrar o indivíduo limitado por leis e tradições coletivas. Num nível mundano ou de negócios, ele é o executivo novato incorporado numa instituição hierárquica. Ele precisa mostrar, a todo momento, o valor que tem. QUALIFICAÇÃO é uma palavra-chave adequada.

FASE 343 (PEIXES A 13^o): UMA ANTIGA ESPADA, USADA EM MUITAS BATALHAS, É EXIBIDA NUM MUSEU.

IDÉIA BÁSICA: *Por meio do uso efetivo de sua vontade, um homem consagrado pode tornar-se um símbolo de coragem para todos aqueles que lhe sigam os passos.*

O poder da vontade é a arma espiritual última e seu uso sem desvios é a confirmação do valor individual. Sempre que é encontrado, este símbolo acentua a necessidade imperativa de usar a vontade quando se enfrentam os desafios da vida interior, bem como os adversários exteriores.

Com este terceiro símbolo da sexagésima nona seqüência, vemos resumido e fortemente enfatizado o poder único existente no homem que é a garantia da vitória nas competições geradas por processos sociais (ou ocultos) nos quais ele se tornou parte ativa. O indivíduo deve usar esse PODER DA VONTADE - que, não obstante, não lhe pertence propriamente uma vez que ele opere num nível espiritual. A vontade de Deus, operando *através* de sua mente, é o elemento que focaliza seus impulsos. Trata-se, em termos ocultistas, do poder da Irmandade - a energia do Todo operando através do indivíduo, voltado para um único alvo, que tornou esse Todo consciente da necessidade de seu uso numa situação particular.

FASE 344 (PEIXES A 14^o): UMA SENHORA ENVOLTA NUMA AMPLA ESTOLA DE PELE DE RAPOSA.

IDÉIA BÁSICA: *O uso da inteligência e da sutileza mental como proteção contra as tormentas e provações.*

Vindo justamente depois dos símbolos precedentes e como o quarto estágio de uma seqüência quántupla - estágio que costuma estar vinculado a alguma espécie de técnica —, este símbolo pode parecer, à primeira vista, irrelevante. A chave de sua interpretação, não percebida pelos comentadores, é a pele de *raposa*. No simbolismo e na mitologia, a raposa sempre é um inteligente e sutil animal. Ela representa o intelecto em seu estágio inicial de "astúcia"; num sentido mais amplo, refere-se também à "inteligência", considerada a capacidade de adaptação a todas e a cada uma das situações da vida. A vontade espiritual e a capacidade de enfrentar testes são necessárias em toda situação crucial ou desafiadora que um indivíduo encontra no interior de um grupo orientado pelo poder. Mas a vontade semelhante à espada com freqüência terá de ser mascarada, a inteligência ou argúcia pode ser o mais precioso recurso numa situação de perigo. Trata-se de uma proteção pessoal (isto é, "animal" ou instintiva), talvez uma camuflagem. Ela esconde a vontade central, mas previne a passagem do indivíduo por dificuldades desnecessárias.

Vemos simbolizada aqui uma forma autoprotetora de enfrentar as inclemências do tempo, real ou psíquico, que são abundantes quando se tem uma vida consagrada a um Todo mais vasto; pois essa mesma consagração produz fortes inimigos. São proibidos ao iniciado os riscos desnecessários, pois a segurança da Irmandade pode ser ameaçada. A necessidade de um ESCUDO PROTETOR é imperativa e o *glamour* pode ser um efetivo escudo.

FASE 345 (PEIXES A 15): UM OFICIAL INSTRUI SEUS HOMENS ANTES DE UM ATAQUE SIMULADO, A SER REALIZADO SOB UMA BARREIRA DE PROJÉTEIS VERDADEIROS.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de um ensaio completo antes de qualquer ritual social complexo e inerentemente perigoso no qual o poder é usado ou evocado.*

Neste quinto símbolo de uma série que lida com o confronto com um grupo suprapessoal ou um poder oculto, vemos um quadro que sintetiza, mais uma vez, aquilo que os quatro símbolos precedentes implicaram - mais do que afirmaram. Na vida social, assim como no ocultismo, sempre se deve esperar o conflito; devemos preparar-nos para ele. No final do grande ciclo — no zodíaco, o signo de Peixes —, uma luta profundamente arraigada é, pelo menos até certo ponto, inevitável. Pode ser uma luta contra os fantasmas do passado não realizado, a "vida não vivida", ou um confronto com o carma acumulado, do qual, com frequência, nos desviamos. Na verdade, Peixes se refere a um período do ano durante o qual nasceram muitos generais e almirantes. As regras do jogo, pelo menos nas formas de guerra tradicionais, podem ser conhecidas. Podemos ter de ensaiar o jogo perigoso, tal como nossos astronautas ensaiam exaustivamente cada passo nos pousos na Lua. Mesmo um sacrifício deliberado pode desempenhar um papel bem planejado - tal como ocorre com o sacrifício de uma peça importante no jogo de xadrez.

Este é o último símbolo da Cena Vinte e Três. A cena inteira lidou, de várias maneiras, com o processo de integração do indivíduo num Todo social, numa comunidade ou Irmandade oculta. Uma palavra-chave conclusiva seria VALORIZAÇÃO. O conceito de valor de grupo domina toda a cena.

CENA VINTE E QUATRO: *PERPETUAÇÃO (Peixes a 16° - Peixes a 30°)*

PRIMEIRO NÍVEL: ATUACIONAL

FASE 346 (PEIXES A 16°): NA CALMA DO SEU ESTÚDIO, UM INDIVÍDUO CRIATIVO EXPERIMENTA UM FLUXO DE INSPIRAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *Confiança ãas próprias fontes interiores de inspiração ou de orientação.*

Nesta última cena do grande ritual da existência cíclica, estamos lidando com vários aspectos do processo que dá ao homem condições de "confirmar", formular e perpetuar o impulso criativo original que se tornou auto-atualizado, numa miríade de formas, ao longo do caminho. Este primeiro símbolo toca na tecla dos processos criativos verdadeiramente significativos: sua fonte está acima e além, mas, do mesmo modo, em torno do criador individual. A inspiração, por mais original ou individual que possa ser, recebe uma forma condicionada pela base cultural, social e religiosa da pessoa criativa. Num certo sentido, todo gênio apenas registra uma resposta às necessidades do seu tempo. As mãos que escrevem, tocam o instrumento ou moldam um material plástico são do indivíduo criativo; o impulso ou descida do fluxo de inspiração teve origem na vasta mente coletiva do Homem.

Este é o primeiro símbolo da septuagésima série de cinco símbolos. O aspecto individual do processo criativo é enfatizado, tal como o é a necessidade de concentração e de, pelo menos, paz interior, do indivíduo. Ele deve ter fé em sua própria FORÇA SUBJETIVA.

FASE 347 (PEIXES A 17°): UMA PROCISSÃO DE PÁSCOA.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade inerente a todas as grandes Imagens socioculturais de unir os membros de uma comunidade numa exibição de excelência.*

Vemos aqui, em contraste, o poder unificador de que são dotados os grandes mitos e símbolos numa cultura verdadeiramente orgânica e autopropetuada. A Imagem da Ressurreição impulsiona todos os homens que se acham incluídos na Cristianidade a se mostrarem da melhor forma e a se autodinamizarem em algum tipo de auto-renovação, como resposta ao *mythos* de Cristo, bem como ao chamado primaveril da natureza. Sempre que é encontrado, este símbolo enfatiza o valor da sintonia das atividades e disposições vitais de cada um com os padrões ritualísticos da sociedade ou da Terra-natureza, em vez de se agir em completa independência com relação ao grupo.

Neste segundo estágio do subciclo de cinco fases, o Coletivo domina o Individual, Yin supera Yang. Trata-se de um momento de conformidade àquilo que constitui os mais elevados ideais de uma cultura, assim como de PARTICIPAÇÃO NAS EXPERIÊNCIAS DE PICO COLETIVAS.

FASE 348 (PEIXES A 18°): NUMA TENDA GIGANTESCA, MORADORES DE UMA PEQUENA CIDADE ASSISTEM A UMA ESPETACULAR EXIBIÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *O apelo coletivo de uma demonstração bem realizada e excitante de habilidade e/ou oratória.*

No início, Marc Jones interpretou a "tenda gigantesca" como o local de uma reunião de renovação religiosa; mais tarde, sugeriu a tenda de um circo. De certa maneira, o sentido básico é o mesmo. Seja a tradicional apresentação de habilidosos palhaços, acróbatas ou domadores ou a de um fundamentalista religioso dramatizando um velho conjunto de imagens religiosas, há aqui o uso da realização e da convicção pessoais para levar uma multidão a um estado de entusiasmo suficiente para fazê-la esquecer-se do seu enfado com a rotina cotidiana ou dos seus pecados familiares de ação ou omissão.

Neste terceiro estágio da septuagésima seqüência quádrupla, o indivíduo particular e a coletividade são reunidos numa apresentação significativa que fortalece sutilmente, de forma direta ou indireta, o espírito comunitário. A implicação deste símbolo, quando quer que ele apareça em operação, é de que chegou o momento de o indivíduo atrever-se a apresentar cara o aplauso de sua comunidade ou com o fito de obter seguidores, sua própria personalidade e seus trabalhos. É sugerida uma AUTODRAMATIZAÇÃO PÚBLICA.

FASE 349 (PEIXES A 19°): UM MESTRE INSTRUINDO SEU DISCÍPULO.

IDÉIA BÁSICA: *A transferência de poder e de conhecimento que mantém ativo e sem desvios o Impulso espiritual e criativo do ciclo.*

O ideal hindu da relação sagrada entre gurú e chela (discípulo) recentemente tornou-se familiar a um vasto número de pessoas jovens e não tão jovens. A doutrina da "sucessão Apostólica" na Igreja Católica Romana reveste-se de um significado semelhante. O Poder e o conhecimento arquetípicos liberados "no princípio" de todo ciclo (ou no momento da "Criação") devem ser perpetuados até o Último Dia - o Ponto Ômega de que Teilhard de Chardin fala jubilosamente. Esse Poder é o "eu" da manifestação cíclica, o Tom imutável (AUM) de todas as existências presentes nesse ciclo. Ele pode ser transmitido do mestre para o discípulo na "Iniciação" deste último. Ele *deve* ser transmitido dessa forma, já que, quando a linha de transmissão (em sânscrito, *guruampara*) é interrompida, o processo cíclico começa a cair na futilidade e nas trevas espirituais.

O símbolo do quarto estágio fornece-nos uma indicação a respeito da suprema técnica necessária para assegurar a continuidade de todas as manifestações de poder e de compreensão espiritual. A transmissão é feita de pessoa a pessoa; segue um padrão geral e imutável e, não obstante, opera em termos de circunstâncias individuais e particulares. Palavra-chave: INVESTIDURA.

FASE 350 (PEIXES A 20°): UMA MESA POSTA PARA UMA REFEIÇÃO NOTURNA.

IDÉIA BÁSICA: *Uma indicação de que, no final, e no momento certo, as necessidades do indivíduo serão atendidas no meio daqueles a que ele se encontra ligado por intermédio de uma teia de energias de natureza espiritual ou biológica).*

O elemento significativo dessa cena não é apenas a refeição, mas o fato de ser uma refeição "noturna". Para usar o simbolismo tradicional, após uma longa cadeia de existências pessoais, a Alma retorna ao seu lar espiritual no final do dia da manifestação. Ali, encontra aquilo que renova e sustem amplamente; a alegria do "além da existência" é experimentada - se tudo tiver corrido bem.

Este último símbolo da septuagésima seqüência de cinco fases promete um final satisfatório ou realizador a tudo que se estiver empreendendo. Quando a vida está prestes a findar-se, a Alma-consciência encontra NUTRIÇÃO na colheita de tudo aquilo que, durante toda a vida, teve relevância para o propósito e o destino arquetípicos da Alma - um dos inúmeros aspectos da divina palavra criadora que iniciou o ciclo.

SEGUNDO NÍVEL: EMOCIÓN AL-CULTURAL

FASE 351 (PEIXES A 21°): SOB O ATENTO E GENTIL CUIDADO DE UM CRIADO CHINÊS, UMA GAROTA CUMULA DE CARINHOS UM PEQUENO CORDEIRO BRANCO.

IDÉIA BÁSICA: *O crescimento da consciência em sua mais elementar percepção tátil dos prodígios da vida não sofisticada.*

O símbolo nos relembra da Fase 174 (Virgem a 24°) - "Maria e seu cordeiri-nho" -, mas ocupa uma posição diferente na seqüência quántupla aqui apresentada, além de ser acrescido de um novo fator: o "criado chinês". De acordo com a tradição ocultista, a raça chinesa original foi uma extensão da humanidade (ou "raça-básica") que precedeu a nossa — daí a ênfase nos fatores biológicos da família e dos ancestrais, bem como no dualismo da interação entre Yin e Yang. O "criado chinês" representa o passado como um servo da nova evolução. (O "cordeiro branco" sugere o signo de todos os começos, Áries.) Essa nova evolução está prestes a iniciar-se no decorrer da última fase de Peixes do ciclo anual. Trata-se ainda de um ideal, um ingênuo encanto. A garota descobre o novo sentimento provocado pelo toque da lã e a sensação do calor animal. A seqüência quántupla precedente começou com um símbolo que sugere a revelação inspiradora de novas verdades ou fatos que a pessoa criativa procura formular. Agora, somos testemunhas de outro tipo de descoberta — uma descoberta sensualmente emocional, talvez um pressentimento de sentimento maternal.

Este é o primeiro símbolo da septuagésima primeira seqüência. Ele nos traz, juntos, passado e futuro, uma sobreposição de níveis. O chinês observa gentilmente a garota branca; a garota acaricia o cordeiro branco. Há charme e ingenuidade na cena - uma visão de INOCENTE ESPERANÇA, esperança de um futuro que apenas pode ser sentido, quase ingenuamente.

FASE 352 (PEIXES A 22°): UM PROFETA, PORTANDO AS TÁBUAS DA NOVA LEI, DESCE AS ENCOSTAS DO MONTE SINAI.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de trazer para o nível da existência cotidiana as claras compreensões manifestas numa grande experiência de pico.*

Este símbolo se refere, evidentemente, a Moisés, depois do recebimento, das mãos do Deus de seu povo, dos princípios básicos a partir dos quais deve ser fundada uma nova religião e, o que é mais importante, um novo ritual de vida. Essa "Lei" básica deve ser "trazida para o nível da existência cotidiana". Ela representa uma descida do poder formador e estruturador, uma divina Revelação. Esse tipo de conhecimento revelado contrasta com o tipo de entendimento nascido da experiência do toque, do sentimento, do calor do contato.

Este símbolo de segundo estágio retrata um processo a que foi atribuído no passado um caráter de doação divina, mas que, em nossos dias, vem sendo investigado nos níveis pessoal e psicológico. A questão importante é: que fazes *depois* de teres tido uma experiência de pico, uma revelação interior? A palavra-chave MANDATO é a apropriada, mas o problema básico consiste em como cumprir esse mandato com o espírito apropriado.

FASE 353 (PEIXES A 23°): UM MÉDIUM "MATERIALIZADOR" FAZENDO UMA SESSÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A capacidade de dar um pouco da própria energia vital para substanciar os próprios ideais conscientes ou desejos inconscientes.*

A pessoa que acredita ter uma missão ou mandato, ou algum dom especial que a revestir-se de valor para sua comunidade, deve substanciar essa crença. Tem de dar resultados. Por vezes, isso envolve dificuldades e condições ou circunstâncias especiais; sempre requer, em algum grau, a doação de algum valioso poder que é profundamente próprio da pessoa. O pensamento de sacrifício foi sugerido pelo "cordeiro branco" no primeiro símbolo desta série quántupla. Algo precioso envolvido numa experiência profundamente pessoal deve ser entregue, oferecido a outros. A substância psíquica do médium fornece os materiais tornados visíveis nos fenômenos, se estes últimos forem genuínos. Após a sessão, o médium costuma estar exausto. O realizador dá um pouco de sua própria vida à realização.

Este símbolo se refere ao terceiro estágio do septuagésimo primeiro processo de cinco fases. A exibição de energia psíquica que o símbolo descreve pode ser interpretada de forma positiva ou negativa, a depender dos motivos que induziram o "médiun" a fazer a sessão. Em seu aspecto mais construtivo, sugere a palavra-chave SUBSTANCIAÇÃO. O aspecto sombrio do processo é "engano".

FASE 354 (PEIXES A 24°): NUMA PEQUENA ILHA, PERDIDA NO MEIO DA IMENSIDÃO DO MAR, VÊM-SE PESSOAS VIVENDO NUMA ESTREITA INTERAÇÃO.

IDÉIA BÁSICA: *A necessidade de aceitar conscientemente as próprias limitações, a fim de concentrar as próprias energia e viver uma vida centrada e plena.*

Toda pessoa individualizada é uma pequena ilha no vasto oceano da humanidade. O ego cumpre uma função necessária, já que fixa fronteiras e confere um caráter específico à consciência. No interior dessas fronteiras, um complexo intercâmbio vinculador e integrador dos vários aspectos da vida pessoal pode operar de modo construtivo. Com o tempo, essas fronteiras do ego podem, não apenas expandir-se, como também tornar-se uma área de intenso intercâmbio entre o interior e o exterior, entre o indivíduo e a comunidade, entre o homem e o universo.

Este símbolo de quarto estágio diz-nos que a primeira tarefa de todo homem e de toda mulher consiste em ser fiel àquilo que ele ou ela são como indivíduos. Mas esse indivíduo tem um *dharma* particular, isto é, um lugar e uma função num todo mais amplo. Os habitantes da ilha obtêm a subsistência do mar e, com o passar do tempo, aprendem a navegar nesse mar e interagem com habitantes de outras ilhas — e todos, por fim, chegarão a compreender sua unicidade no âmbito de toda a Terra, o que inclui tudo. Uma palavra-chave apropriada seria CENTRALIZAÇÃO.

FASE 355 (PEIXES A 25°): UMA ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA É BEM-SUCEDIDA NA TAREFA DE SUPERAR A INFLUÊNCIA CORRUPTORA DE PRÁTICAS PERVERTIDAS E IDEIAS MATERIALIZADOS.

IDÉIA BÁSICA: *O poder da Alma no sentido de intervir na vida pessoal e de induzir catarses necessárias.*

A necessária centralização da atenção e da vontade conscientes, simbolizada no quadro precedente, leva mais freqüentemente a resultados negativos — exclusivismo, orgulho, ciúmes, ambição de poder e de riqueza. Todo homem é uma Igreja que tem uma Alma como seu deus, mas a maioria dos homens se esquece da Alma e vive de acordo com regras e hábitos de natureza dogmática, que não apenas se esvaziam de sentido interior, mas que, com muita freqüência, foram pervertidos pelas exigências dos sentidos e da natureza emocional, bem como pelo ego, com seu intelecto racionalizante. Uma purgação ou catarse faz-se necessária, a fim de restaurar não apenas a espontaneidade revigorante e criativa, como também, e mais ainda, o contato com a Alma e o *dharma* ordenado por Deus.

Este é o último estágio do septuagésimo primeiro subciclo. Leva significativamente à série de cinco símbolos que conclui o vasto ciclo, pois a consumação final do processo de atualização da potência inerente ao Ato Criador original requer momentos de crise de PURIFICAÇÃO.

TERCEIRO NÍVEL: INDIVIDUAL-MENTAL

FASE 356 (PEIXES A 26°): OBSERVANDO A TÃO TÊNUE LUA CRESCENTE APARECER AO PÔR-SOL, PESSOAS DIFERENTES COMPREENDEM QUE CHEGOU O MOMENTO DE DAR PROSSEGUIMENTO AOS SEUS DIFERENTES PROJETOS.

IDÉIA BÁSICA: *Uma aguda apreciação do valor de que se revestem as respostas individualizadas a todo desafio que a vida apresenta.*

A notação original, bastante obscura, para este grau zodiacal - "Uma lua nova que divide suas influências" —, quando traduzida em termos práticos, refere-se ao fato de que, diante da oportunidade de expandir a própria energia ao longo de novas linhas, os indivíduos modernos reagem de acordo com seus próprios caracteres pessoais. Um único impulso cósmico-espiritual levará essas diferentes personalidades a dar passos igualmente diferentes entre si. Em toda sociedade que

glorifica o individualismo, todos devem aceitar, por conseguinte, esse fato, não tentando compelir outros indivíduos a se conformarem a um único padrão de resposta.

O primeiro símbolo da septuagésima segunda e última série de cinco símbolos enfatiza a natureza essencial do processo cíclico de atualização do potencial humano, isto é, a emergência do indivíduo (cf. o símbolo da Fase 1). Isso deve levar a uma compreensão da FALÁCIA DO TOTALITARISMO. Por vezes, todos podem agir como despostas, exigindo que os outros reajam a toda situação exatamente como reagimos.

FASE 357 (PEIXES 27°): A LUA DA COLHEITA ILUMINA UM CLARO CÉU OUTONAL.

IDÉIA BÁSICA : *A luz da realização, que abençoa o trabalho bem feito.*

Por razões astronômicas, a lua cheia do início do outono, a lua da colheita, parece ligeiramente maior que todas as outras luas cheias. No Hemisfério Norte, de clima temperado, os dias da lua da colheita são os dias em que os verdes campos e florestas de verão tornaram-se dourados e plenos de um quente tom amarronzado — dias para a feitura de uma boa colheita, se tudo tiver corrido bem. Este símbolo traz até nós a mensagem de que chegou a hora de colher aquilo que, não apenas semeamos, como também cultivamos - ou não conseguimos cultivar.

Este segundo estágio apresenta um símbolo que, mais uma vez, se opõe ao do estágio precedente - tendo a lua nova passado a ser lua cheia e, na verdade, a mais cheia das luas cheias. A palavra-chave é CONSUMAÇÃO. Mas, nessa consumação - esse momento "cármico" -, a semente da nova manifestação cíclica já está latente.

FASE 358 (PEIXES A 28°): UM FÉRTIL JARDIM SOB A LUA CHEIA REVELA UMA VARIEDADE DE VEGETAIS PLENAMENTE DESENVOLVIDOS.

IDÉIA BÁSICA : *A plena satisfação das necessidades básicas do indivíduo.*

Este símbolo pode parecer uma reprodução do precedente, mas, quando relacionado com o primeiro símbolo desta série quádrupla (Fase 356), tem seu significado esclarecido. Há, agora, não uma ênfase sobre a própria lua cheia, nem sobre sua luz, mas o *poder* da lua no sentido de levar à manifestação da necessidade instintiva de crescimento; várias coisas diferentes respondem de várias maneiras diferentes. O símbolo faz referência a um jardim típico, e não a um campo. Um tal jardim contém uma variedade de plantas, ervas e vegetais, cultivados especificamente para atender a uma igual variedade de necessidades e gostos humanos.

Nesse sentido, o terceiro símbolo da septuagésima segunda seqüência combina os significados dos dois primeiros. Trata-se de um símbolo de ABUNDÂNCIA, uma abundância adequada a requisitos e desejos individualizados.

FASE 359 (PEIXES A 29°): A LUZ DESDOBRANDO-SE EM MUITAS CORES AO PASSAR POR UM PRISMA.

IDÉIA BÁSICA: *O poder analítico da mente, necessário à formulação dos processos de vida em seus vários aspectos.*

Os ciclos de existência começam na unidade e terminam naquilo que denominei "multiunidade". No estágio de consumação, as múltiplas diferenças individuais são totalizadas; elas constituem uma soma. Dentro dessa soma — um total unificado —, está implicada a inevitabilidade dos futuros processos de diferenciação, já que todo ciclo deixa uma massa de resíduos que retornam vagarosamente ao estágio inconsciente de matéria química, de "húmus". O símbolo diz que a unidade sempre se desdobrará outra vez em multiplicidade. O "prisma" sempre está presente. Não há unidade absoluta; se uma coisa pode ser chamada "absoluta" é o *relacionamento* entre o Um e o Muitos.

Este símbolo de quarto estágio da seqüência quádrupla de fases que conclui o ciclo aponta para o tipo fundamental de operação presente em todas as modalidades de existência. A mais bela (e aparentemente eterna) experiência de unidade será superada, com o passar do tempo, pela necessidade de dar conta de uma multiplicidade de detalhes. E existência implica DIFERENCIAÇÃO.

FASE 360 (PEIXES A 30°): UMA MAJESTOSA FORMAÇÃO ROCHOSA SEMELHANTE A UM ROSTO É IDEALIZADA POR UM GAROTO, QUE A TOMA COMO SEU PRÓPRIO IDEAL DE GRANDEZA E QUE, À MEDIDA QUE CRESCE, VAI FICANDO SEMELHANTE A ELA.

IDÉIA BÁSICA: O poder dos ideais claramente visualizados no sentido de moldar a vida do visualizador.

A história de Nathaniel Hawthorne, "O Grande Rosto de Pedra", é usada aqui num sentido alegórico, para mostrar a capacidade latente de autotransformação do homem. Esse poder pode ser desenvolvido por meio da visualização, quando as emoções e a vontade são concentradas na imagem mental visualizada. No nível espiritual-cósmico mais elevado, esse é o poder usado pelos Seres semelhantes a Deus, no final de um ciclo cósmico, para projetar a Fórmula básica (a Palavra) que iniciará um novo universo. Num sentido biológico, trata-se do poder latente em todas as sementes — o poder de produzir e de orientar o crescimento da futura planta. Um símbolo sobremodo adequado para a última fase do processo cíclico. No interior do ciclo, a semente de um novo começo existe em potência - a não ser que todo o ciclo se mostre um fracasso.

Este é o último estágio da última cena do grande jogo ritual de transformação cíclicas. Ele nos traz a compreensão do poder dos arquétipos como fatores que condicionam processos de vida. Assim, podemos usar, como palavra-chave final: ARQUETIPALIZAÇÃO.

PARTE III A ESTRUTURA NUMÉRICA DAS SÉRIES ZODIACAIS

1. Relações Binárias Entre Signos Zodiacais

TENDO REFORMULADO E INTERPRETADO, DE FORMA SIMPLES E EM ordem seqüencial, os 360 símbolos produzidos pela notável revelação de que Marc Jones e Elsie Wheeler participaram em 1925, dedicarei minha atenção às várias formas pelas quais esses símbolos se inter-relacionam geométricamente. Antes, porém, permitam-me lembrar-lhes que os símbolos foram visualizados pela clarividente de maneira completamente aleatória e numa extraordinária velocidade, sem que se soubesse a qual grau zodiacal os quadros visualizados pela clarividente se referiam — urna questão discutida extensamente no segundo capítulo da Parte I.

Como esses símbolos efetivamente representam as 360 fases de um processo cíclico completo e auto-realizado, há entre eles um inter-relacionamento, tendo sua seqüência um caráter essencialmente funcional. Isso pode não ser evidente à primeira vista e, com freqüência, não foi compreendido. Para ter consciência do caráter funcional da seqüência, é necessário, em primeiro lugar, aceitar a idéia de que todo o conjunto de 360 símbolos forma um todo, com uma estrutura geométrica completa, bem como com um ritmo específico de desdobramento — assim como de que o processo cíclico que o conjunto representa tem um propósito básico.

Esse propósito é, pelo menos, sugerido pelos símbolos primários, que compõem uma chave holística do significado do processo. Esses símbolos referem-se aos três momentos essenciais de todos os processos cíclicos: o início, o meio e o fim. Esses momentos são com freqüência representados pelas letras gregas alfa, mu e ômega. Eles correspondem à Fase 1 (Áries a 1°), à Fase 180 (Libra a 1°) e à Fase 360 (Peixes a 30°).

O símbolo de Áries a 1° afirma duas coisas: (1) todo novo ciclo de atividade implica a emergência do Oceano infinito de potencialidade — as "grandes Águas do Espaço", de acordo com a terminologia ocultista; e (2) todo novo começo encontra-se cercado pelos fracassos pelo menos relativos dos ciclos passados. Logo, cada novo começo deve superar o impulso (ou carma) de retrocesso ou de "retorno para o mar" do passado. A superação é possibilitada pelo uso de uma perspectiva objetiva e distanciada (símbolo de Áries a 2°) e, daí por diante, pela compreensão de que todo indivíduo é não apenas parte de um "Todo mais- amplo", como também um microcosmo desse macrocosmo (Áries a 3°). É necessária uma polarização de energia (Áries a 4°) para atualizar essa

compreensão. A partir dessa polarização, deve-se desenvolver uma "capacidade de autotranscendência" que permitirá, por fim, o atingimento de um nível mais elevado de consciência (Áries a 5°).

Essa seqüência quádrupla de símbolos constitui a afirmação alfa na origem dos ciclos, pelo menos dos ciclos pertinentes ao desenvolvimento da consciência do homem e do seu potencial de ser, primeiro como indivíduo e, presumivelmente, também em termos de toda a evolução da humanidade. O potencial deve ser atualizado no estágio ômega do ciclo. Esse estágio é simbolizado de várias formas pelos quadros vinculados aos últimos graus de Peixes. Toda a Cena Vinte e Quatro deve ser cuidadosamente estudada, mas o símbolo da Fase 360, apresentado sob a capa de uma alegoria retirada da história de Hawthorne, "O Grande Rosto de Pedra", é bastante explícito. Aquilo que surgiu, de modo instintivo e subjetivo, na Fase I, alcançou o ponto em que se torna completamente identificado com o próprio propósito de sua emergência. A potencialidade torna-se atualidade, o impulso criador (o Logos, o Verbo do princípio) é encarnado no indivíduo particular, que se transformou na semelhança do seu próprio ideal.

De que forma pode essa *transformação* ser realizada? Uma vez interpretados de modo claro, os símbolos do ponto intermédio do ciclo contam a história de maneira sobremodo significativa. O símbolo de Virgem a 30° (Fase 180) diz-nos que quando uma pessoa atinge o ponto intermediário de sua evolução - o que na vida humana pode ser aos trinta e cinco ou aos quarenta e dois anos de idade, a depender do nível de evolução de cada um — ela deve estar "inteiramente voltada para a complementação de uma tarefa imediata" e "indiferente a todos os fascínios". Essa atenção concentrada pode levar à "Iniciação". Tendo deixado de lado as variáveis e desnecessárias buscas da existência humana, o indivíduo torna-se plenamente consciente daquilo que é arquetipicamente - portanto, do lugar que ocupa, ou pode ocupar, no *registro permanente* do Homem.

Os símbolos de Libra a 2°, 3°, 4° e 5° trazem mais luz ao símbolo um tanto misterioso de Libra a 1°. A metamorfose que leva à revelação do arquétipo-semente de cada um (borboleta) requer uma "repolarização de energias interiores". Essa re-polarização lança uma luz transformadora sobre tudo que até agora vinha sendo visto, tão-somente na relativa obscuridade da consciência da mente. Além disso, a luz deve ser sustentada, não apenas pelos esforços do indivíduo isolado, como também por um grupo de companheiros seus; sua dedicação conjunta traz inevitavelmente o Mestre-Exemplo, que lhes transmite conhecimento e poder.

Com efeito, ao considerar esses símbolos, é possível obter, tão-somente, um vislumbre daquilo que está envolvido no processo cíclico de transformação. A estrutura interna do ciclo — e, portanto, o caráter do próprio tempo, pelo menos em termos de experiência humana - torna-se evidente quando a seqüência anual de mudanças sazonais é usada como modelo. Esse modelo revela que todos os processos de vida - pelo menos na Terra - implicam a existência de duas forças opostas e complementares, denominadas Yin e Yang pelos filósofos chineses. No tocante à experiência sazonal do homem com a luz e as trevas, referi-me a estas últimas pelas denominações Força do Dia e Força da Noite, respectivamente.^{16*} O hemicíclo em que a Força do Dia é dominante (primavera e verão) testemunha a atualização do potencial de individualização, a formação e o crescimento de formas específicas e respostas individuais a situações de vida. O hemicíclo em que a Força da Noite é dominante (outono e inverno) acentua os valores e ideais coletivos de maneira que unidades simples possam agregar-se entre si e tornar-se integradas em todos mais amplos.

Na interação entre Força do Dia e Força da Noite, observam-se quatro momentos característicos: os equinócios e os solstícios. Na seqüência zodiacal, correspondem a Áries a 1°, Câncer a 1°, Libra a 1° e Capricórnio a 1°. Constituem fases críticas de ajustamento e os antigos astrólogos-filósofos simbolizavam esses quatro estados críticos de consciência e formas de existência substancial como Fogo, Água, Ar e Terra. Ao estudar a estrutura básica do tempo cíclico, estamos lidando, por conseguinte, com um padrão quaternário que revela a constante interação de dois princípios polarizadores da atividade. Quando o astrólogo faz referência ao Fogo e à Água, deve ter em mente a operação de dois tipos de atividade e de consciência requeridos para o processo integral de indivi-

¹⁶ Cf. *The Pulse of Life*.

dualização. Esse processo opera em vários níveis: biológico, psicomental e espiritual - estando este último, com raríssimas exceções, além da compreensão da humanidade em seu atual estado.

No nível biológico, o Fogo se refere a tudo que torna possível o crescimento dos organismos a partir do estado germinal (estado alfa); a Água, a tudo que possibilita a manutenção e a propagação consistentes e rítmicas do organismo. Nesse mesmo nível, o Ar se refere aos processos de interação entre organismos simples que vivem num ambiente particular - uma interação de cujos propósitos os organismos vivos não têm consciência até que seja alcançado um estado particular da evolução humana. Esse estado existe, no princípio, num nível local-regional; isso leva à formação de uma variedade de culturas que mantêm algumas poucas características arquetípicas ou paradigmas. Então a humanidade, lenta e muitas vezes tragicamente, evolui na direção — e por fim o alcançará — do nível da interação global-planetária. O quarto "elemento", a Terra, refere-se ao processo de *consolidação* dos padrões produzidos pelas interações que se tiverem mostrado mais adequadas ao propósito da vida.

A atribuição das características do Fogo, da Água, do Ar e da Terra aos signos zodiacais não críticos (isto é, os signos fixos e mutáveis) tem apenas um sentido secundário, quando consideramos o processo em termos de uma sucessão de passos ciclicamente repetidos. Mas o ciclo como um todo pode ser estudado, da mesma maneira, em termos da *relação espacial* entre suas várias fases; essa é a abordagem que tem sido enfatizada no ensino da astrologia. Por conseguinte, considera-se o processo cíclico um círculo dividido em 12 seções — os signos zodiacais. Essas seções — bem como suas subseções, os decanatos e os graus do zodíaco - podem ser relacionadas umas com as outras *geométricamente*. Essas relações são chamadas "aspectos". Por meio da análise dos aspectos, estudamos a estrutura interna do todo. Trata-se de uma estrutura "arquetípica". Na existência real, toda fase segue outra, numa *relação temporal*. E, no entanto, uma consciência capaz de abarcar todo um ciclo temporal de uma vez — consciência que denominei anteriormente consciência eônica — pode "geometrizar" o processo existencial. Ela pode operar no nível dos arquétipos.

A distinção entre conhecimento arquetípico (também chamado conhecimento existencial) e conhecimento existencial (ou empírico) muitas vezes foi obscurecida por discussões de cunho semântico e epistemológico, travadas por filósofos. Nada há de misterioso nisso; o mistério só se manifesta quando é tratado como uma distinção entre Ser e Vir-a-ser, sendo atribuídos a esses termos significados emocionalmente metafísicos que glorificam o primeiro (permanência) e degradam este último (mudança).

Não é possível discutir aqui as complexidades introduzidas, naquilo que deveria ser um conceito simples, por ideologias aguerridas, mas menciono esse fato porque é essencial entendermos o modo pelo qual todas as formas de simbolismo, e a astrologia mais do que todas as outras, usam duas abordagens opostas, embora complementares - a abordagem temporal (existencial) e a abordagem espacial (arquetípica). Veremos de vez o que isso envolve quando nos referirmos ao conceito de polaridade em astrologia.

Quando fala de Áries como signo "masculino" e de Touro como signo "feminino", o astrólogo aplica o conceito de polarização (ou, em termos gerais, de dualismo ou relação binária) aos dois signos, principalmente, se não exclusivamente, em termos de *seqüência no tempo*: Touro segue Áries. Mas quando fala de Áries e Libra como "polaridades", refere-se à divisão de um círculo em dois semicírculos — *um fato do espaço geométrico*.

As duas abordagens apresentam a mesma validade, mas fazem referência a dois níveis distintos da experiência ou a dois tipos de conceito. Se considerarmos a astrologia uma ciência empírica baseada em regras tradicionais que devem ser memorizadas e aplicadas - regras cujo valor relativo pode ser determinado pela pesquisa estatística -, a diferença entre os pontos de vista geométrico e seqüencial não tem grande importância. Por outro lado, todos que pensam na astrologia como uma linguagem simbólica cujo propósito é revelar o significado essencial de situações de vida de todos os tipos devem tentar entender a filosofia subjacente ao simbolismo. Uma compreensão da distinção entre valores temporais e valores espaciais, entre as abordagens existencial e arquetípica do conhecimento, é muito importante aqui. A ambigüidade conceitual encontrada em praticamente todos os

campos da astrologia com muita frequência decorre de uma falta de diferenciação entre essas duas abordagens.

O tipo de polarização geométrica resultante de um aspecto de oposição — tal como o que há entre Áries e Libra — não é uma questão de experiência imediata na vida natural. A objetividade mental e algum grau de pensamento abstrato são necessários. Os dois fatores que se acham em oposição (isto é, com 180° de separação) *complementam-se* um ao outro no âmbito do esquema mais amplo do processo cíclico, da mesma maneira como Yin e Yang se complementam mutuamente. Mas, embora todo momento da vida e toda fase cíclica testemunhem a interação entre esses dois fatores cósmicos, a relativa vitória de Yang sobre Yin durante a primavera não é *experimentada* ao mesmo tempo — nem pode ser imediatamente relacionada com ela — que a ascendência outonal de Yin sobre Yang.

Por outro lado, Áries *precisa de* Touro (o signo que o segue) para "confirmar" - isto é, dar firmeza substancial a - seu impulso "irrequieto" na direção da existência individualizada num campo de atividade claramente delimitado e bem definido. Áries precisa de Touro da mesma maneira como um homem precisa de uma mulher — da mesma forma como um tipo de atividade altamente projetivo requer o controle de sua franca expansividade ao longo de um caminho circular que estabeleça as fronteiras da vivência e da experiência personalizadas. Do mesmo modo, Gêmeos precisa de Câncer, tal como a curiosidade multidirecional voltada para o conhecimento e para as experiências variadas requer o eventual estabelecimento de um centro, bem como a aceitação consciente de limites; e, sem os fatores críticos moderadores relacionados com Virgem, o ego emocionalmente criativo, forte em Leão, perder-se-ia numa dramaticidade vazia.

Os signos "masculinos" precisam ser *confirmados* pelos signos "femininos" que os seguem imediatamente. Em toda experiência, o futuro age sobre o presente, tal como o impulso regressivo ou cármico do passado afeta o presente em transição. Os dois signos em seqüência constituem, por conseguinte, *um par operativo*. Áries e Libra bem como todos os signos opostos, não o fazem: referem-se a atividades que podem ser vistas como complementares apenas em termos da harmonia do Todo zodiacal.

SE ESSES CONCEITOS BÁSICOS FOREM BEM ENTENDIDOS, SERÁ FÁCIL ver como os símbolos sabeus para os primeiros graus de todos os doze signos zodiacais se enquadram no padrão. *Todo símbolo de primeiro grau* estabelece uma idéia básica (ou potencial de desenvolvimento significativo) para todo o intervalo de 30° do signo. Denomino os símbolos dos seis signos conhecidos como signos masculinos (Áries, Gêmeos, Leão, Libra, Sagitário e Aquário) "símbolos-raiz"; aos dos seis signos femininos, "símbolos de confirmação".

O símbolo-raiz de Áries a 1° (*Uma mulher recém-saída do mar; uma foca a abraça.*) é confirmado pelo símbolo de Touro a 1° (*Um límpido córrego da montanha*). Na primeira cena simbólica, vemos um ser humano que acabou de emergir do vasto oceano das potencialidades inconscientes - o impulso regressivo na direção de um passado de fracasso ainda cerca a emergência da mulher no campo da atividade consciente e individualizada — isto é, a terra seca. Essa emergência será bem-sucedida? A "transformação" representada em potencialidade pelo símbolo de Áries a 1° se atualizará? A "terra" sustentará a vida, o fundamento da consciência individualizada? O símbolo de Touro a 1° "confirma" essa possibilidade de sucesso; o puro regato da montanha tornar-se-á o grande rio em cujas margens se desenvolverá uma rica vegetação, depois uma cultura tribal e, mais tarde, uma cidade. O rio é uma forma individualizada de água. A água foi retirada do mar sob a forma de nuvens e caiu como chuva ou neve sobre a montanha. Com o tempo, o rio retornará ao mar, com sua água carregada de impurezas e resíduos produzidos pelas criaturas da biosfera — em especial, por seres humanos cuja consciência opera, em nossos dias, em termos de destruição da matéria (o que implica, inevitavelmente, resíduos) e de análise intelectual (o que produz um enorme montante de resíduos psíquicos).

Como o ser humano emergente necessita da garantia de que, na terra, haverá água para sustentar a vida, o símbolo de Touro a 1° confirma as chances operacionais de sucesso para o processo que se inicia com Áries a 1°. Da mesma maneira, o símbolo de Câncer a 1° (*Num navio, os mari-*

nheiros baixam uma velha bandeira e hasteiam uma nova.) "con-firma" aquilo que não era mais que um potencial na Fase 61 do ciclo, Gêmeos a 1° (*Um barco de casco transparente revela maravilhas submarinas*). Esse símbolo de Gêmeos a 1° refere-se à primeira percepção consciente da existência de um mundo de formas e energias escondidas ("ocultas") por parte da mente em vias de individualização. Num nível mais comum, o garoto que nasceu numa fazenda remota descobre, quando inicia seus estudos universitários, que sua mente é inspirada (e, possivelmente, confundida!) pelos conteúdos de milhares de livros e experiências desconhecidas. Poderá ele agir construtivamente em termos desse vasto e até então msuspeitado conhecimento? O símbolo de Câncer a 1° confirma essa possibilidade. Ele pode preferir operar em termos de novos ideais e de um novo sentido de valor. Como indivíduo consciente, ele pode transferir sua lealdade a um tipo de atividade que ultrapasse o nível local ou biológico.

Isso pode produzir, por sua vez, resultados simbolizados pelos quadros que acompanham Leão a 1° (Fase 121): *O sangue afluí para a cabeça de um homem quando as energias vitais deste são mobilizadas sob o influxo da ambição*. Esse símbolo foi anotado, nos cartões sabeus originais, de forma peculiarmente negativa; na verdade, o processo de "mentalizaçãb" das energias biológicas do corpo pode ser visto sob uma ótica negativa. Trata-se de um processo perigoso, tal como a própria civilização! A transmutação de energias requerida pelo desenvolvimento de uma mente individualmente criadora, mesmo quando centrada no verdadeiro eu, tende, no início, a quebrar a harmonia da natureza, tanto dentro do indivíduo quanto no âmbito de sua sociedade. Isso tem sido responsável pela prevalência das doenças cardíacas, bem como pela incapacidade corporal de eliminação das toxinas e resíduos produzidos pela tensa atividade do ego que busca controlar e usar energias biológicas para seus próprios objetivos - o que significa, em geral, auto-engrandecimento. Mas o símbolo de Virgem a 1° (*Num retrato, os traços significativos da cabeça de um homem são artisticamente acentuados.*) confirma a possibilidade de sucesso, pois um retrato revela a transformação interior produzida pela vontade de auto-expressão individual, uma transformação vista, de maneira mais característica, nos traços e na expressão do rosto.

Se nos voltarmos agora para Libra a 1° e para o seu enigmático símbolo (*Numa coleção de espécimes perfeitos de muitas formas biológicas, uma borboleta exhibe a beleza de suas asas, com seu corpo perfurado por um delicado alfinete.*), entraremos no segundo hemicycle do processo de transformação. Esse hemicycle lida, essencialmente, com a tendência de coletivização - isto é, o domínio do princípio Yin ou Força da Noite. O símbolo de Libra a 1° implica que, se a humanidade deseja tornar-se um todo global organizado, deverá agir de acordo com o arquétipo do Homem. Em outras palavras, a ação de grupo é necessária para atualizar o pleno potencial da natureza humana - podemos dizer, toda a "Idéia" que Deus tinha do Homem. Inversamente, se uma coletividade de seres humanos desejar ser bem-sucedida, deve modelar sua estrutura e Comportamento na divina Idéia. As Manifestações Divinas, ou Avata-res, vêm para revelar o caráter e as implicações dessa Idéia, tanto a indivíduos, que se tornaram "iniciados" por meio do sacrifício de sua vida cambiante do ego, como a "grupos seminais" que, tendo crescido por meio de muitas crises e expurgos, produzem uma nova cultura e uma nova sociedade.

O símbolo de Escorpião a 1° (*Um apinhado ônibus de excursão numa rua da cidade.*) sugere que a transição, das estreitas fronteiras de uma consciência do ego, regida por padrões biológicos terrenos de atividade, para o campo mais amplo da vida grupai de "cidadãos" animados por um sentido mais amplo de relacionamento interhumano, é possível. Nossas modernas cidades e seus competitivos e alienados cidadãos não oferecem senão uma caricatura daquilo que a "Cidade Santa" (a Nova Jerusalém ou Shamballah) deve ser; não obstante, o processo de expansão tem continuidade, mesmo que, para isso, lance mão da glorificação dos reflexos negativos da Idéia arquetípica.

Com Sagitário a 1°, chegamos a um quadro de um tipo mais coesivo de coletividade, que tem como base o compartilhamento das labutas e rigores (*Veteranos aposentados do exército reúnem-se para reavivar velhas lembranças*). A vida em grupo produziu aquilo que poderia ser, *teoricamente*, uma elite de homens cujo caráter e cuja vontade foram forjados pela superação de perigos enfrentados coletivamente. Mas para que serve essa longa batalha? O símbolo de Capricórnio a 1° (*Um*

chefe indígena reivindica o poder à assembleia tribal.) confirma a validade dessa batalha, assim como a validade do treinamento especial que ela envolve. Esses esforços possibilitam a reivindicação e a obtenção do poder - um tipo de poder que resulta da interação social e da atividade organizada no nível "político". (*Polis é a palavra grega para "cidade".*)

O símbolo de Aquário a 1° (*Uma velha missão de adobe na Califórnia.*) refere-se aos resultados institucionalizados dos esforços empreendidos por uma coletividade de homens movidos por um ideal ou por um objetivo nacional ou religioso. Uma sociedade demonstra sua capacidade de expandir-se significativamente quando deixa uma marca social, religiosa e cultural numa terra estrangeira. Mas essa luta vale realmente a pena? O símbolo de Peixes a 1° (*Num mercado apinhado, produtores e intermediários exibem uma grande variedade de produtos.*) confirma que sim, pelo menos no nível da comunidade. As instituições podem durar ou ruir, mas o impulso que vem delas estabeleceu um contínuo comércio ou interconexão de seres humanos que faz a vida mais rica e confortável para uma comunidade de pessoas. *O nível da consciência humana* foi elevado por meio da expansão de pontos de vista e de interesses. É produzida uma circulação de valores que vai construindo gradualmente a "Comunidade Universal do Homem" (nas palavras de Thomas Jefferson).

Assim sendo, o processo cíclico passou do indivíduo inseguro que emerge da expansão inconsciente do ser para o organismo social maior de uma cultura inspirada por ideais e alvos transcendentes. A implicação para o indivíduo particular é uma transformação de sua consciência e um desenvolvimento de sua mente e de seus poderes, tendo em vista que somente por meio de complexas relações - complexas e variadas, mas dentro de um campo estruturado de atividades de grupo - pode a consciência do homem expandir-se e alcançar um nível superior de compreensão.

PELO QUE VIMOS PRECEDENTEMENTE, FICA EVIDENCIADO QUE O ciclo zodiacal deve ser dividido em seis pares, em vez de doze signos mais ou menos independentes uns dos outros. A totalidade do ciclo diferencia-se naturalmente num padrão séxtuplo; por conseguinte, o número 6 desempenha um papel básico na vida, pelo menos no nível em que a consciência alcança *objetividade*. Designamos esse tipo de consciência por "autoconsciência" (ou, como a chamava Teilhard de Chardin, "consciência reflexiva"), pois as impressões que constituem os dados brutos da consciência remetem, nesse estágio, a um "centro" - isto é, a um experimentador capaz de dizer "Eu" e "Eu experimento, logo existo" (uma afirmação mais significativa que o famoso enunciado de Descartes, "Penso, logo existo").

A seqüência de 64 fases do I Ching simboliza as interações cíclicas de dois Princípios, Yin e Yang; mas não há um centro evidente do grande símbolo Tai Chi. Os próprios hexagramas, como formas geométricas, têm uma forma um tanto quadrada. Por outro lado, onde é enfatizada a natureza séxtupla do processo de diferenciação, a figura geométrica circular já mencionada na página 30 nos vem naturalmente à consciência: isto é, a figura que apresenta 6 círculos contíguos de igual diâmetro em torno de um círculo central com o mesmo diâmetro. O círculo central se refere a

auto, na palavra "autoconsciência". E o indivíduo particular no centro de seu mapa natal - o indivíduo, e não o globo terrestre! -, pelo menos do ponto de vista de uma astrologia "humanista" e centrada na pessoa.

Esse "auto" ["eu"] é o experimentador. Os seis círculos circundantes do símbolo geométrico representam os poderes básicos do experimentador, as seis maneiras essenciais pelas quais ele não apenas pode experimentar seu ambiente em todos os níveis, psíquico e espiritual-mental, mas também físico e biológico, como *responder* aos impactos do seu ambiente sobre si.

A capacidade de responder *conscientemente* a um impacto, em vez de apenas *reagir* química e eletricamente a ele, é a marca do homem autoconsciente. As reações fisiológicas são automáticas e instintivas, mas as "respostas" trazem em si, estritamente falando, a marca do experimentador individual. As "reações" em plantas e animais - e muitas vezes, na realidade, em seres humanos comuns - são "programadas" por um poder genérico, mas não individualizado. As "respostas" reais são autodirigidas; revelam e expressam a individualidade de uma pessoa.

Há sempre um certo grau de peculiaridade nas respostas de uma pessoa individualizada, mas é ainda mais importante o fato de o indivíduo usar conscientemente o *poder* (em sânscrito, *shaktí*), em vez de simplesmente liberar *energja*. O "poder" vem de um centro; a "energia" pode ser liberada de qualquer lugar no qual um impacto tenha sido registrado pelos sentidos e centros nervosos apropriados. Trata-se de uma distinção muito importante, embora raramente acentuada.

Onde há um centro, um experimentador, também há a capacidade de *usar poder*, e de usá-lo significativamente, para diferentes propósitos e, conforme progride a evolução, em diferentes níveis. Durante as Épocas "vitalistas", o primitivo usava poder, especialmente, no nível biológico. Era um cultivador e criador de gado, ocupado com o controle do poder de multiplicação das sementes vegetais e animais. Ele lidava com as energias da "vida" e adorava tudo o que estivesse vinculado a esse poder de multiplicação de sementes, que constitui a característica básica da vida. Ele entronizou o poder da vida no céu, identificando-o ou simbolizando-o com os "luminares" — o Sol e a Lua. E, como compreendeu que esse poder fluía e operava ciclicamente, de acordo com uma seqüência regular de modos de atividade, ele correlacionou essas *mudanças* sazonais com as posições do Sol e da Lua, traçadas contra o pano de fundo dos *padrões* aparentemente *imutáveis* produzidos por aqueles elementos que viriam a ser conhecidos por "estrelas fixas" — e, em alguns casos específicos, com o primeiro aparecimento de uma estrela no horizonte, num certo momento do ano.

A astrologia arcaica, que sem dúvida precedeu por milhares de anos os grandes períodos das sociedades egípcia e caldeia, lidava com o uso do poder para fins de sobrevivência e expansão do grupo. Mas, à medida que aumentava o tamanho das primeiras tribos e iam sendo desenvolvidas unidades sociais mais amplas, bem como cidades, foi acrescentado um novo nível de atividade e de consciência ao aspecto puramente biológico da vida. O poder social pode ser usado, tanto quanto o pode o poder da vida orgânica. A riqueza e outras vantagens sociais podem ser multiplicadas, tal como o pode a semente física. O nível de atividade a que nossa cultura mundial se refere pode ser comparado com o do cultivo biológico, mas dispõe de maior suscetibilidade de diferenciação e de expansão que este, mesmo que as atividades sócio-culturais devam depender, em larga medida, da operação satisfatória de processos de natureza biológica.

Não obstante, enquanto o poder bipolar de vida, simbolizado pelos Luminares, permanece sendo o fundamento do poder para o homem, os muitos sobretons da vida socio-cultural e suas variadas e sempre mutantes combinações apresentam um novo campo para o desenvolvimento do indivíduo. Trata-se do campo da mente e da complexidade infinita dos padrões de sensação-resposta que emergem para responder a experiências cada vez mais variadas, resultantes dos relacionamentos interpessoais e intergrupais. Esse novo campo foi relacionado, pelos astrólogos de antigamente com os planetas e com seus ciclos rítmicamente interconectados.

Há uma importante distinção entre o poder bipolar primordial da vida (Sol-Lua) e os poderes secundários diferenciados gerados por relacionamentos interpessoais e grupais no nível socio-cultural (os planetas). Infelizmente, essa distinção tem sido amplamente esquecida ou descartada pelos astrólogos modernos. Ela é importante nos termos deste estudo, porque nos encontramos diante de dois tipos de diferenciação do Poder central do universo, podendo a diferença afetar a interpretação dos símbolos sabidos, bem como sua aplicação mais significativa a tipos variados de situação.^{17*}

Os "símbolos-raiz" discutidos nas páginas precedentes referem-se aos seis *modos de operação* fundamentais do poder vital único. Somados aos "símbolos de confirmação", caracterizam, em termos amplos, os pares de signos (*zyzygíes*) que dividem todo o processo zodiacal em seis períodos. Isto é, conforme se desenvolve o "ciclo de transformação" inteiro, seis grandes propósitos vão sendo trabalhados em seqüência. Deve haver, antes de tudo, a EMERGÊNCIA a partir do Imanifesto - as "grandes Águas do Espaço", ou Caos, no sentido metafísico. Isso se refere ao par Áries/Touro.

¹⁷ * Não posso discutir aqui a maneira pela qual os planetas diferenciam o poder indiferenciado e central do Sol. Tratei dessa questão, de várias formas, em três livros anteriores: *A Prática da Astrologia* (Pensamento, 1985), *New Mansions for New Men e Tríptico Astrológico* (Pensamento, 1988). Os planetas aquém de Saturno e o próprio Saturno referem-se a cinco centros básicos de atividade ou níveis de consciência do ser humano: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno. Os planetas que se encontram além de Saturno não "pertencem" necessariamente ao sistema solar como tal. Eles simbolizam os processos de transformação que operam no decorrer de uma transição entre o todo cósmico menor (o sistema solar ou "heliocosmo") e o todo cósmico maior, a galáxia.

Aquilo que emergiu deve passar por um período de DESDOBRAMENTO do seu potencial original de ser (Gêmeos/Câncer). Segue-se um período de EXPRESSÃO desse potencial em seu aspecto mais característico (Leão/Virgem). A au-to-expressão, tanto em seu aspecto criativo como em seu aspecto estrutural-técnico, leva a um novo nível de compreensão e de experiência, e assim alcançamos o estágio de REORIENTAÇÃO em termos dos valores e dos fatos básicos desse novo nível (Libra/Escurião). O passo seguinte implica um novo tipo de operação ou forma de poder; e COORDENAÇÃO é a palavra-chave do par Sagitário/Capricórnio. Vem então a CHEGADA simbólica À SEMENTE, que se refere ao par Aquário/Peixes.

Se considerarmos essa seqüência, e, talvez, se meditarmos acerca do significado de que se reveste, poderemos ver a maneira pela qual as palavras-chave podem ser aplicadas a muitos tipos de situações e de ciclos. Podemos explicar brevemente o modo como os símbolos sabeus para os primeiros graus dos dois signos de um par se enquadram na idéia básica do período do processo zodiacal que constituem.

1. ARIES simboliza todos os começos *no nível do poder vital*. Representa o início do processo de individualização, que leva ao estabelecimento de formas estáveis de existência. Todo novo nascimento constitui uma "emergência" a partir de uma matriz envolvente - assim como um processo de germinação, com toda a luta que envolve. O símbolo de Áries a 1º implica não apenas uma saída do mar, como também a entrada num novo campo da existência, a terra seca. O símbolo de Touro a 1 revela uma direção oposta ou polar do poder vital. "Um límpido córrego da montanha" *desce* para as planícies. Ele anuncia a possibilidade de vida na terra. Os dois símbolos, tomados conjuntamente, evocam o bem conhecido ciclo da água: oceano, nuvens, chuva, rio, oceano.

Na filosofia ocultista da Índia, esse modo de operação do poder de Vida universal (o *shakti* do Ser Supremo e da Consciência relaciona-se com o *Parashakti*, descrito por Subba Row como "o poder ou força grandes ou supremos. Significa e inclui o poder da luz e do calor".^{18*} Pode-se afirmar que "luz e calor" são os dois aspectos primordiais do poder cósmico que está por trás do desejo de ser de todo organismo vivo. "Ser" também significa "irradiar"; a qualidade de todo seré demonstrada pelo caráter de suas radiações.

2. Com GÊMEOS, chegamos a uma fase de revelação de potencialidades de existência previamente ocultas à consciência. Assim, esse signo representa uma avidez por experiências e conhecimentos de todos os tipos. O símbolo de Gêmeos a 1º é relevante porque a consciência de um indivíduo é semelhante a um barco que flutua sobre a imensidão das possíveis realizações. Aquilo que deve ser conhecido é infinito. Mas uma parte do barco é tornada transparente e muitas coisas ocultas são reveladas, especialmente se o piloto (teoricamente, o Mestre) se dirigir para as áreas mais significativas do ainda não conhecido mas passível de ser conhecido. A consciência individual que um dia emergiu do mar do Inconsciente ora se acha dotada de condições para descobrir objetivamente alguns de seus mistérios oceânicos.

Esse período de "desdobramento" corresponde ao poder chamado, em sânscrito, *Gnanashakti*. De acordo com Subba Row, esse poder apresenta dois aspectos:

1. Quando submetida à influência ou ao controle de condições materiais, manifesta-se particularmente como (a) o poder da mente na interpretação de nossas sensações; (b) seu poder de recordar idéias passadas (memória) e de criar expectativas futuras; (c) seu poder, tal como se apresenta naquilo que os psicólogos modernos denominam "leis da associação", leis que lhe permitem formar *conexões persistentes* entre vários grupos de sensações e de possibilidades de sensação e, portanto, de gerar a noção ou idéia de um objeto exterior; e (d) seu poder de conectar nossas idéias por meio do misterioso elo da memória e, portanto, de produzir a noção de eu ou de individualidade.

2. Quando essa *shakti* está liberta dos laços da matéria, algumas de suas manifestações são a clarividência verdadeira e a psicometria.

¹⁸ Subba Row, "The Twelve Signs of the Zodiac" (in *A Collection of Esoteric Writings of Subba Row*, Bombaim, 1917). Há citações desse artigo incluídas na edição original de *A Doutrina Secreta* de H. P. Blavatsky, vol. I, pp. 292-93.

No nível médio de consciência do homem moderno, esse poder de Gêmeos lida com a interpretação, associação e classificação de sensações e, num estágio posterior, de conceitos. Vem então a fase de Câncer, cujo propósito básico é estabelecer uma conexão persistente e permanente entre sensações e entre idéias. No caso das sensações, essas conexões produzem a noção de *objeto*; no caso das idéias, a noção de *identidade permanente ou eu*. O símbolo de Câncer a 1° retrata marinheiros prontos a hastear uma nova bandeira. Esse símbolo revela o desdobramento progressivo das potencialidades do indivíduo humano em sua busca periódica da re-forma dos padrões sobre os quais construiu seu sentido do eu, bem como sua orientação sobre a vida em geral. Um homem é aquilo que "pensa em seu coração", diz a Bíblia. Gêmeos "pensa", mas Câncer estabelece uma certa categoria de pensar no "coração", tornando-a uma "persistente" e "permanente" pedra fundamental para a vida pessoal. Não há desdobramento de ser que não ocorra por intermédio dessas duas fases de existência individual: a criação de categorias de pensamento e a criação de pa-d-^{EXIS}soais. O conhecimento e a auto-realização são formas assumidas por esse poder.

1 Com LEÃO, chegamos à capacidade de auto-expressão característica do ho-em Nos termos da diferenciação séxtupla do Poder original, trata-se, em sânscrito, d *ichchashakti*, "o poder da vontade". De acordo com Subba Row, "sua mais extraordinária manifestação é a geração de certas correntes nervosas que colocam em movimento os músculos necessários à realização de uma ação desejada".

Ich-cha é, literalmente, a energia do eu (/c/z). E a vontade consciente e deliberada do "eu", em contraposição com o impulso biocósmico ou espiritual de caráter essencialmente inconsciente a que compele a futura criança a emergir do útero ou provoca a ocorrência de todo novo começo cuja origem é o encerramento de um ciclo. Áries é essencialmente expressão de vida ou expressão de Deus (através de novas Idéias ou Impulsos criadores), ao passo que Leão é auto-expressâ"o. Assim sendo, o símbolo de Leão a 1° revela o resultado da concentração determinada e movida pela vontade que o indivíduo demonstra em seu esforço por alcançar o nível da mente criadora.

O símbolo de Virgem a 1° complementa esse quadro, ao enfatizar as características idealizadas de um homem, num retrato desenhado-por meio da habilidade do artista. A evolução humana requer não apenas o exercício do poder de auto-expressão (Leão), como também o poder da auto-expressão *seletiva* (Virgem). Ela requer, mais uma vez, um "padrão". Mas, enquanto o símbolo de Câncer falou de uma "bandeira" hasteada num navio - uma declaração *social* de lealdade e propósito (de "nacionalidade") -, o símbolo de Virgem descreve o "retrato" feito por um artista - portanto uma expressão idealizada que tem como origem a visão criadora e de uma irrupção *individualizada* que ultrapassa as aparências. Virgem lida com o estabelecimento de um *padrão de valores* individual e consciente - logo, com a faculdade de discriminação. A auto-expressão (Leão) sempre deve estar unida à discriminação (Virgem) se o indivíduo desejar realizar o significado básico do Homem.

4. Com o par formado por LIBRA e Escorpião, alcançamos um período de reorientação. Isso significa, literalmente, encontrar um novo Oriente, um novo Leste, uma nova Fonte de Poder; o Sol levante no leste sempre simboliza a fonte de poder e de vitalidade. Esse novo poder é o poder gerado por padrões permanentes de relações socioculturais interpessoais. Mas, como já afirmei, para ter um valor permanente e comportar um valor mais que pessoal, todo empreendimento comunitário deve ser a "incorporação" de um arquétipo, isto é, de uma idéia e de um ideal que são parte da estrutura e do propósito evolutivo do ciclo no qual toma forma. Assim sendo, a necessidade básica é de *visualizar* o arquétipo. Há várias maneiras pelas quais esse processo de visualização pode ocorrer — por exemplo, a maneira semi-inconsciente e inspiracional do grande artista criador ou a maneira dirigida de modo mais consciente de algumas meditações ocultistas. (Isso se refere ao símbolo da borboleta, de Libra a 1 .)

O termo sânscrito para esse poder é *Kriyashakti*: "O misterioso poder do pensamento que torna possível a produção de resultados externos, perceptíveis e fenoménicos, por meio de sua própria energia inerente." E, acrescenta Subba Row: "Os antigos afirmavam que qualquer idéia se manifestará *externamente* se a atenção da pessoa estiver profundamente concentrada nela... Um iogue em

geral realiza seus prodígios por intermédio da *Ichchashakti* e da *Kriyashakti*. Eis o que os praticantes do Novo Pensamento afirmam que também podem fazer.

A visualização efetiva de um arquétipo (Libra) requer não somente atenção concentrada, como também uma profunda *premência de sentimento*. Eis o momento em que começa a fase Escorpião. O símbolo de Escorpião a 1° pode parecer, à primeira vista, inadequado, mas, num sentido mais profundo, é significativo. O novo passo deve ser *experimentado* nas camadas mais profundas do ser, em termos físicos e emocionais. Podemos pensar no ideal da "civilização", com toda a sua complexidade de relações interpessoais, ou, num nível mais elevado, no ideal da verdadeira Irmandade oculta e da "Loja Branca", mas *devemos estar ali* por meio de alguma experiência profundamente pessoal - talvez um sonho vivido e inesquecível - se pretendemos que o ideal venha a tornar-se uma realidade irrefutável para a consciência, bem como um compromisso sólido e indestrutível.

5. SAGITÁRIO, com sua polaridade operativa, Capricórnio, revela-nos a necessidade de atingir uma coordenação estável e orgânica de todos os elementos da personalidade, iniciando-se esse trabalho com o elemento mais básico. Para construir um todo pelo menos relativamente permanente, as interações entre todas as partes interdependentes desse todo - sejam células ou centros nervosos, num corpo humano, ou indivíduos, num Estado nacional - devem operar numa base sólida e harmoniosa. O símbolo de Sagitário a 1° (*um encontro de veteranos do exército*) pode não parecer adequado, mas, outra vez, se atentarmos para aquilo que ele implica, poderemos ver que ele se refere aos resultados de uma relação fortemente "coordenada" entre unidades sociais - uma coordenação que, na maioria dos casos, alcançou sua força experiencial crucial numa dura luta pela sobrevivência.

Esse símbolo é confirmado pelo símbolo de Capricórnio a 1°, pois a coordenação tem de levar a uma centralização do poder, por intermédio de alguma forma de liderança. O poder oculto vinculado a esse período é a tão falada e tão freqüentemente não compreendida *Kundalinishakti*. Subba Row refere-se a ela como:

[O] poder ou força que passa por uma trilha curvada ou em forma de serpentina. É o princípio de vida universal, que se manifesta em todos os pontos da natureza. Essa força inclui em si as duas grandes forças - a de atração e a de repulsão. A eletricidade e o magnetismo não passam de manifestações suas. É o poder ou força que produz o contínuo ajustamento das relações internas às relações externas (que é, de acordo com Herbert Spencer, a essência da vida), bem como do contínuo ajustamento *das relações externas às relações internas*, que é a base da reencarnação das almas, segundo a doutrina dos antigos filósofos hindus.^{19*}

No nível social, podemos ver que essa definição da *Kundalinishakti* traz uma significativa referência ao exército de uma nação, já que o poder de um exército configura-se como a base sobre a qual uma nação se relaciona efetivamente com outras em termos de poder, pelo menos no estágio atual da evolução humana. Sagitário refere-se a um anseio inato de expansão através de um "espaço vital" cada vez mais amplo. Trata-se de um signo "jupiteriano", relacionado com a região lombar da espinha, bem como com os músculos e nervos que controlam a pelvis e as pernas.

Saturno contudo, "rege" a própria base da espinha e os ossos pélvicos; Capricórnio, por sua vez, rege os joelhos, dos quais depende a função das pernas. Por essa razão estão envolvidos, tanto os dois signos, Capricórnio e Sagitário, como seus respectivos regentes planetários.

Na ioga, *Kundalini* é considerada uma força concentrada na base da espinha, no interior do *chakra* (centro) Raiz, conhecido por *Muladhara*, regido por Saturno. Isso significa que "o princípio de vida universal" (Subba Row), tendo expresso um aspecto *particular* de si mesmo num corpo humano, existe, nesse *chakra*, ainda em sua natureza universal, mas "adormecido". Quando plenamente despertado, diz-se que ele se eleva ao longo do cariai central da espinha (*sushumna*), atraindo para si as energias vitais de toda célula ou órgão do corpo, que então parece sem vida. A elevação de correntes vitais para o centro da cabeça (*Ajna*) polariza a descida de uma Força espiritual; Shiva se une a Shakti e a consciência individualizada, segundo se afirma, torna-se universalizada pelo

¹⁹ **Op. cit.*, p. 7, nota.

menos em alguma medida. Esse "casamento divino", no interior da cabeça, libera uma misteriosa "ambrosia", a qual, ao descer pelo fluído cerebro-espinal, produz, segundo se diz, uma regeneração de todo o organismo.

6. Chegamos finalmente a AQUÁRIO. Num sentido mais mundano, a "ambrosia" pode ser vinculada aos produtos culturais criados durante o grande período de uma sociedade cujos ritmos de existência e ideais coletivos estão estabilizados e dão expressão concreta aos arquétipos dessa sociedade. Os trabalhos artísticos e literários imortalizam a cultura que os produziu; essa é a forma pela qual estabelecem, no âmbito da "Comunidade Universal do Homem", seu significado e sua função. Uma sociedade experimenta sua "chegada à semente".

O símbolo de Aquário a 1° (*uma missão na Califórnia*) não requer explicações adicionais. Podemos visualizar nele, com facilidade, a semente de uma cultura e de uma religião plantada numa nova terra, perpetuando-se a si mesma e perpetuando seus ideais. O símbolo de Peixes a 1° leva o processo de plantio da semente ou de colheita para o nível do vivido e vitalizante intercâmbio sócio-econômico. Um "mercado público" é um local de intercâmbio de "valores seminais", seja de produtos reais ou de dinheiro.

O poder relacionado com essa fase de atividade é *Matrikashakti*. Nas palavras de Subba Row, isso significa "literalmente a força ou poder das letras ou da fala, ou ainda da música. Todo o antigo Mantra Shastra tem essa força ou poder, em todas as suas manifestações, devido ao objeto de que trata. O poder do Verbo, de que fala Jesus Cristo, é uma manifestação dessa *shakti*. A influência da música é uma de suas manifestações comuns. O poder do mirífico Nome inefável é a coroa dessa Shakti".

O Verbo do Princípio (Evangelho de São João) é a semente que germina — uma semente que foi produzida pelo ciclo cósmico precedente e que é plantada num novo campo do Espaço, onde cria a *matriz* de um novo universo (dai'o nome *Matrika-shakti*). Uma palavra ou tom criadores, um mantra, produz, por assim dizer, um novo campo do Espaço, no qual um novo Impulso espiritual pode ter seu começo germinal. No nível sociocultural, esse poder do verbo criador refere-se aos enunciados liberadores de símbolos e atos de "homens-semente", nos quais o ciclo alcança seu próprio estado ômega.

O CARÁTER COMPLEMENTAR DOS SIGNOS E GRAUS OPOSTOS DO zodíaco, aos quais me referi no início deste capítulo - a segunda forma de uma relação binária - foi enfatizado por Marc Jones em seu livro, *The Sabian Symbols in Astrology*. Jones afirma que "verificar-se-á que os graus que se encontram frente a frente no círculo complementam-se uns aos outros de uma maneira mutuamente iluminadora, tendo esse fato adquirido o caráter de mais importante contribuição ao trabalho com o simbolismo detalhado". Pessoalmente, considero difícil reconhecer a validade de grande parte das correlações amplamente abstratas que esse eminente pioneiro da reformulação da astrologia estabeleceu. Isso sem dúvida decorre do fato de ele e eu abordarmos os símbolos e o problema da interpretação com base em pontos de partida deveras diferentes entre si e com diferentes mentalidades. Como ele mesmo afirmou: "Há formas ilimitadas pelas quais esses símbolos sabeus podem ser interpretados; e o estudioso experiente ou astrólogo profissional não precisa confinar-se a qualquer espécie de abordagem".^{20*}

Minha abordagem é, não apenas holística, mas feita, essencialmente, a partir da consideração da potencialidade da experiência concreta. O zodíaco, com seus signos e símbolos, é uma expressão simbólica de uma seqüência cíclica de tipos arquetípicos de experiências. Ê vivido existencialmente, em todas as épocas, por pessoas humanas que têm sentimentos, dúvidas, problemas sociais, aspirações e anseios de transcendência. Os próprios símbolos lidam com cenas sobremodo concretas, normalmente experiências cotidianas de norte-americanos. Tentei extrair de *todos* os elementos dessas cenas ou imagens sua significação vital em termos da transformação de eventos aparentemente casuais em fases significativas e intencionais de um processo. Vivemos constantemente esse processo, em ciclos pequenos ou mais amplos. Mas o processo é integral. Ele tem uma direção. O tempo real é unidirecional e eu o vejo como dotado de um propósito. Um grande ocultista e médico,

²⁰ **The Sabian Symbols in Astrology*, p. 37.

homem de coração compassivo, Dr. D. J. Bussell, afirmou, certa feita, que "O tempo é a realização do Plano de Deus". Os símbolos são unidades do tempo cíclico. Eles fluem numa experiência de duração que se dirige para uma conclusão, conclusão essa que é, ao mesmo tempo, a semente de um novo começo. Significativa é a vida, bem como a direção para a qual se move.

Por essas razões, ao estabelecer uma relação entre, por exemplo, Áries e Libra, procuro evocar o significado dinâmico que Libra deveria ter para a "mulher recém-saída do mar" — o significado de um alvo que estabelece uma direção. Quando uso o termo "alvo", não me refiro ao que ele deve sugerir para o vendedor de seguros ou para o homem ambicioso por tornar-se executivo de sua empresa — isto é, não me refiro a uma realização rigidamente fixada e particular e, portanto, limitadora. Refiro-me, com efeito, à consumação preenchedora de um ideal central da vida, que implica, essencialmente, a atualização do potencial individual de ser de cada um de nós, *daquilo que é a razão de cada um de nós ter nascido*.

Se assumimos essa atitude quando interpretamos o relacionamento existente entre símbolos zodiacais opostos entre si, a interpretação terá um caráter teleológico (isto é, voltado para um propósito). Perguntamos ao símbolo para que serve aquilo que investigamos. Isso traz à mente, de imediato, uma questão adicional: a que levará? Assim, o significado daquilo que ocorre no símbolo de Áries a 1° é elucidado mediante a consideração do símbolo de Libra a 1°. Libra já se encontra potencialmente presente em Áries a 1° - e, como vimos no início do capítulo, Peixes a 30°, o final do ciclo, está potencialmente presente em Áries a 1°.

Mas duas outras questões devem surgir: de que maneira podemos alcançar esse fim? e qual o significado essencial do processo como um todo? Em outras palavras estamos lidando com quatro questões fundamentais no próprio momento em que o processo se inicia; essas questões podem ser expressas de maneira simplificada por meio de quatro pequenas expressões: o que, para onde, como e por quê.

Eis a base a partir da qual entendo o termo complementaridade. Não se trata apenas de uma questão de dois opostos polares; trata-se, antes, de quatro elementos de significação. Essa quadruplicidade leva-nos ao conceito de *mândala*, que recentemente alcançou enorme popularidade. Na realidade, a *mândala* comum é uma expressão hieroglífica do caráter quádruplo dos ciclos de vida. Está claro que um mapa natal astrológico é uma *mândala* - a *mândala* da encarnação de um indivíduo particular, onde está revelado o caráter arquetípico do potencial humano que emergiu de um ventre num momento e num local particulares e para um propósito particular

A estrutura primária de um mapa natal é definida por dois eixos perpendiculares entre si, o horizonte e o meridiano. Também aqui temos uma dualidade que denominei a dualidade da consciência e do poder.²¹* Cada um desses fatores apresenta dois aspectos essenciais. Temos, assim, os quatro Ângulos do mapa. Todo o zodíaco de 360 graus também é uma *mândala*, cujos quatro "Ângulos" (ou fases críticas) são os equinócios e os solstícios. Ao usar esse conceito de quadruplicidade, podemos estabelecer interconexões significativas entre símbolos sabeus. Isso se mostrará particularmente frutífero quando, na Parte Quarta, lidarmos com a aplicação prática dos símbolos.

2. A Cruz e a Estrela

A CRUZ FORMADA PELO HORIZONTE E PELO MERIDIANO - OS eixos da consciência e do poder, respectivamente — deu origem a variadas interpretações em vários níveis de significado. Quando lidamos com os símbolos sabeus e com sua interpretação em termos de processo cíclico, temos de conferir um sentido um tanto especial mas altamente significativo às duas extremidades do eixo da consciência. A consciência resulta da atividade, mesmo que tenhamos de compreender que o caráter dessa atividade, em seu aspecto criador, depende de um aspecto anterior, embora transcendente, a consciência. Em termos simbólicos, o processo de germinação, que se configura como o ponto inicial da atividade no reino vegetal, revela aquilo que se encontra latente na semente.

²¹ Cf. meu livro mais recente, *The Astrological houses: The Spectrum of Individual Experience* ensamento, em 1988.

Toda ação pode ser considerada resultado de alguma espécie de semente; no nível metafísico mais elevado, a semente universal é o Espaço.^{22*}

O espaço universal com frequência é simbolizado por um oceano, um infinito oceano de potencialidade. No conjunto sabeu de símbolos, a emergência da atividade - e, portanto, da consciência, já que a consciência está envolvida nessa atividade - é representada pelo símbolo de Áries a 1°, pois Áries a 1° representa o início de um ciclo de atividade. Uma *nova forma de existência* está emergindo, cercada pelo carisma do passado (*a foca que abraça a mulher*). Nos símbolos subsequentes, vemos essa atividade ganhar objetividade (2°) ganhar uma profunda intuição de sua totalidade (3°), bem como adquirir um sentimento com relação às energias polarizadas das quais depende para operar (4°) e revelar uma capacidade latente de transcender sua natureza (5°, *o triângulo com asas*). Essa emergência leva a uma condição na qual o impulso criador, tendo passado por muitas experiências amadurecedoras, encontra-se *essencialmente* na plena revelação da forma Semente arquetípica que a fez vir a existir para um propósito particular.

Essa forma arquetípica é simbolizada pela "borboleta" perfeita de Libra a 1°. A forma é perfeita. A mente consciente, com base na revelação do arquétipo, é capaz de participar de um grupo como uma igual entre iguais, *porque* teve a "visão" de sua perfeição arquetípica inerente. Para o índio norte-americano, ter uma visão do próprio arquétipo (ou totem) é uma fase essencial do processo ao fim do qual um garoto é capaz de assumir as responsabilidades da idade adulta. Como afirmou um curandei-ro: "Um homem que não teve sua Visão não sabe qual o lugar que ocupa no mundo. Assim, como pode viver?" No zodíaco, Libra pouco tem que ver com "equilíbrio" — uma interpretação sobremodo artificial do símbolo das Balanças -, referindo-se, na verdade à compreensão do *valor* individual em termos do lugar e da função que se ocupa numa comunidade mais ampla. Grande ou pequena, a comunidade representa o "Todo mais amplo" no âmbito do qual o indivíduo consciente pode, e na verdade deve atuar. Em Libra, o indivíduo conhece a base sobre a qual essa operação pode prosseguir com sucesso.

Interpretada dessa forma, a relação entre os símbolos de Áries a 1° e Libra a 1° pode teoricamente, ser aplicada à relação entre todos os pares de símbolos ou fases opostos do processo cíclico. Em muitos casos, contudo, não é fácil estabelecer o significado dessa relação a partir dessa base primária. A situação costuma ser elucidada mediante a introdução da segunda relação axial, isto é, através do estudo de dois símbolos que formam aspecto de quadratura com o par que está sendo considerado. No ciclo anual, os graus solsticiais, Câncer a 1° e Capricórnio a 1°, encontram-se numa relação cruzada com os graus equinociais, Áries a 1° e Libra a 1°.

As fases equinociais do ciclo anual representam o princípio da *consciência*, já que as duas energias em interação (Yang-Yin, ou Força do Dia e Força da Noite) têm a mesma potência, neutralizando, assim, o princípio do *poder*. Nos solstícios do verão e do inverno, uma das forças, *quase* totalmente dominante, costuma fazer uma grande exibição de poder. Os dois tipos primários de poder são (1) o poder de ser o que se é efetivamente na qualidade de forma particular de existência, e (2) o poder de usar aquilo que se é no interior de um "todo mais amplo", no qual se é chamado a funcionar. Logo, Câncer a 1° (*marinheiros hasteando uma nova bandeira*) *estabiliza*, com o poder e a determinação Yang plenamente disponível, a forma de vida e de consciência que emergiu em Áries a 1°. Por outro lado, Capricórnio a 1° retrata "um chefe indígena" capaz de usar processos sociais para tornar concreta e aceitável, aos olhos de sua comunidade, a visão que teve do seu próprio ser essencial. Nesse estágio de Capricórnio, vemos o poder público e oficial em ação.

A seqüência quádrupla que liga os símbolos equinociais e solsticiais é clara, servindo de protótipo^{23*} a todas as relações quaternárias ou em forma de cruz entre as 360 fases dos processos cíclicos e seus símbolos. Os símbolos dos primeiros graus dos quatro signos "fixos" podem ser inter-

²² * No decorrer de períodos de "manifestação" cósmica existencial, o Espaço é estendido em muitas dimensões, graças ao fato de haver um grande número de atividade cósmica. Mas, em termos de "não-manifestação", podemos considerar que o espaço retirou-se para dentro de si mesmo, no ponto matemático desprovido de dimensão.

²³ * Um "protótipo" é a manifestação concreta inicial e básica de um arquétipo. Podemos afirmar que o protótipo é uma projeção da idéia-arquetípica na substância terrestre, sob a forma de um "Modelo".

pretados da seguinte maneira: o "Límpido córrego da montanha" de Touro a 1° refere-se à fase inicial do ciclo planetário da água, vista do nível de vida na biosfera que depende da água disponível. Quando o córrego da montanha se transforma no largo rio, os homens podem construir cidades às suas margens; hoje, a rápida descida da água para as planícies pode ser usado para produzir força elétrica. Da mesma maneira, os seres humanos são capazes de "represar" suas energias de vida e transmutá-las em poder mental. Esse poder é focalizado na cabeça (cf. o símbolo de Leão a 1°). O símbolo de Escorpião a 1° mostra pessoas, que talvez tenham vivido em estreito contato com a terra que cultivaram, fascinadas com a cidade grande. Límpida em sua fonte, a vida tornou-se a interação em eterno fluir de homens que participam do ritmo diário da vida cidadina, com seus venenos, mas, ao mesmo tempo, com suas realizações de ordem cultural. O poder estabilizado e relativamente permanente da cultura é, por conseguinte, evocado pelo símbolo de Aquário a 1° (*uma missão na Califórnia*).

Os quatro signos "mutáveis" do zodíaco podem ser vistos numa relação ainda mais significativa entre si, promovida pelos símbolos de seus respectivos primeiros graus, que marcam a idéia básica de seus respectivos períodos no ciclo. Gêmeos a 1° (*Um barco de casco transparente revela maravilhas submarinas.*) mostra a consciência individual nascente expandindo-se por meio do contato com a vasta quantidade de conhecimento acumulada pela humanidade e, hoje, inerente ao Inconsciente coletivo, bem como registrada em milhões de livros. O símbolo de Virgem a 1° (*um retrato*) revela, de um lado, o modo pelo qual as atividades mentais deixam sua marca sobre um rosto, individualizando-a, e, de outro, o poder criador de uma mente treinada para discernir e reproduzir as características salientes de todo ser vivo ou situação.

O contato com a acumulação de valores coletivos, que constituem o substrato de uma cultura (Gêmeos a 1°), leva ao tipo de atividade que, em nosso mundo de conflitos, é necessário para a preservação e expansão de um "todo cultural" — um modo de vida e suas grandes imagens, implicado em Sagitário a 1°. Por fim, a sociedade, que vem sendo sustentada por aqueles que arriscaram a própria vida na manutenção de seus padrões, expressa sua riqueza e vitalidade por intermédio de complexos rituais no mercado (Peixes a 1°).

SE DIVIDIRMOS GEOMÉTRICAMENTE O CÍRCULO DA TOTALIDADE

por 4, obteremos o quadrado, uma figura cujo significado simbólico é estabilidade, solidez e resistência à mudança. No nível social, são os burgueses, os "quadrados". O número 4 refere-se, basicamente, ao mundo material. No ciclo de sete anos, universalmente enfatizado, o quarto ano representa o ponto inferior do ciclo. Os três primeiros anos referem-se à descida do espírito na matéria (ou da Idéia em forma concreta), e os três últimos à evolução e ao refinamento graduais da forma, bem como à espiritualização ou desmaterialização da consciência - que, no início do quarto ano, identificou-se com a forma e com as energias da matéria. O quarto ano é, por conseguinte, o ponto de mutação do ciclo de sete anos. A consciência, ora numa forma material, tanto pode descer ainda mais profundamente na matéria — e perder de vez a direção espiritual do impulso cíclico inicial —, como pode libertar-se progressivamente da atração das energias materiais e ascender ao "estado ômega" da realização espiritual *consciente e individualizada*.

As tradições ocultas sempre se referem ao atual estágio do amplo ciclo da existência do nosso planeta e da humanidade como um todo pela designação de quarto estágio. Trata-se do "quarto mundo" ou, de acordo com a teosofia, "quarta ronda". Em termos numerológicos, a Vibração 4 domina a consciência coletiva de tudo aquilo que pertença estritamente à biosfera terrestre, o reino da vida (usando-se o termo vida em seu sentido mais estrito, de poder que reúne, organiza, sustenta e multiplica um conjunto de unidades materiais). Do ponto de vista do processo ascendente de desenvolvimento e de final espiritualização da consciência humana, a "Grande Obra" - para usar um termo alquímico - é a *subida da Vibração 4 para o nível da 5*.

Em seu sentido mais amplo, esse processo de "subida" configura-se como o verdadeiro significado de "civilização" — isto é, a civilização como processo de transformação dos impulsos biológicos inconscientes em estruturas conscientes e individualizadas da mente penetrada pela "Luz" do Espírito (a "Supermente", na terminologia de Sri Aurobindo). Quando assume o pleno controle de

uma mente organizada num sistema autoperpetuador (um organismo suprafísico e suprabiológico), essa *Luz* espiritual toma o lugar que a *Vida* e suas energias ocuparam no nível da biofera, isto é, no interior de corpos físicos.

Essa Luz é dotada de substância e poder; ela permeia o reino sutil e mais espiritualizado da atividade mental (a "sobremente" de Sri Aurobindo). A Luz é simbolizada esotéricamente pelo Número 6, ao passo que a Mente, na qualidade de forma de atividade que *pode e, no entanto, não precisa* tornar-se independente dos impulsos biológicos, responde à Vibração 5. No atual estágio da evolução da humanidade como espécie viva, a Vibração 4 é dominante; não obstante, a Vibração 5 de atividade mental vem-se desenvolvendo fortemente nos últimos 2.500 anos (mais ou menos a partir de 600 a.C.). Infelizmente, nesse primeiro estágio do seu desenvolvimento como forma potencialmente autônoma de operação, a mente mantém-se estreitamente vinculada com os, e influenciada ou controlada pelos, impulsos emocionais e necessidades biológicas do corpo. Ela age como aquilo a que se deu o nome de "mente inferior", colocando-se a serviço dos imperativos biológicos que, traduzidos em estados psíquicos (fome, sexo, agressividade, possessividade, vontade de poder, ambição etc.), permeiam a maioria das atividades mentais. O resultado é nossa atual civilização ocidental, com suas cidades monstruosas, holocaustos e sempre crescentes perversões e psicoses.

Tentando apartar-se desses impulsos emocionais de natureza biopsíquica, o homem ocidental tem glorificado e superacentuado aquilo que denomina "Razão", bem como seguir a trilha da "involução" e ser levado, por fim, para o reino da absorção inconsciente na matéria indiferenciada, o "húmus" que alimentará o crescimento de sementes num futuro ciclo. A própria transformação em instrumento de forças que operam em termos de entropia material.

A estrela de cinco pontas simboliza a Mente como forma de atividade universal. A estrela pode apontar para cima ou para baixo. E o símbolo do Homem; e o homem pode desenvolver a própria consciência tanto na direção da Luz (isto é, do Espírito), como seguir a trilha da "involução" e ser levado, eventualmente, para o reino da absorção inconsciente na matéria indiferenciada, o "húmus" que alimentará o crescimento de sementes num futuro ciclo.

Em termos simbólicos, a questão reside em saber se o Número 5 emergente manter-se-á ligado à vibração (Número 4) da biosfera e da humanidade como gênero ou se tornará não apenas sensível ao, mas, por fim, um agente operativo para o Amor e a Luz universais, representados pelo Número 6. Eis o ponto essencial. Trata-se de uma questão de caráter cósmico que, podemos supor, deverá ser encontrada em todo planeta em que o Homem exista, de uma forma ou de outra, na qualidade de ponto focal da Mente. A estrela de cinco pontas simboliza essa questão; ela aponta para o caráter das forças que operam no nível mental. Devo acentuar que a atividade da Mente inclui muito mais do que aquilo que hoje designamos como "intelecto"; da mesma maneira, não devemos equacioná-la com a inteligência em si - isto é, a faculdade inerente a *todos* os organismos vivos, mas sob uma modalidade muito mais desenvolvida nos seres humanos, faculdade que lhes permite adaptar-se ao ambiente, tirar dele o melhor proveito e por fim controlá-lo, seja o ambiente natural ou socio-cultural.

O número 5 é um número muito especial, mesmo do ponto de vista da aritmética, um fato que tem sido objeto de discussão por parte de inúmeros cientistas. Reveste-se de um particular interesse por parte do biólogo, já que só aparecem na natureza estruturas quádruplas — pelo menos em nosso planeta — quando formas vivas se desenvolvem. Essas estruturas não são encontradas em cristais, mas se apresentam no crescimento de muitas plantas, na disposição das folhas e na forma das flores. A anatomia humana também exige particularmente esse tipo pentarrítmico de estruturação. E como se as formas mais avançadas de vida na natureza estivessem sendo preparadas para se tornarem o fundamento no qual a atividade da mente pode ser desenvolvida.

. Certamente não temos condições de entender, e muito menos de experimentar, aquilo que os padrões pentarrítmicos no reino vegetal podem sustentar em termos de consciência, mas as plantas trabalham essencialmente com luz; sua clorofila capta a energia dos raios do sol e assim produz alimentos para o reino animal e para o homem. Pelo menos num sentido simbólico, o homem cuja mente se encontra sintonizada com uma forma celeste de Luz Universal também capta Luz-energia para alimentar a consciência de homens que operam quase exclusivamente no nível da Vibração 4.

Todas as grandes e inspiradas obras no campo da filosofia, da religião, da arte e da literatura podem ser consideradas exemplos de um tipo transcendente de fotossíntese. Elas trazem o 6 ao 5 da mentalidade de massa de toda cultura.

Se retornarmos agora aos símbolos sabeus, descobriremos que os símbolos que, a partir de Áries a 1°, forem selecionados por intermédio de um processo pentarrítmico (a divisão de todo o círculo zodiacal em cinco) formam uma seqüência quántupla notavelmente significativa. Esses cinco símbolos separados por 72 graus são os seguintes:

ÁRIES A 1°: *Uma mulher recém-saída do mar; uma foca a abraça.*

GÊMEOS A 13°: *Um famoso pianista fazendo um recital.*

LEÃO A 25°: *Um grande camelo é visto cruzando um vasto e perigoso deserto.*

ESCORPIÃO A 7°: *Mergulhadores de águas profundas.*

CAPRICÓRNIO A 19°: *Um garoto de cinco anos carrega uma sacola cheia de guloseimas.*

Para compreender a maneira pela qual esses símbolos de grau se referem aos processos mentais em sua natureza essencial, devemos "ultrapassar" as superficialidades das cenas alegóricas e descobrir as implicações arquetípicas dos símbolos. Lidamos aqui com um processo cíclico, bem como com cinco fases características desse processo; podemos dizer, da mesma forma, que lidamos com um tipo de atividade que implica cinco tipos de operação.

O primeiro (Áries a 1°) é a emergência a partir das marés compulsivas e inconscientes da biosfera. Houve emergências evolutivas precedentes e, num certo sentido, preliminares, que levaram a desenvolvimentos regressivos (a foca), mas agora, com a espécie humana, vemos esboçada, diante dos olhos, a Estrela da Vitória, o Pentáculo mágico da mente humana.

O segundo passo ou princípio de operação traz até nós o quadro de um homem cuja individualização chegou a um ponto que lhe permite desempenhar de modo bem-sucedido um papel social — isto é, esse homem é capaz de ajudar os seres humanos a *sentirem intensamente*, mesmo que a vida deles possa ser rotineira ou desprovida de inspiração. Ele pode ajudá-los a vibrar numa nova velocidade de resposta emocional e, talvez, a se tornarem mais sensíveis a um tipo mais espiritual de inspiração.

O terceiro passo ou princípio refere-se à qualidade da autoconfiança e independência com relação a um ambiente sempre hostil e espiritualmente estéril. Isso tem orno correlativo o aspecto mais importante do processo de individualização da consciência, processo que requer uma mente capaz de demonstrar auto-suficiência e resistência em todas as condições adversas.

O quarto passo pode ser entendido de modo mais significativo mediante sua vinculação com o primeiro. Aquilo de que a mente emergiu e que ela deixou para trás deve ser corajosamente enfrentado em termos de consciência. A mente individualizada deve atrever-se a retornar ao reino das premências biológicas instintivas e das ondas de vida compulsivas e retirar dele um significado individual. Sem isso, a mente individualizada consciente, regida pelo ego, sempre carecerá de fundamentos profundos, vitais e poderosos. A mente deve emergir das compulsões da vida, mas, uma vez formada e autoconfiante, deve retornar para enfrentar objetivamente os conteúdos das camadas profundas do Inconsciente e assimilá-los.

O quinto estágio é simbolizado por um cena aparentemente trivial. Vemo-nos diante de um garoto *de cinco anos*, que está provando a si mesmo e afirmando seu potencial inato de ser ao realizar um ato *de serviço*, bem como por meio da assunção de um papel que ultrapassa a evolução normal da massa de seres humanos. Eis um símbolo muito bom para a tão mencionada "Senda do discipulado". A pessoa capaz de percorrer essa senda com sucesso deve ter alcançado o estágio 5 do seu desenvolvimento como indivíduo - isto é, ele ou ela deve ter desenvolvido uma mente autoconfiante e corajosa. Essa pessoa tornou-se, verdadeiramente, um "aprendiz". Ela aprende a realizar a Grande Obra alquímica, que significa, num certo sentido, a transformação de matérias-primas da biosfera em matéria assimilável de conhecimento. Desse conhecimento assimilado surgirá a sabedoria, que se tornará, por sua vez, o fundamento de uma nova emergência num nível superior de consciência.

Devemos notar que o segundo símbolo (Gêmeos a 13°) e o quinto (Capricórnio a 19°) referem-se àquilo que podemos denominar como papéis sociais. O símbolo de Gêmeos a 13° significa

que, uma vez que a mente individual tenha emergido da mentalidade coletiva de sua cultura, deve *provar-se a si mesma* por meio da demonstração de sua capacidade de comover e inspirar outras pessoas. Ela o faz, todavia, em termos do ego (como um "virtuoso", que com frequência dramatiza a si mesmo num palco público). Ademais, o material cultural usado (isto é, as composições interpretadas) não é seu. O desempenho com frequência implica ou sugere um ato de glorificação do ego.

Trata-se de uma fase necessária, mas, cedo ou tarde, leva a um período de esterilidade espiritual que constitui um teste, tanto da autoconfiança, como da determinação de persistir, usando apenas aquilo que se possui no próprio íntimo (*o camelo cruzando o deserto*). Segue-se outro tipo de teste. O mergulho em águas profundas requeria, originalmente, que o mergulhador desenvolvesse um controle quase perfeito da respiração; esse símbolo de grau pode ser relacionado com certas formas de prática de ioga ou à abordagem tântrica do processo de espiritualização das formas básicas de apegos humanos, tais como o sexo e a fome.

O quinto e último princípio é o do serviço eficiente e profundamente dedicado - o serviço à família espiritual, ao grupo ou guru de cada um. A dramaticidade do ego do "recital do pianista famoso" é deixada para trás. O ego foi purificado por intermédio de duras provas e acalmado pelo fogo e pelo calor do sol do deserto; está, nesse momento, pleno dos conteúdos assimilados das camadas profundas da biosfera e da psique. Começou a vibrar na direção do 5 (isto é, *um garoto de cinco anos*). O indivíduo pode experimentar a Estrela da Vitória em seu próprio coração.

Hoje é comum falar de "criatividade", bem como de ter uma mente criativa. Isso significa a capacidade de dar forma a materiais brutos e indiferenciados ou de transformar aquilo que já recebeu uma forma ou estrutura particulares. Essa é a capacidade em operação de acordo com os cinco diferentes tipos de atividade. Anteriormente, ao relacionar os símbolos de um padrão de estrela de cinco pontas que se inicia com o primeiro grau de Áries, apresentei o *protótipo* básico de todos esses processos — da mesma maneira como o relacionamento entre os quatro pontos cardeais do zodíaco estabelece um protótipo teoricamente aplicável a todas as relações quaternárias semelhantes entre signos zodiacais e seus símbolos. A Cruz e a Estrela são arquétipos geométricos que podem dar um significado geral a todos os processos existenciais que operem de acordo com as Vibrações 4 e 5. Todo grau do zodíaco pode, por conseguinte, tornar-se o ponto superior de uma Cruz ou Estrela — e, devo acrescentar, a forma negativa reversa da Estrela.

Esse conceito pode ser aplicado à interpretação de todo fator astrológico básico de um mapa natal e, teoricamente, a toda atividade cíclica complexa. Na prática, contudo, essas aplicações costumam ser mais confusas que reveladoras, já que exigem a habilidade de interpretar símbolos em termos de sua essência mais íntima de significado. Os símbolos sabeus com certeza não são totalmente adequados para alguns tipos refinados de análise. Não obstante, há uma maneira pela qual o padrão pentar-rítmico pode ser aplicado de modo altamente significativo à interpretação desses símbolos, e eu usei essa maneira na Parte Segunda, ao dividir os símbolos em setenta e duas seções, cada uma das quais formada por cinco símbolos.

Esse procedimento foi usado originalmente por Marc Jones, mas não creio que ele se tenha dado conta de certas características comuns a todas as seqüências de cinco graus. Além disso, eu não posso concordar plenamente com sua caracterização de *físico*, *social* e *espiritual* para a sucessão de três seqüências quintuplas; os exemplos que ele fornece na página 146 de *Sabian Symbols in Astrology* não me parecem nada convincentes. As caracterizações que usei são: *atuacional*, *emocional-cultural* e *individual-mental*. A diferença de termos não é essencial. Além disso, nem sempre é fácil arrolar razões convincentes pelas quais um símbolo se refere mais ao atuacional que ao emocional-cultural ou individual-mental. Na realidade, tive algumas dúvidas no tocante à validade do estabelecimento desses três níveis de atividade, irias num grande número de casos a prática parece significativa.

Há, contudo, um elemento evidente; trata-se do ritmo quártuplo revelado em cada uma das setenta e duas seqüências. São particularmente significativos o contraste entre o primeiro e o segundo compassos do ritmo e o caráter do quarto. Os símbolos do terceiro e do quinto estágio costumam apresentar maiores dificuldades de enquadramento na categoria geral. Entretanto, cada um dos cinco passos do processo pode ser levado a corresponder a uma fase de desenvolvimento relacionada

com um princípio fundamental que opera em toda seqüência. Ademais, sempre devemos ter em mente que todo o conjunto de símbolos remete ao Princípio universal de Transformação, bem como que, nessas setenta e duas seqüências de cinco símbolos, lidamos primariamente com a operação de um princípio dessa espécie nos três níveis da personalidade humana. O processo é direcional e teleológico. Ele vai para algum lugar - ou, caso seja negativo, afasta-se do alvo parcamente percebido.

1 O símbolo do primeiro grau da seqüência quádrupla sugere um propósito evolutivo ou o caráter essencial de uma nova fase de atividade. Discutirei aqui a seqüência que se inicia com Câncer a 1^o (cf. p. 91), pois trata-se de uma seqüência difícil de interpretar. Em Câncer a 1^o, vemos o indivíduo optando por uma mudança de lealdade, que implica um novo conjunto de valores. Na segunda metade do signo zodiacal, uma decisão dessa espécie requer implementação. A "Decisão" (Cena Sete) requer a "Consolidação" (Cena Oito) da posição tomada. Fundamentalmente, todas as formas confiáveis de consolidação são interiores: o próprio indivíduo deve tornar-se estável e bem integrado — daí vem o símbolo mándala de Câncer a 16 .

2. Então, a "semente divina" interior (a mándala do ser individual) germina. A ação segue a meditação. A energia que se orientava para o interior, no primeiro passo, agora é dirigida para o exterior. Eis o Princípio do Contraste. O segundo grau de todas as seqüências de cinco fases apresenta, de alguma forma, um contraste com o primeiro. Isso, contudo, não significa que ele expresse uma "antítese" a uma "tese" apresentada, ao contrário do que encontramos no processo dialético comum, composto por três estágios. Lidamos aqui com um tipo diferente de dialética, que opera em cinco estágios — um tipo de dialética que, de acordo com o Conde von Durkheim, ocupa um lugar definido no Zen-Budismo.^{24*}

3. O símbolo do terceiro estágio da seqüência refere-se à necessidade de "alimentar" toda atividade germinal. Num certo sentido, significa estabelecer uma relação entre aquilo que foi iniciado e seu ambiente ou algum quadro mais amplo de referência. Por exemplo, o símbolo de Áries a 3^o relaciona o indivíduo emergente (Áries a 1^o) com um campo mais vasto, que ele visualiza em sua própria imagem — uma relação entre microcosmo e macrocosmo ou a manifestação da imagem de Deus na imagem do homem. Noutra sentido, sugere uma espécie de reconciliação entre duas fases contrastantes que o precederam. O fator subjetivo ora se torna envolvido no mundo objetivo, o que leva a resultados específicos, que assumem em cada seqüência, é preciso reconhecer, diferentes formas. Poderíamos falar do Princípio do Sustento, que implica algum tipo de interação entre o novo desenvolvimento e aquilo que possa sustentá-lo no Todo mais amplo de que ele se tornou parte.

4. O quarto estágio sempre define ou pelo menos evoca uma classe determinada de método, procedimento ou técnica que pode ser usado para levar o processo a funcionar efetivamente. Na seqüência considerada, o símbolo de Câncer a 19^o retrata *Um sacerdote celebrando uma cerimônia de casamento*. A meditação sobre uma mándala deve revelar a possibilidade de integrar duas forças polarizadas; na mándala do ano (o zodíaco), a Força do Dia e a Força da Noite encontram-se em constante atividade, com uma delas aumentando sua força conforme a outra reduz a sua. A consciência em busca de integração e da consolidação do seu caráter individualizado deve estar pronta a realizar um casamento místico que fornecerá um campo para a interpenetração relativamente permanente das energias de vida polarizadas. Vemos o começo desse processo no símbolo de Áries a 4^o. Em Touro a 4^o, o arco-íris simboliza uma forma de unir o céu e a Terra. No símbolo de Câncer a 4^o, encontramos outra forma de lidar com o resultado dos nossos atos — o método da "racionalização". O símbolo de Câncer a 9^o apresenta uma variação do tema da união entre o eu e algum outro elemento atraente da experiência (isto é, o desejo de possuir e assimilar conhecimento). Câncer a 14^o introduz uma abordagem de natureza mais transcendente: a consciência procura, num ponto além da relatividade de verdades sempre enganosas, o absoluto de uma sabedoria que esque-

²⁴ "Esbocei o conceito de um tipo de processo de natureza pentarrítmica em termos de organização socio-política num memorando enviado, no ano de 1926, ao Coronel Wetherül, que na época ocupava as funções de presidente da Philadelphia Art Alliance [Liga de Arte de Filadélfia]. Quando estive em Paris, em 1962, ouvi Durkheim proferir uma admirável palestra sobre o Zen, na qual ele mencionou "la dialectique à cinq temps".

ceu aquilo que sabia, no momento em que tem diante de si a Fonte sempre oculta de todo conhecimento.

Está em ação, nesse quarto estágio da seqüência quántupla, o Princípio da Expressão Efetiva do Eu - mas, aqui, "eu" pode significar toda forma de integração, do ego mais possessivo ao Eu universal. Em muitos casos, é sugerida uma técnica que possibilitará à mente um contato construtivo com as novas questões implicadas no primeiro estágio.

5. Teoricamente, essa fase leva a uma nova dimensão, potência ou a um novo nível de consciência os desenvolvimentos relacionados com os quatro estágios precedentes. Ela costuma sugerir a operação de um Princípio da Transformação, e aqui testemunhamos o prelúdio de um novo ciclo ou nível de atividade. No símbolo de Câncer a 20°, *os gondoleiros em serenata* representam a atualização de um processo social de integração de duas polaridades humanas. O padrão de uma cultura particular — e Veneza, construída sobre o mar, é sobremodo significativa — traz solidez e eficácia social à busca de ação integradora. Veremos o mesmo tipo de símbolo, mas de modo mais socializado e ritualizado, quando atingirmos o nível "emocional-cultural" (Câncer a 21°) - *zprima-dona operística*. Em alguns casos, a transformação requer a acentuação exagerada de determinadas características, o que leva, graças a um mecanismo de compensação, a um novo nível de experiência.

TODA SEQÜÊNCIA QUÍNTUPLA DE SÍMBOLOS DE GRAU PODE SER

analisada de maneira semelhante. Algumas delas, tais como as seqüências do signo de Peixes, esboçam uma história clara e, por vezes, dramática; outras requerem uma interpretação mais penetrante. Deve ter ficado evidente que, quando um símbolo é interpretado em termos do lugar que ocupa em vários tipos de relações com outros símbolos, cada tipo de relação exigirá uma ligeira mudança de ênfase na interpretação. Esse fato não deve afetar o significado fundamental do símbolo.

3. Os Quatro Elementos no Simbolismo Zodiacal

UMA DAS PRIMEIRAS COISAS QUE UM ESTUDANTE DE ASTROLOGIA aprende é o fato de cada signo do zodíaco estar vinculado a um dos quatro Elementos: Fogo, Água, Ar e Terra. Referi-me de passagem a esses elementos, remetendo-os aos quatro momentos cardeais ou "críticos" do ciclo anual: o equinócio da primavera (Áries a 1°), o solstício de verão (Câncer a 1°), o equinócio do outono (Libra a 1°) e o solstício de inverno (Capricórnio a 1°).

Quando se fala de "Elementos", tendemos a pensar em substâncias materiais ou, pelo menos, em estados da matéria — sólido, líquido, gasoso e flamejante — e, portanto, de diferentes maneiras pelas quais vários tipos de partículas relacionam-se entre si e afetam os nossos sentidos - a solidez de uma rocha, a liquidez da água, a ubiqüidade, o caráter inefável e a invisibilidade da atmosfera, o dinamismo e aspecto em permanente mutação das chamas. Num sentido mais profundo, esses quatro Elementos constituem diferentes modos de operação do Poder Único, que, para nós, habitantes do sistema solar, tem sua fonte primária no Sol. Esse Poder torna-se bipolar no momento em que é ativado. Suas duas polaridades (Força do Dia e Força da Noite ou Yang e Yin) encontram-se em constante interação, aumentando e diminuindo alternativamente de intensidade. Assim, quatro fases da atividade cíclica do Poder Único, os equinócios e solstícios, destacam-se como momentos de significação especial. Esse Poder diferencia-se em quatro tipos "cardeais" de energia. Cada tipo de energia tem seu próprio ritmo característico e, tendo em vista que todo ritmo estável desenvolve uma forma que se afigura, aos nossos sentidos, como "matéria", podemos falar de quatro estados básicos da matéria.

Podemos pensar nos Elementos como modalidades de poder, quando os remetemos ao zodíaco, porque o zodíaco simboliza a relação ciclicamente mutável entre a Terra e o Sol. Cada Elemento, portanto, deve ser concebido, *primariamente*, como uma modalidade de liberação de poder (isto é, um certo tipo de energia), e apenas em termos secundários como um estado da matéria. O astrólogo chinês dá nomes diferentes aos Elementos e os vincula a tipos diferentes de substância, mas também para ele os Elementos referem-se a modalidades de poder. Em meu livro *The Astrol-*

ogy of Personality, falei de poder do Fogo, poder da Água, poder do Ar e poder da Terra,^{25*} e acrescentei que três operações básicas que lidam com a manifestação e o uso do poder devem ser consideradas: a geração, a concentração e a distribuição de poder.

O poder é *gerado* nos signos "cardeais" do zodíaco (Aries, Câncer, Libra e Capricornio). É *concentrado* nos signos "fixos" (Touro, Leão, Escorpião e Aquário) e *distribuído* pelos signos "mutáveis" (Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes). Portanto, os quatro Elementos aparecem no ciclo zodiacal sob três formas, e é possível estabelecer uma relação triangular ou trinitaria entre os três signos que expressam os três aspectos do mesmo Elemento. Essa relação constitui o "aspecto" astrológico conhecido por *trígono*.

O trígono é considerado o mais "benéfico" e "afortunado" tipo de relação, precisamente porque traz a plena manifestação de uma das quatro modalidades de poder. Trata-se, portanto, de um aspecto de complementação. Em termos simbólicos, a repetição de uma ação por três vezes leva-a a seu termo. Todas as mitologias e tradições ocultas concordam com esse ponto, que constitui a base das trindades divinas encontradas na maioria das culturas. Se três planetas formam o que é chamado um "grande trígono", ativam um Elemento sob três diferentes formas: a ativação é total, e o caráter dos planetas envolvidos indica os três caminhos ao longo dos quais o processo de ativação deve (ou tenderá naturalmente a) seguir.

Dizer que um trígono é "bom" só tem sentido em termos daquilo que, para nós, normalmente e na maioria das circunstâncias, é considerado favorável e causa de felicidade ou conforto. Trata-se, portanto, de uma questão de julgamento ético ou de valor. O fato real se resume à acentuação do Elemento animado por essa relação trina entre dois ou mais planetas — para o bem ou para o mal, a depender das circunstâncias. Há muitas circunstâncias nas quais uma combinação de várias modalidades de poder é requerida para haver uma ação efetiva.

TEORICAMENTE, OS SÍMBOLOS DAS FASES OU GRAUS CÍCLICOS que

se encontram numa relação trina (isto é, separados por 120 graus) devem contar uma história simbólica consistente. Na prática real, isso apresenta dificuldades. É evidente que, se um mesmo símbolo tiver de ser interpretado em termos de uma relação dúplice, tríplice, quádrupla ou quádrupla com outros símbolos, temos de extrair de todas essas cenas ou imagens um tipo sobremaneira geral e abstrato de significação. Não obstante, a tentativa com frequência se mostra bastante reveladora, configurando-se como um excelente exercício de treinamento da faculdade interpretativa, isto é, da capacidade de *ver através* dos fatos ordinários e de alcançar-lhes o significado essencial. Trata-se, senão de clarividência, pelo menos de "claripensar".

Consideremos o primeiro grau e o símbolo de cada signo. O papel comum do símbolo de primeiro grau é o de protótipo de todas as características do signo.

SIGNOS DO FOGO: Esses signos lidam com os três aspectos do, poder básico liberado no início de todos os processos ciclocósmicos - isto é, o poder de induzir uma série estruturada de transformações. A tradição oculta da Índia fala de três fogos: o fogo elétrico, o fogo solar e o fogo produzido pela fricção. Esses tipos de fogo correspondem, respectivamente, a Áries, Leão e Sagitário.

A eletricidade, em sua multiplicidade de aspectos, é primária e parece ser encontrada sempre que há movimento. O início de nova vida Interpretado em termos amplos, o símbolo de Áries a 1º. refere-se à emergência de potencialidades de existência. Essa emergência ocorre no nível da biogênese, isto é, sob a compulsão da "Vida". Todos os processos vivos requerem energia elétrica.

A energia solar vincula-se com o signo solar de Leão. Aquilo que emergiu, biológica e instintivamente, em Áries a 1º, impulsionado pelo desejo de ser, agora está pronto para um "segundo nascimento": nascimento na individualidade. Isso implica a transmutação de energias vitais em processos mentais, que no início expressam a vontade de poder do ego. Leão *personaliza* o puro e incondicional desejo de ser do fogo de Áries. Ele enfatiza o "Eu sou" e a vontade do ego. Os sóis são grandes autócratas do universo - gloriosos e radiantes na afirmação de um novo tipo de poder, mas também essencialmente ambiciosos e desejosos de exhibir esse poder, *seu próprio poder*, a todos os

²⁵ Veja-se a edição original, p. 261.

seus planetas. A luz do sol é uma forma individualizada de energia galáctica. O símbolo de Leão a 1° permite-nos testemunhar o afluxo do sangue para a cabeça, um trono para o ego e para seus processos intelectuais de racionalização. Não obstante, um sol também é uma estrela, uma dentre bilhões de estrelas que formam a imensa galáxia, a qual simboliza o reino espiritual.

O fogo produzido pela fricção relaciona-se com Sagitário, pois nele encontramos em ação o poder que erige, sustenta e expande a civilização e que energiza todos os processos sociais. Esses processos estão implicados na união entre homem e mulher, uma vez que os seres humanos desenvolvem um sentido consciente de responsabilidade pela sua prole - isto é, a compreensão duradoura de que são pais e educadores cuja tarefa primária consiste em ensinar à criança aquilo que herdaram do passado, bem como tentar criar para ela um futuro mais seguro e feliz. Como já afirmei, em nossa era o processo básico de sobrevivência e expansão sociais é a *guerra*, no sentido mais amplo do termo (que inclui todas as formas de competição). O símbolo de Sagitário a 1° refere-se ao desenvolvimento da amizade humana e, em especial, de um companheirismo baseado na experiência da total dedicação do grupo a uma Causa social.

SIGNOS DA ÁGUA: Esses signos lidam com o poder requerido para sustentar e integrar, por meio da estabilização dos ritmos vitais básicos, aquilo que emergiu como sistema organizado de atividade. O poder da "Água" é a capacidade *de sentir e de responder como um todo orgânico*.

Vemos no símbolo de Câncer a 1° "marinheiros baixando uma velha bandeira e hasteando uma nova". A Força do Dia (Yang), que em Áries começou a superar em poder a Força da Noite, alcança aqui seu ponto de máxima potência. Câncer refere-se não somente ao lar, corno também à pessoa concretamente estabilizada e estabelecida. Num sentido mais profundo, sugere a compreensão pelo microcosmo — a pessoa — de que é um cosmos, de que é análogo ao universo como um todo. Sem o elemento Água, não haveria processo circulatório nem sentido de totalidade; esse sentimento está na própria raiz da consciência do ego. Aquilo que emergiu de forma bastante passiva e hesitante em Áries agora se encontra definitivamente "acima do mar" (o navio) e capaz de exibir sua própria determinação de ser, seu curso de ação e a direção que vai seguir.

O símbolo de Escorpião a 1° sugere que esse segundo aspecto da energia da Água agora opera na vinculação do indivíduo a um todo social mais amplo, a cidade moderna. Esse indivíduo pode sentir uma esfera mais abrangente de relacionamento responder a ela. Num certo sentido, está proclamando sua nova lealdade a um estado mais amplo e dinâmico de consciência de grupo.

O símbolo de Peixes a 1° (*um mercado apinhado*) revela a efetiva e total participação do indivíduo numa sociedade organizada e no seu ritmo complexo de produção e de distribuição. Assim, do reino pessoal do sentimento-resposta a novas possibilidades (Câncer a 1°), passamos para a esfera do intercâmbio social que a tudo absorve (Peixes a 1°), por meio do processo de transição evocado pelo símbolo de Escorpião a 1° (*Um apinhado ônibus de excursão numa rua da cidade*).

SIGNOS DO AR: O Elemento Ar refere-se aos meios estimulantes e penetrantes de comunicação. Ele reúne indivíduos separados numa atividade de grupo. Na verdade, o ar que enche os pulmões e células do mais orgulhoso isolacionista ou racista inevitavelmente o vincula, quer ele tenha ou não consciência disso, àqueles com os quais ele se recusaria a fazer amizade ou cuja existência ele pode até não reconhecer. Em poucos dias, os ventos levam o mesmo ar a todas as pessoas em torno do globo, como se desejasse mofar de nossa soberania e exclusivismo nacionais. Todos respiramos o mesmo ar e nele atiramos os resíduos dos nossos corpos. Ele circula, sob a forma de oxigênio, nas profundezas de todos os seres humanos e, sem ele, não haveria vida. Trata-se de uma força dinâmica - arquetipicamente, um Elemento equinocial, Libra -, mas que, ao contrário do Fogo, não transforma. Em vez disso, dá aos indivíduos humanos uma nova dimensão espiritual-social. Em muitas línguas, as palavras que no início referiam-se ao "ar" ou ao "fôlego" terminam por perder o sentido primordial e assumem o sentido de espírito (*pneuma, atma*).

O signo de Libra é popularmente vinculado ao conceito de "equilíbrio", devido ao símbolo das "Balanças" usado para caracterizar o signo como um todo, mas essa é uma interpretação superficial; as pessoas em cujos mapas Libra desempenha um papel importante não são mais equilibradas psicologicamente que quaisquer outros seres humanos. No equinócio do outono, a Força do Dia e a Força da Noite têm igual potência, equilibrando-se mutuamente; mas essa mesma si-

tuação existe no equinócio da primavera, em Áries. A diferença reside no fato de Áries iniciar o hemicírculo da "Individualização", ao passo que Libra inicia o da "Coletivização". O primeiro processo depende do poder do Fogo; o segundo, do poder do Ar.

O símbolo de Libra a 1° (*a borboleta presa por um alfinete*) a princípio não parece adequar-se aos conceitos associados com o Elemento Ar, mas podemos atribuir um profundo significado ao relacionamento se compreendermos que um arquétipo é o *aspecto de unidade* de todas as diferentes e particulares formas existenciais que lhe podem ser remetidas. Assim, o arquétipo Homem relaciona todos os seres humanos entre si. Em termos religiosos, o Elemento Ar (que, em seu sentido mais elevado torna-se o Espírito Santo) torna todos os homens Irmãos e, portanto, Filhos do Pai arquetípico. A borboleta perfeita é o arquétipo Homem. Todo homem pode identificar-se com ela, não apenas quando sua metamorfose espiritual está completa, como também quando ele está completamente disposto a abandonar tudo aquilo que é como indivíduo em favor do aperfeiçoamento (isto é, da arquetipificação) da humanidade como um todo.

Toda sociedade organizada conta com suas próprias culturas, cuja base está assentada em uns poucos arquétipos ou "Símbolos primordiais" (Spengler). Espiritualmente falando, o arquétipo é o elemento responsável pela união do grupo num momento e num local nos quais a *necessidade* vital para a qual o arquétipo é uma resposta cósmica e superpessoal é uma característica dominante da existência humana - ou, poderíamos dizer, do carma coletivo do grupo. No segundo signo do Ar, Aquário, vemos concretizada e tornada relativamente permanente, na coletividade, a imagem do arquétipo. Isso explica o símbolo de Aquário a 1°: *Uma velha missão de adobe na Califórnia* ou qualquer templo ou catedral medieval que incorporem não apenas uma função religiosa, como também uma função social e protetora.

O símbolo de Gêmeos a 1° retrata o homem operando num nível cultural relativamente sofisticado e capaz de construir "barcos de fundo transparente" que lhe permitem entrar em contato com poderes ocultos, bem como com formas transcendentais de existência. Libra-Ar gera valores arquetípicos coletivamente aceitáveis. Aquário-Ar concentra esses valores no âmbito de instituições culturais. Gêmeos-Ar distribui, sob a forma de conhecimento, aquilo que essas instituições produziram.

SIGNOS DA TERRA: Graças à física atômica sabemos que a matéria, no estado sólido, não é de fato uma massa de materiais pesados, mas, principalmente, um espaço vazio em cujo interior os átomos e seus constituintes turbilhonam numa impressionante velocidade, separados por distâncias enormes com relação ao incrível tamanho reduzido do átomo. Poderosas forças mantêm essas entidades atômicas -e subatômicas em movimento no âmbito de padrões definidos de organização. Os fortes vínculos coesivos entre bilhões de partículas elétricas dão aos nossos sentidos a impressão de solidez. Noutro nível, a solidez torna-se *solidariedade*, a base sobre a qual são construídas duradouras instituições culturais e sócio-políticas.

O físico fala de uma "força de atração" no interior do átomo ou de gravitação. O psicólogo, caso tivesse uma visão suficientemente penetrante, veria forças semelhantes operando no nível da psique, forças que levam à formação do ego - cuja estabilidade recebe o nome de "caráter". Alguns egos são maciços e resistem à divisão ou desintegração; outros conseguem, tão-somente, relacionar entre si, frouxamente, os diferentes impulsos e interesses conscientes da psique e da mente - o que possibilita o surgimento de divisões da personalidade ou a posse por parte de forças elementais- astrais.

O símbolo de Capricórnio a 1° (*Um chefe indígena reivindica o poder diante da assembléia tribal.*) acentua a vontade de integração sob um controle centralizado, isto é, a exigência de um poder que tem condições de manter a coesão do grupo, especialmente em circunstâncias críticas. O símbolo de Touro a 1° (*um límpido córrego da montanha*) refere-se à descida de um poder que permitirá ao homem e a todos os organismos vivos a participação saudável num todo ecológico, no qual todo participante tem um papel biológico mais ou menos definido. O símbolo de Virgem aí (*um retrato*) revela a capacidade intelectual e criadora de extrair de um tipo biológico^ e psíquico de integração (o rosto de uma pessoa que se tornou individualizada no âmbito de uma cultura particular) aquilo que é mais característico e significativo da pessoa e, portanto, mais revelador. Vemos

o Elemento Terra em ação nos reinos social (Capricórnio), biológico (Touro) e individual-pessoal (Virgem) de atividade.^{26*}

Ao se estabelecer um relacionamento entre os quatro Elementos e os pontos equinociais e solsticiais, obtém-se seqüências holísticas e *arquetípicas* que mostram a relação dos Elementos, sob três aspectos, em todo o ciclo zodiacal. Mas a forma mais comum de interpretar a seqüência desses Elementos consiste em estudá-los no nível existencial - isto é, no seguimento de um signo pelo outro ao longo do tempo. Assim, Áries-Fogo é seguido por Touro-Terra, Gêmeos-Ar e Câncer-Água e a série de quatro segmentos - Fogo, Terra, Ar, Água - se repete, a partir de Leão e, mais tarde, com Sagitário.

A partir desse ponto de vista, o ciclo inteiro se divide em três períodos, cada qual iniciado por uma "emergência". Cada emergência ocorre num nível específico de atividade e de consciência: o nível biopsíquico, o nível do ego pessoal-individual e o nível social-coletivo. Vemos então a possibilidade de um ser humano experimentar um nascimento num corpo, um nascimento no plano da individualidade e um nascimento social (e, em alguns casos, verdadeiramente oculto-espiritual). Esses três períodos, que se referem ao ciclo do ano quando o zodíaco é considerado, podem ser estudados, da mesma maneira, no ciclo da vida humana arquetípica, uma vez que o homem tenha alcançado o estágio no qual é possível que ele se torne um verdadeiro "indivíduo", independente de suas matrizes racial-culturais e autoconfiante. São os três períodos de 28 anos de uma duração de vida de 84 anos — o ciclo de Urano. Uma vida individual recebe o influxo do poder uraniano de autotransformação, ao passo que o homem em estado tribal (que muitos seres humanos ainda hoje não conseguiram transcender!) permanece como um exemplo do padrão racial-cultural, um "espécime" caracterizado apenas superficialmente por reações pessoais a um conjunto particular de circunstâncias, sendo sua duração arquetípica de vida de 70 anos.^{27**}

Do ponto de vista existencial da sucessão no tempo, o elemento Fogo é polarizado pela Terra no interior dos pares (ou *zygyies*) discutidos no primeiro capítulo desta parte. Da mesma maneira, o Ar é polarizado pela Água. Lidamos, portanto, pares de opostos e, na realidade, com uma divisão séxtupla do ciclo. Testemu-^Cnarnós a diferenciação do Poder Único em seis grandes energias transformadoras e " Adoras ou *shakti*. Em sânscrito, esse Poder é chamado *Datviprakriti* e, em alguns outros sistemas hindus, *Vach* - A Voz do Deus Criador. Corresponde, em termos raiis ao Espírito Santo da Trindade Cristã, na qual o Filho tem o Sol astrológico como contraparte.

Uma divisão do ciclo da totalidade por 7 leva-nos ao "irracional", já que a divisão de 360 por 7 não produz um número inteiro ou racional. *Geométricamente* e portanto, arquetipicamente, 7 refere-se ao fato de seis círculos cercarem completamente um sétimo círculo - sendo todos os círculos do mesmo diâmetro. *Existencialmente*, lidamos constantemente com círculos divididos em sete períodos (e quatro vezes 7 é igual a 28); mas o fato geométrico nos diz (se estivermos preparados para escutar) que "o sétimo" ocupa um lugar especial na seqüência existencial. É a "semente" do

²⁶ * Há, nos atuais círculos astrológicos, muitos comentários, que assumem um tom sobremodo negativo, a respeito de pessoas que não contam com nenhum planeta em signos relacionados com os quatro Elementos. Onde é localizado um planeta, para ali a atenção da pessoa normalmente tende a, e *deve*, ser focalizada. Mas isso *não* significa que as qualidades (ou modalidade de operação) simbolizadas por um Elemento se mostrem, caso não sejam acentuadas por um planeta, necessariamente ausentes da natureza da pessoa. A não acentuação dessas qualidades por um planeta pode significar, tão-somente, que não há necessidade de acentuação, já que são bem desenvolvidas inatamente ou porque se revestem de mera importância secundária no atual ciclo de vida. Elas podem ter sido objeto de um excesso de confiança quando de uma vida passada ou se revestem de um caráter dominante na família ou cultura no âmbito da qual a pessoa nasceu. Outras qualidades devem ser enfatizadas. Na velhice, pode haver uma reversão, tendo em vista que, nesse período, os homens tendem a tornar-se mais femininos e as mulheres, mais masculinas. Da mesma maneira, o tipo de atividade representada pelo Elemento não enfatizado pode ocorrer num nível transcendente. Na prática popular, dá-se importância demasiada aos quatro Elementos. As inter-relações entre os planetas, sempre que eles sío localizados no zodíaco, assim como as posições nas Casas, são muito mais importantes. (Veja-se meu livro *A s Casas Astrológicas*,. Pensamento, 1988.) A astrologia *não* depende primariamente dos signos do zodíaco, por maior que seja a importância e o caráter essencial do conceito do zodíaco como símbolo de *totalidade operativa e de atividade cíclica*.

²⁷ ** Esses três períodos de 28 anos foram discutidos em meus livros/4 *Astrologia da Personalidade* (1936) e *As Casas Astrológicas* (edicto original: 1972).

desenvolvimento vital séxtuplo. Essa semente sintetiza o 6 e, ao mesmo tempo, leva a um novo processo cíclico — esperemos que num nível mais elevado de crescimento.

A discussão de divisões adicionais do círculo levaria a complexidades desnecessárias, embora seja possível estabelecer relações significativas entre os símbolos do primeiro e do décimo sexto grau de cada signo. E, sem dúvida, a divisão por 8 é deveras significativa se a remetermos à liberação real de poder nos campos eletromagnéticos (ângulo de 45 graus). Também é possível que o ângulo de 40 graus mereça mais atenção no futuro. Ele se refere a um esquema de divisão por 9, tendo o número 40 grande significação no simbolismo ocultista.

Nesta parte do livro, procurei, especialmente, mostrar a maneira sobremodo notável pela qual os símbolos sabeus podem ser relacionados entre si de acordo com vários esquemas estruturais, geométricos e seqüenciais - esquemas dotados de sentido em termos do número e da liberação de energias vitais básicas. As interconexões estruturais dos símbolos sabeus, feitas de acordo com várias formas de divisão do ciclo, tomado em sua totalidade, é, segundo creio, única no campo do simbolismo — em especial se levarmos em consideração a maneira aleatória pela qual foram obtidos os símbolos. Essas interconexões dão a esses símbolos uma espécie de validade que até o momento ainda não encontrou paralelos. Isso não quer dizer que não seja possível produzir um conjunto de símbolos dotado de maior grau de perfeição, todavia, estabelece um critério muito importante de validade.

PARTE IV USO ORACULAR E ASTROLÓGICO DOS SÍMBOLOS

1. Por que os indivíduos modernos buscam respostas de "oráculos"

UMA PESSOA PROCURA O ACONSELHAMENTO DE UM(A) CLARIVIDENTE

te a respeito do(a) qual ele ou ela leu magníficas reportagens; outra pessoa freqüenta uma reunião espiritualista, na esperança de receber uma mensagem passível de resolver um problema emocional ou de dar uma pista relativa a um mistério perturbador; outra ainda consulta um astrólogo ou aprende a elaborar e interpretar mapas horários; e milhares de indivíduos jovens e não tão jovens jogam moedas chinesas ou varetas de caule de milefólio a fim de buscar no I Ching respostas que apontem para urna saída das dificuldades por que passam ou que revelem a melhor maneira de elas enfrentarem sua ansiedade ou de decidirem entre cursos alternativos de ação. Todas essas pessoas estão ansiosas e prontas a consultar um ou outro tipo de "oráculo". Elas têm problemas que se sentem incapazes de solucionar, racional e intelectualmente, com base naquilo que sabem; e seus líderes religiosos tradicionais parecem não ter condições de dar-lhes respostas satisfatórias.

Por que essas pessoas não recorrem a especialistas científicos — psicólogos, psiquiatras, médicos, homens e mulheres de nível universitário, com títulos oficiais, que estudaram muitas técnicas novas? Muitos de fato procuram esses especialistas; mas igual número não acredita poder confiar no tipo de conhecimento intelectual e empírico moderno ensinado em nossas universidades — um conhecimento que tem como base uma multiplicidade de dados e que carece completamente de uma filosofia de vida abrangente. Além disso, como um grande número de pessoas tende, em nossos dias — especialmente pessoas muito jovens —, a encarar com desfavor todo e qualquer intermediário *pessoal* entre si mesmas e o que quer que possam chamar de Deus, Vida ou universo, é possível que não confiem totalmente nos muitos autoproclamados mestres espirituais, cujas personalidades com freqüência refletem algumas das características desagradáveis do nosso competitivo modo de vida. Da mesma maneira, essas pessoas também não confiam totalmente em si mesmas quando enfrentam as complexidades freqüentemente estarrecedoras da vida moderna.

Assim, que podem as pessoas fazer? Dificilmente resta alguma alternativa exceto o aprendizado do uso de intermediários *impessoais*. Isso significa aprender uma "linguagem" que transcende o nível analítico e racional de conhecimento em que operam nossos cientistas. O conhecimento científico promoveu um imenso aumento do conforto e do poder. Mas, numa grande variedade de circunstâncias, esse conhecimento não é capaz de nos dizer qual, dentre muitos cursos de ação, é o mais significativo; ele não nos pode dizer qual o elemento que nos fará ser de modo mais integral

aquilo que sentimos, profunda, se bem que fracamente, ser, mas que não nos sentimos capazes de nos tornarmos efetivamente.

Há uma grande diferença entre conhecimento e compreensão. Podemos conhecer um imenso número de fatos e receitas, de equações e fórmulas que nos permitem realizar atos que terão importantes resultados. Mas podemos não compreender o valor desses resultados. Por acaso compreendemos para onde a tecnologia moderna está levando a humanidade? Podemos compreender, por meio do uso do mero conhecimento factual e racional, *por que* devemos escolher entre dois ou mais cursos de ação, quando os possíveis resultados dessas ações dependem, evidentemente, de muitos fatores desconhecidos e, *para nós*, não passíveis de serem conhecidos?

Os cientistas modernos podem sentir, orgulhosamente, que reduziram muito o número desses fatores desconhecidos, e eles parecem tê-lo feito de maneira espetacular em certos campos bem definidos. E, no entanto, nossa civilização baseada na ciência produziu problemas novos e mais complexos para cada problema que resolveu. Ela deixou mais agudo e mais ativo, na produção de ansiedade, como nunca havia deixado, o problema básico — o problema do significado da existência humana e, em especial, do significado e propósito de cada indivíduo particular: o significado e o propósito de *minha* vida, de *sua* vida.

Como pode esse significado ser descoberto se, como ocorre em praticamente todos os casos, com raríssimas exceções, esse significado não é claro nem inquestionavelmente válido para o indivíduo? Como podemos estar certos de que a alternativa que escolhemos é aquela que nos ajudará a viver de forma mais determinada e significativa? Como podemos ter certeza de que a atitude que tomamos diante de uma situação difícil que envolva uma relação pessoal ou uma oportunidade em termos de carreira é a mais válida e frutífera? Como não saber produz frustração e ansiedade!

Por essas razões, os homens e as mulheres consultam oráculos, em nossos dias, mais do que o faziam no passado (exceto, talvez, no decorrer da lenta decadência da sociedade greco-romana). E consultar um oráculo significa quer confiar implicitamente num intermediário, quer aprender uma linguagem oracular - uma linguagem de símbolos.

NO PRIMEIRO CAPITULO DESTA LIVRO, TENDEI EXPLICAR O QUE SÃO os símbolos. Tentarei agora repetir, de modo um tanto diferente, aquilo que afirmei então, já que o tópico não apenas admite repetição, como também pode ser apresentado de várias maneiras.

Toda língua/linguagem é um conjunto coerente, consistente e tradicional de símbolos. Aquilo a que damos ordinariamente o nome de "língua/linguagem" é feito de palavras. A religião, a arte e a matemática também são organizações complexas e sistematizadas de símbolos. A astrologia, quando adequadamente compreendida e liberta da superstição e da abordagem científica de tantos pesquisadores e estatísticos recentes, também é uma linguagem, que usa símbolos para comunicar fatos básicos vinculados à organização de todo organismo vivo, particularmente de indivíduos humanos.

Todas as línguas/linguagens comunicam não apenas fatos, como também, pelo menos insinuações sobre o significado desses fatos. Esses fatos podem referir-se a vários níveis de existência; seus significados podem ser relacionados com vários quadros de referência, a depender do alcance e da qualidade da consciência que busca a compreensão e a solução de problemas sociais ou pessoais.

Um exemplo bem simples pode ajudar a esclarecer as afirmações precedentes. Veio algo movendo-se na rua e exclamo: "Um cachorro!" "Estou usando um símbolo. Esse símbolo - a palavra "cachorro" - foi criado por meus ancestrais distantes tendo sido usado por bilhões de seres humanos para comunicar a outros seres humanos o conhecimento que adquiriram no tocante a bilhões de animais de uma certa espécie, com a qual tiveram contato íntimo. Quando digo a palavra "cachorro", digo ao meu amigo, que não viu o cachorro, que um tipo de cachorro, do qual ele pode esperar um tipo de experiência bem geral, mas característica, se aproxima. A palavra "cachorro" *significa* a possibilidade dessa experiência.

Se digo "Um cachorro louco!", essa possibilidade geral torna-se limitada a um conjunto menos amplo de experiências, com as quais estão associados o sentido de perigo e a emoção do medo. Conforme acrescento mais palavras ao original - por exemplo: "Um cachorro policial preto cuja boca está espumando!" -, limito ainda mais o campo de possibilidades e defino com maior precisão

o conhecimento que compartilho com meu amigo. O símbolo deixa de ser uma mera descrição vaga de um animal de quatro patas com características caninas muito gerais para tornar-se uma *cena* definida com implicações dramáticas e atuacionais, cena na qual o ator principal nos apresenta um desafio definido de agirmos de uma maneira definida.

Se eu ou meu amigo tivermos sido mordidos por um cachorro anteriormente, disso tendo resultado uma séria doença, o desafio assume um caráter sobremodo vivido; traz à tona lembranças de experiências passadas e estimula a atividade glandular em nossos corpos, provocando emoções diretas. Mas mesmo que não tenhamos passado por essa experiência, a palavra-símbolo será suficiente para evocar em nós uma forma condensada da experiência essencial de nossos ancestrais. Assim, o símbolo nos levará a *sentir*; ele também nos dará algum conhecimento a respeito da melhor forma de *agir*. Enfrentaremos a situação que temos diante de nós, não considerando-a surpreendente, isolada e desvinculada de tudo aquilo que ocorreu anteriormente, mas como algo já experimentado por incontáveis pessoas.

A situação, por conseguinte, adquire um "significado", o qual costuma ser aceito por milhões de pessoas que obtiveram conhecimento com a experiência considerada. Como sou capaz de identificar a experiência "com um símbolo, assim como de dar-lhe um nome, há muito menos chances de que ela venha a se sobrepor a mim. Sei que há uma maneira efetiva de enfrentá-la, uma maneira tradicional. Já não enfrento as dificuldades ou a situação sozinho. A força de multidões de homens está do meu lado. Aquilo que eles fizeram nessa situação eu também posso fazer — e de modo melhor. Graças a eles, sei mais acerca do significado e do propósito do evento ou desafio que me confronta.

Os símbolos integram as experiências distintas de um vasto número de pessoas. Eles tomam os eventos do reino do fortuito, do sem precedentes e do incompreensível e os colocam no reino dos "universais". A seqüência lógica de símbolos que encontramos em todas as línguas/linguagens, em todas as teorias científicas, formas tradicionais de arte e em todos os rituais religiosos faz a miríade de fatos aparentemente caóticos, imprevisíveis e sem sentido da vida enquadrar-se em padrões de ordem e de sentido. Mil eventos ou situações pessoais passam a ser vistos como meras variações de um mesmo tema central. O símbolo descreve esse tema significativo. E o tema é parte de uma seqüência coerente de desafios similares, que adquirem propósito por intermédio de sua inter-relação. Expressa por meio de símbolos, a vida fica condensada num número relativamente pequeno de unidades *Ínter-relacionadas* de experiência. Cada unidade é um concentrado das experiências de milhões de pessoas.

Embora sejam a "semente-colheita" das experiências passadas de toda uma coletividade, esses símbolos carregados de significado também são poderosos em termos da moldagem dos sentimentos, dos pensamentos e do comportamento das futuras gerações. Toda criança absorve esses símbolos, emocional e mentalmente, ao longo dos anos de formação. Deles, a criança aprende a atribuir um significado definido a tudo aquilo com que se depara e a sentir-se "uma com" todas as pessoas que aceitam esses significados como válidos.

Se, em vez de dizer as palavras "Um cachorro louco se aproxima de sua casa, onde seus filhos brincam", eu fosse capaz de projetar na mente do meu amigo distante um quadro mostrando o cachorro entrando em seu jardim e atacando seus filhos, eu também estaria comunicando o significado de um evento prestes a ocorrer. Nesse caso, a projeção da imagem referir-se-ia a um evento concreto definido que meu amigo poderia identificar de imediato. Mas se essa imagem literal e precisa não pudesse ser projetada, eu ainda poderia, talvez, enviar um sinal de perigo, algo que pudesse sugerir que as crianças estavam em perigo e que era necessária uma rápida ação. A sugestão poderia tomar a forma de um símbolo mais geral que exigisse algum conhecimento a respeito do método de interpretação.

Se uma pessoa estiver diante de uma situação confusa e potencialmente perigosa, é possível que faça uma tentativa de alcançar uma compreensão mais profunda *daquilo que está envolvido na situação* jogando moedas chinesas. O hexagrama do I Ching, obtido por essa pessoa, pode implicar algum perigo e a melhor maneira de enfrentá-lo. Essa pessoa recebe, na realidade, uma comunicação que aumenta sua compreensão e pode livrá-la de sérios perigos, tal como, no caso precedente, a

mulher com crianças em perigo recebeu uma comunicação de um amigo ou talvez de um policial que esteja advertindo as pessoas de um bairro da cidade sobre um cachorro louco. Todavia, a advertência vem do I Ching. Mas o que é o I Ching, as 'cartas do Taro ou o conjunto de símbolos sa-beus? Eis a intrigante questão; tão intrigante, para a mente treinada nos procedimentos intelectuais e racionais da nossa mentalidade ocidental clássica que esta simplesmente deixa toda a questão de lado, considerando-a como sem sentido. E, no entanto, os oráculos funcionam! O problema reside no fato de eles requererem interpretação. Eles também costumam requerer determinados procedi-mentos para garantir a validade das respostas que fornecem e exigem, acima de tudo, que aquele que os questiona tenha um certo *quadro mental*, uma atitude aberta e, ainda mais, uma *verdadeira necessidade* de obter a resposta. *Essa necessidade existe quando a pessoa que procura comunicar-se com o oráculo já tiver tentado encontrar, com toda determinação, uma forma de enfrentar seu angustiante problema e não tenha sido capaz de encontrar nenhuma resposta lógica ou racional, talvez porque muitos elementos desconhecidos estivessem envolvidos.*

Em períodos no decorrer dos quais uma sociedade particular e sua cultura e religião florescem, os membros dessa sociedade encontram em estruturas culturais tradicionais respostas básicas que podem ser aplicadas prontamente à maioria dos problemas pessoais. Uma cultura tem como fundamento arquétipos ou paradigmas -isto é, grandes imagens e cenas simbolicamente válidas da vida de modelos amplamente respeitados por todos os membros dessa sociedade particular. Há homens que, tendo sido treinados na compreensão de todas as implicações desses valores, estão dispo-níveis com facilidade, para dar ajuda e orientação. Mas, hoje, encontramos-nos diante de unia situa-ção mundial caracterizada por uma quase-falência de todas as tradições, e as grandes imagens do passado se afiguram vazias de sentido. Onde poderemos encontrar novas imagens ou símbolos cuja validade ultrapasse as limitações culturais -*símbolos "transculturais", cujas, raízes estejam assen-tadas na experiência comum de todos os seres humanos?*

A busca desses símbolos leva inevitavelmente à astrologia, pois a astrologia teve como ori-gem a experiência mais básica e primordial da humanidade - o majestoso desfile das estrelas na escuridão do céu noturno, bem como a experiência dos ritmos sazonais e biológicos tão evidente-mente sincronizados com o movimento cíclico do Sol e da Lua. A dicotomia entre a ordem celestial e o caos da superfície terrestre foi fundamental em todas as religiões. O céu tornou-se o grande sím-bolo de ordem e do desdobramento rítmico de funções e atividades de natureza biopsicológica. O céu foi "o criador"; a terra, "o receptor" - *natura naturans* e *natura naturata*. Todo o problema do sentido da existência poderia ser resolvido se pudesse haver uma maneira de interpretar os quadros em constante mutação que o Criador pinta na tela do espaço celestial.

A astrologia nasceu dessa necessidade. Todas as grandes civilizações do passado usaram seus símbolos. Foi desenvolvida, gradualmente, uma língua/linguagem oracular de símbolos, na qual os planetas e suas interconexões tornaram-se vogais e consoantes; do mesmo modo, foram elaborados mapas que revelaram significado e propósito àqueles que haviam aprendido cuidadosamente a lin-guagem celestial.

Trata-se de uma linguagem complexa e, tal como todas as demais linguagens, pode ser usada em diferentes níveis. O inglês comum pode servir à realização de transações comerciais definidas e inteiramente factuais — e agora temos uma forma ainda mais concreta e simples dele na linguagem dos computadores. Mas as palavras do inglês [ou de outra língua qualquer] podem ser usadas, da mesma maneira, em poemas, a fim de evocar sentimentos complexos e intuições espirituais. A mú-sica para dançar e as marchas militares empregam, por sua vez, uma linguagem destinada a mover os corpos e provocar emoções biológicas, ao passo que a grande música devocio-nal da velha índia assim como a música composta por Scriabin tinham como alvo a indução de experiências místicas.

As palavras podem expressar fatos; mas, em combinações poéticas, também podem evocar imagens que atuam no mais profundo do sentimento e da consciência do ouvinte ou leitor. A astro-logia que lida simplesmente com os planetas (incluindo-se aí o Sol e a Lua) e com os padrões que eles formam nesse ou naquele quadro de referência (o zodíaco, as Casas) tem-se mostrado, na maio-ria das vezes, orientada para os eventos - 'no nível biológico, social ou psicológico. Mas há também uma astrologia que tenta ir além, ou através, dos eventos concretos, para evocar um modo mais pro-

fundo e menos particularizado de consciência. Esse tipo mais transcendente de consciência lida com a *essência* dos eventos e com a *qualidade de ser* que subjaz a atividade funcional dos planetas. Essa astrologia procura transcender o tipo comum de astrologia ao lidar diretamente com *as fases de todos os ciclos* - poderíamos dizer, com a própria "ciclicidade".

Os velhos sábios chineses de alguma forma perceberam essa possibilidade e desenvolveram os misteriosos, mas extremamente potentes, padrões do I Ching. A série cíclica de 64 hexagramas sem dúvida foi desenvolvida a partir do ciclo sazonal do ano, mas transcende esse quadro de referência. Esses hexagramas levam-nos a um mundo de arquétipos, que dominam as mudanças sazonais ou estão a elas subjacentes e que por isso podem ser aplicados - teoricamente, pelo menos, a todo ciclo. Por essa razão, têm validade universal — universal, mas, não obstante, referindo-se essencialmente ao nível de consciência no qual o dualismo Yin-Yang controla toda manifestação existencial e onde o desdobramento da atividade cíclica pode ser melhor identificado por um ritmo de 64 compassos.

Como já dissemos no primeiro capítulo do livro, é lógico acreditar que nossa complexa sociedade, com os padrões de relação interpessoal que envolve, requer um maior número de fases arquetípicas. A seqüência arquetípica de 360 símbolos configura-se como uma tentativa de atender a essa necessidade — o número 360 refere-se cósmicamente à relação *abstrata* entre o período de rotação da Terra em torno do seu eixo e o período de sua revolução em torno do Sol (cf. p. 20).

Os símbolos sabeus, assim como os símbolos do I Ching, constituem uma base para pronunciamentos oraculares. Mas esses símbolos devem ser interpretados adequadamente, *devendo essa interpretação, naturalmente, variar de acordo com o nível de consciência do interpretador*. Muitos comentários foram escritos no passado a respeito do I Ching; sem dúvida já existem e continuarão a existir muitas interpretações diferentes dos símbolos sabeus. De forma alguma afirmo que os símbolos sabeus sejam perfeitos ou universalmente válidos. As imagens e cenas que apresentam são o produto de uma mente norte-americana sensível que atuou pouco depois da Primeira Guerra Mundial. Mas os símbolos são dotados de um potencial oracular bem real — quer dizer, eles podem comunicar ao consulente respostas válidas a perguntas feitas sob grande aflição a respeito de *necessidades* pessoais ou interpessoais concretas.

A razão pela qual podem fazê-lo sem dúvida intrigará muitas pessoas acostumadas a encontrar explicações racionais e "científicas" para tudo. Muitos dirão que se forem efetivamente dadas respostas válidas pelo oráculo, a razão será o acaso. Mas o que é "acaso"? Que tipo de "prova científica" poderia ser produzida em questões tão pessoais e tão suscetíveis de interpretação subjetiva, seja pela própria pessoa que faz as perguntas, ou por algum intermediário mais habilidoso na interpretação da linguagem oracular? Muitos cristãos já se voltaram, em momentos de confusão ou de aflição, para a Bíblia; abriram-na ao acaso e, de olhos fechados, escolheram uma linha de texto que fo'i interpretada por eles como uma resposta à sua busca ou um consolo de sua tristeza. Eles estabeleceram uma comunicação com aquilo que acreditavam ser uma fonte divina de sabedoria, a própria palavra de Deus.

Mas parece evidente que, em qualquer sentido literal, "Deus" não escreveu a Bíblia, nem o Anjo Gabriel o Corão. Na época em que os símbolos sabeus foram visualizados e registrados, alguma inteligência sobre-humana ou sábia pode ter estado presente, inspirando de alguma forma (ou *ins-piritando*) o processo de formulação. Mas as imagens reais foram condicionadas, obviamente, pela mente da clarividente, assim como as palavras utilizadas nas breves descrições dos símbolos o foram pela de Marc Jones. Ademais, se de um lado considerarmos a velocidade aleatória e impressionante do processo de formulação, e, de outro, a notável organização estrutural dos símbolos, quando reduzidos ao seu sentido essencial, não podemos evitar a dedução de que alguma inteligência transcendente deve ter estado operando nos bastidores.

"Deus" também opera nos bastidores do universo e por meio dos complexos fenômenos imensamente variados e, não obstante, ordenados e notavelmente organizados, que observamos e com os quais sempre aprendemos. Foi dito que as obras de Deus provam Sua existência. Trata-se de um tipo capcioso de prova. Nada pode ser "provado" pela mente científica, exceto no sentido de demonstrar que uma determinada seqüência de eventos é integralmente compatível com alguns pres-

supostos básicos. Nenhum intelecto tem condições de provar objetivamente a validade absoluta desses pressupostos ou postulados. Não podemos *provar* de fato a existência de Deus e menos ainda refutá-la; podemos apenas observar o que a crença em Deus como uma pessoa suprema com a qual é possível procurar entabular um diálogo *produz* psicologicamente em homens e mulheres que *necessitam* da experiência de contato com um Ser divino. Podemos observar, do mesmo modo, aquilo que a falta dessa crença pode produzir em muitos indivíduos que requerem psiquicamente esse tipo de experiência. As experiências são reais para aqueles que as têm. Realidade é aquilo que satisfaz a necessidade vital e essencial de uma pessoa ou coletividade. Qualquer outra definição dessa palavra tão abusivamente usada resulta de ilusão subjetiva e, talvez, de orgulho, de uma mente que busca a autoglorificação por meio da afirmação de que seus próprios valores e conceitos revestem-se de um caráter "absoluto" — isto é, verdadeiro para todas as pessoas em todas as épocas. Mas mesmo uma asserção dessa espécie pode atender à necessidade bastante real de mentes inseguras, de maneira que também ela é "realidade"!

Podemos considerar como "mero acaso" a forma pela qual as varetas chinesas caem, determinando gradualmente a forma do hexagrama do I Ching que tem relevância para a situação do consulente. Podemos falar de "sincronicidade" (uma palavra que, na verdade, apenas aumenta o mistério) ou atribuir a responsabilidade ao "inconsciente" — outra palavra que não passa de um substituto moderno e completamente obscuro para os velhos conceitos de um demônio dentro da alma, de Eu Superior e de Anjo orientador. Há, contudo, um fato simples: quando a necessidade de uma pessoa é real, algum poder ou inteligência, seja contido no íntimo da própria pessoa ou intimamente vinculado com ela, é capaz de usar uma linguagem de símbolos a fim de comunicar informações valiosas, bem como diretrizes de ação. Jamais podemos dizer com plena certeza, a partir da nossa própria mente consciente, o que esse poder e/ou centro de inteligência "é", simplesmente porque ele deve transcender a mente consciente, caso o oráculo deva ter alguma eficácia no atendimento da necessidade da pessoa. Talvez esse poder não passe do *aspecto polar dessa necessidade*, da mesma maneira como a luz polariza a sombra e o Yin polariza o Yang. O princípio da Harmonia universal requer que, a cada necessidade, haja uma resposta correspondente, dotada de uma capacidade potencial de neutralização dessa necessidade.^{28*}

Repito que as comunicações oraculares podem assumir uma multiplicidade de formas. Podem ser "sonhos", lembrados no momento em que se desperta (um tipo muito especial de sonho), ou palavras ouvidas mentalmente, ou ainda "profecias" que encontramos ao longo da trilha que leva a um alvo. Podem ser hexagramas chineses, símbolos sabeus ou cartas do Taro, caso a pessoa *esteja sintonizada com a recepção por intermédio desses veículos especializados*. O I Ching e os símbolos sabeus são especialmente significativos como "veículos especializados"; em primeiro lugar, porque constituem algumas garantias contra o auto-engano e a entrega subjetiva a complexos biológicos ou psicológicos, e, em segundo lugar, porque revelam a maneira pela qual o problema do indivíduo se acha vinculado a questões de natureza universal - ou, pelo menos, com questões significativas para, assim como enfrentadas por, um vasto número de pessoas, graças ao fato de representarem fases específicas do desdobramento da consciência humana num nível particular de evolução.

2. Como Usar os Símbolos Sabeus como Oráculos

HÁ MUITAS FORMAS PELAS QUAIS UMA PESSOA EM BUSCA DE informações ou de orientação pode descobrir o símbolo sabeu que atenderá significativamente sua necessidade. Talvez o método mais simples seja o uso de um maço comum de cartas.

Ficará evidente, de imediato, que o maço contém doze cartas com figuras - isto é, rei, rainha e valete em quatro naipes. Disso segue logicamente que os quatro reis podem representar os quatro signos cardeais do zodíaco astrológico, as rainhas os signos fixos e os valetes os signos mutáveis. Na minha opinião, *Copas* representa o quadrante da primavera, fonte de ritmos de vida; *Ouros*, o quadrante do verão, o retângulo da vida, a "Alma do Diamante"; *Espadas*, cuja forma tem uma conexão polar com Copas, representa o quadrante do outono, o obscurecimento da força da vida, as-

²⁸ Cf. "Os dons do Espírito", em meu livro *Tríptico Astrológico*, Ed. Pensamento, SSo Paulo, 1988.

sim como a emergência da mente coletiva, acentuando o poder da Noite; *Paus* representa o quadrante do inverno, com sua forma tríplice simbolizando a realização plena da mente e de todo poder institucionalizado.

Tudo que se precisa fazer para encontrar o grau relevante do signo é usar as cartas de números de três naipes: *Copas* pode ser usado para corresponder aos números de 1 a 10; *Ouros* para os números de 11 a 20; e *Paus* para os números de 21 a 30.

O mais simples procedimento consiste em colocar, em primeiro lugar, numa das mãos (normalmente a esquerda), as doze cartas de figuras viradas para baixo e retirar com a outra mão, ao acaso, uma delas. Isso fornece o signo zodiacal relevante. Esse mesmo procedimento é repetido com o monte que contém as trinta cartas de número, a fim de se obter os números de grau. Os dois montes, com efeito, devem ser totalmente embaralhados. Se, por exemplo, o valete de paus for tirado do monte de doze cartas de figuras, e o sete de paus do monte de cartas de número, o símbolo zodiacal do grau 27 de Peixes - ou da Fase 357 do ciclo - deverá ser lido e interpretado.

Podem ser elaborados vários procedimentos para auxiliar o consulente a concentrar-se naquilo que ele ou ela está fazendo. Mas a simplicidade torna desnecessário o envolvimento em formas ritualísticas. O essencial consiste em: (1) o problema deve ser claramente formulado na mente do consulente; e (2) a intenção da consulta deve ser sincera, devendo os gestos de seleção de cartas ser feito com seriedade. Todo procedimento oracular baseado na curiosidade ou feito por mera diversão está fadado ao fracasso - embora, por vezes, a curiosidade intelectual possa esconder, na realidade, uma necessidade com profundas raízes, podendo a resposta mostrar-se impressionantemente reveladora. É essencial que a formulação do problema seja clara, já que, tal como em todo tipo de procedimento de resolução de problemas (incluindo as experiências científicas de laboratório), *a formulação da pergunta condiciona a resposta obtida*. Foi dito: "Pedi e recebereis", e devemos ter muito cuidado com aquilo que pedimos, tendo em vista que devemos viver com aquilo que obtivermos. Ademais, jamais devemos fazer a mesma pergunta repetidas vezes, mesmo que a resposta obtida se nos afigure irrelevante ou como uma solução pobre. Nesses casos, o oráculo costuma ter formas bastante irritantes de zombar de nós ou de mostrar nossa fraqueza.

Há outro método, menos concreto e com frequência menos confiável, de obtenção do símbolo que responde a uma necessidade pessoal de descobrir o significado arquetípico de uma situação complexa ou difícil. Num certo sentido, esse outro método se adapta melhor à mentalidade de indivíduos familiarizados com procedimentos oraculares e que têm uma profunda fé naquilo que pode ser denominado orientação interior. Ele pode apresentar retrocessos definidos para pessoas que não tenham a consciência aberta para a validade dessas práticas e deve, portanto, ser usado com cuidado e bom senso.

Esse método consiste, tão-somente, em focalizar a atenção no problema cujo significado buscamos compreender melhor de modo a ter condições de agir com sabedoria, ao mesmo tempo em que se mantém a concentração naquilo que se sentir ser a fonte transcendental da orientação desejada - seja Deus, um Eu superior, um Ser mais do que humano ou até "o inconsciente". Então, enquanto a mente é mantida em imobilidade, deve-se pedir a revelação vivida de um número à consciência. Esse número será o da fase do ciclo cujo símbolo constitui a resposta oracular à pergunta claramente formulada. Caso não apareça na mente, quase imediatamente, de forma vivida e peremptória, a questão *jamais* deve ser forçada, devendo-se usar o método de seleção por cartas.

Por vezes, pode vir à mente um número superior a 360. Nesse caso, deve-se subtrair 360 desse número até que ele seja reduzido a uma quantidade inferior a 360. Mas, se isso acontecer, é bem provável que o símbolo se refira a uma situação que envolve características transcendentais que o autor da pergunta pode ainda não estar pronto para compreender ou a uma tendência que ainda não alcançou maturidade.

PARA ESCLARECER TODAS ESSAS QUESTÕES, DEVO MENCIONAR

um incidente real. Há vários anos atrás, um homem me procurou porque não conseguia compreender o significado de uma tragédia pessoal que estava provocando confusas mudanças em sua vida. O testemunho dos mapas astrológicos que ele conhecia muito bem não parecia definido ou convincente para ele. Havia muitas maneiras de interpretar trânsitos uranianos e progressões "difíceis". O homem continuava a perguntar: "Mas o que isso significa? Como devo interpretá-lo? "

Pouco depois, pedi-lhe que ficasse quieto por um momento e, com a mente em repouso, verificasse se um número se introduzia em sua consciência. Ele ficou atônito, hesitou por um momento, fechou os olhos e, subitamente, disse: "Sim, sinto de modo definido que algo em minha cabeça diz 342. Que significa? "

Expliquei em poucas palavras o valor e o propósito dos símbolos sabeus e lemos a descrição do símbolo da Fase 342, ou Peixes a 12°. Trata-se do segundo símbolo da seqüência de cinco graus iniciada por Peixes all⁰. Nessa seqüência, uma pessoa está fazendo alguma espécie de reivindicação de uma nova condição espiritual-mental.

Se o leitor consultar as páginas 193 a 194, encontrará os símbolos dessa seqüência de cinco graus, que começa com uma cena de "Homens viajando por uma estreita trilha, em busca de iluminação". O símbolo da Fase 342 diz: *No santuário de uma Irmandade oculta, membros recém-iniciados estão sendo submetidos a um exame e tendo seu caráter testado*. Esse foi o pronunciamento oracular que atingiu a mente do meu cliente por intermédio dos símbolos sabeus. Se ele estivesse familiarizado com essa linguagem simbólica, minha presença como intérprete não teria sido necessária; não obstante, a presença de um intérprete que disponha da capacidade especial de ver através do pronunciamento oracular e de dar-lhe um sentido concreto pode revestir-se de grande valor, da mesma maneira como um psicólogo pode ter uma imensa importância para uma pessoa que deseje descobrir todas as implicações de um sonho evidentemente significativo mas incomum.

A implicação do símbolo que se refere à Fase 342 era de que havia ocorrido a esse homem algo que o colocou em contato, num nível mais profundo do seu ser, com uma situação totalmente nova e exigente, que provavelmente envolvia um novo tipo de relacionamento. Ele estava sendo "submetido a um exame" destinado a revelar sua reação diante dessa situação. Quem ou o que aplicava esse exame pouco-importava. As palavras "santuário de uma Irmandade oculta" não precisam ser tomadas *literalmente* — como princípio geral, nenhum pronunciamento oracular ou sonho deve ser tomado literalmente, embora, em alguns casos, possa afigurar-se de fato como algo que se aplica num sentido muito preciso a uma dada situação. O símbolo sugeria, não obstante, que meu cliente estava entrando numa nova fase do seu desenvolvimento *interior*, embora, em alguns casos, também pudesse referir-se à assunção de novas responsabilidades num nível social ou profissional estrito.

Meu cliente havia perguntado pelo sentido de uma tragédia que experimentara. O símbolo respondera assinalando que a própria tragédia poderia ser considerada como um teste de caráter — um teste que se tornara necessário porque ele já havia dado um passo definido em seu próprio desenvolvimento espiritual, mesmo que não o tivesse percebido em sua consciência cotidiana. Ele estivera "em busca de iluminação" (Fase 341). Havia "entrado na Senda", espiritualmente falando. Agora, estava sendo submetido a um exame — pela vida, por Deus ou pelo "Mestre" — para provar seu próprio valor, isto é, suas "qualificações".

Repito que o termo "iniciado", nessa afirmação simbólica, não deveria ser entendido, necessariamente, num sentido oculto estrito. Iniciação significa, tão-somente, entrada num novo campo de atividade, um campo no qual devemos agir na companhia de seres que já dominaram os requisitos impostos por esse campo, pelo menos em alguma medida. Há, portanto, a implicação de uma nova espécie de cooperação, exigindo o grupo de que nos tornamos parte um período de teste comprobatorio. Isso é verdade em qualquer nível no qual grupos de homens operam de modo organizado.

Eis o que o oráculo disse ao meu cliente; se ele estivesse aberto à "revelação", todo o seu modo de encarar a tragédia que ele experimentara sofreria uma modificação. Em lugar de sentir-se abatido por um destino inescrutável e por eventos sem sentido, ele deveria compreender que esses

eventos indicavam ter ele dado um grande passo em sua vida, um passo necessário ao crescimento adicional, tal como a lapidação do material que envolve um diamante é necessária para permitir que uma pedra pura revele seu belo fulgor.

O QUÊ, PARA ONDE, COMO E POR QUÊ

NA PARTE TERCEIRA, DISCUTI AS RELAÇÕES ESTRUTURAIS ENTRE símbolos sa-beus, que revelam como o conjunto inteiro constitui um todo integral e organizado. No capítulo "A Cruz e a Estrela", demonstrei que um padrão básico de sentido - embora, por vezes, de difícil percepção - pode ser estabelecido entre símbolos opostos entre si, que formam uma cruz perfeita. A mais simples manifestação desse tipo de formação de padrões estruturais pode ser vista quando relacionamos entre si os símbolos referentes aos quatro pontos cardeais do ciclo anual, os pontos equinociais e solsticiais. Afirmo que, quando estamos diante de um evento importante ou de uma mudança básica qualquer, quatro perguntas sempre devem vir à mente: Qual a natureza e significado do evento? A que ele está levando (isto é, Qual seu potencial resultado)? Como posso lidar efetivamente com a situação? Qual o propósito último de todo esse processo de desenvolvimento?

Num mapa astrológico, essas quatro perguntas podem ser relacionadas com os quatro Ângulos: Ascendente (QUÊ), Descendente (PARA ONDE), Nadir (COMO) e Meio-Céu ou Zênite (POR QUÊ). Veremos, no próximo capítulo, que essa abordagem analítica pode ser aplicada significativamente, em grande número de casos, a um mapa natal, tanto mais válido, talvez, quanto maior o contato consciente da pessoa com o reino do significado arquetípico — embora não se possa fazer disso uma regra geral.

No caso da pessoa que atraiu para a mente o símbolo vinculado ao número 342, esse símbolo deveria ser tomado como o QUÊ da situação. O oráculo disse *o que* a situação significava na duração total da vida do consulente. Mas toda resposta desse tipo evoca muitas questões. A primeira delas é: "Se é assim, para onde isso me levará? Que tipo de resultado posso esperar ou pelo menos labutar para conseguir?"

A resposta ao PARA ONDE da situação deve ser encontrada, teoricamente, no símbolo da fase do ciclo que se opõe ao primeiro símbolo. Astrológicamente falando, se Peixes a 12° é o símbolo básico referente à consulta, então Virgem a 12° fornecerá o símbolo que responde à pergunta PARA ONDE. Esse símbolo é: *Depois do casamento, o noivo retira o véu da noiva*. Interpretei-o como uma indicação de penetração para além do "Véu" das aparências naturais, no domínio da realidade essencial da existência.

Vemos, portanto, que *se* for bem-sucedido na passagem pelo processo de teste e for, por conseguinte, aceito como participante pleno do tipo de relação grupai que opera no novo e normalmente mais elevado campo de atividade, o consulente desenvolverá a capacidade mental de romper o "véu de Ísis" e de entrar em contato com realidades ocultas. Ele poderá ser capaz de lidar, vigorosa e criativamente, com energias ocultas. Ou, caso o consulente opere apenas no nível social ou profissional, deverá ser capaz de alcançar algum *inner sanctum* de poder e riqueza.

Eu disse *se* o consulente for bem-sucedido no teste. A próxima pergunta surge inevitavelmente: "COMO posso agir efetivamente para ser bem-sucedido?" Para obter a resposta a essa pergunta, voltamos para o símbolo de Gêmeos a 12°, já que esse símbolo se encontra a 90° além de Peixes a 12°. Isto é, num mapa "solar", em que cada casa contém trinta graus, caso o Ascendente de Peixes a 12°, o ponto do Nadir (*Imum Coeli* ou cúspide da quarta casa) seja Gêmeos a 12° - o que significa a fase 72 do ciclo (342 mais 90 equivale a 432, que se reduz a 72 quando dele se subtrai 360).

O símbolo de Gêmeos a 12° é formulado da seguinte maneira: *Uma garota negra luta pela independência na cidade*. A idéia básica é: "Libertação dos fantasmas do passado".

Essa cena simbólica é elucidada pela que a precede imediatamente, que se refere a terras recém-exploradas que oferecem ao pioneiro novas oportunidades de experiência. O homem que "encontrou na Senda" que leva a um novo campo de relação e a novos poderes é, na verdade, um pioneiro. Mas a tragédia presente a todas as aventuras pioneiras reside no fato de os pioneiros levarem para a

nova terra ou para uma nova oportunidade, com demasiada frequência, "os fantasmas" do seu passado — seus velhos hábitos e preconceitos, seus temores e inseguranças. Os pioneiros que trilham quaisquer novas linhas de atividade social ou grupai têm de lutar não apenas contra aqueles que ocupam posições estabelecidas no ambiente social, como também contra seu próprio passado. Eles costumam ser obrigados a superar uma incerteza básica e falta de fé em sua própria capacidade de alcançar êxito. O símbolo diz ao consulente, por conseguinte, que ele deve manter aquilo que sabe ser certo contra toda oposição. E nesse ponto podemos observar que, de acordo com todas as tradições ocultas, o teste de um aspirante a uma nova condição inclui a materialização de formas ilusórias de aparência ameaçadora, bem como uma espécie de precipitação condensada da fraqueza básica do candidato, que passa a confrontá-lo e a se interpor ao seu caminho. Ele precisa ter coragem e uma aguda percepção daquilo que lhe acontece. Deve reivindicar o que lhe é devido. Deve "liquidar" o passado por meio da ação determinada, persistente e sábia.

A quarta questão que requer uma resposta oracular é "POR QUE tudo isso? Qual o alvo último que devo alcançar, o *propósito essencial dessa luta*" A resposta deve ser encontrada no símbolo de Sagitário a 12°, que é o ponto oposto a Gêmeos a 12° e que, portanto, completa a "cruz" iniciada em Peixes a 12°, o símbolo original que o consulente escolheu.

O símbolo de Sagitário a 12° é: "*Uma bandeira transforma-se em águia e esta, por sua vez, num galo, que saúda a alvorada*". Esse símbolo peculiar é suscetível de receber várias interpretações, mas, no tocante à situação que nos ocupa a atenção, o significado mais importante parece ser: o propósito dos eventos que tanto perturbaram o consulente consistia em impeli-lo a transformar seus ideais do abstrato (a bandeira) para o espiritualmente concreto (a águia). Seus ideais tinham de tornar-se vivos e capazes de suportar a intensidade de uma iluminação "solar" no mais elevado nível alcançado pela Terra-natureza (a águia, que voa no mais elevado ponto possível), de modo que ele pudesse agir como um arauto do Novo Dia (o galo que canta para anunciar o nascer do sol).

Eis as implicações do aparecimento oracular do número 342 na consciência calma do homem. Os quatro símbolos que formaram uma constelação cruzada de significados deram claramente, à crise que o deixava tão confuso, um valor positivo e criativo. O teste por que ele passava era real e perigoso, mas era um teste; e se ele pudesse reunir a coragem e a força para enfrentá-lo e para superar seu substrato cármico e os obstáculos colocados em seu caminho, os resultados se revestiriam de um imenso valor e fariam dele um dos espíritos pioneiros da Época que virá.

Em resumo, o oráculo disse, em resposta à pergunta do meu cliente, algo como: "Sua crise pessoal significa que você está sendo submetido a um teste, como resultado de uma profunda fase interior de crescimento de que você pode não ter-se apercebido. Desde que exija, firme e persistentemente, sua liberdade em relação ao condicionamento passado, você receberá uma nova revelação do poder da vida, um novo sentido do seu próprio valor como pessoa criativa. Mas não *pense* simplesmente naquilo que você será capaz de alcançar como sendo um ideal abstrato. Não olhe simplesmente para ele ou o experimente num estado de arrebatamento por altos vôos da imaginação. Concretize-o entre os que o cercam. Deixe que sua visão seja conhecida. Transforme-se em agente anunciador do Poder criador do universo".

DEVE TER FICADO CLARO, A PARTIR DESSE EXEMPLO, QUE O PRO-nunciamento oracular não se referiu a nenhum evento futuro particular. O consulente procurava significado, não leitura da sorte. Ele poderia ter perguntado se deveria ou não assinar um contrato com uma nova empresa ou -casar com alguém por quem estivesse apaixonado. Mas todo consulente que conheça as maneiras pelas quais funcionam os oráculos jamais perguntaria: "*Devo fazer isso ou aquilo?*". A única maneira sensível de fazer uma pergunta a um oráculo é: "*Qual seria o significado, ou os resultados, dessa ação?*". Aquilo que o oráculo pode dizer ao consulente refere-se, essencialmente, à *qualidade* dos resultados da ação; tem que ver com a *relação* entre quem age a ação e os resultados dessa ação. E agora, veremos o modo pelo qual todos os pronunciamentos oraculares se aplicam a uma interpretação de cada um dos fatores presentes num mapa natal; a maneira pela qual podemos usar os símbolos dos graus em que se localizam os dez "planetas" e os quatro Ângulos para alcançar uma nova dimensão de interpretação astrológica - a dimensão do *significado qualitativo*.

3. O Uso de Símbolos de Grau na Interpretação de um Mapa Natal

OS PLANETAS DE UM MAPA NATAL (QUE SEMPRE INCLUEM O SOL E A LUA) representam as *funções* básicas que podem ser vistas em operação em todos os *sistemas organizados de atividade*. Esses sistemas podem ser galáxias, sistemas solares, células e átomos, bem como plantas, animais e seres humanos. Esses sistemas configuram-se como todos organizados - e podemos usar o adjetivo "orgânicos" (alguns autores dizem *organados*), em vez de organizados, se desejarmos dizer que o universo, assim como os todos que o compõem, são organismos "vivos". Podemos até estender o conceito de todo organizado, se não organismo, a uma nação ou instituição auto-perpetuadora e mais ou menos permanente.

Quer usemos o termo "vida" num sentido universal ou num sentido biológico mais restrito, verifica-se que, sempre que há um todo cujas partes constituintes sejam estruturadas de modo definido e que se mantenham num estado relativamente estável de constante interação, podemos isolar certo número de funções essenciais que operam de modo interdependente. A marca particular da astrologia consiste no fato de ela ter condições de remeter significativamente a dez funções fundamentais, cada uma das quais representada por um planeta, *todos* os modos inter-relacionados de operações que se processem no interior de qualquer todo organizado.

Essas funções exibem basicamente o mesmo caráter em todos os sistemas organizados, de átomos a homens, bem como de nações e galáxias, mas operam em muitos níveis diferentes; lidam com uma infinita variedade de substâncias (físicas e superfísicas) e produzem uma imensa multiplicidade de resultados reais. Mas, por mais variados que esses resultados possam ser, Júpiter sempre representa a capacidade funcional de expansão e Saturno a capacidade de definir de modo claro e de manter a estrutura original do organismo. O Sol sempre se refere à fonte de poder, da qual fluem as energias usadas nas atividades de todas as, ou da maioria das, partes do organismo, assim como a Lua sempre simboliza o poder do organismo no sentido de ajustar-se ao seu ambiente, bem como sua capacidade de distribuir as energias "solares" a qualquer parte que delas precise, sempre que são necessárias e na forma em que o são. Marte representa a capacidade de mobilizar as energias de uma organização com o fito de obter resultados desejados, ao passo que Vênus estabelece o valor daquilo que se labuta por conseguir, ou que é temido ou evitado - assim, daquilo que atrai ou repele. Mercúrio sempre representa todos os meios e métodos de comunicação interna e externa, tudo aquilo que estabeleça vínculos e padrões de associação.

Vêm então os três planetas trans-saturnianos - Urano, Netuno e Plutão -, que se referem a uma capacidade mais misteriosa, inerente às espécies vivas, especialmente no homem, mas também, talvez, em todas as formas de organização cósmica e microcósmica - a capacidade de transformar-se a si mesmo e de transcender as próprias limitações, uma capacidade que deve, quase certamente, ser considerada uma resposta ao desafio do "Todo mais amplo", no interior do qual o todo menor opera como parte orgânica, capaz de responder às mudanças no Todo mais amplo. Um organismo vivo pode experimentar uma mutação em sua semente, quer porque sua espécie se encontra em processo de ajustamento a novas condições planetárias e a algumas mudanças básicas que se processam na biosfera, ou porque está dando um passo novo e predeterminado em sua evolução. Um ser humano individual tem ainda mais condições de transformar sua natureza ancestral ou fundamento animal quando estimulado por uma visão e um exemplo de *Avatar* (divina Manifestação), que anuncie uma nova fase da evolução humana ou planetária. Urano refere-se à revelação de um novo alvo ou arquétipo; Netuno, à dissolução das velhas estruturas, pessoais e sociais; e Plutão representa o estágio caótico que já traz em si a promessa latente de uma futura organização.

Os dez planetas representam atividades funcionais, cada uma das quais dotada de um caráter definido. Cada planeta simboliza um modo típico de operação, mais ou menos da mesma forma pela qual cada órgão do corpo (coração, pulmões, estômago, órgãos sexuais, sistema nervoso, cérebro e assim por diante) realiza operações biológicas definidas. Os aspectos astrológicos que se formam entre planetas num mapa natal dizem-nos de que modo essas dez funções relacionam-se entre si numa pessoa particular, nos níveis biológico e psicológico; ou, alternativamente, do ponto de vista

do tipo "humanista" de astrologia que tenho promovido, os aspectos indicam os tipos de relações interplanetárias que se mostram mais frutíferos, de modo que o processo de atualização do potencial natal do indivíduo possa ter condições de ocorrer de modo efetivo e criativo.

Mas como poderemos obter, pelo menos, vislumbres da *qualidade* especial da atividade operacional de um planeta? Se Júpiter representa a função de expansão e a capacidade de aumentar o alcance do poder e da autoridade de uma pessoa, quais as implicações desse impulso expansionista ou gerencial que todo organismo vivo possui em algum grau?

O astrólogo tradicional tentará medir a *força* de uma função planetária de acordo com o sistema de "dignidades" - um sistema que tem como base o velho conceito de regência, exaltação e força ou fraqueza decorrentes da posição numa casa natal particular. Mas força não é o mesmo que qualidade! Um tipo de atividade pode ser forte de modo grosseiro, pesado ou autodestruitor; pode exibir uma força agressiva e exuberante ou atingir seu objetivo sob formas sutis, delicadas e persuasivas. Aquilo que se afigura como "fraqueza" pode levar, em circunstâncias especiais, ao sucesso, se este implicar a sensibilidade a Poderes mais elevados ou a sintonia com esses Poderes.

Quando usa os meios tradicionais mais simples, o astrólogo vê algo que é, em certo sentido, bidimensional; e boa parte da astrologia baseia-se em julgamentos do tipo ou/ou. Uma terceira dimensão de sentido torna-se necessária uma vez que a astrologia deixe de ser, quase exclusivamente, "orientada para os eventos" e tente orientar os indivíduos na escolha do modo mais significativo (pode não ser o mais "bem-sucedido" num sentido convencional) de atualização do seu potencial inato. Algumas técnicas especiais — por exemplo, as chamadas Rodas Árabes — têm sido usadas para desvelar as características mais sutis das atividades planetárias com relação a um indivíduo particular. Mas sinto pessoalmente que, em muitos casos - embora, talvez, não em todos —, uma consideração dos símbolos dos graus em que cada planeta está localizado acrescenta um tipo de informação que nada mais pode de fato dar - *desde que* usemos esse tipo de informação com sabedoria e compreendamos as limitações que apresenta.

Há sem sombra de dúvida, limites àquilo que se pode aprender dessa forma e acima de tudo, devemos compreender que essa informação deve ser usada, não tanto como meio de saber o que é uma pessoa, mas como meio de saber *o que deve ser*. Essa é a característica que diferencia a astrologia humanista da astrologia que com tanta freqüência não passa de forma glorificada de leitura da sorte (o que todos os métodos de previsão, científicos ou não, na verdade são). O astrólogo humanista não faz tentativas de descobrir "o que estimula a pessoa" ou suas fraquezas e pontos fortes. Ele não procura "analisar" o cliente, o amigo, a esposa ou os filhos. Ele busca, em vez disso, agir como intermediário, um agente de focalização e interpretação, cuja única função consiste em ajudar outra pessoa a realizar-se de forma mais plena e a tornar-se uma "pessoa inteira", um indivíduo integrado e cheio de nuances, capaz de cumprir o propósito essencial do fato de ter nascido (seu destino individual) num momento particular e num ambiente sócio-planetário determinado.

Assim, o símbolo de grau no qual um planeta natal se localiza não deve ser usado propriamente para dizer a alguém: "Essa é a maneira especial pela qual opera sua função Marte. É melhor conhecê-la e, talvez, fazer algo com relação a ela". O astrólogo humanista dirá, em vez disso: "Esse é o tipo ou qualidade de consciência e de comportamento que você pode melhor demonstrar quando essa função particular opera. Ela talvez já possa operar efetivamente dessa maneira, desde que você lhe permita atuar espontaneamente. Mas talvez seja apenas *potente* em sua natureza. É necessário que ela amadureça, se enriqueça, se torne mais expressiva e mais consciente - desde que consciência não signifique intelectualização ou orgulho ou, num sentido negativo, temor e confusão moral".

Em muitos casos, o símbolo aponta para uma qualidade que o indivíduo não foi capaz de aplicar no exercício da função planetária a que essa qualidade se refere; e, se o leitor for ao início do Capítulo Três da Parte Primeira, "As abordagens positiva e negativa das experiências individuais", encontrará a seguinte afirmação: "Viver é consumir energia. Pode-se dizer que esse consumo de energia ocorre de duas formas básicas: o *uso intencional do poder* ou a *operação automática de forças*. Em ambos os casos, a energia é consumida, mas os significados atribuídos a esse consumo diferem entre si; isto é, o tipo de consciência que surge da vivência e da experiência da vida é positivo no primeiro caso e negativo no segundo."

Tomemos como exemplo os símbolos associados com o Sol natal de várias personalidades cujos mapas natais foram apresentados em meu libreto "First Steps in the Study of Birth-Charts".²⁹*Um caso bem típico de abordagem negativa é mostrado pelo grau zodiacal do Sol no mapa do infeliz czar Nicolau II da Rússia, assassinado pelos bolcheviques em Ekaterinberg. O Sol está no 28° grau (27° 46') de Touro na nona Casa, mas, na prática, em conjunção com o Meio-Céu. A formulação que ofereci (página 68) é: *Uma mulher, depois de sua "mudança de vida", experimenta um novo amor'*, o comentário fala da necessidade do indivíduo no sentido de "abrir sua mente, com liberdade, à possibilidade de recomeços sempre novos", "superação das limitações que a natureza biológica... tentaram impor-lhe" etc. etc. A palavra "biológica" deve ser substituída por "cultural" ou "tradicional", pois temos, nesse caso, o mapa de um homem que também foi o símbolo nacional da velha Rússia aristocrática. Ele representava toda uma cultura e sua classe dominante, classe dominante que, quando confrontada pelo desafio da autotransformação, foi incapaz de revitalizar sua abordagem básica da vida, de "superar as limitações" da tradição obsoleta que mantinha cativa sua capacidade de usar o poder de maneira espiritualmente positiva.

A posição de Saturno retrógrado na quarta casa, em oposição a Mercúrio, na décima Casa (sendo Mercúrio o regente do Ascendente, Virgem) pode mostrar por que foi seguida uma abordagem negativa. Saturno está sozinho no hemisfério inferior do mapa e também há uma tensa relação de quadratura entre uma conjunção Vênus-Urano em Câncer e uma relação tríplice entre Júpiter, a Lua e Netuno. Não obstante, pode ser que algum outro homem nascido com o mesmo mapa ou com um mapa quase igual tivesse tido condições de usar as tensões implícitas para liberar a potencialidade positiva desse grau do Sol natal. Também encontramos um Sol na nona casa no mapa de Henry Ford (Leão a 7° 6'), e o símbolo é interessante, porque mostra que devemos ultrapassar a afirmação literal e extrair a essência das cenas simbólicas: *Um ativista comunista divulgando seus ideais revolucionários*. Henry Ford certamente não era comunista, mas revolucionou os hábitos da humanidade em todo o globo terrestre ao introduzir os carros, que novas técnicas de produção em massa tornaram acessíveis a um setor extremamente amplo da população. A palavra-chave apresentada no final do comentário, "ação catabólica", certamente não é imprópria, já que o carro popular foi responsável por boa parte da derrocada do velho modo de vida, dos costumes e da moralidade norte-americanos.

No mapa de Ford, a Lua no 11° grau de Aquário acabou de passar pela fase de Lua Cheia e se encontra num grau simbolizado da seguinte forma: *Num momento de silêncio, vem a um homem uma nova inspiração, capaz de mudar-lhe a vida*. O que quer que tenha inspirado Henry Ford certamente mudou-lhe a vida, assim como mudou a vida de bilhões de pessoas. Talvez ele tenha experimentado algum tipo de "ofuscamento" (cf. p. 180). O aspecto de quintil entre o Sol e Júpiter em Libra a 20° 26' foi um bom prenúncio de sucesso social. Ele teria dito a Ford que ele deveria expandir-se socialmente de modo criativo, assim como usar a energia implícita na quadratura entre esse Júpiter e um Urano na sétima casa. O símbolo de Júpiter é muito adequado, pois apresenta: *Uma multidão, no domingo, aproveita a praia* — um prazer possibilitado pelo carro da família.

Num campo completamente diferente da existência e da consciência, podemos avaliar o significado do grau do Sol no mapa de Sri Aurobindo. O grande líder, iogue, poeta e filósofo hindu, cujo centenário foi celebrado recentemente em todo o mundo, buscou, ao longo de quarenta anos de intensa e desafiadora concentração interior, provocar a descida, sob a forma de manifestação física, de um novo tipo de energia espiritual transformadora. Seu símbolo do Sol diz: *Num circo, o cavaleiro montado em pêlo mostra sua perigosa habilidade*, um símbolo de audácia e de perseverança no controle de poderosas energias daquilo que Aurobindo denominou "nível vital da existência do homem". (O Sol estava para elevar-se no mapa de Sri Aurobindo, com Júpiter - Leão a 13 1/2° - praticamente no grau do Ascendente 12° 27' O símbolo de Júpiter fala do "Anseio de auto-atualização" e da tentativa de permitir que o Ser espiritual manifeste plenamente seu poder.) O grau do Ascendente (veja-se a página 103) pode não parecer tão justificado; entretanto, houve uma época em que Aurobindo foi pioneiro do movimento político que libertou a Índia dos ingleses e foi necessário haver

²⁹ Esse libreto constitui, atualmente, uma seção de um volume intitulado *Person-Centered Astrology: A New Approach to the Meaning and Use of Birth-Charts* (C.S.A. Press, Lakemont, Geórgia, -1972

uma crise (um ano de prisão) para que o intransigente líder percebesse que a obra que o destino lhe atribuía não estava num campo tão tempestuoso de atividade, mas, pelo contrário, na intensa concentração da sala na qual ele passou os últimos quarenta anos de sua vida, falando somente com um reduzido número de pessoas. Em outras palavras, essa concentração solitária em experiências interiores era o modo de ele realizar seu próprio destino e ele tinha de aprendê-lo.

O símbolo da Lua no mapa de Sri. Aurobindo também é significativo: *Uma velha ponte sobre um belo curso de água ainda está em constante uso*. Aurobindo procurou voltar às fontes da espiritualidade e da grandeza da Índia através da reinterpretação dos antigos Vedas, os livros sagrados que datam de vários milhares de anos. A antiga tradição havia auxiliado a ultrapassagem do hiato entre o humano e o divino. Assim, Aurobindo ligou o futuro ao passado, formulando uma filosofia e um modo de vida que, acima da corrente da vida espiritual em permanente fluxo da Índia, estabeleceu uma abordagem direta daquilo que o homem deve tornar-se à medida que atualiza o pleno potencial do seu ser. O símbolo da Lua evoca uma certa qualidade de manifestação da capacidade de Aurobindo no sentido de ajustar-se ao seu ambiente e de distribuir sua audácia e sua coragem "solares".

No mapa do grande filósofo ocultista alemão, educador e artista criativo, Rudolf Steiner o Sol em Peixes a 9° 20' localiza-se num grau simbolizado por *Um avião segue sua jornada, voando por entre nuvens que encobrem o solo* (p. 193). Está implícito aqui um destino potencial de controle habilidoso de energias que permite a penetração num reino obscuro da existência e, confiando nos poderes interiores de direção, seguir no caminho de um propósito definido. A oposição desse Sol a Saturno retrógrado em quadratura com Urano sugere que serão necessárias muita força e coragem autotransformadoras para alcançar o alvo de vida.

Temos um interessante problema de interpretação simbólica no mapa do promotor do fascismo italiano, Benito Mussolini. Em seu mapa, uma conjunção entre o Sol e Mercúrio ocorre no 6° grau de Leão. O símbolo (página 100) mostra *Uma senhora conservadora, à moda antiga, é confrontada por uma garota "hippie"*. Que significa isso? O fascismo de Mussolini foi um retorno ao antigo arquétipo do Império Romano, que ele sonhava reconstituir. Num sentido mais geral, a ascensão do fascismo foi - e é ainda hoje, de uma forma ou de outra - o resultado de um temor coletivo de um novo desenvolvimento político, o comunismo. Desde o início um jovem altamente neurótico, Mussolini, superou seu complexo de inferioridade por meio de um tipo ultracompensatório de agressividade. No símbolo, a "senhora a moda antiga", ancorada na glória do seu passado, é atemorizada e irritada pela jovem garota ultramoderna e agressiva que a enfrenta. Isso corresponde, diga-se de passagem, à reação normal, a linha de menor resistência, que tem como base o orgulho e a insegurança. Mussolini seguiu essa linha, mas a implicação positiva do símbolo é que, nessa situação, a velha ordem e o novo sonho devem chegar a alguma espécie de acordo. Isso se mostrou difícil; Mussolini adotou o caminho negativo e foi destruído.

Esse exemplo mostra que o comentário que fiz para o símbolo em questão nem sempre se adapta a uma situação particular. Se Mussolini tivesse aceito o fato de todas as modas e ideologias sociais serem dotadas de um mero "Valor relativo", ele não se teria permitido o implacável e totalitário uso do poder. Ele representou um retorno a uma imagem obsoleta à qual atribuiu um valor absoluto. O fato de seu Saturno natal estar num grau simbolizado por *Trabalhadores em greve, exaltados, cercam uma fábrica* aponta para o caráter profundo de sua insegurança (e da de muitos dos seus contemporâneos), pois no local em que Saturno está localizado num mapa natal encontramos a área de máxima debilidade. Tudo o que ocorre nesse ponto tende a levar a pessoa ao pânico e ao recurso à agressão ou a uma retirada autodestrutiva em formas tradicionais de segurança. A Lua de Mussolini, no 99 grau de Gêmeos, muito próxima de Saturno, acentua ainda mais a pressão exercida sobre esse Saturno produtor de pânico. O símbolo da Lua (*Uma aljava cheia de flechas*) evoca o retorno a formas primitivas de agressividade; e, no entanto, essa imagem de "conquista" não precisa revelar um uso destrutivo do poder. Pode referir-se a uma capacidade de sobreviver em meio a predadores naturais, bem como a uma atenção construtiva com relação ao perigo. Trata-se de um símbolo de prontidão. Outro caso interessante é o filósofo trágico Friedrich Nietzsche, cujo Sol natal estava em Libra a 22° 7', um grau simbolizado por *O canto do galo anuncia o nascer do sol*. No drama — que já teve seus dias de fama — do poeta francês Edmond Rostand, o galo, que é a perso-

nagem principal, não apenas saúda a alvorada com fortes cantos, como está tomado pela crença de que sua voz é a responsável pelo aparecimento do sol. Nietzsche foi um dos primeiros poetas-videntes-filósofos a sonhar com a ascensão de um tipo de ser humano que daria origem a uma nova civilização. Sua vida foi trágica, tendo terminado naquilo que denominamos insanidade; suas apaixonadas e demolidoras palavras despertaram forças destrutivas em muitas pessoas; e, no entanto, por meio e para além dessa destrutividade, ele atuou, não obstante, como um arauto de muita coisa que tomou forma positiva a partir de sua morte, perto da virada do século.

O Marte natal de Nietzsche, que culmina em sua décima casa, regente do seu ascendente, Escorpião, está localizado no 289 grau de Virgem. O símbolo, *Um homem careca que tomou o poder*, enfatiza "O Poder da Vontade" em épocas de crise. É interessante notar que, quando escrevi essas palavras-chave para esse grau, não sabia que o planeta regente de Nietzsche, Marte, estava nesse lugar; e um de seus mais famosos livros tem como título *A vontade de potência*.

PODERÍAMOS DAR INCONTÁVEIS EXEMPLOS. AQUELES QUE DISCUTI podem ser suficientes para mostrar como o uso de símbolos requer que alcancemos a própria raiz do significado do símbolo e, em muitos casos, ignorar as características superficiais dos comentários, meus ou de qualquer pessoa. Os símbolos mais importantes são aqueles que se referem ao Sol, à Lua e ao Ascendente, a não ser que tenhamos que concentrar a atenção em problemas definidos, vinculados a uma função particular da pessoa total do consulente. Além disso, devo afirmar, uma vez mais que os símbolos indicam, não tanto o que *é*, como o que deve ser desenvolvido para que uma pessoa seja plenamente capaz de atualizar seu potencial natal.

Assim caso tivesse consultado, na juventude, um astrólogo capaz de usar símbolos sabeus, Nietzsche deveria ter sido informado de que ser um arauto de um novo tipo de desenvolvimento social ou pessoal era inerente ao seu temperamento essencial e ao seu destino individual. A oposição entre Plutão (ainda não descoberto) e o Sol diz-nos, retrospectivamente, quão profundo e permanente era esse compromisso "solar" da natureza essencial de Nietzsche, bem como o grau de previsibilidade de suas implicações trágicas ou sacrificiais. Todavia, esse era o destino de Nietzsche por mais potencialmente esquizofrênico que possa ter sido quando encarado de um ponto de vista comum e normativo. Esse era seu *dharma*. As oposições de Marte a Júpiter, Mercúrio a Urano e Plutão ao Sol colocavam um sério problema relativo àquilo que Jung chamou de "integração da personalidade" - problema que não era facilitado pela quadratura de um Venus na nona casa e uma Lua sagitariana em ascensão (no interessante 99 grau de Sagitário - um grau de "preocupação social" e de assistência aos menos desenvolvidos). Mas esses aspectos geram poder, e Nietzsche evidentemente precisava de uma profunda fonte de poder em seu íntimo para atacar os preconceitos e os valores sociais e intelectuais tidos por certos. O deus hindu Shiva é, ao mesmo tempo, destruidor e regenerador; diz-se que ele absorve em seu corpo os venenos liberados por suas atividades catabólicas. Esse é o destino dos verdadeiros pioneiros em épocas de cristalização e de vulgarização social, pois esses períodos históricos não apenas convidam à desintegração, como a requerem.

Se se dispuser de tempo para estudar profundamente um mapa de nascimento, a consideração dos símbolos dos graus em que se localizam todos os planetas reveste-se, com efeito, de validade. Em muitos exemplos, ao analisar atentamente esses símbolos - aos quais devem ser acrescentados os dos quatro Ângulos e pelo menos a Roda da Fortuna -, pode-se ter um sentimento total, embora ele possa revestir-se de um caráter abstrato e dificilmente descritível. Isso, provavelmente, não será um quadro das cenas ou eventos potenciais, mas algo mais parecido com a ressonância total de um coro completo, do qual as qualidades implicadas por todos esses símbolos seriam notas distintas. Quando encontramos alguém pela primeira vez, temos, com freqüência, um claro "sentimento-intuição" daquilo que a pessoa representa, com relação à qual vibra e, talvez, do que pode significar em nossa vida nos dias e anos vindouros. Da mesma maneira, a partir de todos os símbolos de grau de um mapa, uma *qualidade* geral *de ser* pode impor-se à nossa consciência. Eis o que denominei resposta "holística" a uma situação. Ela pode surgir em nós por intermédio de uma simples observação do mapa como um todo, com um "olho interior", sem jamais pensar em símbolos de grau; não

obstante, mais tarde podemos acrescentar, à resposta intuitiva, um nova dimensão - quase poderíamos falar de um "sabor" particular.

No parágrafo precedente, falei do valor da consideração dos símbolos dos quatro ângulos do mapa. O problema aqui, com efeito, reside no fato de nem sempre termos certeza do exato momento em que uma pessoa deu a primeira respiração. A "retificação" de um mapa natal raramente leva à certeza absoluta, pois há muitas formas pelas quais é possível tentar realizar essa retificação, e nenhuma delas é totalmente refutada ou aceita por todos os astrólogos respeitados. Cada ângulo caracteriza, de modo essencial ou arquetípico, uma das quatro funções psíquicas básicas (ou modos de ser) de que fala Carl Jung, particularmente em seu livro *Psychological Types*, isto é, intuição, sensação, sentimento e pensamento. Vinculei-as, respectivamente, ao Ascendente (intuição), ao Nadir astrológico (sentimento), ao Descendente (sensação) e ao Zênite ou Meio-Céu (pensamento).

Diante da incerteza a respeito dos graus exatos dos quatro ângulos, usarei meu próprio mapa natal como exemplo, embora, de modo geral, eu me oponha fortemente à exposição do próprio mapa natal ou, pelo menos, o momento preciso em que se deu a primeira respiração, isto é, o ascendente. Todavia, em meu caso, esses ângulos foram revelados em vários lugares, apesar do pedido que fiz para que essa informação não fosse publicada. Além disso, em minha idade e situação, a questão tem importância relativamente pequena.

Nasci com o 149 grau de Sagitário em ascensão, tendo o 129 grau de Libra no Meio-Céu. (O Sol estava no 39 grau de Áries e a Lua no 25° de Aquário.) O leitor deve procurar as páginas 44 e 186, onde os símbolos são descritos e comentados. Tentarei agora, como exemplo daquilo que podemos e (se possível) devemos fazer, interpretar as inter-relações entre os quatro símbolos dos ângulos e o caráter quádruplo básico da atividade psíquica (isto é, intuição, sentimento, sensação, pensamento) no meu caso particular. Tentarei ser plenamente Objetivo, tal como devemos ser ao final de uma vida plena e já longa — uma vida vivida em função da descoberta do significado.

Há duas formas de abordar a interpretação. A primeira consiste, simplesmente, em remeter cada um dos quatro modos básicos de atividade psíquica a um símbolo de grau. Assim sendo, meus *processos intuitivos* devem ser remetidos ao símbolo da *Grande Pirâmide e da Esfinge*. Isso sugere um enraizamento em tudo aquilo que esses imensamente antigos monumentos egípcios podem significar para o intérprete. A meu ver, significa uma sabedoria antiga que foi capaz de formular sua sintonia com a ordem cósmica e incorporá-la em estruturas maciças e totalmente simbólicas. Significa ter alguma espécie de conhecimento críptico e, portanto, "oculto" como "base" intuitiva. Mas a real implicação do símbolo não é tanto a *existência* dessa base, como a indicação de que devo tentar desenvolver minha intuição ao longo de linhas que tenham pelo menos uma relação geral com um tipo de sabedoria que está nas mãos de um grupo de homens semelhantes aos construtores dos edifícios egípcios. O Ascendente, mais do que qualquer outro fator astrológico, indica o *tipo de experiências* por meio das quais podemos realizar melhor nossa peculiaridade e destino individual. Logo, o símbolo do meu ascendente fornece-me a mensagem de que, *se* desejar descobrir de fato quem realmente sou, meu eu arquetípico, devo buscar experiências vinculadas, em alguma medida, a uma qualidade de conhecimento, sabedoria ou poder passível de ser simbolizada pela Pirâmide e pela Esfinge. Isso é de fato a *totalidade* daquilo que o símbolo sugere; não há encanto especial a ser-lhe atribuído, sendo prova de ignorância deduzir dele uma conexão literal entre minha individualidade e a tradição egípcia ou tradições que ainda possam estar em seu reservatório original. Deve ter ficado claro que esse grau do zodíaco deve ser encontrado em numerosos mapas natais, e muitos dos indivíduos com esse ascendente muito provavelmente não têm (nem tiveram) nenhuma relação consciente com a sabedoria antiga ou com aquilo que hoje recebe o nome de esoterismo. Não obstante, mesmo nesses casos, o símbolo pode ter validade em nossos dias e aponta significativamente uma *direção*, caso a pessoa experimente uma presença profundamente arraigada de ir além das superficialidades do seu ambiente socio-cultural e de suas res-posts estritamente normais e corriqueiras à vida.

O ponto Nadir (cúspide da quarta casa ou FC) em meu mapa de nascimento (Áries no 129 grau) traz consigo o seguinte símbolo que expliquei amplamente nas páginas 48-49, por acreditar que, até agora, ele tem sido explicado de modo inadequado: *Uma revoada de um bando de gansos*

selvagens. Nele, a ênfase não deve recair sobre o caráter selvagem dos gansos, mas nos fatores mais profundos a que essa revoada se refere, isto é, a natureza sazonal regular da revoada, sintonizada com as mudanças planetárias, bem como o padrão geométrico esboçado pela revoada [uma forma triangular]. O símbolo do "ganso selvagem" é muito antigo, e, na Índia antiga, o nome *hamsa* referia-se, não apenas ao ganso selvagem, como também à alma humana. É interessante notar que escolhi esse nome, Hamsa, para uma revista cuja publicação iniciei em 1920-21, antes de ter a mínima idéia de ele referir-se ao símbolo da cúspide de minha quarta casa.

Essa cúspide, o Nadir astrológico, é o ponto das fundações pessoais. Num sentido mais profundo, é também o centro do globo em cuja superfície vivemos. Nesse ponto e através da quarta casa, o indivíduo pode melhor experimentar seu enraizamento em tudo aquilo que representa, para ele mesmo, solidez e segurança - sua terra, seu lar e tudo aquilo que contribua para a integração concreta e a força de sua personalidade. Portanto, o que essa "revoada de gansos selvagens" tem a dizer a respeito dos meus *processos de sentimento* e do meu sentido de integração da personalidade?

Essa implicação tão evidente é: tudo que me possa dar uma experiência concreta de enraizamento e segurança não deve vincular-se com - nem deve ser buscada em termos de - uma terra, alma ou lar particular. Pelo contrário, deve ser encontrado numa espécie de instinto que transcende a terra, sintonizado com o ritmo de fatores de ordem planetária ou sazonal. Os processos de sentimento também devem ser controlados por alguma espécie de "formação de grupo" em vez de por meio de uma operação de bases estritamente individuais. Devem talvez operar de uma maneira simbolizada por uma forma triangular semelhante a uma cunha e com base numa ordem celestial pessoal. Escrevi, em meu comentário: "O símbolo, por conseguinte, refere-se à consciência da Alma, tal como visualizada pela mente orientada para o domínio celestial"; mas, nesse mapa natal particular, estão em jogo, especialmente, os processos de sentimento. Aquilo a que a maioria das pessoas dá o nome de "alma" - pelo menos sem letra maiúscula - tem como base a natureza do sentimento; isso é preciso, pois os sentimentos são as expressões diretas e mais ou menos espontâneas da *avaliação espontânea de suas experiências por parte da pessoa inteira*. Por conseguinte, a alma refere-se à totalidade da pessoa, à sua consciência de ser um todo, um "eu".

O símbolo evidentemente se adapta bem a mim, pois jamais tive o sentimento de encontrar-me enraizado numa terra ou lar particulares. Deixei tudo que se referia à minha tradição ancestral, à minha cultura e à minha língua tão logo surgiu a oportunidade, aos vinte e um anos. Mais tarde, mudei muito de lugar por todos os Estados Unidos, seguindo os impulsos do que era, com frequência, ritmo sazonal. Todo sentido de segurança que experimentei sempre esteve vinculado com um sentimento de "centro" e de ser parte orgânica de um grupo que operava em termos de uma necessidade suprapessoal ou "cósmica" irresistível - um instinto espiritual que não poderia ser contrariado.

O símbolo do meu Descendente (Gêmeos a 14°) é formulado da seguinte maneira: *Superando o espaço físico e as distinções sociais, dois homens comunicam-se telepaticamente*. A interpretação básica é fornecida como uma referência à capacidade de transcender as limitações da existência corporal.

Como esse símbolo pode iluminar o aspecto da atividade psíquica comumente chamada de "sensação" em minha vida é algo que pode não parecer claro à primeira vista. Mas aqui temos, mais uma vez, um símbolo que se adapta bem ao quadro total já delineado pelos símbolos do Ascendente e do Nadir. As sensações resultam de contatos entre nosso corpo e vários outros objetos *físicos* ou, pelo menos, com as emanções que vêm deles. Por outro lado, o símbolo da comunicação telepática mostra aquilo que é, essencialmente, um contato *não físico*. Com efeito, ninguém ainda sabe precisamente o modo pelo qual opera a telepatia; mas, em termos de significado simbólico, deve ser evidente que está em jogo, na verdade, um tipo transcendente de interação entre mentes, e não de corpos. Portanto, está implicado aqui, ao que parece, que um processo de mentalização de relações físicas está, e deve estar, em ação - um processo que atribuí mais importância à comunicação mental do que aos dados fornecidos pelos sentidos físicos. Poderíamos afirmar, até mesmo, que há uma sugestão de que o desenvolvimento de sutis sentidos e de relações mentais com indivíduos que eu jamais vi fisicamente é algo que devo experimentar.

O símbolo, com efeito, *não diz* se fui ou não bem-sucedido na tentativa! O fato de Netuno estar localizado nesse mesmo grau acentua as potencialidades transcendentais implícitas nesse símbolo do Descendente. Sugere igualmente outros elementos concernentes às estreitas associações que estabeleci e mantive - as quais não devem ser discutidas aqui, mas podem conferir uma maior significação ao símbolo da "revoada de gansos selvagens". Ele pode estar relacionado com a ênfase que atribuí à necessidade de haver "não possessividade" nas relações humanas se se pretende construir uma nova ordem na sociedade. Ele também pode explicar minha atração pela música e pela astrologia, pois tenho para mim ser óbvio que, apesar de uma tradição do século XIX transmitida de modo descuidado, a astrologia (com todo o seu simbolismo freqüentemente impreciso e confuso, bem como com seu atrativo místico universal, tão diferente do caráter revolucionário e de aguda iluminação de Urano) é "regida" por Netuno, e não por Urano.

O símbolo do Meio-Céu (Libra a 12°) também é significativo: *Mineiros chegam à superfície de uma profunda mina de carvão*. O carvão há muito tem sido a principal fonte de energia e de calor em nossa sociedade ocidental, pelo menos até o petróleo ter passado a ter largo uso. Tanto o carvão como o petróleo são produtos dos resíduos daquilo que um dia foi uma multidão de organismos vivos. O mineiro de carvão desce simbolicamente às profundezas do inconsciente coletivo e libera de seus meandros sombrios e potencialmente perigosos aquilo que produzirá calor, força e luz elétrica para seus semelhantes.

Esse símbolo está em oposição polar ao de Áries a 12° - mas a "vida pública" (décima casa) também está em oposição polar à "vida privada" (quarta casa). Os sentimentos *pessoais* de transcendência e confiança instintiva na ordem cósmica devem ser polarizados por um compromisso *sócio-cultural* com a tarefa de desenterrar das profundezas de um antigo passado humano materiais adequados à geração de poder coletivo e de uma mentalidade iluminada. O Meio-Céu refere-se à "realização de um indivíduo - isto é, a chegada a um clímax^{30*} (*caput* significa cabeça e dela foi derivada a palavra "chefe") de todo um ciclo de atividade personalizada. Deve emergir dessa consideração dos quatro símbolos dos Ângulos do meu mapa natal um quadro definido. Permitam-me repetir que esse é um quadro do *caminho do destino* que me cabia seguir, isto é, o caminho que leva à atualização do meu potencial natal. Nenhum astrólogo poderia afirmar de maneira absoluta, a partir de um estudo do meu mapa natal, se eu fui ou não - e até que grau fui - bem-sucedido na realização dessas potencialidades inatas - pelo menos não com base em dados estritamente astrológicos. Mas a determinação do sucesso ou do fracasso não é assunto de nenhum astrólogo verdadeiramente sábio. Tudo que lhe deve ser pedido é que ajude seus clientes - e, é verdade, a si próprio - a serem mais conscientes, objetivos (e, portanto, "impessoais") e seguros em sua abordagem dos problemas sempre renascentes que enfrentam. O problema mais importante e crucial, que sempre parece assumir novas formas, consiste em compreender - intuitivamente, em termos de sentimento e concretamente por meio de relações pessoais, e com a mente lúcida e sem temor - *quem* somos individualmente e que vida ou destino Deus *espera* de nós.

AO CONSIDERAR OS SÍMBOLOS DOS QUATRO ÂNGULOS DE UM MAPA natal, também podemos usar o tipo de questionamento em quatro etapas, discutido no capítulo precedente: QUÊ, PARA ONDE, COMO e POR QUÊ. Nesse caso, parece melhor começar pelo ascendente (QUÊ) e passar ao descendente (PARA ONDE),

pois a primeira questão que vem à mente - pelo menos à maioria das mentes - quando uma situação começa a assumir contornos mais definidos é: AONDE isso vai levar?

Um mapa natal refere-se a uma "situação", pois é condicionado por um momento e um local particular de nascimento, ocorrendo no âmbito de um organismo social-cultural-nacional - no meu caso, na França. Deve ter havido um sentido para essa situação de nascimento - a primeira respiração de um organismo físico que deveria desenvolver características individuais. Num sentido deveras real, *eu sou esse sentido*. Se não houver consciência desse sentido na consciência que diz "eu", não haverá nenhum *conhecimento operacional concreto* de quem ou de que "eu" é. Há, de fato, consciência, mas não consciência de quem está sendo consciente, pois o caráter essencial de todo

³⁰ Chegai a um clímax = come to a *head* (= cabeça). (N. do T.)

"quem" humano reside no fato de ser potencialmente consciente de ser consciente - e, secundariamente, de ser consciente de por que é o que é. A necessidade inata de procurar esse "porquê" em todas as circunstâncias configura-se como o elemento que torna "humano" um organismo vivo; do contrário, esse organismo permanece sendo, tão-somente, um espécime de uma espécie animal cujas potencialidades não são postas em uso.

Voltando agora ao meu mapa natal: a resposta à pergunta relativa ao QUE é o símbolo da *Grande Pirâmide da Esfinge*. Talvez não seja, para a maioria das pessoas, uma resposta muito clara; não obstante, ela implica muita coisa que pode Cornar-se explícita se ocorrer o tipo de experiências de individualização adequado, aevo acentuar, nesse ponto, que a tarefa do astrólogo não é fazer toda a *interpretação* para o seu cliente, pois isso privaria este último da oportunidade de descobrir, num vivido relâmpago intuitivo de consciência, o significado do símbolo do Ascendente - o significado *para ele*, o cliente, num momento particular de sua vida numa situação particular.

Todos podem atribuir um significado pessoal ao símbolo do 149 grau de Sagitário e é provável que esse significado sofra modificações à medida que aumenta a compreensão e a habilidade interpretativa de cada um. Para algumas pessoas, a pirâmide ainda é pensada como o túmulo de um orgulhoso faraó; para a maioria das pessoas com inclinações para o ocultismo, ela representa um testemunho de um antigo sistema de "Iniciação". A Esfinge escondia a entrada de uma "Senda" (de provações e testes) que levava a uma grande experiência de transformação psíquica e de repotencialização quando a pessoa estava em transe no sarcófago que se encontra no centro da Câmara do Rei.

Mas aqui, mais uma vez, o QUE simbolizado não passa da potencialidade de um certo tipo de desdobramento da vida. Ele *não* diz: " És isso"; mas, em vez disso: "Essa é a forma determinada divina ou cósmicamente; essa é a situação de nascimento cuja potencialidade pode ou não ser desdobrada e realizada". Ela também pode ser parcialmente realizada. Acima de tudo, não há a implicação de aspectos gloriosos. Não há "ser-idade"; apenas potencialidade. Se houver realização, então, essa realização, no grau de sua existência, levará àquilo que o símbolo do Descendente indica, isto é, a capacidade de comunicar-se num nível suprafísico, de estabelecer contatos conscientes com outras mentes. Nada é dito acerca do que podem ser as outras mentes ou do grau de adequação da comunicação. Pode haver muitos fatores perturbatórios! Importa, com efeito, a sugestão de algum tipo de resultados finais, que aumentam o significado de que se reveste a situação da "Pirâmide e da Esfinge".

A próxima questão é sobremodo decisiva: COMO podem esses resultados ser alcançados? Aqui, o símbolo dos "gansos selvagens pode não parecer muito útil, embora contenha uma chave básica, bem como uma diretriz implícita: "Segue a ordem cósmica de tua própria natureza. Mantém uma formação cerrada com teus companheiros. Confia em teus instintos espirituais - e tem cuidado se descansares num lago sobre a superfície da terra. Fica atento aos caçadores! "

Vem então a questão final: POR QUE tenho eu de lutar vida afora? Ou: que utilidade terão minhas realizações se eu for bem-sucedido? Em outras palavras, que função ou papel se espera que eu desempenhe no grande drama da existência humana? O Meio-Céu tem um símbolo que implica claramente a resposta: "Age como um mineiro de carvão, que desce às profundezas do inconsciente para trazer para a sua sociedade, ou para as gerações vindouras, aquilo que pode aquecer e iluminar sua vida".

Quando essas quatro respostas do oráculo dado pelo céu natal são relacionadas entre si, o quadro de um destino individual deve emergir. O significada que se atribui a esse quadro dependerá, naturalmente, do nível e da qualidade da consciência que interpreta. Os símbolos lidam com a qualidade da vida, e não com eventos. Eles focalizam os significados universais em situações particulares. Afirmou-se que a vida deve ser vivida *sub specie aeternitatis*, que pode ser traduzido como "com a consciência da eternidade". Mas nossos pensadores ocidentais não entenderam a palavra eternidade. *Eternidade significa a totalidade de um ciclo*. Aquilo que chamei, de acordo com a tradição gnóstica, o eon, é o ciclo em sua unidade essencial — a qual inclui uma vasta série de fases, simbolizadas neste livro pelos 360 símbolos do conjunto sabeu.

Aquele que "transcende" realmente o tempo, mas, em vez disso, inclui em suas percepções grandemente ampliadas todo o ciclo de sua vida como pessoa - e, em última análise, como um ser espiritual semelhante a Buda, como a fonte-Alma de uma longa série de personalidades -, desenvolveu uma consciência *eônica*. Ele compreende as interconexões em processo de desdobramento - bem como os significados de que se revestem - entre todas as fases de sua evolução na qualidade de um centro de consciência e de poder. Ele é verdadeiramente "desperto", verdadeiramente sábio.

A concentração nos símbolos e a vivência de uma vida simbólica constituem uma forma - mas não a única forma - de atingimento de pelo menos algum grau de consciência *eônica*.

4. A Vida Simbólica

A VIDA DE GRANDES PERSONALIDADES ESPIRITUAIS - E PODE HAVER personalidades dessa espécie em campos que não costumam ser associados com a "espiritualidade", incluindo-se aí o da chefia de estados - é um verdadeiro ritual. Todo grande evento de sua vida deve ser compreendido como um ato ritualístico, cujo caráter arquetípico pode ser revelado à consciência capaz de ver por entre os fatos existenciais e de perceber o lugar que esses fatos ocupam na vida da pessoa, considerada como um todo significativo. A vida é significativa porque leva o indivíduo particular e seu ambiente sociocultural a entrarem num relacionamento que atende claramente a uma necessidade evolutiva ou histórica da humanidade ou de uma parcela da humanidade. Quanto mais básica essa necessidade, e quanto maior a importância da função da grande personalidade, tanto mais perceptível o caráter arquetípico dos eventos de sua vida.

Na vida de seres humanos que foram chamados, com justiça, de Avatares ou Manifestações Divinas — homens como Gautama, Buda, Jesus Cristo, Baha'u'llah ou mesmo São Francisco de Assis -, todo evento assume um significado simbólico em termos do caráter especial dessas pessoas, que fecundaram a mente coletiva e despertaram a Vontade de Transformação e de Transcendência em milhões de pessoas. Sua vida foi um ritual, no sentido de que, quaisquer que tenham sido os fatos biográficos superficiais, todos os principais eventos se revestiram de uma significação "transpessoal", na qualidade de fases específicas de um processo que se desenrola de acordo com princípios estruturais, cósmicos e *eônicos*.

Podemos acreditar que cada movimento dessas vidas rituais foi predeterminado - como se afirma que Jesus disse, "para cumprir as Escrituras". Mas temos de ser cuidadosos ao definirmos o significado que atribuímos ao termo predeterminado. A "ordem" não é uma imposição de fora, um padrão imposto a um indivíduo *particular* - isto é, aquilo que se costuma entender como "destino". O Avatar *não é* um indivíduo no sentido comum, de ego, da palavra. Ele *é* a ordem que confere ao período de vida do seu corpo, ritualisticamente, uma estrutura e que determina a função e o significado de suas respostas às ações e ao "pensamento-sentimento" de sua comunidade. Ele é a incorporação ou encarnação de um princípio de atividade, de uma qualidade de ser, determinada impessoalmente — ou melhor, transpessoalmente — pelas necessidades do seu tempo. Num sentido ainda mais amplo, aquilo que ele *é* e faz configura-se como a resposta espontânea e su-pra-instintiva aos requisitos fundamentais da natureza humana, quando chega o tempo de ela render-se ao poder transformador da evolução cíclica — ou, como diriam alguns, á Vontade de Deus.

Em homens menos importantes, quase sempre há em evidência um conflito entre a ordem transpessoal - seu "destino" - e as reações de uma vontade do ego soal que ainda responde às premissas biológicas e psíquicas. Contudo, na «ande'personalidade espiritual, tudo que resta desse conflito - as Tentações de j por exemplo, ou a indisposição inicial do Buda no sentido de ensinar aos outros aquilo que havia experimentado - assume formas que são, em si mesmas, arquetípicas; isto é, são manifestações características da própria natureza do homem genérico, o *Homo sapiens*, quando enfrenta a possibilidade de tornar-se, conscientemente, mais do que é como espécie na biosfera terrestre. Os eventos que podem ser relacionados com esses conflitos interiores ou tentações são "simbólicos". Todo ser humano pode experimentá-los se se encontrar em circunstâncias análogas.

No início deste livro, discuti a diferença entre fatos e símbolos. Temos sempre que lidar com fatos, com elementos da experiência real, pessoal e coletiva. Mas não devemos parar na percepção,

registro, associação e classificação desses fatos. Podemos *atravessá-los* e alcançar um nível de percepção e de compreensão no qual uma multiplicidade de fatos pode ser remetida, de forma *direta* (e não meramente de forma intelectual), a um número relativamente pequeno de arquétipos.

Esse processo "transfactual" da intuição e, num estágio mais perfeito, da mente iluminada permite que a consciência capte o significado essencial de todos os fatos, e, em particular, dos eventos de uma vida humana dedicada ao processo de transformação. Uma vida autodedicada como essa é especialmente transparente ao significado. Os eventos que permeiam os anos dessa vida são "translúcidos"; eles permitem que a luz do significado os atravesse. Trata-se de uma vida simbólica.

Em termos essenciais, todas as vidas são, em certa medida, simbólicas. Os eventos exteriores revelam seu propósito e função à mente capaz de ultrapassar as aparências e de intuir a ordem e o significado subjacentes do todo. Se todo o universo é uma "teofania" - uma manifestação da Harmonia e do Poder divinos -, então todo ser humano é, potencialmente, uma manifestação de um aspecto particular da Alma que procurou encarnar-se, num momento particular do nosso universo, com o fito de *estabelecer uma relação específica* com as condições vigentes nesse momento e nesse local particulares. Ele é, ou pode ser, uma "hierofania" — literalmente, uma manifestação "sagrada".

Muito tem sido dito com relação ao reino do sagrado em oposição ao domínio do profano. O livro de Mircea Eliade, *The Sacred and the Profane*, é particularmente bem conhecido, mas sua análise do tempo padece da incapacidade dos pensadores ocidentais no sentido de diferenciar adequadamente entre a estrutura arquetípica de um ciclo e os eventos existenciais que ocupam o tempo de duração desse ciclo. A estrutura genética *do*, digamos, lilás, assim como o lugar significativo que ocupa na biosfera, são revitalizados toda primavera, mas um lilás particular que floresceu este ano não é, na verdade, a mesma flor que apareceu no ano passado ou que pode aparecer no ano que vem. Há identidade arquetípica, mas também há diferenças existenciais. A estrutura essencial pode retornar ciclicamente, mas os eventos reais jamais são os mesmos. Há uma infinidade de soluções possíveis para os problemas fundamentais da existência.

Viver uma vida simbólica é viver uma vida transpessoal, vida na qual todo evento pode ser remetido a um arquétipo, assumindo assim um caráter "sagrado".

Aquilo que chamamos de *mythos*^{31*} é uma seqüência de eventos que incorporam claramente uma série arquetípica de fases referentes a processos de vida fundamentais, incluindo-se aí o processo de metamorfose que envolve uma mudança radical de nível ou mutação. A vida de um Gautama ou de um Jesus é um *mythos*. *Através* dos eventos reais que a tradição registra - e esses eventos não precisam ser exatamente "verdadeiros" do ponto de vista existencial -, o caráter sagrado do mito é claramente perceptível. Quando o grande persa Baha'u'llah, considerado pelos seus seguidores como uma Manifestação divina e, na realidade, como o Avatar da nova era da evolução do homem, foi atirado numa cisterna profunda, quase sem ar e imunda, tendo pesadas correntes de ferro em torno do pescoço e dos pés, em meio a cerca de cento e cinquenta criminosos, ocorreu um evento que se reveste de um profundo significado simbólico. O fato de sua massmorra subterrânea ter como acesso *três* íngremes escadas, assim como o fato de ter sido no decorrer do período de quatro meses em que esteve nesse terrível estado que esse filho de um ministro do governo persa recebeu a revelação interior de sua missão mundial — sob a forma de uma Donzela que levou à sua consciência, em suas próprias palavras, "a lembrança do nome do meu Senhor" —, também estão plenos de significação simbólica. Foram "eventos" sagrados, tal como o foi a crucificação de Jesus, já que levam, à mente capaz de penetrar nos fatos trágicos, uma compreensão daquilo que esses fatos significarão para a humanidade no decorrer do ciclo histórico do qual foram um prelúdio.^{32**}

³¹ * Uso a palavra grega *mythos* para me prevenir do sentido popular da palavra mito: "Isso não passa de um mito!".

³² ** Baha'u'llah nasceu em Teerã, ao nascer do sol do dia 12 de novembro de 1817. Quando seu pai morreu, vinte e dois anos mais tarde, ele o levou a assumir sua posição no governo. Esposou a Causa do Bab, aos vinte e oito anos, o que levou à prisão. O Bab foi um jovem persa (descendente de Maomé) que proclamou, em 1844, o final do ciclo do Islã e o advento de uma grande personagem que iniciaria uma nova era. O Bab foi executado, sendo milhares de seguidores seus torturados e assassinados.

Os historiadores afirmam hoje ser freqüentemente impossível saber onde terminam os "fatos reais" e começa o "mito". Mas os fatos existenciais do passado só têm sentido para nós hoje na medida em que possamos descobrir a existência de princípios arquetípicos de operação em suas inter-relações. A crucifixão de Jesus, vista como evento sagrado ou *mythos*, lança uma reveladora luz sobre o significado de toda essa "Era de Peixes", ora perto do fim. A vida do Buda ilumina o desenvolvimento da civilização da maior parte da Ásia desde 600 a.C. - mesmo onde o budismo era repudiado e onde as velhas atitudes religiosas da Índia eram marcadas por uma irrupção de intenso fervor devocional (cultos *bhakti*), que compensava a impessoalidade superobjetiva de muitos seguidores do Buda. E hoje, 2.500 anos depois, no início de uma das quatro "estações" do vasto ciclo de 10.000 anos que parece estar relacionado com o aparecimento de Buda, muitos jovens norte-americanos e europeus encontram-se re-sensibilizados pelo chamado ainda vibrante do grande Mediador, do Iluminado.

O tipo de história que ora é ensinada preferencialmente em nossas universidades configura-se como uma busca que é, em termos fundamentais, sem sentido. Ela lida com as minúcias de eventos estritamente profanos e recusa-se a admitir a existência de padrões cíclicos e estruturais na ascensão e decadência "orgânicas" coletivas das sociedades. Como, segundo Arnold Toynbee assinala em seu monumental *Study of History* as sociedades humanas e suas culturas são orgânicas e cíclicas, estudá-las deve implicar uma tentativa de revelar o *mythos* que incorporam. Todo *mythos* significativo certamente deve estar fundado em fatos existenciais, mas os fatos são apenas a matéria-prima da qual deve emergir o significado. Sem essa emergência do arquétipo a partir do plano existencial, a vida é sem sentido e vazia, senão "absurda" - para usar um termo caro aos chamados pensadores existencialistas, cujas mentes são prisioneiras do caótico e do profano.

A significação da astrologia reside no fato de ela poder transformar o profano em sagrado os fatos da astronomia na revelação de uma ordem cósmica manifesta na célula e na pessoa humana, bem como no sistema solar e na galáxia. Tentar tornar a astrologia uma "ciência" baseada em fatos empíricos e estatísticos equivale a negar sua natureza essencial e antiga. A astrologia lida com o *mythos* do Céu. Os elementos que usa são arquétipos. Portanto, viver a vida de acordo com a mensagem revelatória simbolicamente presente no próprio mapa natal é viver uma vida em termos do caráter "sagrado" da existência. *Não* significa sentir-se oprimido por "maus" aspectos ou exultante por causa de "bons" aspectos. *Não* significa evitar o confronto com os fatos existenciais, nem fugir por meio de sonhos fantasiosos de transcendência pseudo-ocultista. Ela requer, em vez disso, que a vida seja vivida estritamente com base no *não escapismo* — isto é, numa atitude de aceitar aquilo que é, mas um "é" que permanece transparente ao "eterno".

Diga-se de passagem que as palavras "eternidade" e "eterno" foram transformadas em referências a uma fuga de mentes dominadas por uma desesperada premência por transcender as compulsões biológicas e intelectuais, da mesma maneira como o nirvana, em seu sentido popular, tem sido equiparado a um conceito de negação e de aniquilação. Essas perversões estão na base das mais profundas tragédias que a humanidade ora experimenta. Uma eternidade é um ciclo temporal completo. A consciência capaz de perceber coisas e eventos em sua natureza eterna é uma consciência que vê todo acontecimento como algo definitivamente relacionado com uma fase particular de algum ciclo mais ou menos vasto da existência.

Com base nessa atitude de vida, este estudo dos símbolos sabeus e do seu possível uso realmente faz sentido. Não afirmo que essa série cíclica de 360 graus seja uma expressão completamente adequada de princípios arquetípicos universais. Digo apenas que, sob as condições em que esses símbolos foram obtidos e da época em que o foram, o conjunto se reveste de uma significação incomum e, na verdade, deveras espantosa. Seu estudo e aplicação podem muito bem levar a uma revelação de valores plenos de potência transformadora. Levam a uma revelação dessa natureza quando a pessoa os aborda com um espírito filosófico adequado e com uma aguda sensibilidade para com a possibilidade sempre presente de descobrir o "eterno" no coração do particular, assim como o sagrado sob as formas fugidias do profano.

Nossa sociedade ocidental, que testemunha a degradação das grandes Imagens que outrora conferiram valor arquetípico às suas iniciativas com freqüência muito trágicas, bem como às suas

cruzadas e revoluções fanáticas, encontra-se hipnotizada, em nossos dias, pelas caóticas contingências de uma vida coletiva quase totalmente profana. As referências aos valores arquetípicos são alvo da zombaria da nossa *intelligentsia* de meia-idade e, com tanta frequência, obsolescente. E, no entanto, testemunhamos, nos últimos anos, a ocorrência de um notável despertar de interesse por aquilo que pelo menos passa por valores "eternos", assim como por muitas técnicas de transformação pessoal ou transpessoal. Um número crescente de indivíduos busca, com frequência de maneira desesperada, reestruturar vidas afastadas e desvinculadas dos santuários ora profanados da vida interior do homem. Essas pessoas fazem tentativas, muitas vezes ingênuas, de "retornar à fonte" - um retorno àquilo que esperam ser semelhante ao espírito criador original da nossa sociedade ou de sociedades ainda mais antigas, que existiria antes de as perversões se estabelecerem.

Isso, embora caótico e confuso, é prodigioso. Mas não se deve descobrir princípios arquetípicos por intermédio do retorno a um passado mítico e sagrado. O "eterno" é agora; o ciclo - o eon - está à nossa volta. Vivemos nele, da mesma maneira como o espaço da galáxia está presente em cada célula do nosso corpo. Não devemos buscá-lo em encantadores Ácimas e Aléns. Não há diferença essencial entre o sagrado e o profano, entre o simbólico e o real, entre o *nirvana* e o *samsara*. A diferença reside em nossa atitude diante dos eventos, interiores ou exteriores. Devemos mudar, isso sim, nosso quadro de referência — e evitar a aceitação de, ou recusar a crença em, *todo* quadro de referência é já possuir um quadro de referência negativo. O ateu que nega a existência de Deus apenas a afirma de modo invertido. Tudo é uma questão de atitude interior. Para a consciência que compreendeu a existência de ciclos e que é dotada da capacidade de passar do profano para o sagrado, toda a vida passa a estar imbuída da mágica da eternidade. Todo evento é aceito como uma fase necessária de um processo ritual de existência que irradia, a todo momento, a significação e a paz interior que emanam da segurança representada pela compreensão de que se é parte essencial e operante de um vasto todo de caráter cíclico.

Eis o que é a vida simbólica. É também a vida de sabedoria, pois ser sábio equivale a saber, com um conhecimento seguro, que o Todo vai-se preenchendo a si mesmo, a cada momento, *através* e *no interior* de todo ato da vida, uma vez que essa vida, iluminada pelo amor não possessivo, esteja enraizada na certeza de que a ordem, a beleza, a interação rítmica e a harmonia de opostos em eterno equilíbrio estão em operação, aqui e agora, de maneira indestrutível.

APÊNDICE

TROCA DE CARTAS COM MARC EDMUND JONES

No número de setembro de 1944 da revista *American Astrology*, na seção "Many Things", pp. 27-29, foi publicada a correspondência apresentada a seguir: uma carta que enviei ao editor-fundador, Paul Clancy, os comentários que este fez e, depois, uma carta enviada a Clancy por Marc Edmund Jones, ao que se presume em resposta a uma carta que Clancy lhe enviara. Essas cartas são reproduzidas aqui devido à significação histórica de que se revestem. Devo acrescentar que uma cópia desse número de setembro de 1944 foi-me enviada gentilmente por Joanne S. Clancy, atualmente editora da revista, depois que eu lhe garanti que o número em questão continha a carta de Marc Jones.

Los Angeles, Califórnia

Estive pensando por algum tempo acerca da possibilidade de publicar uma série de estudos sobre os Símbolos Sabeus, tendo em vista que descobri serem esses símbolos dos graus zodiacais, de maneira geral, surpreendentemente significativos e precisos. Além de esses símbolos terem revelado um grande valor prático, estou bastante interessado na estrutura geral da seqüência de significados e imagens que exibem. Eis um *todo significativo* que apresenta características estruturais definidas; como tal, essa série de símbolos é um fenômeno sobremodo notável no pensamento ocidental - podendo-se compará-lo, por exemplo, com um antigo equivalente chinês. Creio que a tradução do *Yi King*, de Wilhelm (traduzido por Baynes, com um comentário de C. G. Jung), finalmente será publicado em Nova Iorque. E, por essa razão, um estudo desses Símbolos Sabeus pareceria bastante oportuno este ano.

Eu não discutiria todos os símbolos, nem lhes descreveria a seqüência, limitando-me a estudar a estrutura geral da série como um todo - partindo dos símbolos dos graus equinociais, estabelecendo relações entre os símbolos etc. Falei dessa idéia a Marc Jones, sendo muito favorável sua reação ao meu projeto. Sinto que esse tipo de estudo é definitivamente compatível com a linha de *American Astrology*, já que esta representa um ponto de partida efetivamente novo, sendo você o grande pioneiro de todos esses novos campos. Assim, pergunto-lhe se você gostaria que eu prosseguisse e preparasse o artigo inicial dessa série de estudos — a ser iniciada, de preferência, no número de outubro (Equinócio do Outono).

RUDHYAR

COMENTÁRIO: Essa nova série, a respeito dos Símbolos Sabeus, será iniciada no próximo número da nossa Revista *American Astrology*. Os Símbolos Sabeus foram compilados e interpretados por Marc Edmund Jones, tendo ele publicado essa interpretação sob o título de "Symbolical Astrology". O sr. Jones dá a seguinte informação acerca da origem dos Símbolos Sabeus, cujos detalhes até agora não haviam sido revelados:

Durante muitos anos de experimentação com a interpretação horoscópica, descobri que os graus simbólicos elaborados por John Thomas, o vidente galês que os publicou sob o pseudônimo de Charubel, eram notavelmente sugestivos em termos das idéias que apresentam, mas padeciam do fato de terem sido submetidos a julgamentos de ordem moral; em outras palavras, alguns eram classificados como ruins, outros como bons etc. Levando-se em conta que bom e mau são termos relativos, assim como o fato de o significado de cada grau ter uma função destrutiva tanto como uma função construtiva, considerei esses graus amplamente valiosos. Minha primeira idéia consistia em obter permissão para reinterpretá-los descrevendo-os de tal maneira que tanto os pontos positivos como os negativos pudessem ser revelados.

Nessa época, uma de minhas alunas era uma médium muito bem aquinhoadada, que ganhava a vida com a prática profissional da mediunidade. Ela estava deveras desgostosa com a idéia de tantos trabalhos espiritualistas serem desonestos e sem valor e há muito desejava fazer algo de valor duradouro. Hoje falecida, essa aluna chamava-se srta. Elsie Wheeler, residente em San Diego, Califórnia, uma mulher de mente sobremodo brilhante e que me parecia muito interessante, já que, embora estivesse atacada, sem esperança de cura, pela artrite e vivesse numa cadeira de rodas, era digna de nota sua determinação indomável de seguir seu próprio caminho e de não ser dependente de ninguém. Quando a conheci, ela realizava esse propósito confeccionando roupas de bonecas de um tipo bastante incomum, e eu talvez seja um pouco responsável por encorajá-la a enfrentar o mundo como médium profissional, função na qual foi muito benéfica até falecer. Perguntei-lhe se desejava participar de uma tentativa de obtenção de 360 símbolos novos para os graus, segundo o padrão do trabalho de John Thomas.

Dois fatores foram responsáveis pela feitura dessa sugestão. O primeiro foi o fato de, no decorrer de pesquisas feitas há vários anos em Nova Iorque, eu ter feito experiências com a idéia de uma série de 52 símbolos para as cartas do baralho, na construção de uma forma especial de Taro, que usei e ainda uso como instrumento de treinamento psicológico de estudantes de disciplinas ocultistas. Uma senhora de Nova Iorque, muito bem dotada em termos mediúnicos, havia insistido em fazer essa tentativa, e eu a aceitei obtendo resultados sobremodo surpreendentes. Essa senhora, que jamais fizera trabalhos psíquicos profissionais, chamava-se srta. Zoe Wells, falecida há um bom número de anos. Na época do trabalho com a srta. Wells, esta mencionou um símbolo confirmatório, que ela via no início e no final do projeto. Não atentei para isso na época e não sei qual era a natureza do símbolo em questão. Eu não estava interessado naquilo que lhe garantia o valor do que ela fazia, pois, para mim, o teste residia no grau de eficácia do funcionamento dos símbolos — e eu não esperava que funcionassem bem, embora eles se tivessem mostrado notáveis.

O segundo fator relativo a esses símbolos é algo que leva as fronteiras do conhecimento a limites nos quais toda garantia de verdade é impossível e a pesquisa está além de toda espécie de controle já desenvolvido pela ciência. Muitos dos fatores básicos que levam ao trabalho que eu fiz-

ra, no sentido de esclarecer a Astrologia, foram obtidos a partir e além desse(s) limiar(es), mas eu só dera atenção séria aos resultados que, tendo essa base, haviam provado seu valor na prática. Eu jamais havia divulgado ou fornecido informações a respeito dessas sugestivas coisas como tais, mas as tinha verificado cuidadosamente e compartilhado dos resultados quando estes provavam seu valor pelo fato de funcionarem. Se fosse possível obter graus simbólicos, sua base originária teria de ser esses mesmos materiais. Decidi que aquilo que havia sido feito em pequena escala com a srta. Wells poderia ser feito em escala ampla com a srta. Wheeler. Dediquei-me à tarefa de observar e verificar esses sugestivos fatores, usando a mente da srta. Wheeler para a visualização de um quadro aceitável. Eu não dispunha de quaisquer meios de verificação da verdade dessa matéria, mas estou inclinado a acreditar que estive fazendo uma prospecção numa mina da velha cultura suméria ou estabelecendo alguma espécie de relação psicológica com essa civilização esquecida, que aperfeiçoou pela primeira vez a astrologia. Eu estava tentando, na verdade, recriar a mesma matriz básica usada por John Thomas.

Eu sabia, a partir de uma quantidade considerável de pesquisas feitas na área do Espiritualismo, quase tantas quanto as que fiz no campo da Astrologia, que certos fatores físicos eram necessários. Conduzi a srta. Wheeler em meu carro, tendo conseguido uma maneira de ficarmos sozinhos durante todo o dia. Trabalhamos em quatro etapas, fazendo um quarto dos graus de cada vez. Estacionamos num local do Parque Balboa, em San Diego, onde ficamos isolados — no tocante às chances de alguém nos dirigir a palavra ou interromper o nosso trabalho; ao mesmo tempo, estávamos bem próximos de um agitado cruzamento de ruas da cidade e pessoas. Usei uma série de cartões em branco de um tamanho que permitia seu embaralhamento constante. Cada um dos cartões trazia uma marca, no verso, com um signo e um grau, havendo 360 cartões, para cobrir todo o zodíaco. A srta. Wheeler e eu jamais soubemos o grau com que estávamos lidando quando ela descrevia os quadros que via os quais eu anotava apressadamente no cartão que havia sido escolhido anteriormente. Por vezes, eu rejeitava o que ela via e às vezes ela fazia correções. Os cartões eram constantemente embaralhados, para permitir a ação de uma lei estatística de seleção aleatória, e eu fazia uma contínua verificação de natureza ocultista. Depois que cerca de um quarto dos cartões foram feitos, descansamos, dando uma volta de carro pelo parque; retornando ao local escolhido, fizemos mais um quarto. Levei-a então para fora da cidade, a um local onde pudéssemos almoçar com chances mínimas de encontrar alguma pessoa conhecida. Por fim, retornamos ao local em questão e fizemos as duas quartas partes restantes, seguindo o método já descrito.

Terminada essa exaustiva tarefa, guardei num cofre, cuidadosamente, todos os cartões, tendo chegado à conclusão de que isso era um afastamento excessivo do tipo de trabalho científico em que estava interessado e pensando que me manteria no domínio da pesquisa espiritualista. Um dia, alguém me perguntou se era verdade que, caso os cartões se perdessem, seria impossível repetir a façanha, se esta tivesse algum mérito; por isso, fiz que os símbolos escritos toscamente a lápis sobre os cartões fossem copiados a máquina, dando cópias a vários alunos meus que já haviam feito um trabalho considerável no campo da Astrologia e dizendo-lhes que seria interessante verificar os quadros obtidos e ver como funcionavam. Seus relatos tinham um tom de entusiasmo, o que me encorajou a dar o próximo passo, que consistia em determinar a estrutura matemática do todo. Tendo-o feito, dei cópias mimeografadas ao grupo de pesquisa, ao lado de outras séries astrológicas apresentadas dessa forma.

O próximo passo da história foi que Dane Rudhyar, com o qual eu compartilhara de todo esse material mimeografado na época em que ele iniciava seu trabalho astrológico público por escrito, ficou de tal maneira interessado nesses símbolos, que pediu permissão para incorporá-los numa versão resumida do seu livro *The Astrology of Personality*. Ele teve um papel deveras fundamental no sentido de despertar o interesse de todo o país por esses [símbolos de] graus. Começo a prepará-los para publicação sob a forma de livro e estou tentando encontrar mapas de validade suficientemente comprovada para que, se possível, seja dado um exemplo de cada um dos planetas em cada um dos graus dos horóscopos de pessoas bem conhecidas. Avalio que tenho diante de mim um trabalho de dois ou três anos e temo não ser capaz de obter mapas em número suficiente para fornecer a quanti-

dade de aplicações ilustradas que desejo. Que me seja permitido fazer um apelo geral à reunião de mapas para esse propósito.

MARC EDMUND JONES

O AUTOR:

Dane Rudhyar é provavelmente o astrólogo mais respeitado dos dias de hoje, sendo também filósofo, poeta, romancista, compositor, pintor e teórico da estética. Nascido em Paris em 1895, mudou-se para os Estados Unidos em 1916. No ano seguinte, suas composições musicais foram executadas em Nova Iorque, ao lado das obras de Erik Satie e de outros compositores franceses, no primeiro recital de música politonal dissonante da América. Seu interesse pela astrologia iniciou-se em 1920, tendo sido combinado a estudos de filosofia oriental e, depois de 1930, da psicologia de Carl Jung. Seu livro amplamente aclamado, *The Astrology of Personality*, foi publicado originalmente em 1936, tendo sido reimpresso, em brochura, em 1970. Desde 1933, Rudhyar tem escrito copiosamente para publicações astrológicas, tendo publicado mais de uma dezena de livros, nos quais desenvolveu uma abordagem "humanista" dessa antiga ciência. Em março de 1972, a estação de rádio KPFA, de São Francisco, celebrou seu septuagésimo sétimo aniversário com uma retrospectiva de seu trabalho. Suas composições foram executadas recentemente de costa a costa [nos Estados Unidos], estando gravadas, atualmente, em discos. Rudhyar é um popular conferencista e mantém uma carregada agenda de conferências em todo o país.